

RITA DO CARMO POLLI DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DO TEMPO FUTURO EM TEXTOS
ESCRITOS:
ANÁLISES EM TEMPO REAL DE CURTA E DE LONGA DURAÇÃO**

CURITIBA

AGOSTO/ 2010

RITA DO CARMO POLLI DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DO TEMPO FUTURO EM TEXTOS
ESCRITOS:
ANÁLISES EM TEMPO REAL DE CURTA E DE LONGA DURAÇÃO**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de doutora pelo Curso de Pós-graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Odete Pereira da Silva Menon.

CURITIBA

AGOSTO/ 2010



PARECER

Defesa de tese da doutoranda RITA DO CARMO POLLI DA SILVA para obtenção do título de **Doutora em Letras**.

Os abaixo assinados ODETE PEREIRA DA SILVA MENON, EDAIR MARIA GÓRSKI, JOSÉ LUIZ DA VEIGA MERCER, TERESA CRISTINA WACHOWICZ, e EDSON DOMINGOS FAGUNDES arguíram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a tese:

“A REPRESENTAÇÃO DO TEMPO FUTURO EM TEXTOS ESCRITOS: ANÁLISE EM TEMPO REAL E EM TEMPO REAL DE CURTA DURAÇÃO ”

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Doutora em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
ODETE PEREIRA DA SILVA MENON		Aprovada
EDAIR MARIA GÓRSKI		Aprovada
JOSÉ LUIZ DA VEIGA MERCER		Aprovada
TERESA CRISTINA WACHOWICZ		Aprovada
EDSON DOMINGOS FAGUNDES		Aprovada

Curitiba, 30 de agosto de 2010

Prof. Dr. Maria José Foltran
Coordenadora



Dr.^a Odete Pereira da Silva Menon


Dr.^a Edair Maria Görski

Dr. José Luiz da Veiga Mercer

Dr.ª Teresa Cristina Wachowicz
Dr.ª Teresa Cristina Wachowicz

Dr. Edson Domingos Fagundes

Rita do Carmo Polli da Silva

*Dedico este trabalho
à minha filha
Mayara,
minha luz.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, em especial à minha filha, que continua sozinha a maior parte de seu tempo, já que eu divido o meu, entre tantas outras obrigações, com este trabalho. Agradeço ainda a meus pais, por serem quem são.

Agradeço ao Odair, secretário do departamento de pós-graduação, pela paciência e competência no que faz e a todos os professores das disciplinas que cursei nesta fase. Em especial agradeço a minha professora e orientadora Odete, de quem, já disse em outra oportunidade, sou fã incondicional, pela dedicação atribuída a tudo que faz, especialmente nos projetos que abraça.

Acima de tudo agradeço a DEUS por tudo o que ele já me deu, pela realização de mais esse projeto e por sua existência em minha vida.

Obrigada

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	ix
LISTA DE QUADROS.....	xii
LISTA DE GRÁFICOS.....	xii
SUMÁRIO DOS ANEXOS.....	xvi
RESUMO.....	xviii
<i>ABSTRACT</i>	xix

CAPÍTULO 1

1. AS PERSPECTIVAS DESTE TRABALHO.....	02
1.1. Justificativa.....	04
1.2. Objetivos e hipóteses.....	06
1.3. Organização do trabalho.....	08

CAPÍTULO 2

2. EMBASAMENTO TEÓRICO.....	11
2.1. Teoria da Mudança Linguística.....	11
2.2. Gramaticalização.....	13
2.3. Aspecto e modalidade.....	17
2.4. Revisão da literatura.....	20
2.4.1. A expressão do tempo futuro em dados de língua falada.....	22
2.4.2. A expressão do futuro em tempo aparente, em tempo real de curta e de longa duração.....	24

CAPÍTULO 3

3. O TEMPO FUTURO.....	28
3.1. No latim.....	31
3.2. No português do Brasil.....	33
3.3. A perífrase <i>ir + infinitivo</i>	33
3.3.1. A gramaticalização de <i>ir + infinitivo</i>	33

CAPÍTULO 4

4. PONTO DE PARTIDA E METODOLOGIA.....	39
4.1. As revistas em quadrinhos Pato Donald.....	39
4.2. Os romances brasileiros a partir do século XVIII.....	48
4.3. O modelo de análise.....	51
4.3.1. Os Grupos de Fatores.....	53
4.3.1.1. A variável dependente.....	54
4.3.1.2. As variáveis independentes – linguísticas.....	55
4.3.1.3. As variáveis independentes – extralinguísticas.....	56
4.3.2. Casos descartados.....	58
4.4. Casos especiais.....	61
4.5. O narrador nos romances brasileiros.....	61

CAPÍTULO 5

5. RESULTADOS DA ANÁLISE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	64
---	----

5.1. Resolvendo os nocautes.....	65
5.2. Primeiras rodadas após a retirada dos nocautes em rodada ternária.....	69
5.2.1. Comportamento do grupo de fatores <i>ano de publicação</i> em rodada ternária.....	69
5.2.2. Comportamento do grupo de fatores, <i>pessoas verbais e preenchimento</i> , em rodada ternária.....	71
5.2.3. Comportamento do grupo de fatores <i>tipos de frases</i> em rodada ternária.....	72
5.2.4. Comportamento do grupo de fatores <i>projeção do fato futuro</i> , em rodada ternária.....	73
5.2.5. Comportamento do grupo de fatores <i>contexto desencadeador</i> , em rodada ternária.....	79
5.2.6. Comportamento do grupo de fatores <i>Ambiente da ocorrência - doméstico</i> , em rodada ternária.....	83
5.2.7. Comportamento do grupo de fatores <i>extensão fonológica do verbo principal</i> , em rodada ternária.....	84
5.2.8. Comportamento do grupo de fatores <i>Ambiente da ocorrência - profissional</i> , em rodada ternária.....	85
5.2.9. Os grupos de fatores extralinguísticos: <i>sexo e faixa etária</i>	86
5.2.10. Fechando a rodada ternária.....	88
5.3. Os tipos de <i>perífrases</i> da Revista <i>Pato Donald</i>	90
5.4. Análise dos resultados a partir de rodada binária considerando as variantes <i>futuro sintético</i> e <i>ir + infinitivo</i>	93
5.4.1. Resultado do grupo de fatores <i>Ano de Publicação</i>	93
5.4.2. Resultado do grupo de fatores <i>Pessoas Verbais</i>	96
5.4.3. Resultado do grupo de fatores <i>Tipos de Frases</i>	99

5.4.4. Resultado do grupo de fatores <i>Projeção do Fato Futuro</i>	101
5.4.5. Resultado do grupo de fatores <i>contexto desencadeador</i>	107
5.4.6. Resultado do grupo de fatores <i>Preenchimento do sujeito pronominal</i>	110
5.4.7. Resultado do grupo de fatores <i>Ambiente de ocorrência – ambiente doméstico</i>	113
5.4.8. Resultado do grupo de fatores <i>extensão fonológica do verbo principal</i>	114
5.4.9. Resultado do grupo de fatores <i>Ambiente da Ocorrência – ambiente profissional</i>	116
5.4.10. Resultado do grupo de fatores <i>Tempo, Modo e Aspecto</i>	117
5.5. Conclusões dos resultados da análise das revistas Pato Donald.....	119

CAPÍTULO 6

6. RESULTADOS DOS ROMANCES BRASILEIROS.....	122
6. Os romances e o tempo futuro.....	123
6.1. Os nocautes.....	123
6.1.1. Os nocautes do grupo de fatores <i>contexto desencadeador</i>	126
6.1.2. Os nocautes do grupo de fatores <i>pessoas verbais</i>	127
6.1.3. Os nocautes do grupo de fatores <i>ambiente de ocorrência profissional</i>	130
6.2. Tipos de perífrases do <i>cópus</i>	135
6.3. A composição do arquivo de células para a rodada binária.....	136
6.4. Os dados validados, o início da análise binária.....	139
6.4.1 Comportamento do grupo de fatores <i>ano de publicação</i>	139
6.4.2. Comportamento do grupo de fatores <i>projeção do fato</i>	

<i>futuro</i>	155
6.4.3. Comportamento do grupo de fatores <i>faixa etária</i>	157
6.4.4. Comportamento do grupo de fatores <i>pessoa verbal</i>	159
6.4.5. Comportamento de grupo de fatores Contexto desencadeador.....	163
6.4.6. Comportamento do grupo de fatores <i>extensão fonológica do verbo</i>	165
6.4.7. Ambiente de ocorrência doméstico.....	167
6.4.8. Tempo, modo e aspecto.....	169
6.4.9. Conclusões dos resultados das análises dos romances brasileiros.....	171
6.5. A mudança no indivíduo.....	174
6.5.1. Joaquim Manuel de Macedo.....	174
6.5.2. José de Alencar.....	176
6.5.3. Machado de Assis.....	177
6.5.4. Inglês de Sousa.....	178
6.5.5. Aluísio de Azevedo.....	179
6.5.6. Adolfo Ferreira Caminha.....	180
6.5.7. Lima Barreto.....	181
6.5.8. Oswald de Andrade.....	182
6.5.9. Orígenes Lessa.....	182
6.5.10. Érico Veríssimo.....	184
6.5.11. Fernando Sabino.....	185
6.5.12. Carlos Heitor Cony.....	186

6.5.13. Moacir Scliar.....	187
6.5.14. Domingos Pellegrini.....	188
6.5.15. Marcos Bagno.....	189
6.5.16. Raquel de Queiroz.....	190
6.5.17. Ligia Fagundes Telles.....	191
6.5.18. Hilda Hilst.....	191
6.5.19. Ana Maria Machado.....	192
6.5.20. Ana Miranda	194
6.5.21. Márcia Kupstas.....	195
6.5.22. Conclusões das análises nas variações dos indivíduos, a partir de 1930.....	195

CAPÍTULO 7

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	197
ANEXOS.....	202
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	233
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO CORPUS 2.....	238

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Distribuição das ocorrências pelas quatro variantes de futuro pesquisadas, em números absolutos.....	64
TABELA 2 - Pessoas verbais geradoras de nocautes e retiradas da análise	65
TABELA 3 – Advérbios geradores de nocautes com o <i>presente do indicativo</i>	67
TABELA 4 – Grupo de fatores <i>extensão fonológica do verbo principal</i> , em números absolutos.....	68
TABELA 5 – Número de ocorrências e porcentagens das variantes por década.....	69
TABELA 6 – Grupo de fatores, <i>Tipos de frases</i> em rodada ternária, em pesos relativos.....	72
TABELA 7 – Grupo de fatores <i>Ambiente doméstico</i>	83
TABELA 8 – Grupo de fatores <i>Extensão fonológica do verbo</i> , em rodada ternária, em pesos relativos.....	84
TABELA 9 - Grupo de fatores <i>Ambiente profissional</i> , em pesos relativos.....	85
TABELA 10 - Números de ocorrências das variantes, em números absolutos, porcentagem e peso relativo.....	90
TABELA 11 - Tipos de <i>perífrases</i> do <i>cópus</i> , distribuídas por décadas, em números absolutos e porcentagens.....	90
TABELA 12 – As variantes da variável dependente com todos os números da análise binária.....	94
TABELA 13 - Grupo de fatores <i>Pessoas verbais</i> , número de ocorrências, porcentagem e pesos relativos.....	97
TABELA 14 - Grupo de fatores <i>Tipos de frases</i> , em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.	99
TABELA 15 - Tabulação cruzada entre os grupos de fatores <i>tipos de frases</i> e <i>ano</i>	

de publicação, em números absolutos e porcentagens.....	100
TABELA 16 – Grupo fatores <i>Projeção do fato futuro</i> em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.....	102
TABELA 17 – Grupo de fatores <i>contexto desencadeador</i> em números absolutos, percentuais e pesos relativos.....	108
TABELA 18 - Grupo de fatores <i>preenchimento do sujeito pronominal</i> em números absolutos, percentuais e pesos relativos.....	110
TABELA 19 –Tabulação cruzada entre os grupos de fatores <i>pronomes pessoais</i> e <i>preenchimento do pronome pessoal</i> , em números absolutos e porcentagens.	111
TABELA 20 – Grupo de fatores <i>Ambiente doméstico</i> , em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.....	113
TABELA 21 – Grupo de fatores <i>extensão fonológica do verbo principal</i> , em números absolutos, percentuais e pesos relativos.....	114
TABELA 22 – Grupo de fatores <i>Ambiente profissional</i> , em pesos relativos.....	116
TABELA 23 - Advérbios geradores de nocautes no cópua 2, em números absolutos.....	126
TABELA 24 - Pessoas verbais geradoras de nocautes do cópua 2.....	127
TABELA 25 - Grupo de fatores Ambiente profissional, em números absolutos....	131
TABELA 26 – Formas de futuro do cópua 2 – romances brasileiros.....	131
TABELA 27 – Século XIX - primeiras obras masculinas, em números absolutos, porcentagens e peso relativo.....	140
TABELA 28 – Século XIX - últimas obras masculinas, em números absolutos, porcentagens e peso relativo.....	143
TABELA 29 - Século XX primeiras obras masculinas, em números absolutos,	145

porcentagens e pesos relativos.....	
TABELA 30 - Século XX últimas obras masculinas, em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.....	146
TABELA 31 – Século XX primeiras obras femininas, em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.....	151
TABELA 32 - Século XX últimas obras femininas, em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.....	152
TABELA 33 – Grupo fatores <i>Projeção do fato futuro</i> em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.....	153
TABELA 34 - Grupo fatores <i>Faixa etária</i> em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.....	157
TABELA 35 - Grupo de fatores <i>pessoas verbais</i> , em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.....	159
TABELA 36 - Grupo de fatores <i>contextos desencadeador</i> , em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.....	163
TABELA 37 - Grupo de fatores <i>extensão fonológica do verbo principal</i> , em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.....	161
TABELA 38 - Grupo de fatores <i>ambiente da ocorrência - doméstico</i> , em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.....	168
TABELA 39 - Grupo de fatores <i>Tempo Modo e aspecto</i> , em números absolutos.....	169

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Fatores que favorecem o presente do indicativo e a perífrase de futuro.....	23
QUADRO 2 – Número de revistas Pato Donald, por ano de publicação.....	43

QUADRO 3 - Relação das 46 obras da literatura nacional que constituem o cópus 2.....	48
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – <i>Input</i> das variantes da variável dependente.....	70
GRÁFICO 2 – Grupo de fatores <i>Pessoas verbais</i> , em rodada ternária, em pesos relativos.	71
GRÁFICO 3 – Percentuais totais das <i>perífrases verbais</i> , do <i>futuro sintético</i> e do <i>presente do indicativo</i> , na linha do tempo estabelecida para o <i>cópus</i>	78
GRÁFICO 4 – Grupo de fatores <i>Contexto desencadeador</i> , em rodada ternária, em pesos relativos.....	79
GRÁFICO 5 - Grupo de fatores <i>sexo</i> , em rodada ternária, em pesos relativos...	87
GRÁFICO 6 - Grupo de fatores <i>faixa etária</i> , em rodada ternária, em pesos relativos.....	87
GRÁFICO 7 - Tipos de perífrases em números absolutos.....	91
GRÁFICO 8 - Área das variantes da representação do tempo futuro a partir do grupo de fatores <i>ano de publicação</i> , em pesos relativos.....	96
GRÁFICO 9 – Grupos de fatores <i>pessoas verbais</i> , em pesos relativos.....	98
GRÁFICO 10 – Pesos relativos do grupo de fatores <i>tipos de frases</i>	101
GRÁFICO 11 – Grupo de fatores <i>projeção do fato futuro</i> , com pesos relativos...	103
GRÁFICO 12 – Grupo de fatores <i>preenchimento pronominal</i> , em pesos relativos.....	112
GRÁFICO 13 – Grupo de fatores <i>extensão fonológica do verbo principal</i> , em	

pesos relativos.....	115
GRÁFICO 14 - Rodada cruzada dos grupos de fatores <i>Tempo, Aspecto e Modo</i> e <i>Tipos de perífrases</i> , em números absolutos.....	118
GRÁFICO 15 - <i>Input</i> das Formas Verbais.....	133
GRÁFICO 16 -Distribuição das perífrases no <i>córpus</i> , em números absolutos.....	135
GRÁFICO 17 - XIX - primeiras obras masculinas, em pesos relativos.....	142
GRÁFICO 18 - Século XIX - últimas obras masculinas, em pesos relativos.....	144
GRÁFICO 19 – Pesos relativos das obras masculinas do <i>córpus</i> 2, por décadas..	149
GRÁFICO 20 –Século XX – primeiras obras femininas, em pesos relativos.....	151
GRÁFICO 21 - Pesos relativos das obras femininas do <i>córpus</i> 2, por décadas...	153
GRÁFICO 22 - Pesos relativos das obras masculinas do <i>córpus</i> 2, de 1930 a 1990.....	154
GRÁFICO 23 - Grupo de fatores <i>pessoas verbais</i> , em pesos relativos.....	162
GRÁFICO 24 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Joaquim Manuel de Macedo, em pesos relativos.....	174
GRÁFICO 25 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em José de Alencar, em pesos relativos.....	176
GRÁFICO 26 -Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Machado de Assis, em pesos relativos.....	177
GRÁFICO 27 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Inglês de Sousa, em pesos relativos.....	178
GRÁFICO 28 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Aluísio Azevedo, em pesos relativos.....	179

GRÁFICO 29 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Adolfo Ferreira Caminha , em pesos relativos.....	180
GRÁFICO 30 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Lima Barreto, em pesos relativos.....	181
GRÁFICO 31 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Oswald Andrade, em pesos relativos.....	182
GRÁFICO 32 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Orígenes Lessa, em pesos relativos.....	182
GRÁFICO 33 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Érico Veríssimo, em pesos relativos.....	184
GRÁFICO 34 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Fernando Sabino, em pesos relativos.....	185
GRÁFICO 35 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Carlos Heitor Cony, em pesos relativos.....	186
GRÁFICO 36– Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Moacir Scliar, em pesos relativos.....	187
GRÁFICO 37– Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Domingos Pellegrini, em pesos relativos.....	188
GRÁFICO 38 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro Marcos Bagno, em pesos relativos.....	189
GRÁFICO 39 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Raquel de Queiroz, em pesos relativos.....	190
GRÁFICO 40 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Ligia Fagundes Telles, em pesos relativos.....	191
GRÁFICO 41 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo	

futuro em Hilda Hilst, em pesos relativos.....	191
GRÁFICO 42 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Ana Maria Machado, em pesos relativos.....	193
GRÁFICO 43 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Ana Miranda, em pesos relativos.....	194
GRÁFICO 44 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Márcia Kupstas, em pesos relativos.....	195
GRÁFICO 45 –Evolução das formas verbais, em pesos relativos, nos escritores e escritoras da amostra (média dos pesos relativos).....	196

SUMÁRIO DOS ANEXOS

ANEXO 01 – Lista de todas as revistas Pato Donald consultadas para a composição do corpus 1.....	203
ANEXO 02 – Lista dos símbolos e respectivas descrições utilizadas na codificação dos corpus	206
ANEXO 03 – Codificação dos dados.....	212
ANEXO 04 – Tabela da rodada inicial com as ocorrências dos romances brasileiros, corpus 2.....	215
ANEXO 05 – Crosstabulations das revistas Pato Donald.....	218
TABELA 1 – Crosstabulation dos grupos de fatores pessoa verbal, extensão fonológica do verbo principal e forma verbal.....	218
TABELA 2 – Crosstabulation dos grupos de fatores formas verbais, projeção do fato futuro e tipos de perífrases.....	219
TABELA 3 - Crosstabulation dos grupos de fatores tipos de	

perífrases, projeção do fato futuro e tempo, aspecto e modo.....	220
TABELA 4 – Crosstabulation dos grupos de fatores projeção do fato futuro, ano de publicação e formas verbais.....	221
TABELA 5 – Crosstabulation dos grupos de fatores <i>locus</i> da ocorrência, projeção do fato futuro e formas verbais.....	222
TABELA 6 - Crosstabulation dos grupos de fatores forma verbal, sexo e faixa etária.....	222
ANEXO 06- Crosstabulations dos romances brasileiros.....	223
TABELA 08 - Crosstabulation dos grupos de fatores forma verbal, pessoa verbal e preenchimento / não preenchimento.....	223
TABELA 09 - Crosstabulation dos grupos de fatores projeção do fato futuro, tipos de perífrases e anos das publicações 1ª parte.....	224
TABELA 10 - Crosstabulation dos grupos de fatores projeção do fato futuro, tipos de perífrases e anos das publicações 2ª parte.....	226
ANEXO 07 – Gráfico em área, 3D, dos grupos de fatores <i>ano de publicação</i> das Revistas Pato Donald.....	228
ANEXO 08 - Gráfico representativo do Século XX últimas obras femininas, em pesos relativos, incluindo a década de 1970.....	229
ANEXO 09 - Uso indevido do <i>futuro sintético</i> , não computado.....	230
ANEXO 10 - Resposta de <i>e-mail</i> da editora abril.....	231
ANEXO 11 – Foto de fala reproduzida como texto infantil.....	232

RESUMO

O objeto de estudo desta tese é a variação do tempo futuro em textos escritos em português do ponto de vista diacrônico. Foram feitas duas análises: uma em tempo real, abrangendo um período de dois séculos, e a outra em tempo real de curta duração, que abrange um período menor, 50 anos de texto escrito.

A análise em tempo real de curta duração foi feita a partir das revistas *Pato Donald*, desde a edição de número 1, publicada no Brasil em 1950 até a 2.032, de outubro de 2004, em um recorte feito de dez em dez anos. Já a análise em tempo real foi constituída de 46 romances brasileiros escritos entre o século XVIII e a última década do século XX.

O refinamento da análise minimizou a variação para quatro variantes da representação do tempo futuro: *futuro sintético* (*apresentarei* amanhã); o *presente do indicativo* (*apresento* amanhã); a *perífrase ir + infinitivo* (*vou apresentar* amanhã) e a *perífrase haver + de + infinitivo* (*hei de apresentar* amanhã). Tomando como base teórica a sociolinguística quantitativa laboviana e princípios do paradigma da gramaticalização. A análise dos dados revela que as perífrases com *ir + infinitivo* estão apresentando maiores tendências de uso, chegando, em alguns casos a superar o *futuro sintético*, o que pode estar apontando uma possível mudança em andamento na direção de substituir o *futuro sintético* pela *perífrase ir + infinitivo* na representação do tempo futuro.

Palavras-chave: variação linguística, representação do tempo futuro, futuro perifrástico, futuro sintético, a representação do tempo futuro nas revistas em quadrinhos, a representação do tempo futuro em romances brasileiros.

ABSTRACT

The object of study of this thesis is the change in the future tense in text written in English of diachronic perspective. Were made two analyses: a real-time, covering a period of two centuries, and other real-time short-lived, that covers a period less than 50 years of written text.

Real-time scanning of short duration was done from the Donald Duck comics, since the edition , published in Brazil in 1950 until edition 2.032, of october of 2004, in a cutout done once every ten years. Already the real-time analysis was made up of 46 brazilian novels written between the 18th century and the last decade of the 20th century.

The refinement of the analysis has minimized the variation for four variants of the representation of the future tense: future synthetic (*apresentarei amanhã*); the present tense (*apresento amanhã*); the periphrasis with ‘to go’ in the present (*vou apresentar amanhã*) and the periphrasis with *haver* ‘to have’ in the future (*hei de apresentar amanhã*). On the basis of the quantitative Sociolinguistics laboviana theoretical and principles of Grammaticalization paradigm. The data analysis reveals that those languages with are showing greater usage trends, reaching in some cases to overcome the future variations, which can be pointing a possible change in progress toward replacing the future synthetic by periphrasis with *ir + infinitivo* in representation of the future tense.

Keywords: linguistic variation, representation of the future tense, future synthetic, future periphrastics, the representation of the future tense in comics, the representation of the future tense in brazilian novels.

*"O futuro tem muitos nomes.
Para os incapazes o inalcançável,
para os medrosos o desconhecido,
para os valentes a oportunidade."*

Victor Hugo

CAPÍTULO 1

AS PERSPECTIVAS DESTE TRABALHO

Futuros Amantes

Chico Buarque

*(*1944)*

*Não se afobe, não
Que nada é pra já
O amor não tem pressa
Ele pode esperar em silêncio
Num fundo de armário
Na posta-restante
Milênios, milênios
No ar
E quem sabe, então
O Rio **será**
Alguma cidade submersa
Os escafandristas **virão**
Explorar sua casa
Seu quarto, suas coisas
Sua alma, desvãos
Sábios em vão
tentarão decifrar
O eco de antigas palavras
Fragmentos de cartas, poemas
Mentiras, retratos
Vestígios de estranha civilização
Não se afobe, não
Que nada é pra já
Amores **serão** sempre amáveis
Futuros amantes, quiçá
Se **amarão** sem saber
Com o amor que eu um dia
Deixei pra você*

1. AS PERSPECTIVAS DESTE TRABALHO

“No ano que vem Schumacher e Felipe Massa estão juntos na Ferrari.”

(Uma repórter no programa *Esporte Espetacular*, exibido pela Rede Globo em 25/09/05.)

Conforme pode ser observado na epígrafe, expressar uma situação futura não é exclusividade do tempo *futuro do presente* (doravante *futuro sintético*). Basta que prestemos um pouco de atenção em conversas à nossa volta, em nossa própria fala, em discursos formais e informais e em diversos tipos de textos escritos, dos mais aos menos formais e certamente perceberemos as diversas formas possíveis de expressar futuridade.

Com base nos postulados da Sociolinguística Variacionista buscarei a descrição de algumas representações de contextos de futuridade bem sua produtividade em *dois corpos*, ambos de língua escrita: a revista em quadrinhos Pato Donald, editada no Brasil a partir de 1950, e romances brasileiros escritos a partir do século XVIII. Para fins desta tese *contextos de futuridade* referem-se a contextos onde há a ideia de futuro, de algo a ser realizado, mesmo com a supressão de forma verbal, o que não impede que a ideia de futuro seja entendida, como em:

- (1) Muito obrigada, minha santa, não sabe quanto lhe agradeço... *No fim do mês, sem falta.* (A *Normalista*, Adolfo Caminha, 1890, pág. 31, adulto feminino para igual.)

No fim do mês... sem falta. Pagarei? Pago? Vou pagar? Hei de pagar? As quatro formas caberiam, mas nenhuma ocorreu explicitamente.

Segundo a Gramática Tradicional (de agora em diante GT e GTs para o plural) tudo que for diferente da norma considerada culta, ou padrão, é considerado erro. A Linguística e seus pesquisadores, há algum tempo, vêm apresentando trabalhos dos mais diversos temas dentro das possibilidades oferecidas pela língua e colocando esse dogma em xeque. Com esse feito, ou a partir dele, é possível demonstrar que a língua apresentada pelas GTs pode ser considerada, em muitos aspectos, ultrapassada, principalmente no que tange o português brasileiro (de agora em diante PB) e dentro dele a representação do tempo

futuro.

Diante disso nos é possível entender por que a Língua Portuguesa, enquanto disciplina escolar é tão pouco estimada. De modo geral parece que ela é pouco valorizada pelos seus falantes, no dia a dia. Não é raro ouvirmos expressões que a colocam como uma língua de grandes dificuldades. Parece que todos têm um pouco a falar sobre ela. Mas o que mais me incomoda é a questão da sala de aula. Ainda há um grande abismo entre as aulas de língua portuguesa da escola e a língua que os alunos, independente da idade, utilizam fora das escolas, dos colégios, das faculdades. A disciplina que deveria ser a mais atraente é uma das mais odiadas. E por quê? Se eles estão em contato com ela vinte e quatro horas por dia? Qual é a outra disciplina que oportuniza essa relação?

Dentro dessa linha de pensamento, Perini (1993) salienta que a teoria sustentada pela GT não encontra respaldo na prática, pois apresenta diversas contradições entre as afirmações que apresenta. Os três grandes problemas das GTs, segundo o autor, são: sua inconsistência teórica acompanhada de falta de coerência interna, seu excessivo normativismo e o ponto de vista centrado em uma única variedade linguística. Esses são os pontos que devem ser repensados, segundo Perini, se objetivamos ter uma gramática que de fato sirva de base para o ensino de língua. Enquanto isso não acontecer, teremos essa distância que isola uma única variedade como boa em detrimento de tantas outras.

Não precisamos nos aprofundar muito nos estudos das nossas principais gramáticas para perceber essas incoerências mencionadas por Perini, elas podem ser percebidas já no próprio relato dos gramáticos quando da exposição de seus objetivos. Silva (2009) apresenta os objetivos traçados por alguns dos principais gramáticos de nossa língua:

Rocha Lima (1985: 6): Fundamentaram-se as regras da Gramática Normativa nas obras dos grandes escritores, em cuja linguagem as classes ilustradas põem o seu ideal de perfeição.

Cunha (1984: apresentação): Procuramos apresentar as características do português contemporâneo em sua modalidade culta, isto é, a língua como a tem utilizado os escritores brasileiros e portugueses do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores do século XX.

Cegalla (1976: introdução): Este livro pretende ser uma gramática Normativa da língua portuguesa do Brasil, conforme falam e escrevem as pessoas cultas da época atual.

Said Ali (1964: 15): As regras gramaticais são estabelecidas segundo o uso geral, a prática das pessoas cultas e a dos bons escritores.

Pereira (1948: 13): Na incerteza e deficiência de nossa legislação gramatical, sentimos a necessidade de nos pôr em contato mais íntimo com a língua viva de pessoas cultas, e

côncio de que a língua é um fato social cujas normas não se formulam a priori, de gabinete, ao sabor dos gramáticos, esmeramo-nos em alargar a documentação clássica de modernos escritores de incontestável competência, em abono das regras que estabelecemos.

É bastante interessante observar neste ponto que Pereira, em 1948, já defendia a ideia de que as regras de uma língua devem nascer da própria língua, de seu uso, não o contrário. Esse elenco de finalidades deixa uma questão: será que os escritores de nossa literatura escrevem mesmo da maneira como as GT apresentam?

1.1. Justificativa

Este trabalho resulta de dois momentos distintos de meu curso de mestrado na Universidade Federal do Paraná (UFPR). O primeiro foi um trabalho em grupo coordenado pela professora Odete Pereira da Silva Menon, no início do curso, em 2003, com o objetivo de verificar como os vestibulandos da instituição, inscritos no vestibular daquele ano, haviam representando o tempo futuro em seus textos.

O trabalho constituía-se de análise da questão 23 do aludido vestibular, pois seu enunciado propunha aos candidatos que escrevessem um texto informando ao público sobre a reinauguração de uma oficina mecânica, fechada para reforma. O corpus final contou com aproximadamente 2.000 redações e mostrou que o tempo futuro estava sendo representado de forma bastante diversificada. Seus primeiros resultados foram apresentados no XVI CELLIP, na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e mostraram um número significativo de formas sintéticas. Das 3.704 formas de expressão do futuro, 1.449 ocorrências foram de *futuro sintético*, 546 de perífrases com verbo no futuro seguido da preposição *a* e de verbo no infinitivo (*passará a fazer, continuará a atender*), além de 265 perífrases com verbo no futuro seguido de gerúndio (*continuará fazendo*, por exemplo).

O resultado do vestibular se revelou contrário aos resultados de outras análises de variação do futuro, análises essas realizadas com bases em corpus orais e escritos, que mostram uma nítida tendência de suplantação da forma sintética pela perífrase (MENON, *et al.*, FAGUNDES, *et al.*, e POLLI, *et al.*, todas de 2003).

Com o mesmo objetivo, paralelamente a essa pesquisa, foram analisadas obras literárias destinadas à faixa etária mais jovem, partindo do princípio que estes seriam os

textos com o quais os jovens candidatos provavelmente teriam tido contato. Os *córpus* do conjunto de pesquisas foram diversificados: redações de alunos, revistas, quadrinhos, literatura infanto-juvenil, publicadas entre 2003 e 1993 e o que houve, de modo geral, foi uma escassez de opções, pois os romances, mesmos os juvenis, apresentam poucos casos de contextos de futuridade. As narrativas se dão com mais frequência no passado ou no presente, as situações de futuro tendem a ocorrer nas falas dos personagens, quando ocorrem. No cômputo geral as obras analisadas apresentaram índices muito elevados de representação de futuro a partir da perífrase *ir + infinitivo*, em detrimento ao *futuro sintético*.

Individualmente, para avaliação da disciplina, analisei duas obras de Pedro Bandeira: *Mariana* e *Descanse em paz, meu amor* (ambas de 1996), e pude verificar que o futuro sintético ocorreu em apenas uma delas, em um contexto bastante específico: em uma tumba encontrada por um personagem arqueólogo.

Para efeitos de comparação com os resultados do vestibular, apliquei a mesma questão a meus alunos do Ensino Médio (2.º ano) e o resultado foi semelhante, ou seja, houve predominância da forma sintética na representação do futuro Silva (2004), o que pode ser indício da influência da escola na produção escrita do aluno, pois, desde a entrada no ambiente escolar a criança ouve que o futuro deve ser representado com a forma sintética. Forma que possivelmente o aluno acabe identificando como aquela que o professor quer ver no texto, por isto ele tende a usá-la. Prova disto, desta artificialidade da escrita, foi a grande surpresa e estranhamento que vi nos alunos quando mostrei a eles os gráficos e análises das redações do vestibular, dos livros e os provenientes das produções deles.

O segundo momento responsável por este trabalho ocorreu na análise dos dados de minha dissertação de mestrado (SILVA, 2005). Um dos grupos de fatores testados foi o tempo verbal, o que me permitiu visualizar uma queda abrupta no uso do *futuro sintético*, de 735 ocorrências nos dados de 1950, para 39 em 2003/04. O que mostra que o *futuro sintético* está se tornando raro também na língua escrita, campo dado a ele na maioria das GTs, entre elas Cunha (1984: 439) quando observa que *na língua falada o futuro simples é de emprego relativamente raro*.

Estes dois contatos com a variável de que trata esta tese serviram de estímulo para um estudo mais aprofundado da questão, ou seja, no presente trabalho parte-se do *córpus*

constituído pelas 127 revistas Pato Donald, editadas entre os anos de 1950 a 2004, permitindo um controle de seis décadas de texto, analisadas para a dissertação, mais um segundo, constituído de 46 romances brasileiros publicados entre 1752 e 2001, o que possibilitará uma análise em tempo real. Esse segundo córpus permitirá ainda um estudo de variação / mudança no indivíduo, já que a análise se dará a partir de um dos primeiros e um dos últimos romances de cada escritor selecionado. Será possível ainda verificar se há diferenças consideráveis nos resultados da análise da representação do tempo futuro entre os dois corpora, tendo em vista que um é considerado literatura informal e outro, formal.

1.2. Objetivos e hipóteses

O escopo central desta pesquisa é descrever diacronicamente o fenômeno de variação que envolve a representação do tempo vindouro, ou seja, descrever como e com que frequência *haver + de + infinitivo*, *futuro sintético*, *presente do indicativo* e *perífrases verbais* representam o tempo futuro em um recorte de língua escrita. A hipótese que norteia este objetivo central é que a representação do tempo futuro, de um modo geral, está sendo feita pela perífrase verbal *ir + infinitivo*, independente de a referência temporal estar localizada em um tempo próximo ou distante.

Deste objetivo geral, delineiam-se alguns mais específicos, a saber:

1. observar se o *presente do indicativo* pode ter sido a opção de marcação de futuro a ser mais utilizada entre a queda de uso do *futuro sintético* e da ascensão das *perífrases*, conforme Santos (2000);
2. analisar se o *presente do indicativo* apresenta um comportamento restrito na representação do tempo futuro, ou seja, se faz referência somente a um futuro imediato, como afirmam as GTs;
3. verificar a frequência do emprego dos verbos modalizadores e aspectuais nas construções perifrásticas com contextos de futuridade;
4. analisar se há comportamento diferenciado entre as pessoas verbais (1^a, 2^a e 3^a, segundo a GT e incluindo os pronomes *a gente*, *você* e *vocês*), buscando verificar se o fato de o sujeito estar presente ou não exerce influência em uma ou outra forma de expressar o tempo futuro (Oliveira, 2006);

5. examinar se a perífrase verbal *ir + infinitivo*, indicadora de tempo futuro, é empregada apenas para referir-se a um futuro próximo, como também menciona a GT;
6. apurar se os verbos (os principais no caso das perífrases) com três sílabas ou mais tendem a representar o tempo futuro com forma sintética, conforme verificou Oliveira (2006);
7. identificar se frases interrogativas ou negativas favorecem uma ou outra forma de representação do futuro (conforme Malvar, 2003);
8. verificar que advérbios atraem a forma inovadora de representação do tempo futuro (*ir + infinitivo*) e quais atraem a conservadora (*futuro sintético*);
9. averiguar como se dá a representação de futuridade a partir do contexto social, segundo Alkmim (2001: 36);
10. comparar os corpúsculos da tese no sentido de verificar se há diferenças consideráveis no comportamento da variável dependente objeto desse estudo;
11. localizar no tempo se há alguma diferença entre as formas de representação do tempo futuro produzidos por escritores do sexo masculino e do feminino;
12. verificar se há mudança no indivíduo em alguns autores da amostra, comparando uma obra de sua fase inicial e outra da fase final, ou mais recente, de sua produção literária, conforme Menon & Loregian-Penkall (2002).

As hipóteses norteadoras destes objetivos específicos são as seguintes:

1. o caminho para a marcação de tempo futuro a partir das perífrases, partindo do *futuro sintético*, passa pelo *presente do indicativo*: *futuro sintético* → *presente do indicativo* → *perífrases*;
2. o pronome *nós*, elíptico, que vem apresentando uma diminuição no uso, tanto em dados de língua oral como em dados de língua escrita (Silva, 2005), é o pronome que mais ocorre com o *futuro sintético*;

3. verbos principais com três ou mais sílabas tendem a indicar o tempo futuro com a *perífrase verbal*, ou seja, há uma tendência ao uso da forma *nós vamos namorar* em detrimento a *nós namoraremos*;
4. as frases declarativas negativas propiciam o uso do futuro sintético, como no francês, segundo Sankoff & Wagner (2005 – apud Oliveira, 2006, pág. 71);
5. o advérbio de *tempo* atrai o *presente do indicativo* para representar o tempo futuro (Menon 2003), enquanto o de *negação*, as *perífrases* e o de *afirmação*, o *futuro sintético*, haja vista a sua característica de estar ligado às promessas e às certezas;
6. o *futuro sintético* ocorre mais no ambiente de trabalho, entre subalterno e superior, entre pessoas estranhas e, no ambiente familiar, do mais velho (pessoa adulta de mais idade) para o mais novo, ambientes estes onde cabe um certo grau de formalidade, onde os contextos tendem a ser mais monitorados e o futuro sintético ajudaria nesta intenção;
7. nos textos mais antigos, em ambos os corpora, a representação do tempo futuro é feita preferencialmente pelo *futuro sintético*, à medida que o tempo vai passando esta forma dá espaço às *perífrases* e ao *presente do indicativo*, até ser superada pelo uso da *perífrase verbal ir + infinitivo*, como verificou Oliveira (2006), por exemplo.

1.3. Organização do trabalho

Este trabalho está organizado em sete capítulos. Na página de abertura de cada um há uma letra de música da *MPB* que traz uma ou algumas ocorrências interessantes das variantes da variável depende em estudo nesta tese. Imediatamente antes da letra há o título da música, seguido do nome do autor e datas de nascimento (*) e morte (+), ou apenas da data de nascimento, conforme o caso.

O capítulo de número um traz apresentação do tema e as perspectivas existentes. No capítulo seguinte, *Embasamento teórico*, faz-se uma apresentação breve sobre a Teoria da Mudança Linguística, Gramaticalização, aspecto e modalidade e uma sucinta revisão da literatura.

No terceiro capítulo explana-se acerca do objeto de estudo desta tese: o tempo futuro, no latim e no Português do Brasil. A perífrase *ir + infinitivo* e sua gramaticalização também são assuntos desse capítulo.

O capítulo 4, Metodologia, esclarece sobre o ponto de partida do trabalho, apresenta as revistas em quadrinhos analisadas bem como a lista dos romances que correspondem aos *córpus* 1 e 2, respectivamente. Nesse capítulo são explicitados os grupos de fatores e todos os casos descartados da análise, os casos especiais e exemplos codificados.

O capítulo 5 traz os resultados do *córpus* 1, as revistas em quadrinhos. Resultados esses que foram apresentados a partir dos programas *Tvarb* e *Ivarb*, programas do pacote *Varbrul*.

O capítulo 6, a exemplo do anterior, traz resultados do *córpus* 2, os romances brasileiros. Nesse capítulo há ainda um estudo da mudança no indivíduo, que foca individualmente cada autor das obras contempladas no *córpus*. Na sequência temos o capítulo conclusivo que aborda os resultados apresentados nos dois anteriores. Após, nos anexos, estão expostas as informações e tabelas que se julgaram necessárias, mas não imprescindíveis, para a compreensão da análise, que se encerra com a exposição das referências bibliográficas, que por sua vez estão divididas em duas partes, na primeira encontram-se as referências pertinentes ao assunto desenvolvido na tese e, na segunda, as das obras analisadas no *córpus* 2.

CAPÍTULO 2

EMBASAMENTO TEÓRICO

Você vai me Seguir
Chico Buarque
(*1944)

Você vai me seguir aonde quer que eu vá
Você vai me servir, você vai se curvar
Você vai resistir, mas vai se acostumar
Você vai me agredir, você vai me adorar
Você vai me sorrir, você vai se enfeitar
E vem me seduzir
Me possuir, me infernizar
Você vai me trair, você vem me beijar
Você vai me cegar e eu vou consentir
Você vai conseguir enfim me apunhalar
Você vai me velar, chorar, vai me cobrir
e me ninar

2. EMBASAMENTO TEÓRICO

Este capítulo tem por objetivo apresentar considerações acerca da Teoria da Mudança Linguística, da *gramaticalização*, processo que nomina o caminho pelo qual algumas formas da língua mudam de uma categoria para outra, o *aspecto* e *modalidade* bem como apresentar alguns trabalhos variacionistas mais relevantes para este estudo.

2.1. Teoria da mudança linguística

Possivelmente o maior trabalho na direção de desenvolver ou de discutir uma fundamentação empírica na busca de uma teoria para a mudança linguística seja o texto de Weinreich, Labov e Herzog originalmente apresentado em um simpósio¹ realizado na Universidade do Texas em 1966 e, em 1968, publicado no livro *Directions of Historical Linguistic a Symposium*. Na apresentação desse livro seus organizadores destacam a importância do trabalho dos autores, considerando que as conclusões ali apresentadas constituem importante ponto de partida para análises da dinâmica da mudança linguística em quaisquer grupos urbanos complexos.

Hoje, mais de quarenta anos depois de sua publicação, pode-se dizer, sem medo de errar, que foi esse mesmo o papel que ele exerceu ao longo deste período. Não há estudos sobre mudanças linguísticas que não o considerem como base, o que o faz, há muito, um clássico na área.

Weinreich, Labov e Herzog (2006)² apontam alguns princípios, provenientes de pesquisas de grande importância para a teoria da mudança linguística. Segundo eles uma teoria que se preste a esclarecer os fenômenos das mudanças ocorridas nas línguas deve, a princípio, oferecer respostas para a questão dos fatores condicionantes, da transição, do encaixamento, da avaliação e da implementação.

Os fatores condicionantes, linguísticos e extralinguísticos, informam quais as condições favoráveis, aquelas que propiciam as mudanças. Esses fatores são levantados através de pesquisas, a partir de hipóteses levantadas pelos pesquisadores interessados no

¹ Simpósio “*Direções para a linguística histórica*.”

² Em 2006, Marcos Bagno traduziu e publicou este texto em português, com revisão técnica de Carlos Alberto Faraco e posfácio de Maria C. A. de Paiva e Maria E. L. Duarte, intitulado *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*.

estudo de cada fenômeno.

O problema da transição, ou de transferência, pode ser observado entre grupos de faixas etárias diferentes. Segundo Weinrech, Labov e Herzog (2006: 122) *entre quaisquer dois estágios observados de uma mudança em progresso, normalmente se tentaria descobrir o estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura A evolui para a estrutura B*. Um exemplo deste caso é o fato de as pesquisas variacionistas desenvolvidas até agora indicarem que as crianças não falam o dialeto dos seus pais e sim o dos grupos de indivíduos um pouco mais velhos. O que pôde ser observado nesta tese, nos dois *córpus*, quando as tendências de uso de *ir + infinitivo*, na representação do tempo futuro, se dá com maiores pesos relativos nas crianças.

A questão do encaixamento orienta no sentido de que as mudanças devem se entrelaçar com outras que ocorrem, tanto na estrutura linguística, quanto na sociedade. O objeto de estudo desta tese, *ir + infinitivo*, apresenta etapas deste encaixamento, o que será exposto mais adiante. Existe também a questão do encaixamento na estrutura social, dependente de como os fatores sociais pesarão sobre o sistema de modo geral, o que fará com que a variação não seja, ou, seja estigmatizada parcial ou totalmente.

No caso de *ir + infinitivo* há certa resistência social, ou seja, o encaixamento na estrutura linguística pode levar a um problema de avaliação, que depende do conhecimento de língua e, segundo Weinrech, Labov e Herzog, o nível de consciência social é uma prioridade importante da mudança linguística. A avaliação leiga pode estigmatizar uma variante. O que pôde ser observado nas representações do tempo futuro, mais especificamente no uso do *ir + infinitivo*, quando o verbo auxiliar é o mesmo que o principal. Muitos professores de português corrigem seus alunos, geralmente as crianças e os da faixa etária da pré-adolescência, quando os ouvem dizer “Eu *vou ir* ...” A alegação é que seria “errado” utilizar duas vezes o mesmo verbo. Só que estes mesmos professores não percebem que em outras situações eles, e muitas outras pessoas, utilizam duas vezes o mesmo verbo, inclusive o verbo *ir*. A questão da avaliação trata dos efeitos da mudança sobre o uso da língua e alguns resultados desse processo podem encontrar certa resistência por um determinado período de tempo.

A última questão que uma teoria da mudança linguística deve responder é o problema da implementação, responsável por investigar o que, da sociedade, interferiu na mudança. Razões para a mudança ocorrem em certas línguas e em certas épocas e, a partir

do momento que a mudança linguística está encaixada na estrutura linguística, ela vai, inevitavelmente, passar pelo processo da avaliação que, muitas vezes, detecta variações avaliadas de maneira negativa, ou seja, estigmatizadas. Estes estigmas acabam por “atrapalhar” o processo de mudança, adiando a implementação e o farão até que esta variante estigmatizada perca toda significação social negativa que possuía. Somente assim a mudança se implementa na língua, no caso específico de *ir* + *infinitivo* o estigma, como já explicitado, se encontra quando o verbo *ir* é o verbo auxiliar e também o principal (*vou ir*). Algumas variações se estendem por longos períodos, por gerações, até que se implementem de fato. Porém muitas sequer chegam a este ponto, já que toda mudança linguística origina-se de uma variação, mas nem toda variação chega a mudança. A variação existente só passa a mudança quando uma variante suplanta totalmente a outra (ou outras) em todos, absolutamente todos os usos.

A partir das pesquisas Sociolinguísticas já feitas pode-se observar, entre outras, que uma possível mudança linguística:

1. começa quando um fenômeno passa a se apresentar com pelo menos uma variante e essa variante apresentar características de diferenciação ordenada, ou seja, apresenta uma determinada ordenação, não é livre;
2. ocorre na gramática da comunidade de fala;
3. é transmitida de modo geral na comunidade;
4. tem sua explicação intimamente ligada a fatores linguísticos e sociais, ou extralinguísticos.

2.2. Gramaticalização

Hopper & Traugott (1993) definem o processo de gramaticalização como as alterações ocorridas sobre um item lexical (itens autônomos – uma palavra da língua, por exemplo, um substantivo, um adjetivo, um verbo...) transformando-o em um item gramatical (itens presos – elementos que ligam palavras: conjunções, preposições, artigos, alguns pronomes, afixos) no decorrer do processo, ou seja, quando uma palavra muda de *categoria*, na língua, este *mudar* recebe o nome de *gramaticalização*, e é ocorrência comum a todas as línguas.

Esse processo pode chegar a ponto de transformar uma palavra da língua em afixo,

como é o caso, por exemplo, do futuro sintético em português. Sua trajetória, desde o latim, nos mostra a passagem de item lexical para item gramatical, depois de item lexical para clítico e de clítico para afixo. No latim a expressão de futuro era representada por uma expressão analítica, ou seja, possuía mais de uma forma, *amare habeo*, que passou para *amare hei*, o que nos possibilita ver o estágio de uma *gramaticalização* que chega a afixo, pois, de *amare hei*, temos, hoje, *amarei*. O processo de *gramaticalização* fez com que a palavra (*habeo*) perdesse sua identidade a tal ponto que o verbo auxiliar virou afixo (-ei), perdendo a classificação de palavra.

Essa mudança, segundo Hopper (1991) e Hopper e Traugott (1993/2003), acontece seguindo cinco estágios que eles dividem em:

1. **Estratificação** - nessa fase a forma nova, ou as formas novas, convivem com a forma antiga, com função similar, o que significa dizer que, no domínio funcional, neste caso a representação do tempo futuro, novas camadas surgem continuamente. Na análise aqui proposta as formas distintas de representação do tempo futuro ocorrem desde a primeira obra analisada. No caso específico de *haver + de + infinitivo* apresenta somente quatro ocorrências em um universo de 4.086 dados. O que mostra que essa forma de representação do tempo futuro está caindo em desuso em favorecimento de outras na mesma função. Quanto ao corpus 2 desta tese, apresentado no Quadro 2, adiante, destaque-se que *ir + infinitivo* aparece pela primeira vez no romance datado de 1844: *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, ou seja, não incide nos textos de *As Aventuras de Diógenes – imitando o Sapiientíssimo Fenelon na sua Viagem de Telêmaco*, de Dorothea Engrassia e *O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa.
2. **Divergência** – a forma que se gramaticaliza não deixa de existir também na significação original. Isso acontece com a representação do tempo futuro *ir + infinitivo*, por exemplo, onde *ir* está se gramaticalizando de verbo pleno para auxiliar em contextos de futuridade sem deixar de se apresentar como verbo pleno onde o que prevalece ainda é a noção de deslocamento espacial enquanto também se apresenta como auxiliar.
3. **Especialização** – no domínio funcional as formas coexistem com diferenças tênues entre si. A partir do processo de gramaticalização as variantes vão se especializando, cada uma de uma forma, e assumem pequenas diferenças,

distinguindo-se das demais. Dessa forma, à medida que uma forma vai se especializando passa a tornar-se obrigatória naquela função. As ocorrências desta tese possibilitam verificar situações diferentes no uso das formas de futuro.

4. **Persistência** - a forma gramaticalizada mantém vestígios da forma original, de modo que esses acabam por estabelecer, muitas vezes, contextos de resistência no sentido de que o processo de gramaticalização se finalize. A forma onde o verbo *ir* é auxiliar dele mesmo é um exemplo desse contexto de resistência, pois, nos *cópus* da análise, não houve nenhuma ocorrência dessa construção, como a que se pode ver nas letras na abertura dos *Anexos*, do capítulo 6, onde aparece no singular, em letra de Tom Jobim e no 3, pluralizado, em letra mais recente.
5. **Descategorização** - a forma que sofre a gramaticalização acaba por perder as características da classe a que pertencia e adquire as novas, como é o caso do verbo *ir*, que, na representação do tempo futuro, perde as características de verbo pleno e assume as de auxiliar, o que será comentado com mais detalhes no próximo capítulo, onde será analisada a gramaticalização de *ir* + *infinitivo*.

Ligado ao processo de gramaticalização está o princípio da unidirecionalidade. Esse princípio pressupõe que o processo se dá, sempre, do item menos gramatical para o mais gramatical, ou seja, esse princípio prevê que a mudança envolve sempre uma passagem de um estado anterior (A) para um posterior (B).

Reanálise e *analogia* são os dois mecanismos do processo de gramaticalização que possibilitam entender a unidirecionalidade. A primeira altera as relações entre os constituintes sem que isso seja percebível, enquanto a segunda proporciona a existência de novas formas através de similaridades com outras já existentes. Para Hopper e Traugott (1993, 2003) e Bybee *et al.* (1994) esses dois mecanismos atuam igualmente no processo de gramaticalização dos verbos de movimento. Partindo desses princípios, pode-se assumir que a *perífrase* *ir* + *infinitivo*, uma das formas de representação do tempo futuro está passando pelo processo de reanálise, pois o verbo *ir*, para representar futuridade passa da condição de pleno para a de auxiliar, como será mostrado no capítulo contíguo.

O processo de gramaticalização de algumas categorias gramaticais envolve, algumas vezes, transferência metafórica e metonímica: significações existentes dão origem a novos significados gramaticais, seja por meio de novas inferências que possam ser

atribuídas ou pela própria extensão do contexto. Hopper e Traugott (1993) afirmam que o item lexical de maneira isolada não seria o responsável pelo processo de gramaticalização, que seria desencadeado a partir de um conjunto de fatores. Os autores citam o caso do futuro perifrástico do inglês, com *go*, mostrando que fora uma forma de *be going to*, em contextos onde havia a coincidência do traço semântico de movimento seguido de uma intenção, ou oração final, sempre introduzida por *to*, o que desencadeou o processo. Esse processo pode ser observado também na gramaticalização de *ir* + *infinitivo*, com exemplos retirados dos *cópus* aqui analisados e a partir de Menon (2003).

Bybee *et al.* (1991) apresentam duas hipóteses para a gramaticalização do futuro. A primeira avança que o futuro, em todas as línguas, desenvolveu-se a partir de um grupo de fontes lexicais e, em uma segunda hipótese, apresenta a possibilidade de uma redução do morfema de futuro a ponto de ele perder sua independência e fundir-se com o verbo principal. Por exemplo, um item lexical torna-se palavra gramatical, podendo evoluir para clítico e depois para afixo, como é o caso do futuro sintético em português, derivado do latim: *amare habeo* > *amare hei* > *amarei*. O processo de gramaticalização fez com que a palavra perdesse sua identidade a tal ponto de o verbo auxiliar virar afixo (-*ei*), perdendo a classificação de palavra, o que também será abordado na sequência.

Menon (2003a) apresenta considerações acerca da gramaticalização dos verbos de movimento *andar*, *ir* e *vir* em perífrases com gerúndio e com infinitivo. Segundo a autora o processo de gramaticalização do futuro em português se iniciou a partir da concorrência entre as formas *futuro sintético* e a perífrase verbal *haver* + *de* + *infinitivo*, resultando, hoje, na predominância do primeiro. Paralelamente aparecia a perífrase *ir* + *infinitivo*, com indícios do uso do *presente do indicativo* na representação do tempo futuro.

A autora aponta quatro maneiras de realização do futuro: a forma *sintética* (futuro do presente, segundo seus dados, basicamente restrito à escrita formal), a perífrase com *haver de* (arcaica), a perífrase com *ir* e, por último, o uso do *presente do indicativo*. Quanto a esta última representação, em suas palavras “é bom lembrar que (i) o presente sozinho só é interpretado como futuro com os verbos de movimento (sobretudo com *ir*); caso contrário, vai ser codificado como presente habitual; (ii) vai indicar futuro se estiver acompanhado de advérbios ou em contexto de futuridade.” (idem: 85), o que é corroborado pelos dados desta tese a partir de exemplos apresentados nos capítulos 5 e 6, adiante.

2.3. Aspecto e modalidade

Como as categorias de *aspecto* e *modalidade* são importantes nesta pesquisa, destaco Fleischman (1982) e Corôa (1985), que discutem questões de *aspecto*, *modo* e *modalidade*. Segundo as autoras, *modo* é uma categoria morfológica do verbo e tem paradigmas verbais: *indicativo* (que indica certeza), *subjuntivo* (indicativo de possibilidades, dúvidas) e *imperativo* (para indicar ordens), no entanto, a noção de modalidade linguística vai além, podendo ser abordada de vários pontos de vista (sintático, semântico e pragmático). A *modalidade* aponta para a atitude do falante em relação ao conteúdo de seu enunciado, revelando a sua disposição mental.

Corôa (1985) apresenta o futuro como um pensamento que vai do possível para a certeza. O falante avalia o evento, durante a enunciação, pautando-se na necessidade, probabilidade, possibilidade ou impossibilidade da ocorrência da ação. Mesmo que haja uma certeza (subjuntiva) da ocorrência do evento, sua realização se dá somente depois de cumprido o tempo de referência. Como este “vir a ser” escapa à certeza, ficando ligado ao possível, a autora associa tempo futuro com a *modalidade*.

Outros pesquisadores também vêem uma relação estreita entre modalidade e tempo futuro. Na concepção de Câmara Jr. (1985: 55), a representação do tempo futuro está mais associada ao desejo, à dúvida, à imposição da vontade, o que a levaria a funcionar na categoria de modo, não de tempo. Da mesma forma Mateus *et al.* (1989) dedicam uma seção inteira para provar que os enunciados de futuro apresentam valores modais.

Por sua vez, Koch (1986) observa que a modalização do discurso pode ser realizada por meio de diversos tipos de lexicalização: auxiliares modais (*poder, dever, querer*), advérbios de modalidade (*provavelmente, talvez, possivelmente*), predicados cristalizados formados por adjetivos em posição predicativa (*é certo, é possível...*), orações ou proposições modalizadoras (*eu acredito que, eu sei que, tenho a impressão que...*) e ainda *certos modos e tempos verbais, entre eles o futuro (presente e pretérito)*.

A partir disso tem-se que modalidade é uma propriedade linguística que indica a intenção ou as atitudes do locutor em relação ao que está dizendo, desta maneira, a modalidade passa também a ter inclinação para propiciar contextos de futuridade, daí Koch inserir o *futuro sintético* como um modalizador do discurso, já que ele é apenas uma intenção, um vir a ser, uma incerteza e tudo que possa ser colocado ‘no futuro’ não passa

disso: uma intenção. Essa intenção pode ter muitas ou pequenas chances de ser concretizada, mas é uma intenção.

Os resultados desta tese possibilitam perceber que *contextos de futuridade mais agentes modalizadores* funcionam como uma probabilidade dentro da outra, como em:

- (1) E *provavelmente* eu *terei* um aumento, *não*? (Pato Donald, nº 592, 1960, pág. 30, Donald para Tio Patinhas.)

Nessa ocorrência tem-se o advérbio de modalidade apontado por Koch, *provavelmente*, mais o tempo *futuro do presente*, apontado pela mesma autora como modalizador e ainda o advérbio *não*, que aí não está negando, mas agindo como um confirmador da probabilidade que é a questão de ele ter o aumento.

Mesmo quando o falante introduz certa carga de certeza, dentro de um contexto de futuridade, é sempre possibilidade, um desejo, uma modalidade:

- (2) *Eu sei que* as *encontrarei* em alguma parte! (Pato Donald, nº 2013, 1990, pág. 07, Donald para sobrinhos.)

Apesar de a proposição modalizadora indicar uma atitude de certeza sobre um fato, ela não passa de uma possibilidade, um desejo, pois está inserida em um contexto de futuro.

Modo e modalidade são, portanto, diferentes, apesar de muitos confundirem as duas nomenclaturas, utilizando uma pela outra. Enquanto *modo* faz parte de um paradigma comum e está associado ao sistema flexional do verbo, a *modalidade*, entre outras funções, liga-se ao próprio modo verbal. Segundo Lyons (1977) *modo* é uma categoria gramatical, encontrada em algumas línguas e não pode ser incorporada à modalidade. Já para Palmer (1986) *modalidade* é semântico e *modo*, gramatical, enquanto para Bybee *et al.* (1994) *modalidade* é um domínio conceptual e *modo*, uma expressão flexional.

As GTs apresentam dois modos para o tempo verbal futuro: *indicativo* (indicador de certeza) e *subjuntivo* (indicador de possibilidade). Mas, sendo o futuro por si só uma possibilidade, como ele pode ter *modo indicativo*? Partindo desse princípio muitos autores não consideram o futuro um tempo verbal e sim um modo. Entre eles, como citado acima, Mattoso Câmara (1985), Fleischman (1982) que associa a categoria temporal do futuro ao *irrealis*, ou seja, a algo relacionado às possibilidades de realização, o mesmo que defende Givón (1984 e 1993), da mesma maneira Mateus *et al.* (1983) e Comrie (1985) relacionam

futuro a modo, não a tempo. Bybee *et al.* (1994) e Poplack & Turpin (1999) também fazem parte desse grupo quando evidenciam que o futuro está associado a modo por expressar, não atitudes, mas intenções dos falantes.

Essa intenção pode ser observada em dados dos *corpora* aqui analisados. Parte-se do pressuposto de ser o *futuro sintético* a representação do tempo futuro que denota maior comprometimento com o fato vindouro, inserindo, muitas vezes, nuances de promessa de conclusão, já que o modo *indicativo* é aquele que indica certeza. Os exemplos abaixo, retirados dos dois *corpora*, os únicos com essas condições, apresentam a expressão *tenho certeza + futuro sintético no indicativo*, que é o que expressa certeza, segundo a GT.

- (3) *Tenho certeza* de que esse fazendeiro *será* gentil e me *ajudará* quando souber que estou em dificuldades! (Pato Donald, nº 622, 1960, pág. 15, Donald para Huguinho, Zezinho e Luizinho (doravante Hzl).)
- (4) Se eu pegar no pé dele *tenho certeza* de que se *tornará* um novo pato! (Pato Donald, nº 2205, 2000, pág. 16, Margarida para Hzl.)
- (5) Que pena, *tenho certeza* que nada *poderá* ser mais divertido essa noite. (*Carta par alguém bem perto*, Fernanda Yung, 1990, pág. 97, amigo para amiga.)
- (6) E vocês *mudarão* de idéia, *tenho certeza*. (*O sertão vai virar mar*, Moacir Scliar, 1960, pág. 81, uma senhora para pessoas estranhas.)

O fato futuro de cada uma das situações acima foi diferente do grau de certeza do emissor do discurso no momento da fala. No exemplo (03) o fazendeiro nem os deixou falar. Em (04) o personagem não mudou de comportamento, no (05) a personagem não saiu de casa e no (06) eles não mudaram de ideia. Apesar de a GT trazer o futuro como tempo e apresentar o *futuro sintético* no indicativo como a representação de que o fato será realizado, isso não é verdade, o que reforça a tese de que o futuro é mais modo do que tempo verbal, pois não consegue representar um tempo e sim uma intenção, como se pode observar a partir das ocorrências acima.

Segundo Coro (2205) o *aspecto* se confunde com vários outros conceitos e, muitas vezes, é utilizado *para todo morfema verbal que não se enquadre em uma descrição temporal* (op. cit. P. 61). A autora menciona ainda haver confusão entre noções de *aspecto* e *tempo*, por outro lado Travaglia (1994: 157) parte do princípio de que o tempo futuro, objeto dessa tese, não indica aspecto por marcar uma situação virtual, o que enfraquece as noções aspectuais ou as anula e ainda por este tempo ter um valor modal, restringindo a expressão do aspecto. Suas considerações poderão valiosas devido à extensão deste estudo, que abrange as perífrases e tem como um dos grupos de fatores o uso dos advérbios e

locuções adverbiais, o que, segundo o autor, são recursos de expressão que oferecem noção aspectual.

2.4. Revisão da literatura

Há pesquisas de grande relevância no sentido de possibilitar comparações entre os resultados deste estudo e os já apresentados no tocante a representação do futuro. Faraco (1996), Santos (1997) e Malvar (2003), por exemplo, analisaram corpus de língua escrita. Faraco estudou o *futuro sintético* no livro de Salmos em várias traduções da Bíblia e verificou considerável diminuição do uso dessa forma de representação do tempo futuro: foram 970 ocorrências na análise da edição de 1898, a primeira estudada, e 562 na editada em 1979, a última de seu estudo. Tais números representam uma redução de 42% de queda do *futuro sintético* em textos escritos e considerados extremamente formais, os textos bíblicos.

Santos (1997), encontra quatro variantes em seu estudo em dados da escrita padrão: futuro sintético (*viajarei*), futuro perifrástico (*vou viajar*), futuro sintético perifrástico (*irei viajar*) e presente do indicativo (*viajo*). Sua pesquisa atestou que o *futuro sintético* é a de maior prestígio e foi a que prevaleceu nos textos analisados do *Diário do Congresso Nacional* e *Revista Isto É*. À medida que o grau de formalidade diminuía, também decrescia tal uso, em favor do futuro perifrástico. Já o futuro sintético perifrástico manteve-se em grau intermediário de formalidade e o presente do indicativo, na representação do tempo futuro, foi o menos documentado por requerer contextos linguísticos específicos e não ter, portanto, um uso muito generalizado neste tipo de publicação. A autora conclui que o presente e o futuro perifrástico são formas inovadoras já reconhecidas e que o seu uso tende a se ampliar.

Malvar (2003) também encontra quatro variantes: futuro sintético, *haver* + infinitivo, presente e *ir* + infinitivo em sua análise de textos teatrais dos séculos XVI, XVIII, XIX e XX da fala informal de brasileiros da classe trabalhadora, cujas gravações foram feitas entre 1991 e 2003, distribuídos por sexo, idade e grau de escolaridade. Seus resultados mostram que o futuro sintético decresce em uso (de 66% em dados do século XVI para 9% na escrita e 1% na fala em dados do século XX); a forma com *haver* + infinitivo com valor de futuro desaparece (30% dos dados no século XVI e 1% dos dados de escrita do século XX, sem registro na fala); existe um aumento no uso do presente (3% dos dados no século XVI e 18% dos dados de escrita e 14% das ocorrências de fala no

século XX) e a forma perifrástica *ir* + infinitivo tem seu uso aumentado significativamente, de 1% nos dados no século XVI para 73% dos dados de escrita e 85% dos dados de fala no século XX.

A autora constata que a forma perifrástica com *ir* é condicionada pelas frases afirmativas bem como constata que a ‘presença de advérbios específicos de futuro’ favorecem o uso do *presente do indicativo* na representação do tempo futuro. Malvar aponta, ainda, este fato como sendo uma barreira para que a forma perifrástica *ir* + infinitivo substitua definitivamente as outras variantes. E chama a atenção para o fato de que a forma presente vem sendo usada para expressar o futuro, sobretudo do próprio verbo *ir*, pois o *futuro sintético* (*irei*) está em desuso e a perífrase (*vou ir*) é ainda evitada e estigmatizada pelos falantes.

Por sua vez Santos (2000) e Silva (2002) formataram seus corpuses a partir de dados da língua oral. Santos (2000) que esteve focado em duas amostras, uma formal e uma informal, respectivamente, entrevistas da Rádio Jornal do Brasil e do PEUL2, constata a tendência ao apagamento gradual do *futuro sintético*, principalmente na fala informal, o que abre espaço para *ir* + *infinitivo*, que, por ser inovadora, mostrou-se mais frequente entre os jovens, o que, num estudo em tempo aparente, revela um processo de mudança em curso. Por sua vez o *presente do indicativo* foi atestado tanto em situações formais como em situações informais, com resultados próximos ora aos da forma perifrástica, ora aos da forma simples. Santos afirma que processo de mudança representação do tempo futuro em português se iniciou com o uso da forma de *presente do indicativo* (forma não marcada), que, usada em auxiliares modais, teria aberto caminho para o futuro perifrástico.

Silva (2002) analisou 11 gravações secretas de conversações telefônicas, de 5 entrevistas, de 3 elocuções formais, de 1 diálogo interativo entre duas donas-de-casa, de duas interações entre vários falantes colhidas de programas de televisão e de uma gravação de um programa de rádio com trechos de vários participantes. Seus resultados apontam que *ir* + infinitivo é a mais utilizada e o *futuro sintético*, a variante de mais baixa ocorrência, foi empregado com verbos monossilábicos e em contextos mais formais.

Todos, como esta tese também, apresentam um declínio no uso do *futuro sintético* e um crescimento no uso das *perífrases verbais* e do *presente do indicativo*, o que torna desatualizada a afirmação das GTs, tanto no tocante ao contexto apropriado para o *futuro sintético* (que ela apresenta como sendo a língua escrita) quanto no uso da perífrase *ir* +

infinitivo (apresentada como própria da conversação) ou do *presente do indicativo* (utilizada na representação de futuro próximo). Apresento abaixo, com mais detalhes, um estudo em dados de língua oral, Gibbon (2000) e outro baseado em textos escritos, Oliveira (2006), que analisa dados dispostos entre os séculos XIII e XX (tanto do PB como do português europeu) distribuídos em *dois corpora*.

2.4.1. A expressão do tempo futuro em dados de língua falada

Gibbon (2000) analisou 36 entrevistas do projeto VARSUL, todas do município de Florianópolis, e encontrou 743 ocorrências de contexto de futuridade. A variável (expressão do futuro) foi analisada a partir de três variantes: *presente do indicativo* (*estudo amanhã*), a forma perifrástica (*vou estudar amanhã*) e o *futuro sintético* (*estudarei amanhã*).

Por algumas das hipóteses apresentadas, a forma perifrástica vem assumindo o espaço tido como do *futuro sintético*, estabelecendo, dessa forma, uma variação entre ela e o *presente do indicativo* como formas e representar o tempo futuro. Outra hipótese foi a de que as *perífrases* seriam encontradas com tendências maiores entre os mais jovens, o que sugeriria uma mudança em tempo aparente.

Gibbon arrolou, entre outros, fatores linguísticos que viabilizaram a, como pretendido nesta tese, verificar a pessoa do discurso: *eu, nós, a gente, tu, você(s), ele(s)*; a projeção do fato futuro: tempo *próximo* ou *distante*; o que aqui se nomeia *contexto desencadeador* e Gibbon chama de marcas de futuridade, que é a presença ou ausência de marca (*advérbio* ou *locução adverbial*); *negação*: ausência ou presença de *negação* (que se busca, aqui, a partir do grupo de fatores *tipos de frases*) e *número de sílabas*: verbo principal com uma ou mais de uma sílaba. Como grupos de fatores extralinguísticos foram estudados: idade (faixa 1, de 14 a 24 anos; faixa 2, de 25 a 49 anos; e faixa 3, acima de 50 anos), sexo (feminino e masculino) e escolaridade (primário, ginásial e colegial).

Gibbon encontrou apenas dez ocorrências de *futuro sintético*, o que representa apenas 1,3% da amostra. A pesquisadora constatou, no corpus analisado, que a perífrase é a forma mais utilizada para representar ações futuras, seguidas do *presente do indicativo*. Devido ao número reduzido de dados, o *futuro sintético* teve de ser retirado da análise para que o VARBRUL pudesse rodar os dados expressivos, o que significa dizer que na língua

falada a forma canônica de representar o futuro, a partir do uso do *futuro sintético*, não é produtiva.

Segundo Gibbon os fatores que favorecem o presente do indicativo e a perífrase de futuro podem ser assim distribuídos:

Quadro 1 – Fatores que favorecem o presente do indicativo e a perífrase de futuro

Presente do indicativo	Perífrase de futuro
Condicionalidade	Marcas de futuridade (advérbios e locuções)
Modo subjuntivo	Modo indicativo
Futuro do futuro	Futuro simples
Verbos de movimento amplo com deslocamento de espaço	Verbos de estado, verbos de movimento amplo com deslocamento menor e verbos de movimento restrito e sem deslocamento
Pessoas verbais: ele(s) – menor compromisso no ato da fala	Pessoas verbais: eu, nós, a gente, tu, você(s) – maior compromisso no ato da fala
Auxiliares modais – poder, dever...	Auxiliar modal querer
Tempo distante	Tempo próximo
Fato habitual	Fato não habitual
Presença de negação	Ausência de negação
Presente do indicativo leva a presente do indicativo	Perífrase leva a perífrase
Verbo principal com uma sílaba	Verbo principal com mais de uma sílaba
Falantes mais velhos	Falantes mais jovens
Homens de meia idade	Mulheres de meia idade

Fonte Gibbon, 2000.

A conclusão mostrou que a perífrase de futuro encontra-se em processo de gramaticalização. Pode-se afirmar que ela está caminhando, pelo menos na língua falada, para representar definitivamente o tempo futuro. Uma análise do quadro anterior nos mostra que forças de naturezas diversas interagem e condicionam a distribuição das variantes em estudo para codificar os contextos de futuridade, e, como era esperado pela pesquisadora, o *futuro sintético* está definitivamente perdendo seu espaço para a forma inovadora, a perifrástica, o que também foi constatado nesta tese.

2.4.2. A expressão do futuro em tempo aparente, em tempo real de curta e de longa duração

Como mencionado acima, Oliveira (2006) analisou dados dispostos entre os séculos XIII e XX distribuídos em dois *corpora*. O primeiro, bastante relevante para esta pesquisa por possibilitar comparações entre *corpora* em tempo real, é composto por textos escritos do século XII ao XX. O segundo, por dados de língua falada e escrita³, do qual interessa, particularmente, o de língua escrita.

Para montar o *cópus* de textos escritos dos séculos XIII a XX a autora pesquisou dois do século XIII (Testamento de Afonso II e Foro Real de Afonso X), um do século XIV (*Flos Sanctorum*), cinco do XV (*Vida de Tarsis*, *Vida de uma monja*, *Morte de S. Jerônimo*, *Vida de Santa Pelágia* e *Carta de Caminha*) e um do século XVI (*Cartas de D. João III*), colhidos do Prohpor. Do século XVII foi analisado o texto *Cartas do Pe. Antonio Vieira*; do XVIII, *Cartas oficiais*, *Cartas de comércio – Brasil* e cartas comuns. Do século XIX foram apenas cartas: oficiais, pessoais e de editores. Do século XX são 48 textos de editoriais de jornais das duas cidades objeto de estudo do outro *cópus* (*A Tarde*, de Salvador; e *Jornal do Brasil*, do Rio) – 12 textos para cada cidade em cada década (1970 e 1990).

Para esse *cópus* Oliveira não arrolou grupos de fatores, trabalhou apenas com as frequências das variantes e obteve 2.248 dados, a partir dos quais é possível verificar que o *futuro simples* (sintético) era a variante mais utilizada e sua concorrente era, até o século XIX, a perífrase *haver + de + infinitivo*, o que muda no século XX, passando a concorrência a ser desempenhada pela forma perifrástica *ir + infinitivo*. Observa-se ainda que a representação do tempo futuro a partir do *presente do indicativo* é bastante antiga na língua, nesse *cópus*, com ocorrência já no século XIV, e no XX a forma ultrapassa a perífrase *haver + de + infinitivo*. Os resultados do *cópus* 2 desta tese corroboram os de Oliveira, sendo que as formas, inclusive, apresentam os mesmos comportamentos, o que vem mostrar que os textos escritos também estão priorizando a representação do tempo futuro pelas *perífrases*, em detrimento ao *futuro sintético*, próprio desse tipo de texto, segundo as GTs.

Com o segundo *cópus*, Oliveira (2006) se propõe a fazer dois tipos de análises: uma em tempo real de curta duração e outra em tempo aparente, que é o que se pretende

³ O recorte de escrita do século XX é utilizado nos *dois corpora*.

também nessa tese. Este último, por sua vez, é dividido em três partes, uma com 12 inquéritos do tipo Elocução Formal (EF), todas da década de 1970, outra com 24 inquéritos do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID), todos do projeto NURC, com informantes de duas capitais brasileiras, Salvador e Rio de Janeiro, mais os dados de língua escrita do século XX, já citados. Sendo que a mais interessante para este estudo é a esta última, que proporcionará uma análise comparativa entre dois *córpus* constituídos a partir da língua escrita no mesmo período.

Oliveira arrolou quinze grupos de fatores linguísticos, destes os que interessam diretamente para o estudo aqui apresentado são:

1. extensão fonológica do verbo: uma, duas, três ou quatro sílabas;
2. tipo de sujeito: preenchido, oracional, oculto, indeterminado ou inexistente, em especial os casos de sujeitos preenchidos ou não;
3. projeção de futuridade: próximo, distante, indefinido e
4. presença ou não de marcas de futuridade fora do verbo: advérbios etc., aqui focado apenas na posição anterior à representação do tempo futuro (*contexto desencadeador*).

Os grupos de fatores extralinguísticos analisados pela pesquisadora foram seis, dos quais destaca-se *sexo*, *faixa etária*, *década*: 1970 e 1990 e *estilo de registro de fala ou situação*: mais formal ou menos formal.

Na análise de tempo real de curta duração em que a autora confrontou dados de língua falada e escrita o que se pode perceber é uma inversão de uso das variantes. Na língua falada o que predomina é o uso da *perífrase* e, na escrita, o *futuro sintético*. Focando apenas nos textos escritos do século XX, percebe-se que a perífrase *ir + infinitivo* passou a constar, na década de 1990, em contextos que na anterior apareciam com o *futuro sintético*, mas a predominância, nos textos analisados, ainda é representar o tempo futuro a partir da forma sintética.

É possível ver que nos dados de língua falada, independentemente se mais ou menos formais, o que predomina são as perífrases e que há uma diferença nos dialetos das duas cidades em estudo. A cidade de Salvador se mostra mais conservadora do que a do Rio de Janeiro, especialmente na década de 1970. Na década seguinte, o que se percebe é que esse conservadorismo acaba cedendo, provavelmente, segundo a autora, pelo salto de crescimento por que passou Salvador, o que evidencia a importância da correlação entre os

fatores linguísticos, históricos e demográficos, pois se percebe por esse viés que a projeção social de Salvador dada dos anos 1970 para 1990 implementou o uso da forma perifrástica.

A análise mostra que nas falas (DID's) dos anos de 1990 o futuro perifrástico praticamente suplantou o *futuro sintético*. Isso endossa dizer que existe uma mudança em andamento. Observa-se ainda que o tempo futuro representado pelo *presente do indicativo* exige contextos mais específicos para acontecer e praticamente mantém uma estabilidade de uso, diferente do que foi encontrado nesta tese.

Nesse ponto, tendo apresentado o Embasamento Teórico, com a Teoria da Mudança Linguística, a Gramaticalização, o Aspecto e a Modalidade, bem como uma breve revisão da literatura da área, se faz necessário, explanar um pouco mais sobre o objeto de estudo desta tese: o tempo verbal futuro. Eis, portanto, o assunto do próximo capítulo, na sequência.

CAPÍTULO 3

O TEMPO FUTURO

Tempo: Futuro
Guilherme Lima
(*1987)

*Palavras perdidas no meio de tantas mentiras
Saudades, tristezas, verdades: há uma ligação nisso tudo,
Eu tento escapar pra bem longe
Onde não possam me achar
Pra me falarem das coisas que estão acontecendo,
Eu prefiro não saber.
Às vezes penso em fugir
Pra não ter que chorar,
Pra não me ferir,*

*Mas sempre fico pra enfrentar
São tantas as coisas
Que não quero lembrar.
Quando tudo tiver acabado
Pra onde é que **vamos ir?**
Cada um no seu canto,
Cada um por si?
Talvez no futuro ainda haja salvação
A necessidade **vai trazer** de volta a união.
Às vezes penso em fugir
Pra não ter que chorar,
Pra não me ferir,
Mas sempre fico pra enfrentar
São tantas as coisas
Que não quero lembrar.*

3. O TEMPO FUTURO

As GTs apresentam o *futuro do presente*, doravante *futuro sintético*, como tempo ao qual se pode, inclusive, associar modos diferenciados: indicativo e subjuntivo. No português elas apresentam a tríade temporal: passado, presente e futuro, como se fosse, nas palavras de Silva (2002), "*simplesmente uma divisão de tempo linear, (...) impedindo o alcance de sua significação no discurso.*"

Pereira (1927, 1910) apresenta a tríade do tempo sem ressalva especial e atribui somente ao tempo verbal *futuro* a possibilidade de referir-se a um tempo posterior ao ato da fala. Já em sua obra de 1932, à página 503, antes de falar sobre os três tempos fundamentais salienta que *as diversas épocas da duração, expressas no presente, passado e futuro, só se fazem sentir com rigor no modo indicativo. Nos outros modos a noção de tempo é mais determinada pelas circunstâncias da frase, do que pela forma verbal*. Após esta elucidação o autor apresenta a trilogia do tempo e esclarece que o presente é utilizado com projeção à futuridade *quando queremos expressar com mais segurança algo a realizar-se em um futuro próximo*.

O tempo *futuro* propriamente dito Pereira apresenta a partir de seu *etymo* (*futurus* – *o que há de ser*) e o divide em *futuro imperfeito* (ou *futuro simples*) e *futuro perfeito* (ou *futuro composto*). O *futuro simples*, historicamente composto por *amare* + *habeo* → *amar* + *hei* → *amarei*, ele chama de imperfeito por fazer referência a uma mera futuridade, uma ação realizável, dependendo, às vezes, de algum outro fato também futuro, o que ele exemplifica com *Irei, ou Irei quando elle vier*. Por outro lado o *futuro composto* é tido como *perfeito* por enunciar um fato anterior a outro mais afastado. Segundo ele ainda, o *futuro simples*, o imperfeito, tem duas aplicações além da principal, que é indicar o futuro: usada no modo imperativo⁴ para ordem (Não furtarás! Não matarás!) ou para expressar dúvida ou afirmação atenuada (Será?).

Said Ali (1921, 1964: 68), Rocha Lima (1985: 108) apresentam a mesma definição

⁴ Ao expor sobre os tempos do imperativo ele esclarece que este modo só tem o tempo presente, tendo em vista sua etimologia (do presente latino *ama*, *amae* – *ama*, *amate*), mas ressalta que em português são possíveis dois tempos com o imperativo: o presente e o futuro, sendo que para frisar o futuro se faz necessária a utilização de advérbios, locuções ou orações adverbiais agindo ao lado do verbo no presente, como nos exemplos: *Faze amanhã o que te digo. Obedece quando fores chamado*. Desde modo o autor fecha seu comentário mostrando que, quanto a origem, o *imperativo*, no português, tem apenas um tempo, mas quanto a sua significação, dois.

e divisão deste tempo verbal, mas com outra nomenclatura: futuro do presente e futuro do pretérito.

Na mesma linha temos Cegalla (1976: 123) que na seção destinada aos verbos auxiliares cita como exemplo, entre outros cinco, a frase *O secretário vai anunciar os resultados*, sem acrescentar comentários sobre qualquer nuance de futuridade ou mencionar a possibilidade de *ir* funcionar como verbo auxiliar.

Almeida (1979: 228) apresenta como característica do tempo *presente* o fato de ele ser empregado para representar um futuro próximo e, sobre o *futuro*, nada acrescenta ao que os gramáticos precedentes disseram. Destaco neste caso que o autor, ao explicar o *futuro do presente composto*, usa a perífrase verbal *ir* (no futuro)+ *infinitivo* por duas vezes e não a menciona como forma de futuro. Ao explicar a frase *Terei estudado quando ele estudar*, Almeida escreve assim: *Ele ainda irá estudar (é futuro, portanto), e também eu ainda irei estudar, mas quando ele estudar eu já terei estudado*.

Cunha (1984) observa a possibilidade de o presente do indicativo atribuir futuridade a determinados contextos e acrescenta que, além de fazer referência a um futuro próximo, o presente na indicação do tempo futuro insere mais certeza à realização do fato que está por ocorrer (idem: 431). Este autor apresenta algo que os demais não fizeram: uma lista de substitutos do futuro simples na língua falada. Esta lista é composta de três situações que, apesar de representarem uma inovação, não correspondem à realidade da língua quando o autor as coloca como substitutas do futuro do presente apenas nas conversações, são elas:

1. presente do indicativo do verbo *haver* + *preposição de* + *infinitivo do verbo principal*, cuja função seria a de expressar a intenção de realizar um ato futuro;
2. *presente do indicativo do verbo ter* + *preposição de* + *infinitivo do verbo principal*, o que designaria uma ação futura de caráter obrigatório;
3. presente do indicativo do verbo *ir* + *infinitivo* do verbo principal, que indicaria uma ação futura imediata ao ato da fala.

Não mencionada pelo gramático, a segunda substituição sugerida apresenta, na língua, variações da preposição que liga o verbo auxiliar ao principal, que tanto pode ser *de* quanto *que*. Esta observação de Cunha pode significar um avanço no que se refere à

postura da GT em relação à língua, pois ele lembra em sua gramática de fatos próprios, segundo ele, da língua falada, o que não é praxe. Como comentado acima, o que, a meu ver, mostra ainda uma visão parcial dos verdadeiros fatos da língua, haja vista que as “substituições” por ele sugeridas acontecem também em **textos escritos**, inclusive nos autores consultados por ele para exemplificação na sua obra. Abaixo podemos ver exemplos retirados de escritores brasileiros:

- (7) Esta noite *hei de entabular* um namoro romântico. (*A Moreninha*, Joaquim Manuel de Macedo, 1844, pág. 7, um rapaz para outro.)
- (8) Acontece que *temos que voltar* para casa. Estou esperando um telefonema de minha mãe, que *vai ligar* de São Paulo. Por que vocês não *continuam* essa conversa lá em casa? (*O sertão vai virar mar*, Moacir Scliar, 2002, pág. 63, garoto para outros.)
- (9) Digo-lhe que escolhi o homem com quem *hei de me casar*! (*Senhora*, José de Alencar, 1875, pág. 35, Aurélia para seu tutor.)
- (10) Como tutor, *tenho de dar* a minha aprovação! (*Senhora*, José de Alencar, 1875, pág. 9, tutor para Aurélia.)
- (11) De certo, meu tutor, mas essa aprovação o senhor não *há de ser* tão cruel que a negue! (*Senhora*, José de Alencar, 1875, pág. 9, Aurélia para seu tutor.)

Cunha (1984: 380) e Cunha & Cintra (1985: 385) mencionam, na seção “verbos auxiliares e o seu emprego”, que alguns auxiliares *se ligam ao infinitivo ou ao gerúndio para indicar matizes de tempo ou para marcar certos aspectos do desenvolvimento da ação*. Segundo os autores, *verbo auxiliar + infinitivo do verbo principal é usado para exprimir a certeza de que uma ação será realizada em futuro próximo*.

Quase sem exceção, a GT tem como objetivo controlar a representação escrita da língua, sendo qualificado de erro o que não segue esse modelo. Mattos e Silva (2001) lembram que sequer as gramáticas pedagógicas escapam disto e Perini (1993: 06) aponta ainda outros problemas: incongruência teórica e falta de coerência interna, seu caráter predominantemente normativo e o enfoque centrado em uma única variedade da língua, o dialeto padrão (escrito), com supressão de todas as demais. Ou seja, o ensinamento que a GT apresenta é conflitante e não encontra respaldo nem na língua falada corrente nem na literatura justamente por impor regras exclusivas de uma variedade, como se o português brasileiro fosse uma língua homogênea. O fato de a GT não registrar as mudanças que se operam na língua vem aumentando a distância entre ela e a língua falada realmente.

Linguístas, não gramáticos, têm uma visão diferenciada sobre esse assunto,

principalmente no tocante ao que se denomina *tempo futuro* que alguns resistem a considerar como um tempo verbal, preferindo entendê-lo como uma modalidade, um modo. O futuro envolve toda e qualquer ação ou desejo projetados para mais tarde, para além do momento em que se está, podendo esse tempo ser muito ou pouco distante. Segundo Oliveira (2006:73) *ele tem um valor temporal que não permite expressar uma modalidade factual, pois só aceita asserções segundo a avaliação feita pelo falante da (im)possibilidade de ocorrência de um estado de coisas. Assim, há um valor modal aliado ao fator temporal no futuro que compromete a determinação do valor de verdade da proposição anunciada.*

A atribuição ao futuro de certo valor modal também pode ser vista em Câmara Jr. (1957) onde o autor afirma que o futuro começa muito mais como modo do que como tempo, pois *não ocorre pela necessidade da expressão temporal.*

A questão que fica, então, é: o futuro é tempo ou modo? Essa questão se torna relevante no português porque existe um ponto em que basicamente os estudiosos concordam: o futuro, em oposição ao passado e ao presente, tem uma carga de incerteza, de desejo, de possibilidade. Essas cargas semânticas, em português, são atribuídas pelos modos: indicativo, subjuntivo, imperativo, que, respectivamente indicam: certeza, possibilidade e ordem. Se o futuro também denota isso, o que ele é? Segundo Lyons (1995:320) essa falta de clareza para distinguir tempo e modo não é sempre descrita de maneira clara nas línguas de modo geral, portanto o português não é exceção, o que mantém a questão acima colocada sobre o a categorização do *futuro*.

3.1. No latim

No século III o latim apresentava três formas de futuro (Câmara Jr. 1956):

- arcaico;
- subjuntivo e
- formas em *-bo*.

Destas, somente as últimas, formas sintéticas, prevaleceram no latim vulgar, que, nesse período passou a priorizar as gradações modais. Gradações essas que expressavam o tempo futuro através do *dubitativo*, *volitivo*, *desiderativo* e do *hipotético*. Sendo assim, vê-

se que, além da forma em *-bo*, o latim já apresentava formas perifrásticas na representação do tempo futuro.

Fleischman (1982) chama a atenção em especial para a combinação do futuro ativo participípio em *urus + sum: amaturus sum*, que é uma perífrase que, por conotar iminência, posteridade, passou a indicar tempo futuro. Além dessa *perífrase* que já era indicativa de futuro havia a formada pelo infinitivo do verbo principal + presente do verbo *habere: facere habeo, facere hei, etc.* Forma herdada pelo português, que diferente das demais línguas românicas não herdou o futuro em *-bo*. Essa forma apresenta a ordem dos verbos da perífrase invertida se comparada ao que hoje temos como representação do tempo futuro, ou seja, no latim as perífrases indicativas de futuro de faziam com o verbo auxiliar após o verbo principal.

Menon (2003: 80) apresenta essa característica como sendo própria do latim, não das línguas românicas. Para ela o *futuro deve ter sido empregado com forma sintetizante desde o latim vulgar; caso contrário, não se explica como o auxiliar ficaria depois do verbo principal*. A autora destaca ainda a formação de alguns tempos compostos como o mais-que-perfeito do indicativo, de origem românica, onde a ordem é *verbo auxiliar + verbo principal*. Nesses casos os dois verbos são flexionados, como em *tinha deixado* o que pode ter impedido a fusão das duas formas verbais, já que ambas mantinham seus acentos.

No caso das perífrases com o auxiliar *habere* posposto ao verbo principal, esse acaba por sofrer uma erosão fonética bastante forte, o que o faz gramaticalizar-se completamente a ponto de transformá-lo de verbo em morfema indicador de tempo futuro: *amare hei → amarei*. A partir daí existem em concorrências as duas formas de representação do tempo futuro: o *futuro sintético*, o *haver + de + infinitivo*.

Paralelamente o *presente do indicativo*, à medida que o momento da enunciação passa a sofrer concorrência da *perífrase estar + gerúndio*, vai sendo pouco usado nessas circunstâncias temporais, e, ainda nas palavras de Menon, passa a funcionar como um *não presente*, uma forma verbal neutra. Assim, com essa nova característica, ele passa a ser utilizado associado a advérbio de tempo na representação de algo a se realizar.

3.2. No Português do Brasil

Atualmente temos basicamente quatro maneiras de representação do tempo futuro no PB: *haver + de + infinitivo*, arcaico e encontrado em contextos específicos, o *futuro sintético*, visto acima, encontrado de maneira extremamente restrita na fala (Gibbon 2000), basicamente produtivo em textos escritos, onde também está perdendo terreno para as perífrases, conforme Oliveira (2006), o *presente do indicativo* e as *perífrases verbais*, especialmente *ir + infinitivo*.

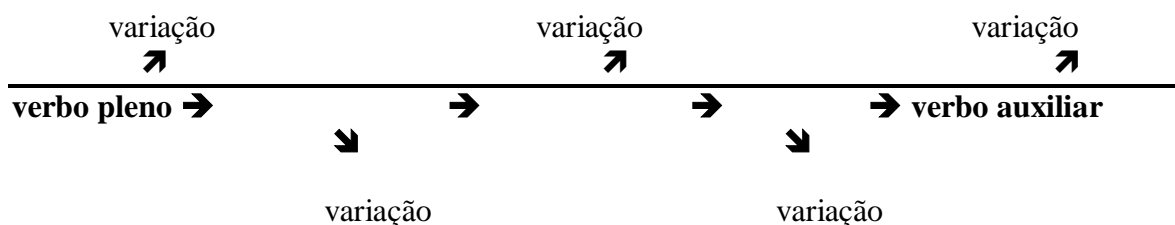
Essas variantes revelam que existe atualmente, na representação do tempo futuro, um processo de mudança em curso. Segundo Menon (op. cit.) a mudança se caracteriza pela especialização que o *futuro sintético* vem assumindo, de representar o tempo futuro em contextos escritos, *aparecendo raramente na expressão oral*, onde o presente do indicativo e as perífrases são concorrentes.

3.3. A perífrase *ir + infinitivo*

A GT tem por tradição apresentar somente quatro verbos como auxiliares na língua portuguesa: *ser*; *estar*; *ter* e *haver*. Na construção perifrástica *ir + infinitivo* na representação do tempo futuro, o verbo *ir* funciona como auxiliar, projetando para frente a ação estabelecida pelo verbo principal. Nessa função *ir + infinitivo* é considerada forma inovadora e essa projeção possivelmente tenha se originado a partir da metáfora espacial característica do verbo *ir*, que indica deslocamento, se transformando em metáfora temporal, responsável pelo deslocamento da linha do tempo. Essa transformação ocorre devido ao processo de gramaticalização.

3.3.1. A gramaticalização de *ir + infinitivo*

Menon (2003: 80) apresenta o seguinte esquema como explicativo do processo de gramaticalização de um verbo pleno em auxiliar:



O esquema apresenta o verbo pleno conquistando novos espaços de uso e assumindo diferentes funções; a partir dessas funções que ele vai adquirindo no contínuo do processo ele passa a concorrer com formas linguísticas já existentes no sistema. Essa concorrência por muitas vezes acaba por sobrepor a forma inovadora sobre a antiga, o que gera a mudança. No processo de gramaticalização a forma inovadora vai perdendo seu significado original e assumindo outros, o que Hopper & Traugott (2003) chamam de *bleaching*, uma espécie de branqueamento da forma original, identificador de que ela vai perdendo a vivacidade, a cor, a identidade semântica.

Esse processo de perda do significado original é devido, até certo ponto, ao fato de a metáfora espacial gerar a metáfora temporal. O verbo *ir* denotava espaço, deslocamento de um lugar a outro, ou seja, o sentido pleno do verbo tem essa denotação metafórica de deslocamento temporal.

- (12) Sim, minha senhora; e peço-lhe perdão por me haver tornado incômodo, pois fui, sem dúvida, tão minucioso em minha narração que eu mesmo tanto me fatiguei, que *vou beber* uma gota d'água. (*A Moreninha*, Joaquim Manoel de Macedo, 184, pág. 39, rapaz para moça.)

ou como no exemplo abaixo, onde o verbo *ir* (ainda pleno) + *infinitivo* assume uma significação de ordem atenuada:

- (13) Neste momento Filipe abriu a porta do gabinete e, dirigindo-se aos dois, disse:
— *Vamos jantar*. (*A Moreninha*, Joaquim Manoel de Macedo, 1844, pág. 18, rapaz para amigos.)

Nesses exemplos o verbo *ir* é pleno, indica deslocamento espacial, a pessoa sai de um lugar e vai para outro. No exemplo (13) o contexto faz com que a fala seja entendida como um convite, um visto de que o jantar está servido, não é uma ordem. Esse *ir* tem uma finalidade, mesmo sem nenhuma preposição, expressa pelo outro verbo, no infinitivo. O (s) sujeito (s) da ação verbal vai (vão) a algum lugar *para beber* ou *para jantar*. A água ou o jantar não estão ali para que se possa entender como um futuro perifrástico, ‘...*que beberei um gota d’água*’, ou ‘*Jantarei...*’ A informação é de que os sujeitos precisam sair de onde

estão e ir até onde tem a água ou se dará o jantar.

Essa transição espacial possibilitou, com o uso, o sentido de deslocamento temporal, onde a ação de ir se dá no tempo, não no espaço. O verbo *ir* designa deslocamento de um ponto ‘daqui para lá’, e isso, nas perífrases temporais, passa a ser entendido como do presente (daqui onde estou) para o futuro (para lá, onde estarei).

Menon aponta algumas etapas nesse processo de auxiliarização do verbo *ir*. A autora mostra, no trabalho acima citado, que, após essa ideia de deslocamento espacial simples houve uma de deslocamento espacial com finalidade específica como nos exemplos:

(14) Não aguento mais este clima *vou para* a ilha *nadar*. (Pato Donald 03, pág. 04, 1950, Donald para iguais.)

(15) *Vou para casa ler*. (Pato Donald 03, pág. 29, 1950, Lobinho para porquinho.)

Em etapa seguinte a ideia de deslocamento com objetivo específico já estaria mais atenuada. Passou de algo na iminência de ser realizado, ou de que só se deu o primeiro passo, para o provável cumprimento de algo que ainda não foi feito (metáfora temporal), como em:

(16) *Vamos a ver!* (*Senhora*, José de Alencar, pág. 09, 1850, tutor para Aurélia.)

Nesse exemplo o verbo *ir* ainda pode ser considerado pleno ‘*vamos (ao lugar) a (para) ver*’, mas também pode ser entendido como auxiliar de futuridade ‘*vamos ver*’, depois, mais tarde, em outro momento ‘*veremos*’. Segundo Menon esses passos culminaram na construção perifrástica para representar o futuro em português.

A supressão da preposição pode ser analisada como um processo de reanálise, segundo os critérios de Hopper & Traugott (2003). Essa reanálise acontece porque, com a supressão da preposição, as fronteiras dos constituintes são alteradas e as novas fronteiras acabam por unir o verbo *ir* ao infinitivo, nascendo a perífrase *ir + infinitivo*, como em:

(17) *Vou para cuidar* disso! (Pato Donald 608, pág. 34, 1960, Donald para Hzl.)

que passaria a:

(17') *Vou cuidar* disso!

Onde a conjunção de finalidade *para* deixa de ser utilizada atribuindo ao verbo *ir* a função de auxiliar do verbo *cuidar* e a metáfora espacial já seria interpretada como temporal, equivalente ao *futuro sintético*, como na sequência:

(17'') *Cuidarei* disso!

Ou seja, o caminho seria:

Vou para cuidar	→	Vou cuidar	→	Vou cuidar
Metáfora espacial com preposição separando as fronteiras.		Sem a preposição separando as fronteiras e abrindo a possibilidade de interpretação a partir de metáfora temporal.		Metáfora temporal, que possibilita a interpretação de futuridade.

Oliveira (2006), além citar esses passos no processo de gramaticalização do verbo *ir*, menciona o seu caráter polissêmico, característica dos verbos de movimento. Essa polissemia explicaria a passagem de uma metáfora para outra. A autora apresenta um caminho dessa perífrase com exemplos do século XIV ao XX onde a carga polissêmica fica evidente (op. cit. 75, 76) e a mudança de uma metáfora para outra também. A autora começa esse caminho com um exemplo do século XIV apresentando **o verbo *ir* ainda como verbo pleno, expressando movimento no espaço:**

(...) E o mercador ñ quis tardar e mandou do seu a seus homeens o que teve por bem, desy que dessem todo o al a pobres e *foy-se* entõ com Sam Panuco përa o deserto [...] Depois de pouco tempo *foy-se* aquel mercador përa companhia dos sanchos (Oliveira, 2006: 75).

Na sequência apresenta nove exemplos do verbo ***ir* com valor aspectual, indicando progressão, aumento e continuação**, dos quais reproduzo apenas um, do século XIV:

(...) e a Alexândria porto do Nilo, dõde *vão ter* nas galees de Veneza përa se vendere... (op. cit. 75)

Do século XVII a autora apresenta um exemplo de ***ir* como verbo modal, indicando intenção**:

(...) Quando fui a esta Conquista no anno de 1618 se aballarão muitas pessoas das Ilhas a meu exemplo, parecendo-lhes que pois eu sem obrigações, *a hir buscar* remédio deixaua o regallo de Lixboa... (op.cit. 76)

O caminho apresentado por Oliveira (2206) se encerra com exemplos onde o verbo *ir* exerce a função de verbo auxiliar de futuro, para o que a pesquisadora cita dois exemplos, ambos do século XX, um deles é:

(...) hoje os senhores não sentem... são novos... mas daqui a cinco, seis anos *vão sentir*... e a família... o dia que o senhor morrer... sua família *vai viver* de quê?

Com essa passagem o verbo *ir* passa a ser mais gramatical que lexical, segundo Martelotta (1998) é justamente essa polissemia que propicia a mudança semântica, que, por sua vez, propicia a interpretação como auxiliar em expressões de futuridade.

Segundo alguns autores, entre eles Traugott (2003), o processo de gramaticalização não se limita a um item. Ele é contextualizado, envolve outros elementos para que venha a ocorrer, como é o caso da preposição, separador de fronteiras em um determinado momento, envolvida no processo de gramaticalização.

Encerrada a explanação sobre o tempo verbal futuro, sua situação no latim e no português brasileiro, bem como apresentada a perífrase *ir + infinitivo* e seu processo de gramaticalização, veremos maiores esclarecimentos sobre a constituição dos corpus desta tese bem como a metodologia aplicada na análise dos dados, que é o que se tem no capítulo 4, a seguir.

CAPÍTULO 4

PONTO DE PARTIDA E METODOLOGIA

Amanhã
Guilherme Arantes
(*1942)

Amanhã
Será um lindo dia
Da mais louca alegria
Que se possa imaginar
Amanhã
Redobrada a força
Pra cima que não cessa
Há de vingar
Amanhã
Mais nenhum mistério
Acima do ilusório
O astro-rei *vai brilhar*
Amanhã
A luminosidade
Alheia a qualquer vontade
Há de imperar

.....
Amanhã
Mesmo que uns não queiram
Será de outros que esperam
Ver o dia raiar
Amanhã
Ódios aplacados
Temores abrandados
Será pleno, *será*

4. PONTO DE PARTIDA E METODOLOGIA

Os resultados deste trabalho foram obtidos a partir de dois *corpora*. Um deles basicamente o mesmo que utilizei em minha dissertação de mestrado, na UFPR, composta pela revista em quadrinhos Pato Donald e a outra por um conjunto de romances brasileiros, publicados a partir do século XVIII.

4.1. As revistas em quadrinhos Pato Donald

Essa parte do *cópus* é formada por revistas em quadrinhos editadas entre os anos de 1950 e 2004. Temos, portanto, 54 anos de recuo, o que nos possibilita uma análise em tempo real de curta duração. Procurou-se equiparar o número de revistas consultadas por ano selecionado para evitar grandes disparidades de números de ocorrências na leitura dos resultados.

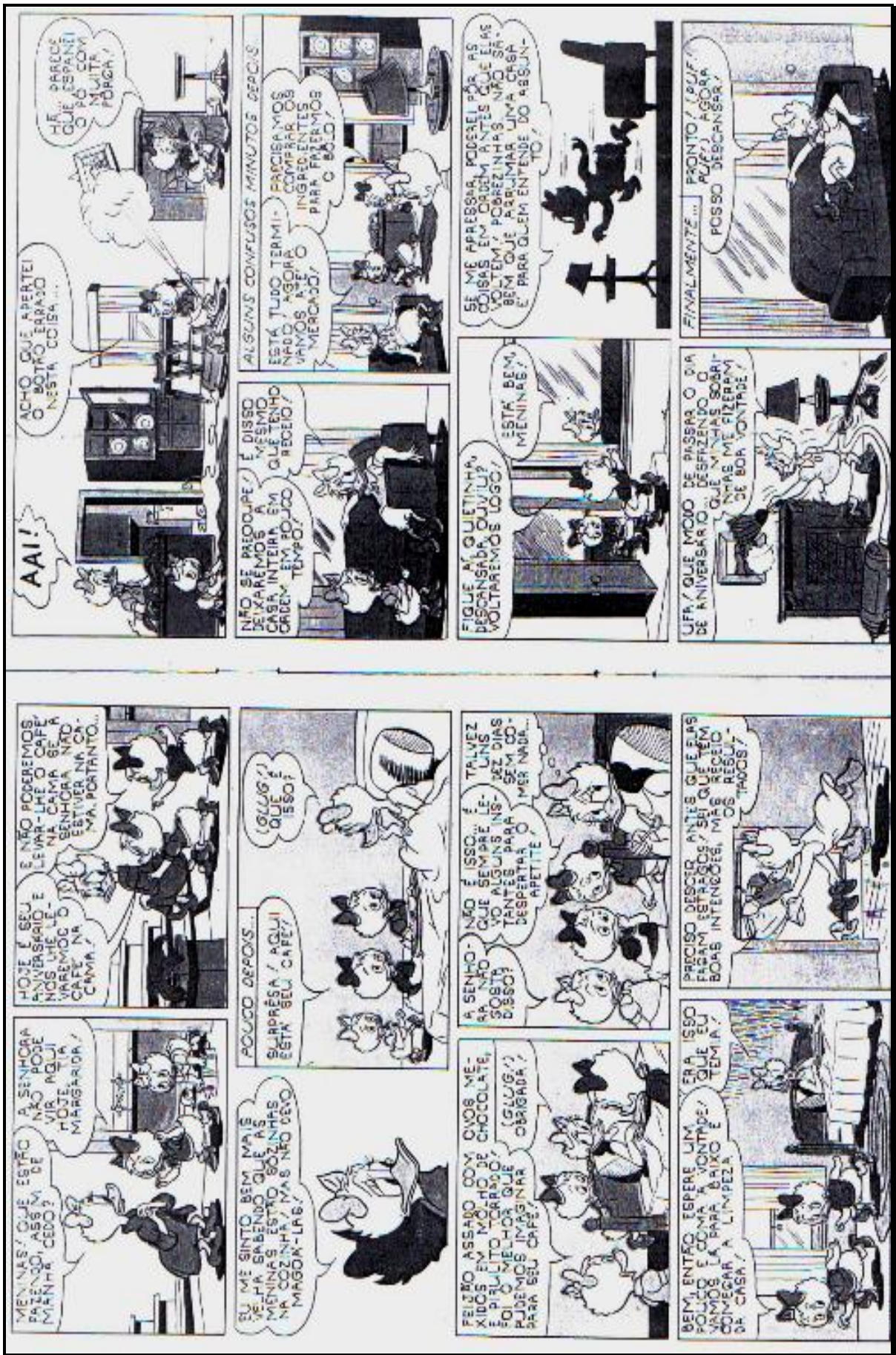
Essa revista, dentre tantas outras, foi escolhida por ser uma publicação que atinge boa parte da população, independe da idade e pela possibilidade de meio século de recuo, o que nos permite uma razoável visão dos processos de variação. Nessa pesquisa os períodos analisados serão identificados pelas respectivas décadas: 1950, 1960, 1970, 1980, 1990 e 2000.

O personagem Pato Donald foi criado por Carl Barks, um dos maiores colaboradores de Disney, em 1933. Quatro anos mais tarde a editora Abril o lançava no Brasil em seu *Suplemento Juvenil* com o nome *Sinfonia Singular* (CAVALCANTI, 1949). Somente em 1950 o personagem passou a ter sua própria revista, conquistada pelo seu sucesso de vendas e de público. E é a partir daí, da revista individual, que começamos a analisar os textos: de 1950 a 2003/2004.

Como minha dissertação de mestrado teve seu início em 2003, estabeleceu-se como critério para a constituição do recorte de língua as revistas editadas nos anos de final três, ou seja, 2003, 1993, 1983, 1973, 1963, como não foi possível localizar nenhuma edição original das revistas publicadas em 1953, optei pela inclusão das edições dos três primeiros anos, reeditadas em versão fac-similar, por ocasião de seu 20.º aniversário, na década de

70. Na época a revista tinha um formato diferenciado, duas vezes maior do que sua versão atual. Seus quadrinhos eram bastante grandes, proporcionais ao tamanho da revista, que media 20 X 26 cm. A tiragem era mensal e os quadrinhos grandes ocupavam muito espaço, desta maneira a amostra que temos dessa época equivale às demais, conforme podemos observar abaixo a partir da reprodução da página 29 da revista de número 03, editada em 1950, onde há quinze quadrinhos. Quando da nova diagramação (imagem seguinte) as páginas diminuíram pela metade, abarcando em média sete quadrinhos. Abaixo podemos observar o tamanho natural da página acima mencionada e de duas páginas da revista 608, editada em 1963, uma com oito e a outra com sete quadros:





As duas imagens, uma com uma página e a outra com duas, se equivalem em tamanho e em números de quadrinhos. A formatação assumida a partir de 1963 (segunda imagem) é mantida até hoje.

Semelhante ao critério utilizado para a década de 1950 decidiu-se também dividir a amostra do ano de 2003, uma composta por revistas de 2003 e a outra por edições de 2004, que era o ano em que o corpus estava sendo constituído. A intenção também foi de aproximar o máximo possível as últimas ocorrências ao momento de realização do trabalho.

Além dessas diferenciações a amostra representativa da década de 1980 apresenta uma edição de 1984, devido à impossibilidade de completar o número mínimo de edições datadas de 1983. Os números de publicações analisadas em cada período e a periodicidade na ocasião da publicação estão expostos no Quadro 2, abaixo:

Quadro 2 – Número de revistas Pato Donald, por ano de publicação.

Ano de publicação	Periodicidade	N.º de exemplares
Década de 50	Mensal	21
1963	Semanal	23
1973	Quinzenal	21
1983	Quinzenal	20
1993	Quinzenal	22
2003/04	Quinzenal	20
Total consultado	-----	127

Houve grande dificuldade em conseguir mais exemplares no sentido de fechar o número de publicações do período, que, no caso das edições mensais perfazem 12 publicações, nas semanais 48 e nas quinzenais, 24. No caso da década de 1950 foram consultadas as 21 primeiras publicações, conforme já informado acima, reeditadas na década de 1970, em edições especiais: três volumes unindo sete publicações cada.

As revistas que compõem a amostra da década de 1960 foram especialmente difíceis de serem localizadas. As consultadas foram conseguidas junto à Diretoria do Patrimônio da Fundação Cultural de Curitiba, local não acessível ao público para empréstimo ou consulta. Alguns exemplares de 1983 e 1973 foram consultados junto à Gibiteca, setor da Fundação Cultural de Curitiba, aberto ao público, detentor de um acervo de mais de 40.000 revistas em quadrinhos. Outro número considerável de exemplares foi

garimpado em sebos da capital paranaense, que hoje constituem parte de meu arquivo pessoal.

É bastante frequente ouvir de pessoas leigas, do senso comum e até de professores de língua que as histórias em quadrinhos (doravante HQ) são a representação da linguagem oral, o que não é verdade. Em Silva (2005) a diferença desta revisão fica evidente quando os resultados, a partir do *córpus* constituído pelas HQ, é muito próximo dos resultados de pesquisas a partir de outros *corpora* de língua escrita *apesar da intenção do editor de simular a fala e do senso comum, inclusive de muitos professores de português, que condenam sua leitura com a justificativa de que elas representam a fala, e, portanto, não são indicadas para a leitura dos alunos* (op. cit.: 95). Naquela pesquisa foram encontrados apenas 30% de preenchimento do sujeito pronominal, números bastante distintos dos encontrados a partir de *córpus* de entrevistas, como Botassini (1998), por exemplo, que encontrou, num *córpus* constituído a partir das entrevistas do VARSUL, 61% de preenchimento e 39% de ausência. O índice baixo de preenchimento de Silva (2005) mostra que a revista em quadrinhos Pato Donald não é representação da língua oral; apesar da intenção do editor de simular a fala. 30% de preenchimento, em um *córpus* constituído de amostra da língua escrita está bem próximo do encontrado por Lira (1988) que foi 22%.

Para Menon (2003: 97) essas publicações são produções ambivalentes *já que, na condição de texto impresso passam por um processo de revisão editorial*. É muito fácil perceber características da língua escrita, que tornam bastante artificial a fala das personagens. Na revista número 1, por exemplo, é possível ler as seguintes mesóclises na fala dos sobrinhos do Pato Donald:

- (18) Com isto fá-la-emos em pedaços! (Pato Donald, nº 1, 1950, pág. 32, Hzl entre eles.)



- (19) Eu procurá-lo-ia por ali, irmão... (Pato Donald, nº 1, 1950, pág. 40, Hzi entre eles.)



Mesmo há mais de meio século, nos anos 1950, as crianças, que é o grupo que os patinhos representam, possivelmente não usavam mesóclises em suas falas, como as de hoje também não usam. Essa forma não é comum na linguagem oral, atualmente pouco se vê delas até mesmo em textos escritos. Além disso, a preposição *para*, na linguagem oral, é representada pela contração *pra* em falas do dia a dia, como é o caso dos quadrinhos acima.

As mesóclises continuam a aparecer até meados de 1963, em número mais reduzido. No quadrinho abaixo temos um exemplo de mesóclise com o *futuro do presente*, tempo verbal que apresentou um uso decrescente neste corpus, o que corrobora estudos do PB atual, como por exemplo, Gibbon (2000) e Silva (2003a), entre outros.

- (20) Levá-los-ei lá, mas eu permanecerei aqui na barraca! (Pato Donald, 582, 1960, pág. 05, Donald com sobrinhos)



Nesse quadrinho também é possível verificar o verbo *estar*, que aparece representando a escrita, pois, em situações de fala, principalmente na fala das crianças, ele

aparece contraído na forma *tá – tá certo!* - Duarte (1993) afirma que em textos escritos a linguagem é sempre mais conservadora, por mais que haja uma tentativa de simular a fala. Na obra acima referida a autora apresenta um estudo do preenchimento do pronome sujeito a partir de textos de sete peças teatrais, de 1845 a 1992. A fim de verificar se havia diferenças entre o escrito e a produção oral no momento da apresentação, a pesquisadora gravou uma das apresentações da última peça em estudo: *No Coração do Brasil*, de Miguel Falabella. Um comparativo entre o escrito e o oral da mesma peça mostrou que 13% e 10% dos sujeitos nulos de terceiras e primeiras pessoas, respectivamente, dos textos escritos foram transformados em plenos na oralidade.

Segundo Marcuschi (2003: 38, *apud* Silva, 2005), há gêneros textuais muito próximos da oralidade devido ao tipo de linguagem que apresentam e pela natureza da relação entre os indivíduos, havendo, em certos casos, uma proximidade tão grande entre eles que parece haver uma mescla. O autor salienta ainda ser impossível situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diferentes, já que ambas fazem parte do mesmo sistema de língua:

...ambas são, portanto, realizações de uma gramática única, mas que do ponto de vista semiológico podem ter peculiaridades com diferenças acentuadas, de tal modo que a escrita não representa a fala. Além disso, os textos orais têm uma realização multissistêmica (palavras, gestos, mímicas, etc.) e os textos escritos também não se circunscrevem apenas ao alfabeto (envolvem fotos, ideogramas, por exemplo, os ícones do computador, e grafismos de todo tipo).

Segundo Marcuschi (2003: 41) *a escrita não representa a fala, seja sob que ângulo for que a observemos e a oralidade é uma prática social com fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas, mas sempre fundadas na realidade sonora.*⁵

Além de ser entendida como uma representação da fala, muitos também consideram as HQ uma subliteratura. Essa falácia, inclusive, advém do seu surgimento, no final do século XIX, quando foram consideradas prejudiciais ao desenvolvimento intelectual das crianças e adolescentes (CIRNE, 1977). Com o passar do tempo os frágeis argumentos dos que investiam sobre as HQ foram caindo por terra

Atualmente existem códigos morais que regem as editoras especializadas neste tipo de publicação. O código brasileiro destaca:

⁵ Grifos meus.

(...) as histórias em quadrinhos devem ser um instrumento de educação, formação moral, propaganda dos bons sentimentos e exaltação das virtudes sociais e individuais, - é necessário o maior cuidado para evitar que as histórias em quadrinhos, descumprindo sua missão, influenciem perniciosamente a juventude ou dêem motivo a exageros da imaginação na infância e juventude. (CIRNE 1977: 11).

O autor, na obra acima, de 1977, considera ainda que as HQ seriam, por excelência, a literatura do século XX, pela sua problematicidade expressional de profundo significado estético. Atualmente as HQ têm um público leitor de várias idades e camadas sociais, inclusive crianças em fase de aquisição da língua. A tiragem aproximada das revistas Walt Disney (Pato Donald, Zé Carioca, Tio Patinhas e Mickey), no Brasil, chega atualmente a 1.500.000 exemplares por mês.

Um terceiro ponto ainda poderia ser questionado quanto à escolha desse tipo de corpus: a origem dos textos das histórias. Tendo em vista possíveis argumentações no sentido de que as HQ analisadas não representam o português brasileiro, apresentei, em minha dissertação, um ensaio prévio entre as revistas *Turma da Mônica* e *Pato Donald*, tentando observar diferenças relevantes entre as publicações que pudessem, de fato, desviar os resultados. O estudo comparativo analisou um ano da década de 1970 (ano de nascimento da revista *Turma da Mônica*) de cada uma das publicações: o ano de 1973. Por dificuldades em encontrar todas as revistas *Turma da Mônica* essa amostra foi completada com uma edição de 1971 e a primeira de 1974.

Tanto na dissertação quanto nesta tese, a variável em estudo apresenta comportamento diferente nas duas línguas, no português e no inglês, língua de origem do personagem. A variável aqui é a representação do tempo futuro e na dissertação (SILVA, 2005) era o preenchimento do sujeito. Como a maioria das histórias da revista Pato Donald provém da Disney e a língua inglesa é uma língua de sujeito obrigatório, o oposto do PB, a suspeita de que a tradução estivesse mantendo uma grande porcentagem de sujeitos preenchidos foi extirpada. A língua inglesa exige sim o preenchimento desta categoria mesmo para, por exemplo, sentenças envolvendo os fenômenos da natureza, onde deve haver um pronome sujeito expletivo, apesar disso as histórias em português não trazem um alto grau de preenchimento, muito pelo contrário: apenas 28% das ocorrências apresentaram pronome explícito, sendo que o *input* foi .25 para a não aplicação da regra do preenchimento desta categoria nestas revistas. Já as revistas *Turma da Mônica* apresentaram uma leve tendência ao não-preenchimento do sujeito pronominal, com *input*

.48, muito próximo do ponto neutro: que era, para aquele estudo .50.

4.2. Os romances brasileiros a partir do século XVIII

A outra parte do corpus, também composta a partir de dados da língua escrita, é constituída de 46 obras, de 25 autores, da literatura brasileira, publicadas a partir de 1752, o que representa um recuo de mais de dois séculos e meio e possibilita uma *análise em tempo real*. Todas as obras são romances brasileiros, o que foi convencionado para evitar dúvidas na interpretação dos resultados finais por conta da multiplicidade de gêneros textuais e do tamanho das obras. Esta lista inicia-se com o primeiro romance escrito por uma brasileira, D. Teresa Margarida da Silva e Orta, o que data de 1752: *As aventuras de Diófonos – imitando a Sapientíssimo Fenelon na sua Viagem de Telêmaco*. Como era fato comum, na época, o nome do autor (no caso autora) foi encoberto pelo pseudônimo de Dorothea Engrassia Tavadra Dalmira, anagrama do nome da escritora. A obra permanece até hoje praticamente excluída do cânone das literaturas portuguesa e brasileira produzidas no século XVIII.

Como ela, a obra *O Filho do Pescador*, segunda obra listada para compor o corpus 2, também é excluída. Um dos poucos autores a citá-la é Bosi (1970), que a aponta como o primeiro romance brasileiro, excluindo o texto de Dorothea Engrassia, acima mencionada. O que é mais comum na grande maioria dos livros de literatura é a menção do livro *A Moreninha* como o primeiro romance brasileiro. Sendo assim, o estudo aqui apresentado fará uma análise das três obras que representam o início da literatura brasileira e de outras, publicadas até 2004, por décadas, totalizando 46 livros, de 25 autores. Os títulos, autores e datas de publicação estão expostos no Quadro 3, abaixo, que obedece a esta legenda:

- 1 – Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp;
- 2 – Biblioteca da Universidade da Amazônia;
- 3 – Ministério da Cultura – Fundação Biblioteca Nacional;
- 4 – Acervo pessoal e empréstimo de bibliotecas locais.

Quadro 3 - Relação das 46 obras da literatura nacional que constituem o corpus 2

AUTOR	Nascimento / Década representada	TÍTULO DAS OBRAS	Ano da 1ª publicação
1. Dorothea Engrassia Tavareda Dalmira	1711 / 1730	1. As aventuras de Diófonos – imitando a Sapiientíssimo Fenelon na sua Viagem de Telêmaco ¹	1752
2. Teixeira e Sousa	1812 / 1830	2. <i>O Filho do Pescador</i> ¹	1843
3. Joaquim Manuel de Macedo	1820 / 1840	3. <i>A Moreninha</i> ⁴ 4. <i>A Baronesa do Amor</i> ¹	1844 1879
4. José de Alencar	1829 / 1850	5. <i>O Guarani</i> ⁴ 6. <i>Senhora</i> ⁴	1857 1875
5. Machado de Assis	1839 / 1860	7. Ressurreição ⁵ 8. <i>Memorial de Aires</i> ³	1872 1908
6. Inglês de Sousa	1851 / 1870	9. <i>O Cacaulista</i> ⁴ 10. <i>O Missionário</i> ²	1876 1891
7. Aluísio de Azevedo	1857 / 1880	11. <i>Uma Lágrima de Mulher</i> ² 12. <i>O Livro de uma Sogra</i> ²	1880 1895
8. Adolfo Ferreira Caminha	1867 / 1890	13. <i>A Normalista</i> ³ 14. <i>Tentação</i> ³	1893 1896
9. Lima Barreto	1881 / 1900	15. <i>Recordações do Escrivão Isaías Caminha</i> ³ 16. <i>Clara dos Anjos</i> ³	1909 1948
10. Oswald de Andrade	1890 / 1910	17. <i>Memórias Sentimentais de João Miramar</i> ⁴ 18. <i>A Revolução Melancólica</i> ⁴	1924 1943
11. Orígenes Lessa	1897 / 1920	19. <i>O Feijão e o Sonho</i> ⁴ 20. <i>O Edifício Fantasma</i> ⁴	1938 1984
12. Érico Veríssimo	1905 / 1930	21. <i>Clarissa</i> ⁴ 22. <i>Incidente em Antares</i> ⁴	1933 1971
13. Raquel de Queiroz	1910 / 1930	23. <i>O Quinze</i> ⁴ 24. <i>Memorial de Maria Moura</i> ⁴	1930 1992
14. Fernando Sabino	1923 / 1940	25. <i>O Encontro Marcado</i> ⁴ 26. <i>Os Movimentos Simulados</i> ⁴	1956 2004
15. Ligia Fagundes Telles	1923 / 1940	27. <i>Ciranda de Pedra</i> ⁴ 28. <i>As Horas Nuas</i> ⁴	1955 1989
16. Carlos Heitor Cony	1926 / 1950	29. <i>O Ventre</i> ⁴ 30. <i>A Tarde da sua Ausência</i> ⁴	1953 2003
17. Hilda Hilst	1930 / 1950	31. <i>Fluxo-floema</i> ⁴ 32. <i>Estar sendo Ter sido</i> ⁴	1970 1997
18. Moacir Scliar	1937 / 1960	33. <i>O Exército de um homem só</i> ⁴ 34. <i>O sertão vai virar mar</i> ⁴	1973 2002
19. Ana Maria Machado	1941 / 1960	35. <i>Alice e Ulisses</i> ⁴ 36. <i>Palavra de honra</i> ⁴	1983 2005
20. Domingos Pellegrini	1949 / 1970	37. <i>Terra Vermelha</i> ⁴ 38. <i>Meninos no Poder</i> ⁴	1998 2005
21. Ana Miranda	1952 / 1970	39. <i>Boca do Inferno</i> ⁴ 40. <i>Dias e Dias</i> ⁴	1989 2002
22. Marcos Bagno	1961 / 1980	41. <i>A vingança do cobra</i> ⁴ 42. <i>O espelho dos nomes</i> ⁴	1997 2002
23. Márcia Kupstas	1957 / 1980	43. <i>Crescer é perigoso</i> ⁴ 44. <i>Gurka, retrato de um jovem assassino</i> ⁴	1986 2002
24. Michel Laub	1973 / 1990	45. <i>Música anterior</i> ⁴	2001
25. Fernanda Young	1970 / 1990	46. <i>Carta para alguém bem perto</i> ⁴	1998

Iniciou-se a lista com os dois primeiros romances: *As Aventuras de Diófonos – imitando a Sapiientíssimo Fenelon na sua Viagem a Telêmaco*, publicado em 1752 e *O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa, publicado em 1843. A partir daí pegou-se um autor e duas de suas obras, por década. Esses foram relacionados partindo do pressuposto de Labov (1964), segundo ele o indivíduo forma seu idioleto até os 25 anos⁶, ou seja, é com esta idade que ele já se assenhorou completamente de sua língua materna. Desta forma, um indivíduo nascido em 1900, por exemplo, será linguisticamente adulto em torno de 1925, portanto, na década de 1920. A partir deste conhecimento, buscaram-se escritores não pelo reconhecimento que obtiveram no cenário nacional e / ou mundial, mas pelo ano de nascimento, o que dificultou sobremaneira a busca, pois ora não dava certo o gênero, ora a data de nascimento. Alguns escritores consagrados de nossa literatura não se encontram na relação por conta disto. Cecília Meireles ou Carlos Drummond de Andrade são exemplos. Muitos autores e obras foram pesquisados e deixados de lado por não apresentarem nenhum dado de futuro. Consequentemente, os que compõem esta lista não correspondem ao gosto pessoal da pesquisadora; eles representam um grupo heterogêneo a partir do qual se fará uma pesquisa variacionista diacrônica.

Exceto a primeira obra da lista, que foi escrita por uma mulher, a literatura brasileira vai levar quase um século, a partir de *A Moreninha*, para ter seu primeiro romance escrito por uma pessoa do sexo feminino. Foi Raquel de Queiroz, em 1930, com a publicação de *O Quinze*, que inaugurou a profissão de *escritora* no Brasil. Sendo assim, o *cópus* 2 apresenta escritores (sexo masculino) de romances representantes de cada década, até 1930; a partir daí, o *cópus* passa a apresentar dois autores por período, um de cada sexo, objetivando fazer um estudo à parte para ver se há diferenças na produção dos autores a partir da variável extralinguística *sexo*.

Excetuando os dois primeiros autores, que não escreveram outros romances além dos que aqui se apresentam e os dois últimos listados no *cópus* 2, cuja totalidade de obras é bastante recente, os demais serão analisados em um estudo de variação no indivíduo, ou seja, será feito também um estudo destes autores para verificar se houve mudança individual no que se refere à representação do tempo futuro, analisando uma de suas primeiras obras, quando não a primeira, e uma das últimas, ou a final, o que totaliza as 46

⁶ Aos 25 anos o indivíduo já é linguisticamente adulto, não que o idioleto pare de alterar-se, apenas o nível de transformação, a partir desta idade, é que pode ser mais lento.

do quadro 2⁷.

As obras que apresentam o menor número de páginas são *O sertão vai virar mar* e *O Edifício Fantasma*, com 107 laudas cada um, sendo que as histórias têm início nas páginas 7 e 5, respectivamente. A partir dessa observação, constitui-se o critério de analisar apenas as cem primeiras páginas de cada obra que compõem o corpus para evitar que a disparidade do número de páginas de cada livro desvie os resultados.

Ainda na tentativa de equiparar o volume de textos a serem analisados em cada obra, sabendo que há tipos de fonte e mancha de tamanhos múltiplos, as palavras de cada página também serão consideradas. A amostra das obras literárias é composta de livros emprestados da *Biblioteca Pública do Estado do Paraná* e da *Biblioteca do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná*, adquiridos em livrarias, bem como de arquivos baixados das seguintes bibliotecas virtuais: *Nacional*, *Universidade da Amazônia* e *Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)* da *Universidade de Campinas (Unicamp)*. Os emprestados e / ou comprados e os da Biblioteca do IEL da Unicamp têm em média 200 palavras por página, pois esses foram escaneados e mantêm a formatação original. Os demais possuem em média 400 palavras por página, pois, em vez de escaneados, foram digitados folha por folha, o que gerou páginas com manchas maiores e formatação diferenciada, com menos espaços em branco, o que resulta em mais palavras por lauda, ou seja, nestes casos cinquenta páginas equivalem a cem dos demais.

Este estudo permite fazer um estudo variacionista em tempo real com os textos literários e em tempo real de curta duração com as revistas em quadrinhos, além de uma comparação entre os dois *corpora*.

4.3. O modelo de análise

O modelo adotado nesta tese é o da Sociolinguística Variacionista, cujo iniciador foi William Labov. A Sociolinguística entende a língua como um sistema heterogêneo e não estagnado, pois está submetido às interferências de ordem social. Sendo assim, entende a variação linguística como um princípio geral e universal, possível de se descrever e analisar cientificamente.

⁷ Entende-se que o ano de publicação pode não corresponder efetivamente ao ano da produção escrita, mas isso não foi verificado, portanto, não foi considerado neste estudo.

Labov estuda a língua em uso em comunidades de fala, dando especial atenção, além dos aspectos internos da língua, a aspectos extralinguísticos ou sociais. Para o pesquisador, *comunidade de fala* é um grupo de pessoas que compartilham uma mesma atitude e fazem uso de um mesmo sistema linguístico e têm os mesmos costumes. Sistema esse entendido como tendo uma heterogeneidade sistemática, ou seja, as diferenças encontradas não impedem que os membros de uma mesma comunidade se entendam, se comuniquem, apesar de falarem, até certo ponto, de modo diferente.

Para Naro & Scherre (1991), grupos de falantes dentro uma comunidade de fala podem trilhar diversas direções; enquanto alguns podem estar em um processo de aquisição de novas formas, outros poderão estar perdendo essa mesma forma. Do mesmo modo pode haver grupos cujas formas linguísticas podem estar estáveis, não apresentando mudança em curso.

A variação é, portanto, o objeto de estudo da Sociolinguística e ocorre em todas as línguas, mas nem todos os fatos de uma língua estão sujeitos a ela. Existem as chamadas regras categóricas, que não variam e obrigam o falante a usar algumas formas em detrimento de outras. Tais regras também são chamadas de invariantes, que podem ter essa apresentação em uma língua e serem passíveis de variação em outra. Estas possibilidades de ocorrência são chamadas de *variantes da variável*. Segundo Tarallo (1990: 8) *as variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística.*

Como toda variação pressupõe uma relação de dependência, o emprego das variantes é sempre influenciado por grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos. Assim sendo, a variável em estudo é chamada de *dependente*, justamente por depender de outras para sua realização. Os fatores que a influenciam são chamados de *variáveis independentes*.

A variável dependente desta pesquisa é a *representação do tempo futuro*, suas variantes são as formas que estão em competição: *futuro sintético*, *haver de + infinitivo*, *presente do indicativo* e *perífrases verbais*: *ir (futuro sintético) + infinitivo*, *[ir + infinitivo] + infinitivo*, *futuro sintético (exceto ir) + infinitivo* e *presente do indicativo (exceto ir) + infinitivo*, conforme Menon (2003a).

As variáveis independentes que podem influenciar o uso de uma ou outra forma para representar um tempo futuro, utilizadas para esta pesquisa, foram: *contexto desencadeador, sujeito pronominal, preenchimento/não preenchimento do sujeito pronominal, TAM (tempo, aspecto e modo), projeção do fato futuro, tipos de frases e extensão fonológica do verbo principal, sexo, faixa etária, ambiente da ocorrência e ano de publicação*⁸.

A pesquisa ora apresentada tem por objetivo apresentar resultados de análises em *tempo real de curta e de longa duração* haja vista uma observação do próprio Labov (1994), que discute a possibilidade de uma interpretação equivocada a partir de uma análise em *tempo aparente*. Segundo ele, as análises focadas em tempos aparentes podem não ser suficientes para conclusões peremptórias, pois abrem espaço para dúvidas no sentido de se estar ou não diante de um processo de mudança. Nesse sentido, estudos em tempo real dão respostas mais contundentes.

Labov (1994) sugere dois caminhos para análise em tempo real. Um deles parte de uma pesquisa em tempo aparente, de campo, e um retorno à comunidade objeto do estudo cerca de vinte anos após para a repetição da mesma pesquisa, com os mesmos informantes. Esse retorno nos daria dados em tempo real, já que são duas amostras, com as mesmas pessoas, em décadas distintas. O grande problema com esse método é a dificuldade de encontrar os mesmos informantes depois de tanto tempo.

O outro caminho é pesquisar a literatura da comunidade em questão. O autor sugere que qualquer texto escrito pode ser usado desde que ele ‘represente’ a língua falada da comunidade em certo período de tempo. Para isso se devem procurar textos do passado que registrem as variantes em estudo e compará-las com usos mais recentes.

O trabalho desta tese seguiu o segundo caminho. Foi feita uma busca pelas revistas e pelos livros cujos anos foram previamente selecionados e, a partir daí, passou-se à leitura detalhada de todos os contextos, de todas as histórias e à digitação das ocorrências correspondentes ao objeto de estudo. Cada ano de publicação selecionado gerou um arquivo. Posteriormente todos foram unidos e originaram dois arquivos de dados para a análise, em separado, no *VARBRUL*: o *cópus 1* com as revistas Pato Donald e o *2*, com os romances brasileiros.

⁸ Todos serão explorados detalhadamente na próxima seção.

4.3.1. Os Grupos de Fatores

Como mencionado acima, as variáveis independentes foram divididas em oito grupos de fatores linguísticos e quatro extralinguísticos. Os linguísticos são *tipos de futuro*, *tipos de perífrases*, *contexto desencadeador*, *pessoa do discurso*, *TAM (tempo, aspecto e modo)*, *projeção do fato futuro*, *tipos de frases*, *extensão fonológica do verbo principal*; e os extralinguísticos, *sexo*, *idade*, *ambiente da ocorrência* e *ano de publicação*.

4.3.1.1. A variável dependente

A variável dependente desta tese divide-se em:

01. *futuro sintético*;

- (21) *Morrerá* um dia, entupido nela. (*O Ventre*, Carlos Heitor Cony, 1953, pág. 92, feminino adulto para masculino adulto)

02. *presente do indicativo*;

- (22) *Trago* por estes dias, tenho me esquecido. (*Clara dos Anjos*, Lima Barreto, 1948, pág. 29, masculino adulto para feminino adulto.)

03. *perífrases verbais*: divididas em:

a) *ir (presente ou futuro) + infinitivo*;

- (23) Já sei o que *vamos fazer*! (*O Edifício Fantasma*, 1984, Orígenes Lessa, pág. 67, marido para esposa.)
- (24) E o que *irão fazer*? Indagou Miguel do padre. (*O Cacaulista*, Inglês de Sousa, 1876, pág. 82)

b) *[ir + infinitivo] + infinitivo*;

- (25) Prefiro ficar cinco dias preso! Assim *vou poder ler* este artigo com paz e tranquilidade! Onde foi que parei, mesmo? (Pato Donald, n° 1110, 1973, pág. 09, Donald para Tio Patinhas.)

c) *futuro do presente + infinitivo*, exceto verbo *ir + infinitivo*;

- (26) *Poderemos topar* com a frota inimiga. (Pato Donald, n° 2020, 1993, pág. 38, Donald para outro adulto.)

d) *presente do indicativo + infinitivo*, exceto verbo *ir + infinitivo*;

(27) *Podemos chegar a um acordo nas despesas...* (*Tentação*, Adolfo Caminha, 1896, pág. 39, amigos adultos entre si.)

04. Em separado, a perífrase *haver (presente) + de + infinitivo*⁹

(28) *Decerto; como hei de combatê-lo?* (*O Guarani*, José de Alencar, 1857, pág. 58, adultos masculinos entre si.)

Este número grande de *formas verbais* não permite rodadas no programa *VARBRUL*, que aceita até cinco variantes, portanto, a análise se deu da seguinte forma:

1. forma sintética;
2. *haver + de + infinitivo* (arcaica);
3. perífrases;
4. presente do indicativo.

4.3.1.2. As variáveis independentes – linguísticas

O grupo de fatores *contexto desencadeador* propicia análises referentes aos advérbios (de *dúvida, intensidade, lugar, modo, afirmação, negação, tempo e interrogativos*), o que permitirá observar se há influência no uso das variantes. No presente estudo, considero como de negação: *não, absolutamente, jamais, nunca, jamais e nada*, a partir de Pereira (1910: 99, 1948: 171), Said Ali (1921, 1964: 97), Nascentes (1933: 196), Cegalla (1976: 170), Almeida (1979: 321), Cunha (1984: 500) e Lima (1985: 155). Embora Cunha (184: 500) considere apenas o *não* e Lima, nem esse.

As *peças verbais*, grupo que também foi estudado por Santos (1997) está representado, neste trabalho, por duas, das três peças verbais (1ª- *eu, nós, a gente* e a 2ª por *tu, você e vocês*). No corpus 1 a terceira pessoa, tanto singular como plural, é de ocorrência relativamente rara, conforme Silva (2005), que inicialmente analisou todas as peças e percebeu que a terceira apresentava um número bastante reduzido de ocorrências se comparadas às demais e processou o estudo sem considerá-la. Se levarmos em conta que

⁹ Não foi encontrada nenhuma ocorrência de *haver (futuro) + de + infinitivo* nas revistas em quadrinhos e em nenhuma das obras cujos arquivos foram baixados das bibliotecas virtuais.

contextos de futuridade são também menos frequentes, teremos aí uma combinação incomum, neste tipo de texto. Partindo-se do princípio que este trabalho tem como um dos objetivos apresentar um estudo comparativo entre os *corpora* aqui analisados, ou seja, o que se observa em um grupo também deve ser observado no outro, a terceira pessoa não será analisada no *cópus* 2, constituído dos romances brasileiros, já que o *cópus* 1 não a considera. Isso não impossibilita que essa pessoa seja considerada em estudos futuros. Paralelo a esse grupo, há o que possibilitará um estudo do preenchimento do pronome sujeito.

No grupo de fatores *TAM* poderão ser analisadas perífrases verbais com verbos aspectuais e modalizadores, como os abaixo exemplificados:

<i>começar a,</i>	<i>vir a,</i>	<i>ficar a,</i>
<i>passar a,</i>	<i>parar de,</i>	<i>acabar de</i>
<i>continuar a,</i>	<i>deixar de,</i>	<i>permanecer.</i>
<i>poder,</i>	<i>querer,</i>	<i>tentar,</i>
<i>precisar (de),</i>	<i>ter de/ter que,</i>	<i>gostar de,</i>
<i>dever,</i>	<i>dar de,</i>	<i>procurar, etc.</i>

Para o grupo de fatores *projeção do fato futuro*, grupo que propiciará uma análise da distância da projeção da ação futura, foi estabelecido como princípio, segundo Poplack & Turpin (1999) e Gibbon (2000), que a ação será considerada:

1. *próximo* se estiver projetada para hoje e amanhã e
2. *distante*, a partir de depois de amanhã,

Neste grupo as promessas e ameaças, ocorrências sem marcação exata de tempo, foram consideradas tempo distante, como em:

(29) Vocês *não escaparão* à minha vingança! (Pato Donald, nº 582, 1960, pág. 33, adulto para estranhos.)

Os *tipos de frases* analisadas no *cópus* foram as *afirmativas*, *negativas* e *interrogativas*, pelos seguintes motivos:

- 1.º como esclarecido na dissertação de mestrado, Silva (2005: 62), para o *cópus* constituído da revista Pato Donald não foi possível analisar os *tipos de orações* devido ao

fato de as falas serem bastante curtas, o que provocaria muitos nocautes¹⁰ na leitura dos dados pelo programa estatístico, pois a grande maioria das orações é absoluta. As subordinadas e mesmo as coordenadas não ocorrem muito neste tipo de produção;

2.º o corpus 1 apresenta uma característica interessante: a partir de meados de 1963, até a última revista analisada, todas as frases são finalizadas com ponto de exclamação, interrogação ou reticências. O ponto final simplesmente inexistente. Segundo Silva (2005: 96):

Os sinais de pontuação, por exemplo, não obedecem as normas da GT. As reticências e as exclamações são utilizadas como sinais gráficos nos balões. Aquelas indicam a interrupção de uma fala porque não há mais espaço no balão e por isso ela continua em outro e ainda podem indicar que uma personagem começou uma fala e outra terminou e estas, as exclamações, não são utilizadas para expressar apenas emoções das personagens. Elas são usadas, nas HQ Disney, para demarcar o final de um período. Isso se tornou um padrão gráfico porque, nos primórdios dessas publicações, convencionou-se que os gibis deveriam ser práticos de se manusear. Então, a editora diminui o formato e adotou o ponto de exclamação como um sinal gráfico que marca o fim do período para facilitar a leitura. Como nas HQ não se pode controlar a diagramação dos textos nos balões a exclamação demarca o fim do período e é mais fácil de se ver. Seguindo a tradição, a editora Abril manteve o padrão, *sempre mantendo como orientação editorial o bom uso da língua portuguesa*¹¹

3.º Malvar (2003) atesta que as frases afirmativas (sem a presença de advérbios que, segundo a autora, condicionam o *presente* na representação da futuridade) constituem um fator condicionante para o uso do futuro perifrástico. Malvar & Poplack (2005) constataam que as frases declarativas negativas favorecem o uso do futuro sintético, já Oliveira (2006), em dados de língua escrita, observa um leve favorecimento do futuro perifrástico nas frases afirmativas.

O último grupo de fatores linguísticos, *extensão fonológica do verbo principal*, apresenta quatro fatores: verbos com uma, duas, três ou mais de três sílabas na forma infinitiva. Thomas (1969, *apud* Oliveira, 2006) verificou que o futuro sintético, em dados de língua oral, é muito pouco utilizado, exceto com verbos monossilábicos.

¹⁰ Ocorre nocaute quando não há variação. O programa Varbrul analisa variações; não havendo, há *nocaute*.

¹¹ Informações da editora Abril- via e-mail de 10/11/04 – cuja cópia encontra-se nos *anexos*.

4.3.1.3. As variáveis independentes – extralinguísticas

Os grupos de fatores sociais ou *extralinguísticos* propiciam análises a partir dos fatores *sexo* (masculino e feminino) e o *ambiente da ocorrência* do tempo futuro:

- a) com familiares mais velhos;
- b) com familiares mais novos;
- c) com pessoas estranhas;
- d) de subalterno para superior, no ambiente de trabalho;
- e) de superior para subalterno, no ambiente de trabalho;
- f) entre iguais;
- g) consigo mesmo (a) e
- h) no texto do narrador (este especificamente para os textos literários).

Segundo Alkmim (2001: 36) *é um fato muito conhecido que qualquer pessoa muda sua fala, de acordo com o(s) seu(s) interlocutor (es), se é mais velho ou hierarquicamente superior, por exemplo, segundo o lugar em que se encontra e até mesmo segundo o tema da conversa (...).*

Os dados foram selecionados e codificados seguindo as especificações do programa *VARBRUL* para que pudessem receber tratamento estatístico, o que possibilita uma análise mais apurada dos fenômenos linguísticos em questão.

4.3.2. Casos descartados

Não foram analisadas ocorrências nas seguintes situações:

- 1) formas de subjuntivo, apesar de elas denotarem uma ação ainda não realizada, pois são dependentes de outras, expressas ou subentendidas (Cunha 1984:443):

(30) Se os poetas vissem a lua como a estou vendo não lhe dariam tantos versos! (Pato Donald, n° 01, 1950, pág. 25, Donald para Hzl.)

(31) Vamos comer o que fez para o café e depois *corramos* para o campo. Hoje cabularemos. (Pato Donald, n° 600, 1963, pág. 22, Hzl entre si.)

- 2) futuro do pretérito, mesmo quando estavam fazendo referência, nas condicionais, a fatos que ainda não se realizaram, como na frase abaixo, pois essa forma foge às intenções da presente tese:

- (32) Se apesar disto o moço o *reconhecesse*, ele *acharia* meio de sair perfeitamente da dificuldade. (*Senhora*, José de Alencar, 1875, pág.20, Aurélia para feminino adulto.)

3) futuro expresso pelo imperativo enfático, cristalizado pelo uso, nominado por Pereira (503:32) de *imperfeito*, que, segundo o autor, como dito acima, tem duas outras aplicações além de indicar fato futuro: ser usada no modo imperativo para ordem (Não furtarás! Não matarás!);

4) *futuro sintético* quando utilizado para expressar dúvida (Será?) ou afirmação atenuada, conforme Pereira (503: 32), como em:

- (33) Que mulher *será* essa, perguntou a si mesmo, tão bela que mete medo, tão fantasiosa que causa lástima? (*Ressurreição*, Machado de Assis, 1872, pág. 06, homem adulto, pensando.)
- (34) Por que *será* que a vida parece melhor e mais bonita de manhã quando há sol, vento fresco, céu azul? (*Clarissa*, Érico Veríssimo, 1933, pág. 10, Narrador personagem.)
- (35) *Será* que perceberam que nós somos viúvas? (Pato Donald, n° 11, 1950, pág. 28, viúvas entre si.)
- (36) *Será* que você é capaz de arrumar este depósito? Está uma bagunça daquelas! (Pato Donald, n° 1112, 1973, pág. 22, Donald para gênio.)

Nestes casos o *será* é uma forma cristalizada, uma expressão fixa que funciona quase como um marcador discursivo. Diferente de casos como:

- (37) Eu creio que enquanto este primo estiver conosco seu pai *será* o mais tranquilo dos lobos! (Pato Donald, n ° 11, 1950, pág. 32, porquinho para Lobinho.)

Neste caso *será*, verbo *ser*, tem valor de *futuro sintético*, não de marcador discursivo: *seu pai será* equivale a *seu pai vai ser*.

No caso das ordens atenuadas, para efeitos deste trabalho, não serão considerados casos como:

- (38) *Vamos almoçar*. Resolverei depois. (*Senhora*, José de Alencar, 1875, pág.82, Aurélia para seu tutor.)

Esta perífrase *ir + infinitivo* não pode ser substituída pelo futuro sintético (*Almoçaremos*) e sim por *Almocemos!* O uso das perífrases, nestes casos, atenua da mesma maneira que o tom de voz o faz em muitos outros casos de imperativo atenuado. Em

contrapartida serão consideradas as ocorrências em que a perífrase com valor imperativo pode ser substituída pela forma sintética do verbo principal, por exemplo:

- (39) Mas *vai fazer* agora, é uma ordem! (*Incidente em Antares*, Érico Veríssimo, 1971, pág. 20, masculino adulto para igual.)
- (40) *Vamos discutir* o assunto tomando um cafezinho. (*Incidente em Antares*, Érico Veríssimo, 1971, pág. 97, feminino adulto para masculinos adultos.)

Que poderiam ser substituídas, respectivamente, por:

- (39') Mas *fará* agora, é uma ordem!
- (40') *Discutiremos* o assunto tomando um cafezinho.

Na frase 39 **pode-se hipotetizar** que a ordem fica tão atenuada pela perífrase verbal e pelo contexto em que foi empregada, em um simples bate-papo, em uma conversa amigável, que se faz necessário salientar, na sequência, tratar-se, de fato, de uma ordem, para evitar que a pessoa não a entenda dessa forma e deixe de obedecê-la. Da mesma forma na (40), no contexto não existe uma ordem para que tomem café e sim um convite para se fazer isso enquanto discutem o assunto em pauta. Segundo Cunha (1984: 432) expressões como essas representam uma *forma delicada de linguagem e denotam intimidade entre pessoas*.

5) perguntas retóricas – nas situações de *perguntas retóricas* o verbo, neste contexto, não foi considerado. Como em:

- (41) Mas, não *vamos brigar* por isso, *vamos*? (Pato Donald, nº 14, 1950, pág. 08, amigos adultos entre si.)
- (42) *Haverá* cabeça cujo maquinismo impunemente possa resistir a tão inesperados embates, a tão fortes conflitos, a colisões com o meio tão bruscas e imprevistas? *Haverá*? (*Clara dos Anjos*, Lima Barreto, 1948, pág. 48, adulto pensando.)
- (43) (...) “Onde *estará* agora aquela gente toda? Onde *estará* a preta velha que contava casos de tempos de dantes? Onde *estará* o burrico peludo de olhos mansos em que ele costumava passear os domingos pelo campo? (*Clarissa*, Érico Veríssimo, 1933, pág. 24, narrador personagem.)

6) referências a fenômenos a natureza:

- (44) Causava com isso espanto aos camaradas: Oh! Isaías brincando! *Vai chover!*” (*Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto, 1900,

7) citações de outras obras e reproduções de provérbios:

- (45) Quem semeia ventos – sentenciou a dona da casa – *colhe* tempestade. O diabo é que nesse caso a tempestade cai sobre a cabeça de todos os brasileiros. (*Incidente em Antares*, Érico Veríssimo, 1930, pág. 74,)

4.4. Casos especiais

Os auxiliares modais do grupo de fatores *tempo*, *aspecto* e *modo* estão sempre em perífrases verbais, o que exigiu que a análise fosse feita de maneira distinta dos demais grupos. Da mesma forma o grupo *Tipos de perífrases* exigiu análise em separado.

Para obter dados sobre esses grupos, evitando nocautes devido às condições específicas que apresentam, foi feita uma rodada binária do programa IVARB. Nesse caso a variável dependente foi a *projeção do fato futuro*, que apresenta as variantes *próximo* e *distante*.

4.5. O narrador, nos romances brasileiros

No cópua 1 não houve como considerar a presença do narrador, haja vista esse ser inexpressivo na conjunto de histórias observadas e não característico do tipo de texto do cópua. O que não corresponde à realidade do cópua 2, constituído de romances, gênero literário que privilegia a presença do narrador. Tendo em vista esse diferencial, nesse cópua optou-se por codificar essas ocorrências.

Quando o narrador é onisciente ou personagem, ele foi codificado de acordo com o sexo e a faixa etária do personagem. Em casos de terceira pessoa, narrador observador, apenas foi identificada a origem da ocorrência e desconsiderados com / (não se aplica) os fatores *sexo* e *faixa etária*.

Considerando finalizadas as exposições necessárias para o entendimento da

constituição de cada um dos *corpus* e das decisões tomadas no decorrer da análise de todos os dados, passamos para os primeiros resultados, ou seja, para os resultados das revistas Pato Donald, que compõe o estudo em tempo real de curta duração.

CAPÍTULO 5

RESULTADOS DA ANÁLISE DAS REVISTAS PATO DONALD

Eu Sei Que Vou te Amar
Tom Jobim
*(*1927 | +1994)*

Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida eu vou te amar
Em cada despedida eu vou te amar
Desesperadamente, eu sei que vou te amar
E cada verso meu será
Prá te dizer que eu sei que vou te amar
Por toda minha vida
Eu sei que vou chorar
A cada ausência tua eu vou chorar
Mas cada volta tua há de apagar
O que esta ausência tua me causou
Eu sei que vou sofrer a eterna desventura de viver
A espera de viver ao lado teu
Por toda a minha vida

5. OS RESULTADOS DAS ANÁLISES DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Objetivando uma análise em tempo real de curta duração, foram encontradas 4.086 ocorrências de representações de futuro nas revistas Pato Donald, distribuídas conforme Tabela 1, abaixo:

Tabela 1 - Distribuição das ocorrências pelas quatro variantes de futuro pesquisadas, em números absolutos.

Tipos de futuro	Ocorrências	%
Perífrases	2.338	57,24
Futuro sintético	1.652	40,44
Presente do indicativo	92	2,25
Haver + de + infinitivo	4	0,07
Totais	4.086	100

Os números absolutos encontrados nos mostram que a forma de representação do tempo futuro mais produtiva nas revistas Pato Donald é as *perífrases*, seguida do *futuro sintético*. O *presente do indicativo* apresentou apenas 92 ocorrências, 2% do total, um número muito baixo, assunto que será abordado mais adiante. A forma verbal *haver + de + infinitivo* apresentou apenas 4 ocorrências em 4.086, ou seja, o que se tem no *cópus* das revistas em quadrinhos pode ser apenas um resquício de uso, pois os 4 dados ocorreram entre julho de 1950 e março de 1951, bem no começo da primeira fase compreendida por essa análise em tempo real de curta duração.

Essa hipótese de as ocorrências serem um resquício tem fundamentação em pesquisas variacionistas, a exemplo de Malvar (2003) e Oliveira (2006), cujos trabalhos apresentam um decréscimo da frequência de uso de *haver + de + infinitivo*, que, naquela, caiu de 30% no século XVI para 1% no XX e, nesta, de 45,5% no século XIII para 1,9% no XX, o que demonstra a variante em questão como a mais produtiva há alguns séculos. Como este estudo abrange também o século XX, é possível ventilar a hipótese de um uso residual para a variante, que desaparece já na primeira década.

Esses números reduzidos de dados ocasionaram 34 nocautes¹² quando da construção do arquivo de células em um dos programas do *VARBRUL*. Para o início da análise, portanto, todos os nocautes precisaram ser desconsiderados ou retirados, dentre

¹² A tabela geral com todos os nocautes encontra-se no Anexo 4.

eles o *haver + de + infinitivo*, que ocorre entre as nove primeiras edições desta publicação, são elas:

- (47) Mas vocês juraram que me *hãode fazer* em pedaços! (Pato Donald, n° 1, 1950, pág. 40, PD e Hzl.)
- (48) Como *hei de saciar* esta terrível fome que sinto? (Pato Donald, n° 7, pág. 3, 1950, PD e Hzl.)
- (49) *Hei de achar* paz e tranquilidade nem que tenha que procurar a semana inteira! (Pato Donald, n°3, 1950, pág. 15, PD sozinho.)
- (50) Pois *hei de fazê-lo* parar ainda que tenha que ir! (Pato Donald, n° 9, 1950, pág. 9, PD e Hzl.)

Optou-se pela retirada dessas quatro ocorrências da análise, o que reduziu o número de nocautes para 8, nos seguintes grupos de fatores:

- *peessoas verbais* - com os pronomes sujeitos *tu, vós e a gente*;
- *contexto desencadeador* – com os advérbios de *modo, afirmação, intensidade e demonstrativos*;
- *extensão fonológica do verbo principal* – com os verbos *polissilábicos* no *presente do indicativo*.

5.1. Resolvendo os nocautes

Dos sete pronomes pessoais analisados (*eu, tu, a gente, nós, vós, vocês e vocês*), três apresentaram nocautes, conforme apresentado na tabela da sequência:

Tabela 2 - Pessoas verbais geradoras de nocautes e retiradas da análise.

Pronomes pessoais	Sintético	Presente do indicativo	Perífrases	Totais
Tu	3	0	3	6
A gente	0	6	23	29
Vós	0	0	1	1

A única ocorrência do pronome *vós* foi encontrada na década de 2000. Era inverno, mas em vez de frio, estava fazendo muito calor em Patópolis. Todos estavam esperando neve para esquiar e o calor os sufocava. Donald e seus sobrinhos vão atrás de uma resposta e fazem uma viagem ‘fantástica’ ao mundo dos ‘deuses’ da mitologia grega. Perséfone havia brigado com Hades e o abandonado, por isso o calor fora de época. A meta dos patos era fazer com que os dois reatassem o relacionamento para que o clima voltasse ao normal. Antes de chegarem aos ‘deuses’, os patos tiveram que atravessar um lago, com uma barca.

O barqueiro não recebeu o valor que pedira para o transporte e, apesar de anteriormente ter usado o pronome *vocês*, nesse momento, proferiu *vós* antecedendo perífrases de *futuro sintético* + infinitivo:

- (51) *Vós ireis* vos arrepender do dia em que entrastes aqui! (Pato Donald, nº 2276, 2000, pág. 18, adulto para estranhos.)

Apenas seis ocorrências do pronome *tu* em 3.416 dados com pronomes pessoais, nenhuma delas ocorrendo com o *presente do indicativo*. No entanto, com o pronome *a gente* 21% das ocorrências foram ao lado desse tempo verbal e 79% com *perífrases*. Pode-se hipotetizar que, para o editor desses textos, o caráter mais formal do *futuro sintético* contraste com a aparente informalidade do pronome *a gente* e isso tenha provocado a não ocorrência desse pronome com esse tempo verbal. Segundo pesquisas variacionistas, entre elas Oliveira (2006), o *futuro sintético* é uma forma verbal mais conservadora, enquanto o pronome pessoal *a gente* é considerado pronome inovador (Silva, 2005), sequer sendo reconhecido como tal pelas GTs. É possível que essa situação diferenciada dificulte a utilização do *futuro sintético* e do pronome *a gente* em um mesmo segmento:

- (52) Você vai ver! Quando o kit de mágica chegar *a gente vai virar* profissional. (Pato Donald, nº 2207, 2000, pág. 1, sobrinho de Mickey para Mickey.)
(52') Você vai ver! Quando o kit de mágica chegar *a gente virará* profissional.
(53) *A gente não vai* na sua festa chata! (Pato Donald, nº 2207, 2000, pág. 38, Hzl para PD.)
(53') *A gente não irá* na sua festa chata!

As frases (52) e (53), originais do *cópus*, são exemplos do pronome *a gente* com *futuro perifrástico* e *presente do indicativo*. Em (52') e (53') temos usos hipotéticos desse mesmo pronome com o *futuro sintético*. Outra possibilidade para explicar a não ocorrência do *futuro sintético* com o pronome *a gente* pode ser a questão da prosódia, pois o ritmo das duas construções são bastante distintos: *a gente vai virar* apresenta um ritmo binário (*a gente vai virar*) característico da língua portuguesa. Esse ritmo é quebrado quando da ocorrência de *a gente virará* (a *gente virará*), o que tornaria a prosódia artificial.

Ainda é possível aventar uma terceira hipótese para a não ocorrência de *futuro sintético* com *a gente*: as crianças aprendem o *futuro sintético* na escola, ele não faz parte da fala natural delas, o que poderia estar dificultando a sua aparição nas falas dos personagens dessa faixa etária, por ser entendida como 'artificial'.

Parece haver um consenso que mesmo os não linguistas percebem. Existem frases típicas de crianças, que combinam com elas, e as que não combinam. Ou ainda frases que não ficam bem na ‘boca de meninas’, por exemplo, como se pode ouvir, ou se podia, de algumas mães mais cuidadosas. As frases (52’) e (53’) parecem se enquadrar nesse senso comum: não são naturalmente produzidas por crianças, principalmente em uma interação com outras. Há que se observar, no exemplo (53), inclusive, a não obediência da regência canônica do verbo *ir*, muito comum na fala¹³.

Em todas as situações do grupo *Contexto desencadeador*, o que ocasionou os nocautes foi o *presente do indicativo*, com 47 ocorrências apresentando *contexto desencadeador*, nenhuma com os advérbios anteriormente mencionados (*modo, afirmação, intensidade e dúvida*), o que indica que, se essa forma verbal não prescinde de advérbio para anunciar futuridade, esse advérbio é um dos que não apresentaram nocautes, ou seja, *negação, tempo ou lugar*. Os números dos advérbios que apresentaram nocautes com o *presente do indicativo* estão expostos na tabela abaixo:

Tabela 3 - Advérbios geradores de nocautes com o *presente do indicativo*.

Tipos de advérbios	Sintético	Perífrases	Totais
Modo	52	51	103
Afirmação	15	6	21
Intensidade	13	20	33
Dúvida	02	01	03
Totais	82	78	160

São 160 dados de advérbios que precisarão ser desconsiderados da para manter o *presente do indicativo* e suas 92 ocorrências.

O grupo de fatores que possibilita a análise da *extensão fonológica dos verbos principais* também apresentou um nocaute, justamente com o *presente do indicativo*. Não houve nenhuma ocorrência de verbos polissílabos com esse tempo verbal na representação do tempo futuro. Os números absolutos das três variantes são os expostos na tabela abaixo:

¹³ Tão comum na fala das crianças que aparece reproduzida em um cartaz publicitário de sala de cinema, em elevador de um shopping de Curitiba conforme pode ser visto no Anexo 12, no final desta tese.

Tabela 4 – Grupo de fatores *extensão fonológica do verbo principal*, em números absolutos.

Extensão do verbo	Futuro sintético	Presente do indicativo	Perífrases	Totais
Monossílabos	357	47	342	746
Dissílabos	914	30	1.373	2.317
Trissílabos	329	15	539	882
Polissílabos	52	0	84	137
Totais	1.652	92	2.338	4.082

Para continuar mantendo o *presente do indicativo* na análise seria necessário desconsiderar 137 ocorrências. 51% dos dados de *presente do indicativo* ocorreram com verbos monossilábicos, o que se deve ao verbo *ir*, como nos exemplos abaixo, o que acaba por desviar os resultados desse grupo de fatores:

- (54) *Vou* de carro, pois a gorjeta pagara essa despesa e ainda sobrá muito! (Pato Donald, n° 16, 1950, pág. 34, PD para Hzl.)
- (55) Já que comecei! *Vou* até o fim ainda que morra de fome! (Pato Donald, n° 1632, 1980, pág. 6, PD para Hzl.)
- (56) *Vou* ao médico, sinto-me mal! (Pato Donald, n°602, 1960, pág. 26, PD para Margarida.)
- (57) Espere, *vou* com você! (Pato Donald, n° 104, 1970, pág. 28, Prof. Pardal para PD.)
- (58) *Vou* com a Margarida! (Pato Donald, n° 2019, 1990, pág. 10, PD para Hzl.)

Após a correção dos nocautes acima mencionados, foram feitas rodadas ternárias e binárias. Objetivando analisar como o *presente do indicativo* interage ou interfere com as demais variantes, foram feitas amalgamações dele com o *futuro sintético* contra as perífrases e dele com as *perífrases*, contra o *futuro sintético*, depois foi feita uma rodada apenas com as *perífrases* e o *futuro sintético*, eliminando o *presente do indicativo*.

Inicialmente, nas rodadas ternárias, a análise dos resultados apontou alguns desvios possivelmente ocasionados pelo pequeno volume de dados do *presente do indicativo*, que podem estar mascarando os resultados de alguns grupos de fatores linguísticos e dos extralinguísticos, que possibilitam a análise do *sexo* e da *faixa etária*. Esses dois últimos, inclusive, foram descartados pelo programa em todas as rodadas binárias (sem o *presente do indicativo*, somente com *futuro sintético* e *ir + infinitivo*).

5.2. Primeiras rodadas após a retirada dos nocautes – rodada ternária

Os resultados considerando as três variantes serão apresentados na ordem da seleção de grupos de fatores apresentada pelo programa quando das rodadas binárias, já que o programa *Tvarb* não seleciona grupos relevantes. A ordem de apresentação, portanto, será: *Ano de publicação*, *Pessoas verbais* (trazendo para junto desse fator o do *preenchimento da pessoa verbal*), *Tipos de frases*, *Projeção do fato futuro*, *Contexto desencadeador*, *Ambiente da ocorrência - doméstico*, *Extensão fonológica do verbo principal*, *Ambiente da ocorrência – profissional*.

5.2.1. Comportamento do grupo de fatores *ano de publicação* em rodada ternária

As 4.082 ocorrências das revistas Pato Donald estão distribuídas da seguinte forma no corpus:

Tabela 5 – Número de ocorrências e porcentagens das variantes por década.

	Futuro sintético		Presente do indicativo		Perífrases		Totais
Década	Nº ocor. / %	P.R.	Nº ocor. / %	P.R.	Nº ocor. / %	P.R.	
1950	824 / 63	.730	15 / 1	.112	475 / 36	.158	1.314
1960	351 / 59	.686	7 / 1	.135	235 / 40	.179	593
1970	285 / 40	.488	11 / 2	.226	408 / 58	.287	704
1980	26 / 6	.067	20 / 4	.533	400 / 90	.400	446
1990	100 / 18	.168	23 / 4	.512	424 / 78	.319	547
2000	66 / 14	.151	16 / 3	.446	396 / 83	.403	478
Totais	1.652 / 40		92 / 2		2.338 / 58		4.082

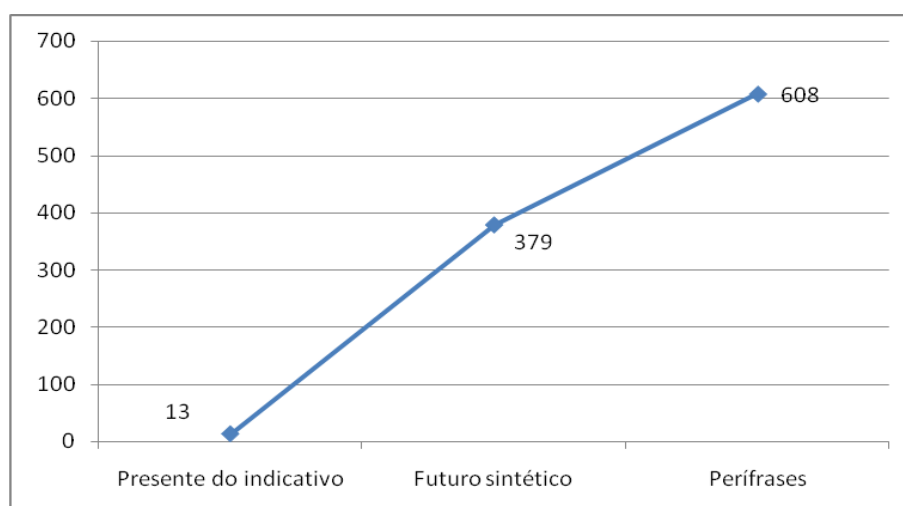
A tabela mostra a distribuição das 4.082 ocorrências do corpus: 1.652 dados de *futuro sintético*, 2.338 de *perífrases* e 92 de *presente do indicativo*, que apresenta o seu maior número de ocorrências na década de 1990, representando apenas 4% do total do decênio, ou seja, sua representação percentual varia de 1 a no máximo 4%, o que é muito pouco em relação às demais e pode propiciar grandes desvios nos resultados. A tabela permite visualizar o que pode ser considerado desvio da análise, os 92 dados de *presente do indicativo* findam a análise com uma probabilidade de uso na representação do tempo futuro de .446 na última década, com apenas 16 ocorrências, contra, por exemplo, .403 das *perífrases*, com 396 dados. Seus maiores pesos relativos estão nas décadas de 1980 e 1990, com .533 e .512, respectivamente, com apenas 4 ocorrências em cada uma delas. Tendência

de uso bastante superior a das *perífrases*, com 100 vezes mais ocorrências. Tais números remetem a um possível desvio devido a má distribuição dos dados e sugerem a necessidade de novas rodadas, inclusive sem o *presente do indicativo*.

Após essa exposição serão feitas rodadas binárias, sem o *presente do indicativo*, para verificar o comportamento das duas variantes com maior número de ocorrências no *cópus*. Esse tempo verbal apresenta um leve aumento de tendência de 1950 a 2000, parte de .112 e chega a .446. Observando o número muito pequeno de ocorrências percebe-se que pode estar havendo um desvio de resultados, pois essa forma é apontada como a variante com mais tendência de aplicação da regra de representação do tempo futuro a partir da década de 1980.

Em números absolutos o que temos é uma concentração maior de dados nas três primeiras décadas, com o P.R. tendendo para o *futuro sintético*. Nas três últimas décadas o número total de ocorrências é menor e o número absoluto do *presente do indicativo* aumenta. Em contrapartida o número absoluto de *perífrases* permanece relativamente estável ao longo do período analisado, inclusive nas três últimas décadas onde houve uma redução do número de contextos de futuridade, o que permite vislumbrar certo balanço: de 1950 a 1970 – tendência de uso do *futuro sintético*, de 1980 a 2000 - variação maior entre as *perífrases* e o *presente do indicativo*. Essa rodada ternária apresentou *input*¹⁴ bastante baixo para o *presente do indicativo*, conforme mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - *Input* das variantes da variável dependente, em pesos relativos.



Os números possibilitam interpretar que o *presente do indicativo* possa, como o *haver + de + infinitivo*, ser, neste *cópus*, um resquício de uso e representar, ainda, uma das

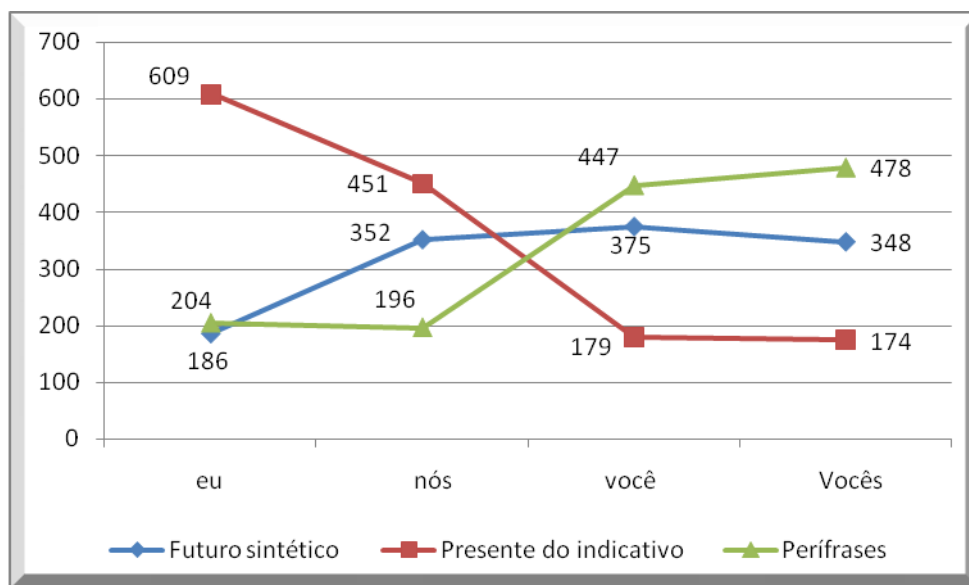
¹⁴ Média global do programa para cada variante.

fases da passagem da representação do tempo futuro a partir do *futuro sintético* para as *perífrases*, em outras palavras pode-se hipotetizar que a representação do tempo futuro tenha passado pelo *presente do indicativo* em direção às *perífrases*, partindo do *futuro sintético*. Indício favorável a esta hipótese é a aproximação entre os pesos relativos do *presente do indicativo* e das *perífrases* nas três últimas décadas, com declínio do *presente do indicativo* na última.

5.2.2. Comportamento do grupo de fatores *pessoa verbal e preenchimento* em rodada ternária¹⁵

Outra situação que apresentou desvio foi o grupo que possibilita a análise das *pessoas verbais*, pois das 92 ocorrências de *presente do indicativo*, 74 ocorrem com a primeira pessoa do singular: *eu*. As demais se distribuem em: 11 com o pronome *nós*, 5 com *você* e 2 com *vocês*. Essa má distribuição dos dados também propicia desvio dos resultados, como se pode verificar no gráfico que se segue:

Gráfico 2 – Grupo de fatores *Pessoas verbais*, em rodada ternária, em pesos relativos.



A rodada a partir das três variantes apresenta o *presente do indicativo* polarizando o pronome *eu*, com peso relativo .609, contra .204 das *perífrases* e .186 do *futuro sintético*. Da mesma maneira a tendência é bastante alta com o pronome de primeira pessoa plural: *nós* e baixa com os de segunda: *você*, com peso relativo .179 e *vocês*, com 174. Novamente esses poucos dados de *presente do indicativo* mantidos na rodada parecem

¹⁵ Em rodadas ternárias o ponto neutro é .333.

deixar mais dúvidas do que respostas. São poucos dados se comparados com os das demais variantes para que possam ser rodados todos juntos.

O *presente do indicativo* não apresentou uma única ocorrência com o pronome *nós* preenchido e sua maior incidência foi com a primeira pessoa do singular (*eu*), preenchido, 9%, o que corrobora o verificado acima: se o *presente do indicativo* indica com mais certeza o futuro, a conotação de certeza tem um reforço a mais na primeira pessoa, principalmente se ela estiver preenchida, como em:

(59) Se você for, *eu vou!* (Pato Donald, 1960)

Que soa como uma certeza, mais do que em:

(59') Se você for, *vou!*

O preenchimento do pronome *eu* parece acrescentar compromisso, palavra empenhada, o que reforça a certeza atribuída à forma verbal.

5.2.3. Comportamento do grupo de fatores *tipos de frases*, em rodada ternária

Conforme tabela abaixo, os contextos de futuridade, representados pelo *presente do indicativo*, tendem a ocorrer em frases interrogativas, com peso relativo .546, como em:

(60) *Quando começamos?* (Pato Donald, n° 2020, 1990, pág. 15, entre adultos iguais.)

Tabela 6 – Grupo de fatores *Tipos de frases*, em pesos relativos.

Tipos de frases	Futuro sintético	Presente do indicativo	Perífrases
Interrogativas	.132	.546	.322
Negativas	.550	.242	.208
Afirmativas	.380	.208	.411

Foram 13 dados de *presente do indicativo* em frases interrogativas fechadas – com respostas *sim* ou *não*, como em:

(61) Vocês vão, meninas? (Pato Donald, n° 4, pág. 11, PD para amigas.)

– ou abertas, de maneira indiferente, como a (60), acima ou ainda:

(62) Para onde eu vou e o que faço? (Pato Donald, 2019, pág. 21, PD para igual.)

As ocorrências ainda contemplam 71 afirmativas e 8 negativas. Novamente há uma grande chance de ter havido desvios nesse grupo de fatores devido a má distribuição das ocorrências. De qualquer forma, aqui se tem a informação sobre a tendência de o *presente do indicativo* ocorrer em frases interrogativas.

5.2.4. Comportamento do grupo de fatores *projeção do fato futuro, em rodada ternária*

Oliveira (2006) sugere que o *presente do indicativo* seja uma forma com marca morfológica zero, que funciona de diversas maneiras, pois assume as propriedades semânticas de seu contexto, como atestam os exemplos abaixo, representantes de mais de 10% da amostra das ocorrências com esta forma verbal.

- (63) Poremos esses andrajos em volta do corpo, *depois vamos* para casa e explicamos tudo! (Pato Donald, n° 596, 1960, pág. 8, Hzl entre si.)
- (64) — Quando chegarmos lá, será um trabalho demorado!¹⁶
— Acho que *vou* com vocês! (Pato Donald, n° 612, 1960, Hzl para Prof. Pardal.)
- (65) *Tenho* que estar de volta dentro de *duas semanas*! (Pato Donald, n° 1, 1950, pág. 26, adulto para igual.)

Nos exemplos acima o *presente do indicativo* possibilita interpretação de futuro, pois essa informação é trazida pelo seu contexto. No exemplo (63) ele está antecedido de *futuro sintético* e *advérbio de tempo*. No (64), a fala anterior apresenta *futuro sintético*, o que projeta toda a situação do discurso para o futuro. Apesar de o exemplo (65) não ter sido computado como *presente do indicativo*, por ser *perífrase verbal*, o verbo principal está no presente e isso é possível porque o tempo futuro está marcado pela expressão ‘duas semanas’. Mesmo não havendo a modalização da obrigação, como em:

(65’) *Volto* dentro de *duas semanas*!

O *presente do indicativo* poderia ser utilizado e a ideia de futuro seria mantida, pois ela é marcada pela locução adverbial ‘duas semanas’. A questão que fica é em relação ao tempo: ‘duas semanas’ seria ‘futuro próximo’? Dentro dos critérios assumidos nesta tese, não, pois, lembrando, assume-se aqui, a partir de Poplack & Turpin (1999) e Gibbon (2000), que a ação será considerada *próxima* se estiver projetada para hoje e amanhã e *distante*, a partir de depois de amanhã. Nesse caso o *presente do indicativo* também é

¹⁶ Os exemplos que apresentam as falas antecedidas de travessões representam diálogos em sequência.

utilizado para indicar futuro distante, pois a projeção de futuro pode ser dada por uma locução adverbial e essa pode ter qualquer extensão: um minuto, um ano, um século...

O exemplo seguinte deixa clara a diferença entre as formas encontradas no corpus:

- (66) (— É pena que você não possa ir comigo à conferência esta noite!)¹⁷
— *Vou*, sim! Aposto como me *fará* muito bem! (Pato Donald, n° 1120, 1970, pág. 26, Margarida para PD.)

“*Vou*, sim!” e “Aposto que me *fará* muito bem!”, são futuros próximos, acontecerão na sequência, na mesma noite, mas o *futuro sintético* marca um futuro que acontecerá depois da ida para a conferência, o que o torna um futuro mais distante se comparado ao primeiro (*ir*), ou seja, “*vou sim*” (à conferência), estando lá, a conferência “*me fará muito bem*”, o futuro mais próximo é *ir*, marcado pela perífrase, o da sequência é *fazer bem*, que, estando mais distante que o anterior, se faz marcar pelo *futuro sintético*.

- (67) Não *aceito* desculpas! *Vou* ao piquenique com o vencedor da corrida! (Pato Donald, n° 2018, 1980, pág. 40, Margarida para PD e Gastão.)
- (68) Já que comecei! *Vou* até o fim, ainda que morra de fome! (Pato Donald, n° 1632, 1980, pág. 6, PD para Hzl.)
- (69) (— O que você está fazendo aqui?
— Vou passear com a Margarida!)
— Eu *escolho* com quem vou sair!
— Se sair com este bocó eu não *falo* mais com você, Margarida!
— E se escolher este moloide não *quero* mais saber de você! (Pato Donald, n° 2002, 1990, pág. 30, PD, Gastão e Margarida.)

Em (67), “Não *aceito* desculpas! *Vou* ao piquenique...” são acontecimentos futuros próximos, que acontecerão no mesmo dia, dentro de algumas horas. Depois da corrida ela irá ao piquenique com o vencedor e não aceitará desculpas vindas do perdedor. O *presente do indicativo* é interpretado como futuro devido ao contexto de futuridade onde ele está inserido. Já no exemplo (68) “*Vou* até o fim”, esse *fim* está localizado em futuro distante (o personagem fala sobre o seu regime alimentar, cujo final se localiza temporalmente bem distante, pois ele acaba de começá-lo), o que não impediu o verbo de estar no *presente do indicativo*, pois a ideia de futuridade está no contexto, trazida por outro elemento, dispensando o verbo dessa função. É exatamente isso que acontece com os verbos *escolher*, *falar* e *querer*, do exemplo (69) que, por esse mesmo motivo, podem estar no *presente do indicativo*, indicando, nesses casos, futuro imediato.

¹⁷ Os parênteses, nesse caso e nos próximos em que ocorrer, representam um diálogo anterior, que figuram no exemplo apenas por serem importantes para o entendimento da fala em estudo.

Os exemplos (70) e (71) também apresentam situação similar ao que já foi comentado:

- (70) (— Você só precisa ir à casa dos clientes e ligar o robô. *Receberá* uma porcentagem sobre cada piscina construída.)
— O trabalho que sempre sonhei! Quando *começo*? (Pato Donald, nº 2201, 2000, pág. 15, Prof. Pardal para PD.)
- (71) Aposto que até eu *faço* melhor. Cem mil por quadro, *fico* mais rico que o Tio Patinhas. (Pato Donald, nº 2208, 2000, pág. 1, PD para Hzl.)

No (71) temos uma projeção imaginada no futuro que, por isso, pode ser representada pelo *presente do indicativo*, pois a situação de futuridade fica representada e entendida pelo contexto: *quando eu vender cada quadro por cem mil, ficarei mais rico que o Tio Patinhas* (doravante TP), mas os quadros ainda não existem, o personagem supõe que tem condições de pintá-los; é um desejo.

Os dados deste corpus corroboram as afirmações dos gramáticos acima citados (Pereira, 1910 e 1927; Almeida, 1979; Cunha, 1984 e Cunha e Cintra, 1985), quando se referem à característica que o *presente do indicativo* tem de expressar um futuro próximo.

Antes de Cunha, acima referido, Pereira (1932: 503) já destacava que o *presente do indicativo* pode ser utilizado nos contextos de futuridade onde a intenção seja a de expressar com mais segurança algo a realizar-se em um futuro próximo. Além deles Said Ali (1964) e Malvar (2003) associam o uso do *presente do indicativo* e de *ir + infinitivo* com a proximidade do fato futuro.

Todavia, no par de exemplos abaixo é possível perceber que o *presente do indicativo* não expressa só certeza de que algo vai ocorrer no futuro (72), ele também está presente em situações dúbias (73):

- (72) Não aceito desculpas! *Vou* ao piquenique com o vencedor da corrida!
(Pato Donald, nº 1680, 1980, pág. 26, Margarida para PD e Gastão.)
- (73) Mas você ainda *vai* comigo ao baile no sábado, não *vai*? (Pato Donald, nº 1680, 1980, pág. 27, PD para Margarida.)

No exemplo (72) a certeza fica bem marcada com o uso do tempo verbal *presente do indicativo*, que ainda marca fortemente a dúvida no (73), na primeira ocorrência de ‘ir’ na frase ainda há a ideia de certeza, que se desfaz com a repetição do verbo em forma de interrogativa, de dúvida. Se há dúvida, não há certeza. A repetição do verbo acompanhada de negação e da intenção funciona mais como uma exigência e do que como uma

confirmação da certeza. Neste caso a troca do *presente do indicativo* pelo *futuro sintético* não acarreta nenhuma alteração de sentido:

(73') Mas você ainda *irá* comigo ao baile sábado, não *irá*?

Das 4.082 ocorrências do *cópus*, apenas 92, ou seja, 2%, são de *presente do indicativo*, 13 delas em projeção futura considerada distante e 79, próximas, segundo os critérios desta pesquisa. Em percentuais temos que 85% das ocorrências de *presente do indicativo* estão em projeções próximas e 15%, distantes.

A tendência de uso apresentada pelo programa estatístico é .397, para o uso em situações de futuridade próxima, não muito alta, tendo em vista que o ponto neutro é .330, mas corroborando as afirmações acima, haja vista que o peso relativo para a projeção distante é .272. Porém existem, nesse *cópus*, 15% de ocorrências onde o *presente do indicativo*, além de se referirem a um fato futuro, referem-se a um futuro distante, como podemos observar em:

(74) Estou arruinado, *vou* à falência! (Pato Donald, n° 2018, 1990, pág. 29, TP para adulto igual.)

Esse *presente do indicativo* indica um futuro bem distante, pois, no contexto da história, o Tio Patinhas é extremamente rico, não *irá* à falência facilmente. Voltando às informações da GT sobre a projeção do fato futuro e seus usos, e conhecendo o personagem em questão, é possível perceber que a intenção por trás do *presente do indicativo* em uso na frase (74) é de mostrar que o fato acontecerá em um futuro próximo. O personagem é extremamente avaro. Se a frase fosse apresentada como em (74') a ideia da falência pareceria mais distante e a intenção, no contexto da história é apresentar uma realidade próxima, fatídica.

(74') Estou arruinado, *irei* à falência! (Pato Donald, 1990)

De certo modo é possível verificar que há a ideia de projeção próxima para um contexto de futuridade apresentado pelo *presente do indicativo*, que incide nessa situação ainda com sua carga de certeza e de *distante* para o *futuro sintético*, não utilizado onde a intenção era mostrar a gravidade da situação.

O que se tem, então, de modo geral, nesse grupo de fatores, é que *presente do indicativo* não indica, sozinho, tempo futuro, nem próximo nem distante, o que ele faz é

colocar a ação verbal; o que a projeta para o futuro é o contexto, que pode trazer um advérbio, uma locução adverbial ou apenas um contexto entendido como de futuridade, o que será discutido em seção apropriada, abaixo.

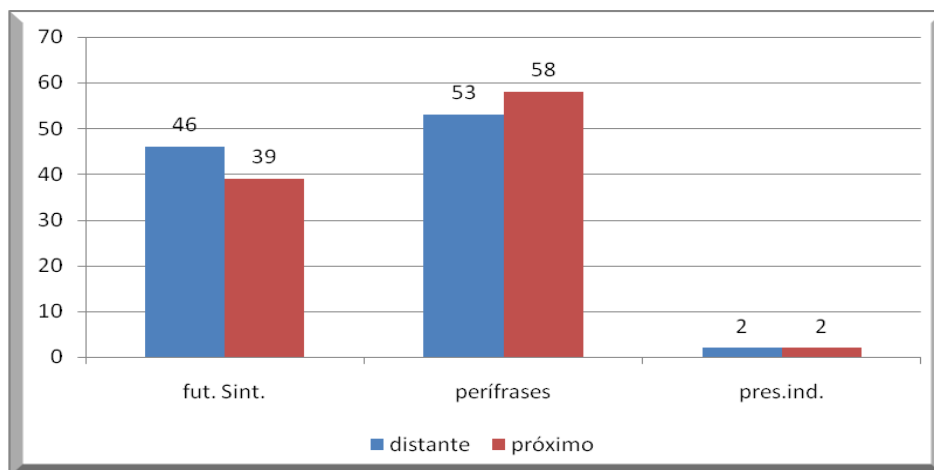
Os números de dados do *presente do indicativo* são baixos, sua maior representatividade encontra-se nas décadas de 1980 e 2000, quando atinge 5% dos contextos de futuridade em projeção próxima. Nas décadas de 1960 e 2000 todas as ocorrências com essa forma verbal estão nesse contexto. Talvez esses números apontem que o *presente do indicativo* está deixando de representar o tempo futuro nesse tipo de corpus.

Na década de 1950 o *futuro sintético* é a forma verbal de uso majoritário, tanto para projeções de futuridade *próximas* (61%) como *distantes* (72%), enquanto as *perífrases*, 27%, para *distante* e 38% com as *próximas*. Década bastante díspar na análise com esses grupos de fatores é a de 1980, quando foram reduzidos os números de ocorrências tanto do *presente do indicativo* como do *futuro sintético*. Nessa década houve uma explosão no uso das *perífrases*. Esse fato pode ser devido a questões internas da publicação, como troca de editor, etc. Hipóteses à parte, o que se tem a partir daí é uma situação inversa, é como se a editora tivesse tentado voltar ao formato anterior, fazendo uso mais intenso do *futuro sintético* em detrimento das formas inovadoras, mas não conseguindo. O acréscimo no número das ocorrências do *futuro sintético* da década de 1980 para a de 1990 é alto, mas ambos representam queda em relação à de 1970.

Da mesma forma as *perífrases*, que começam com números bastante inferiores dos que o *futuro sintético* apresenta, mas mantendo sua tendência de ocorrer mais em contextos de futuridade com projeções próximas e apresentando um acréscimo de uso desde a primeira até a última década analisada, com maiores percentuais em projeções próximas. Apresentam ainda maior porcentagem de ocorrências com o futuro próximo em quase todas as décadas analisadas, exceto na de 1980, já comentada, quando o futuro distante apresenta uma porcentagem levemente maior.

O *presente do indicativo* incide mais sobre o futuro próximo, exceto na década de 1990, quando apresenta o mesmo percentual para as duas projeções. Os números mostram uma concorrência entre as formas *futuro sintético* e *perífrases* na representação do tempo futuro, sendo que *perífrases* o fazem tanto em projeções distantes como em próximas. Os percentuais totais para essas três formas verbais de representação de futuro estão expostos no Gráfico 3, abaixo:

Gráfico 3 – Percentuais totais das *perífrases verbais*, do *futuro sintético* e do *presente do indicativo*, na linha do tempo estabelecida para o *cópus*.



Apesar de os números percentuais não revelarem tendências de uso, o que só pode ser observado a partir de peso relativo, a orientação da GT é corroborada pelos resultados aqui obtidos. Comparando o *futuro sintético* com o futuro perifrástico o que se tem é que esse último ocorre mais nesse tipo de *cópus* e representa, percentualmente, o futuro próximo. O interessante é observar que o *presente do indicativo* mantém os mesmos percentuais para as duas projeções. Como já comentado, e será mais detalhado na próxima secção, o que faz a diferença nesse tempo verbal na representação do tempo futuro. São os contextos onde está inserido e os advérbios de tempo que o acompanham. Sendo assim, próximo ou distante não são relevantes, o futuro fica marcado pelo contexto ou pelo advérbio de maneira que o tempo verbal utilizado para isso passa a ser insignificante, como nas situações abaixo, hipotéticas:

- (75) *Estudo* para um concurso.
- (76) *Hoje estudo* para um concurso.
- (77) *Amanhã estudo* para um concurso.
- (78) *No mês que vem estudo* para um concurso.
- (79) *Daqui a dois anos estudo* para um concurso.

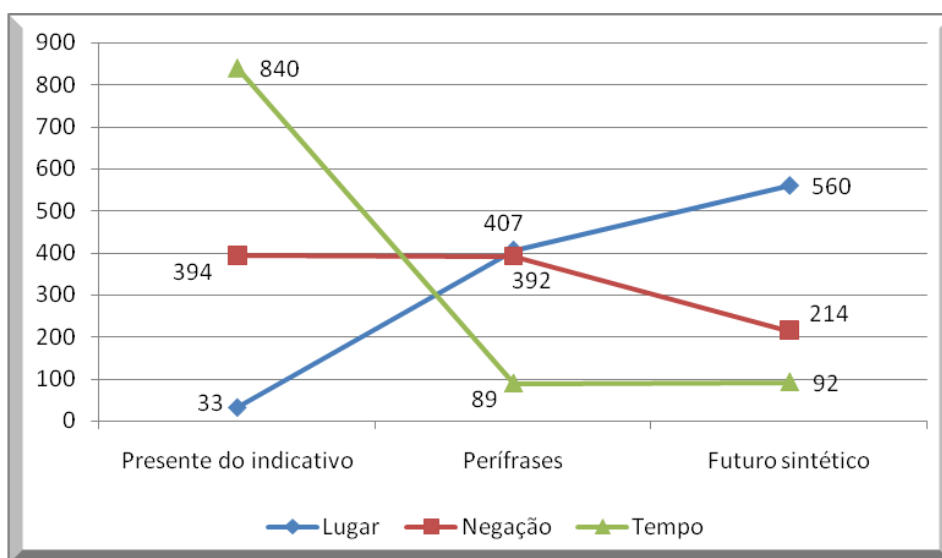
Em (75) o verbo *estudar* conjugado no *presente do indicativo* informa um hábito, não apenas uma ação ocorrida (ou ocorrendo) no presente. Nas demais o futuro, bem como sua projeção próxima ou distante, está expresso pelos advérbios e locuções, não pelo tempo verbal, que é o mesmo em todas, apesar de as projeções futuras não o serem.

5.2.5. Comportamento do grupo de fatores *contexto desencadeador*, em rodada ternária

Na rodada ternária o que se observa é que o *presente do indicativo* praticamente monopoliza os advérbios de tempo, com peso relativo .840, o que, inclusive, confirma as afirmações acima sobre sua capacidade de representação do tempo futuro, além de confirmar a hipótese inicial desta tese que já previa esta ligação estreita. Malvar (2003) também confirma essa teoria em dados dos séculos XIX e XX, quando a observa que o *presente do indicativo* alcança os maiores pesos relativos em contextos de advérbio de tempo.

No grupo de fatores *contexto desencadeador* o *presente do indicativo* somou 47 ocorrências, dessas, 37 são com o advérbio de *tempo*, 8 com *negação* e 2 com advérbio de *lugar*. O que os dados mostram é que o advérbio de *tempo* parece polarizar a representação do tempo futuro para o *presente do indicativo* e isso, rodado com as demais variantes, poderia desviar os resultados. Em rodada ternária o *presente do indicativo* apresentou tendência de .840 de ocorrer com o advérbio de *tempo*, .394 com o de *negação* e .033 com o de *lugar*. O fato de esse número quase que total das ocorrências de *presente do indicativo* com advérbios, ser de advérbio de tempo, acabou por apresentar como resultado uma distribuição complementar, que pode ser entendida a partir do Gráfico 4, abaixo:

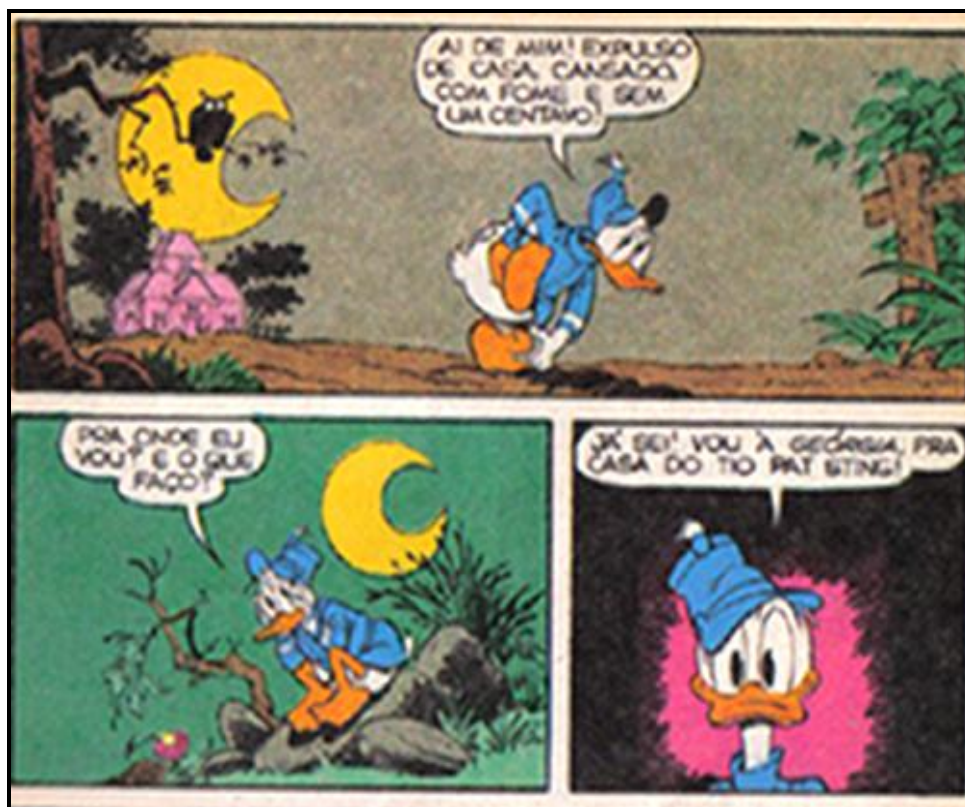
Gráfico 4 – Grupo de fatores *Contexto desencadeador*, em rodada ternária, em pesos relativos.



Da mesma maneira que o advérbio de *tempo* polariza o *presente do indicativo*, o de *lugar* tende a ocorrer com o *futuro sintético*, enquanto o de *negação*, com o *presente do indicativo* e as *perífrases*, embora sejam apenas 8 ocorrências de advérbio de negação com

o *presente do indicativo*. Apesar do número reduzido de ocorrências no *cópus* o recorte desse tempo verbal permite observar que ele expressa o futuro, mas não sozinho, depende não só dos antecedentes, que pode ser o *futuro sintético* ou um advérbio de tempo, mas também do contexto como também observou Gibbon (2000) e é possível perceber pela situação abaixo:

- (80) Ai de mim! Expulso de casa, cansado, com fome e sem um centavo! Para onde eu *vou* e o que *faço*? Já sei! *Vou* à Geórgia, pra casa do tio Pat Sting.
(Pato Donald, n° 2019, 1993, pág. 11, Donald sozinho.)



Nessa situação o personagem está sem saber o que vai fazer. Ele precisa decidir o que fará de sua vida. O contexto remete a ação para o futuro, não havendo, nesse caso, a necessidade de tempo verbal no futuro ou de advérbio de tempo para que o leitor entenda que os verbos *ir* e *fazer* estão fazendo referência a ações no futuro.

Havendo *presente do indicativo* as chances de ocorrer advérbio de tempo ou contexto de futuridade que indique projeção futura são muito altas, mas a questão que fica é: e não havendo o *presente do indicativo*, qual das outras variantes é mais atraída pelo advérbio de *tempo*?

Segundo Oliveira (1985) o *presente do indicativo* somente marca futuridade se acompanhado de um advérbio de tempo. Menon (2003a) concorda com a pesquisadora e

acrescenta que, em casos da não existência dos advérbios de tempo, o *presente do indicativo* precisa estar inserido em um contexto de futuridade. De fato os advérbios mantidos nesta análise permitem perceber que os de *tempo* ocorrem mais com o *presente do indicativo*, conforme exemplos abaixo, o que originou o peso relativo .840:

- (81) *Depois* a gente *conversa*. (Pato Donald, nº 2258, 2000, pág. 13, adulto para igual.)
- (82) *Amanhã* não *posso*! (Pato Donald, nº 2014, 1990, pág. 24, Margarida para PD.)
- (83) *Depois* eu *volto* pra pagar a cerca! (Pato Donald, nº 1670, 1980, pág. 7, PD para estranho.)
- (84) Escapei! E nem cheguei a conhecer meu amigo oculto! *Agora vou* para meu antigo esconderijo! (Pato Donald, nº 1146, 1970, pág. 18, adulto sozinho.)
- (85) Poremos esses andrajos em volta do corpo, *depois vamos* para casa e *explicamos* tudo! (Pato Donald, nº 596, 1960, pág. 8, Hzl entre si.)
- (86) Pois *agora* eu mesmo *vou* a esta escola! (Pato Donald, nº 8, 1950, pág. 25, Pd para adulto igual.)
- (87) *Depois* da maratona, *pegamos* o dinheiro e *compramos* comida de gato pros gatos desamparados e famintos de Patópolis! (Pato Donald, nº 2018, 1990, pág. 45, Margarida para PD.)



No entanto em casos de exemplos como os de (82) a (87), exceto (82 e 87), em que o advérbio *amanhã* e o *depois*, por si só, lançam a ação para o futuro, nos demais casos, é possível abolir os advérbios de tempo, sem prejuízo da interpretação de futuridade, como em:

- (81') A gente *conversa*.



Dentro do contexto onde a frase ocorreu a supressão do advérbio de tempo não evitaria que a informação fosse entendida como algo a acontecer no futuro.

(83') Eu *volto* pra pagar a cerca!

Aqui também a ideia de futuro se mantém. Houve um acidente, a cerca foi quebrada, o responsável pelo ocorrido olha para o dono da cerca e, sem parar de correr, profere ' Eu *volto* para pagar a cerca'. O futuro está implícito, não há necessidade do advérbio a fim de que ele seja entendido.

(84') Escapei! E nem cheguei a conhecer meu amigo oculto! *Vou* para meu antigo esconderijo

(85') Poremos esses andrajos em volta do corpo, *vamos* para casa e *explicamos* tudo!

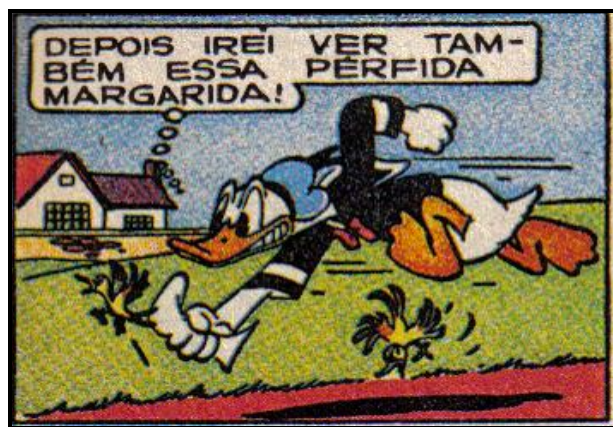
(86') Pois eu mesmo *vou* a esta escola!

Em (85') a noção de futuridade fica explícita pelo *futuro sintético* apresentado no início: *poremos*. Nesse caso, especificamente, há uma sequência de ações, a primeira foi estabelecida pelo *futuro sintético*, as demais, independente do tempo verbal, ficam entendidas como a acontecer depois daquela já estabelecida. O verbo *ir*, no presente do indicativo, indica ação não imediata, se vou, é depois, daqui a algum tempo, próximo ou não, como em (84') e (86').

Os três advérbios analisados neste corpus apresentam disposições bem diversas entre si. O de *lugar* apresenta grande tendência de ocorrer com o *futuro sintético* (.560), desprezível, quase nula, com o *presente do indicativo* (.033) e leve com as perífrases (.392). O de negação, leve tendência de ocorrer com as formas mais inovadoras de representação do tempo futuro, o *presente do indicativo* (.394) e as *perífrases* (.407), e tendência baixíssima com o *futuro sintético* (.214), possivelmente pelo caráter de promessa velada que essa forma verbal traz consigo, conforme mencionado acima.

O advérbio de tempo, por sua vez, apresenta elevada tendência de ocorrer com o *presente do indicativo*, como já visto, o que corrobora as afirmações já feitas acerca desse tempo na marcação do futuro, enquanto sua tendência, nesse corpus, de ocorrer com o *futuro sintético* e as *perífrases* é praticamente nula, .092 e .069 respectivamente. O quadrinho abaixo exemplifica uma dessas ocorrências tabuladas dentro do peso relativo .069, das *perífrases* (nesse caso *futuro do presente* de *ir* + infinitivo) com advérbio de tempo:

(88) Depois irei ver também essa pérfida Margarida! (Pato Donald, 1980)



5.2.6. Comportamento do grupo de fatores *Ambiente da ocorrência - doméstico, em rodada ternária*

Das 92 ocorrências de *presente do indicativo*, 76 se encontram em ambiente de ocorrência doméstico, a grande maioria delas, portanto. Dessas apenas uma entre pessoas estranhas, 8 em situações onde o personagem ‘fala’ sozinho ou pensa e também o mesmo número de ocorrências em interações com pessoas mais velhas, o que gerou o peso relativo de .413. Foram 13 dados em interações com pessoas mais novas pelo *presente do indicativo*, número gerador de um peso de .312, abaixo da linha de tendência e 46 com interações entre pessoas de idade aproximada, o que se tomou como critério nominar de interação entre iguais. Esse número, apesar de ser o que detém a maioria das ocorrências, apresenta tendência de uso mais baixa do que as interações com pessoas mais velhas. A tabela abaixo apresenta os pesos relativos para o ambiente doméstico.

Tabela 7 – Grupo de fatores *Ambiente doméstico*.

	Futuro sintético	Presente do indicativo	Perífrases
Com mais velho	.298	.413	.289
Com igual	.268	.359	.373
Com mais novo	.370	.312	.318
Sozinho	.293	.291	.416
Com estranhos	.444	.286	.270

O *presente do indicativo* se faz representar majoritariamente por pessoas mais novas, em interação com mais velhos, .413, na sequência, entre iguais, ou seja, na interação entre pessoas com idades aproximadas, com .359, fechando as duas situações de uso que apresentam tendência de uso dessa forma verbal. O *presente do indicativo*, portanto, tende a ocorrer na fala dos mais jovens, como em:

- (89) (Amanhã vamos ter que levar pra aula os nomes e cores de cinco flores!)
 Você *ajuda* a gente? (Pato Donald, N° 1678, 1980, PÁG. 3, Hzl para PD.)

Interessante é que esse tempo verbal apresenta o mesmo número percentual para os dois ambientes, 2%, mesmo índice, inclusive, que ele representa no total do corpúsculo. São 3.319 ocorrências nesse grupo de fatores, com 76 no *presente do indicativo*. No grupo análogo, o ambiente de ocorrência profissional, que será exposto abaixo, foram 16 ocorrências desse tempo verbal, de novo 2% do total.

5.2.7. Comportamento do grupo de fatores *extensão fonológica do verbo principal*, em rodada ternária

Quanto ao grupo de fatores *extensão fonológica do verbo principal*, eliminando os verbos polissilábicos da rodada, o que se tem são os pesos relativos abaixo:

Tabela 8 – Grupo de fatores *Extensão fonológica do verbo*, em rodada ternária, em pesos relativos.

Extensão do verbo principal	Futuro sintético	Presente do indicativo	Perífrases
1 sílaba	.179	.696	.125
2 sílabas	.372	.231	.396
3 sílabas	.309	.302	.388

Efetuada uma rodada com essas condições verifica-se que a grande tendência apresentada por esse grupo de fatores foi a de o *presente do indicativo* ocorrer com verbos

monossilábicos (.696), devido a exemplos como os acima apresentados. O que se verifica é que a disparidade das ocorrências está desviando os resultados, pois os 47 dados de *presente do indicativo*, 6% das ocorrências de verbos monossilábicos do *cópus*, estão levando os pesos relativos desse tempo verbal com essa extensão fonológica a um número altíssimo.

Esses mesmos verbos apresentam baixíssima tendência de ocorrer com as perífrases, haja vista que, das 2.338 ocorrências dessa variante, 2.110 são de *ir + infinitivo*, ou seja, como o verbo monossilábico principal de maior incidência no *cópus* é *ir – ir auxiliar + ir principal* – apresenta-se ainda como um contexto de resistência, construção ainda estigmatizada. Conforme visto anteriormente ela representa o último estágio do processo de gramaticalização de uma forma. Não há, no *cópus*, nenhuma ocorrência do verbo *ir* auxiliar com *ir* pleno, como no exemplo retirado de Gibbon (2000: 63) abaixo:

(90) E eu não *vou ir* lá solita.

5.2.8. Comportamento do grupo de fatores *Ambiente da ocorrência - profissional, em rodada ternária*

Em outro tipo de ambiente, em uma situação mais formal, ambiente profissional, o *presente do indicativo* apresenta alta tendência de uso por subordinados com seus superiores, .614, todas com o *presente do indicativo* em contextos com advérbio de tempo, como na frase abaixo:

(91) *Explicamos* depois que descarregarmos o avião, chefe! (Pato Donald, n° 2022, 1990, pág. 52, empregado para patrão.)

Foram apenas 5 ocorrências as que geraram esse peso alto para as interações entre subordinado e superior. O peso relativo com ‘sozinho’ foi gerado a partir de 2 únicas ocorrências. Talvez esse seja mais um indicativo de desvio ocasionado pelo reduzido número de dados, 16 nesse grupo. A tabela abaixo mostra a distribuição dos pesos relativos:

Tabela 9 – Grupo de fatores *Ambiente profissional*, em pesos relativos.

	Futuro sintético	Presente do indicativo	Perífrases
Com superior	.197	.614	.189
Sozinho	.022	.515	.263
Com estranhos	.354	.331	.315
Com igual	.292	.281	.428
Com subordinado	.548	.084	.369

Os números dessa tabela mostram que as tendências de ocorrer *presente do indicativo* no ambiente profissional são maiores do que no ambiente doméstico, visto acima.

5.2.9. Os grupos de fatores extralinguísticos: *sexo e faixa etária*

Quanto aos grupos *sexo e faixa etária*, analisados pelo *Tvarb*, a partir das variantes *presente do indicativo*, *futuro sintético* e *perífrases* é possível perceber que o *presente do indicativo* está fazendo a diferença na análise dos números.

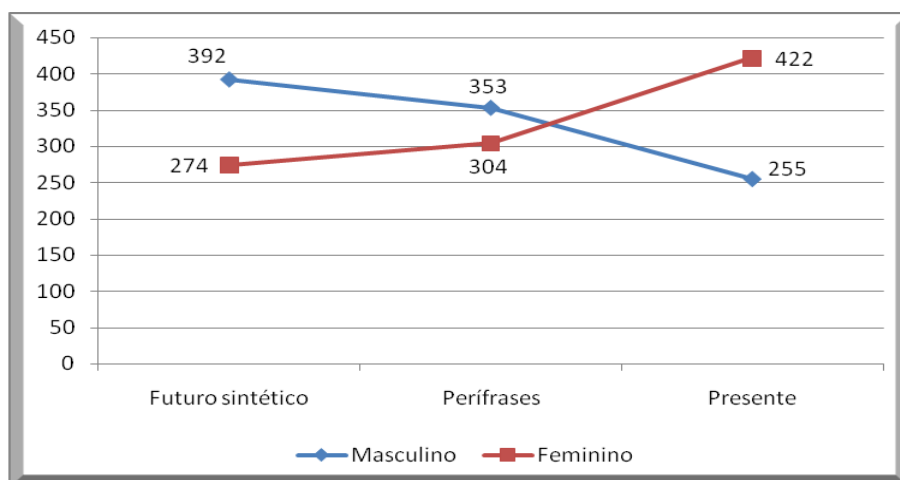
Com esse tempo verbal na rodada o grupo de fatores *sexo* apresenta tendência de os homens usarem mais o *futuro sintético* do que as mulheres, como no exemplo abaixo:

(92) Não está mais demitido, mas *será* meu assistente em um novo programa.
(Pato Donald, nº 2200, 2000, pág. 14, TP para PD.)

No gráfico abaixo é possível perceber que, nesse cópulo, os homens fazem mais uso das *perífrases* e do *futuro sintético*, deixando a representação do futuro pelo *presente do indicativo* com o menor peso relativo para esse sexo.

As mulheres, por sua vez, tendem a representar o tempo futuro a partir *presente do indicativo*. As *perífrases* e o *futuro sintético* apresentam pesos relativos abaixo da linha de tendência para as mulheres quando da aplicação da regra da representação do tempo futuro a partir dessas duas variantes. Tem-se uma distribuição complementar no resultado do grupo de fatores *sexo* quando o *presente do indicativo* é incluído na rodada: as mulheres usam mais ao *presente do indicativo* e *perífrases* e os homens o *futuro sintético*.

Gráfico 5 – Grupo de fatores *sexo*, em rodada ternária, em pesos relativos.

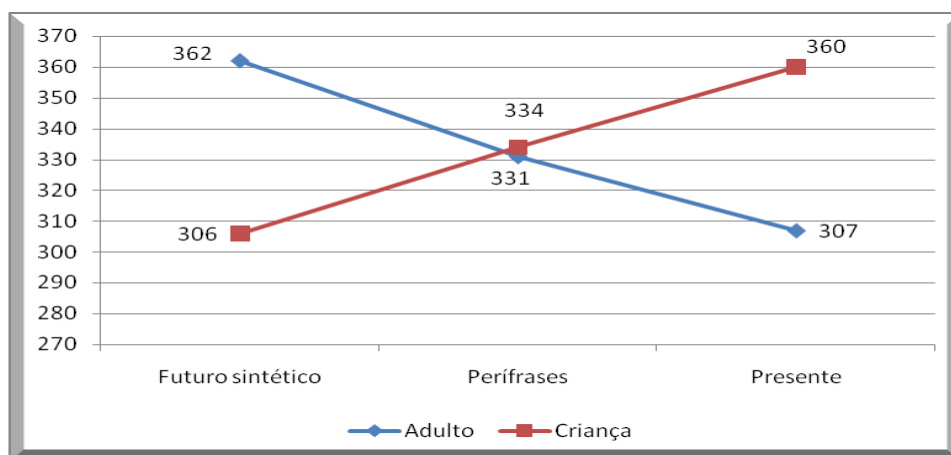


As diferenças são bastante nítidas, onde ocorre uma variante não ocorre a outra. A distribuição é bastante distinta entre os sexos. A representação do futuro pelas *perífrases* é a que apresenta maior proximidade nos pesos relativos nos dois fatores analisados nesse grupo. Nos demais a distância é alta, principalmente no uso do *presente do indicativo* para a representação do tempo futuro.

Monteiro (1994) atesta que homens e mulheres apresentam comportamento linguístico diferenciado. Algumas pesquisas apontam para o fato de o sexo feminino se mostrar linguisticamente menos conservador do que o masculino quando a variante não é estigmatizada socialmente, o que é o caso do *presente do indicativo*.

O grupo de fatores *faixa etária* apresenta um resultado bastante curioso graficamente. Com índices estatisticamente idênticos, mas invertidos, conforme o gráfico reproduzido na sequência:

Gráfico 6 – Grupo de fatores *faixa etária*, em rodada ternária, em pesos relativos.



Interessantes são os números do *futuro sintético* e do *presente do indicativo*. Essas duas formas verbais apresentam pesos relativos bastante próximos, mas invertidos para as faixas etárias analisadas, quando da rodada incluindo as três variantes. O *futuro sintético* apresenta tendência a ser utilizado por adultos e o *presente do indicativo* pelas crianças, exemplificada na situação abaixo, onde a primeira fala é do Donald (adulto) e a segunda de seus sobrinhos (crianças):

- (93) — *Irei* amanhã à floresta federal de Patópolis!
— Nós *vamos* também? (Pato Donald, 1960)

As crianças não repetem a forma verbal utilizada pelo tio (o *futuro sintético*), como um gancho de fala, elas o indagam fazendo uso do *presente do indicativo*. Mas isso não impede que elas lancem mão do *futuro sintético* quando querem mostrar um grau mais elevado de comprometimento na ação futura, dar a ela o tom de promessa, como em:

- (94) Amanhã *farei* com que o porquinho saia, papai, *prometo*! (Pato Donald, nº 1, 1950, pág. 28, Lobinho para Lobão.)

Esses pesos relativos confirmam o *presente do indicativo* com tendência de uso pelos mais jovens. No mesmo sentido confirmam o *futuro sintético* como forma conservadora, sendo, portanto, mais utilizada pelos adultos. As *perífrases* ficaram no ponto neutro nas duas faixas etárias da análise, o que revela não ser este um grupo de fatores relevante para essa forma verbal, considerada, nesse cópua, neutra para o grupo de fatores *faixa etária*¹⁸. Isso traz a mesma questão: e se o *presente do indicativo* não estivesse na rodada, como seria o comportamento desse grupo de fatores?

5.2.10 Fechando a rodada ternária

Foram feitas várias rodadas, binárias e ternárias, ora desconsiderando os 92 dados do *presente do indicativo*, ora amalgamando-o com as *perífrases* ou com o *futuro sintético*. Em todas elas foram selecionados os mesmos 10 grupos de fatores, nesta ordem: *ano de publicação*, *pessoas verbais*, *tipos de frases*, *projeção do fato futuro*, *preenchimento do sujeito pronominal*, *ambiente da ocorrência - doméstico*, *número de sílabas do verbo principal*, *contexto desencadeador* e *ambiente da ocorrência - profissional*, TAM. Com essa seleção os mesmos grupos de fatores também foram descartados: *sexo* e *faixa etária*. Assim sendo, a análise deste cópua se fará a partir de apenas duas variantes da variável

¹⁸ Foi feito um *Crosstab* entre esse grupo de fatores e o do *sexo*, o que não gerou dados significativos, conforme Anexo 03.

dependente: o *futuro sintético* e as *perífrases*, que, por sua vez, também sofrerão um refinamento no sentido de evitar outros desvios, conforme se pode ver na sequência.

A primeira rodada sem o *presente do indicativo* possibilitou observar que esse tempo verbal, quando incluído nas rodadas, fazia que com o programa apresentasse o grupo de fatores *contexto desencadeador* em 8º lugar, o penúltimo selecionado. Quando em rodada binária, sem esse tempo verbal, esse grupo de fatores passou a ocupar a 5ª posição na lista dos grupos selecionados pela análise, ou seja, quando o *presente do indicativo* estava incluído o *contexto desencadeador* era menos relevante para sua ocorrência do que o *preenchimento do sujeito pronominal*, o *ambiente de ocorrência – doméstico* e a *extensão fonológica do verbo principal*. Após sua exclusão o *contexto desencadeador* passa a ser mais relevante. Possivelmente isso não se deva ao fato de o presente não prescindir de advérbio de tempo e sim porque, ao retirar esse tempo verbal, o grupo de fatores *contexto desencadeador* passou a ser considerado em sua totalidade, o que não era possível com o *presente do indicativo*, com nocautes nos 04 dos sete advérbios envolvidos na análise.

Nas rodadas binárias combinadas - *presente do indicativo* + *perífrases* X *futuro sintético* e *presente do indicativo* + *futuro sintético* X *perífrases*) é possível perceber que esse tempo verbal não prescinde de advérbio de tempo, pois quando rodado amalgamado com o *futuro sintético*, contra as *perífrases*, a tendência de o *futuro sintético* ocorrer com esse tipo de advérbio sobe de .08 para .60, o mesmo se dá com as *perífrases*, que tem sua tendência de ocorrer com um advérbio de tempo aumentada de .06 para .45. Esses números mostram que há uma relação bastante estreita do *presente do indicativo*, quando na representação do tempo futuro, com os advérbios de tempo.

Todos esses nocautes e possíveis desvios de análise fizeram com que se optasse por não considerar o *presente do indicativo* no estudo comparativo com as demais variáveis. Sendo assim a análise se dará a partir do *futuro sintético* e das *perífrases*. Essas, por sua vez, também necessitam de um refinamento, haja vista que as encontradas no *cópus* são em número de cinco, mas apenas uma permite análise nesse estudo, como veremos na sequência.

5.3. Os tipos de perífrases das revistas Pato Donald

Das 4.082 ocorrências desse corpus, 58% se apresentaram em perífrases verbais, conforme tabela abaixo:

Tabela 10 – Números de ocorrências das variantes, em números absolutos, porcentagem e *input*.

Tipos de futuro	N.º de ocorrências	%	P.R.
Futuro perifrástico	2.338	58%	.608
Futuro sintético	1.652	40%	.379
Presente do indicativo	92	2%	.013
Totais	4.082	100%	

Segundo Oliveira (2006) o *futuro perifrástico* começa a ganhar espaço no sistema a partir do século XIX. No caso do corpus aqui analisado, representativo do século XX, as *perífrases* se mostram favorecendo grandemente a aplicação da regra de representação do tempo futuro, por outro lado o *futuro sintético* apresenta um leve favorecimento, pois está com .379, acima do ponto neutro¹⁹.

As *perífrases* compreendidas nessa análise são: *irá + infinitivo*, *futuro do presente* (exceto *ir*) + *infinitivo*, *presente do indicativo* (exceto *ir*) + *infinitivo*, [*Ir + infinitivo*] + *infinitivo*, *ir + infinitivo*, distribuídas pelo corpus conforme a tabela abaixo:

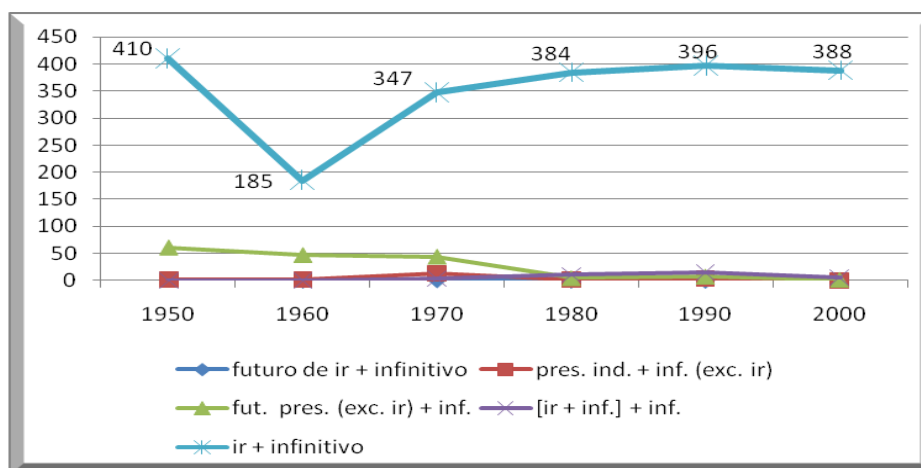
Tabela 11 – Tipos de *perífrases* do corpus, distribuídas por décadas, em números absolutos e porcentagens.

Tipos de perífrases	1950	1960	1970	1980	1990	2000	Totais	%
Irá + infinitivo	2	0	1	0	0	0	3	0,13
Pres. do ind. (exceto <i>ir</i>) + infinitivo	2	2	13	1	4	0	22	0,94
[<i>Ir + infinitivo</i>] + infinitivo	61	47	44	4	7	1	164	1,58
Fut. do pres. (exceto <i>ir</i>) + infinitivo	0	0	4	11	16	6	37	7
Ir + infinitivo	410	185	347	384	396	388	2.112	90
Totais	475	234	409	400	423	395	2.338	

A perífrase mais produtiva é *ir + infinitivo*, com 90% das ocorrências, as demais somam, juntas, apenas 10% da amostra, 226 dados. As que serão analisadas no grupo de fatores *TAM* estão dentro desses 10%, por isso esse grupo, como veremos a seguir, não teve grande relevância neste corpus. O gráfico abaixo apresenta essas perífrases distribuídas pelos anos envolvidos no corpus das revistas Pato Donald.

¹⁹ Como os resultados foram obtidos através do *Tvarb*, o peso relativo neutro é .330.

Gráfico 7 – Tipos de perífrases em números absolutos.



Essa distribuição mostra que a *perífrase ir + infinitivo* não apresenta níveis de comparação para com nenhuma outra perífrase encontrada no corpus. Sua produtividade em todas as décadas é muito superior a todas as outras juntas, o que faz com que ela precise ser estudada à parte.

O *futuro sintético* (exceto *ir*) + *infinitivo* foi a mais utilizada das perífrases nas três primeiras décadas da análise, mas se mostra em queda de 1950 para cá, e em especial a partir da década de 1980, década em que há uma retomada do uso de *ir + infinitivo*. Possivelmente isso se deva também ao fato de o verbo auxiliar estar sendo apresentado na forma de *futuro sintético*, que é uma forma que tem se mostrado em declínio de uso, conforme Gibbon (2000) e Oliveira (2006), alguns exemplos dessa *perífrase* são:

- (95) Com isso não *poderei pagar* nem a multa! (Pato Donald, nº 9, 1950, pág. 12, PD para Hzl.)
- (96) Este bastão hipnotizará os peixes e eu *poderei comandá-los* à vontade! (Pato Donald, nº 582, 1960, pág. 14, Prof. Pardal para PD.)

Há um contraste muito grande entre os números de *ir + infinitivo* e de *irá + infinitivo*, esta com representação quase nula na análise, com duas de suas ocorrências nos dados de 1950 e uma nos de 1970:

- (97) Você está certo de que leva tudo quanto *irá precisar*, Mickey? (Pato Donald, nº 1, 1950, pág. 09, adulto masculino para igual.)
- (98) Depois *irei ver* também! (Pato Donald, nº 11, 1950, pág. 38, adulto masculino para igual.)
- (99) Então desconte 50% da minha passagem e ele *irá trabalhar*! (Pato Donald, nº 1126, 1970, pág. 4, adulto masculino para igual.)

O *presente do indicativo* (exceto *ir*) + *infinitivo* apresenta seu pico de

produtividade na década de 1970 e a perífrase [*ir + infinitivo*] + *infinitivo*, em 1980 e 1990, mas todas elas apresentam baixa produtividade no corpus. Alguns exemplos de suas realizações são:

(100) Donald, você *pode ir* comigo a uma conferência amanhã? (Pato Donald, nº 1120, 1970, pág. 27, Margarida para PD.)

(101) Como *vou poder montar* uma página de esporte decente? (Pato Donald, nº 2208, 1990, pág. 1, Margarida para colegas de trabalho.)

Para que esses números reduzidos, 226, não desviem os resultados, a partir desse ponto a análise será feita somente com as *perífrases ir + infinitivo*, ou seja, as ocorrências acima expostas serão retiradas da análise, que apresentará as variantes: *futuro sintético* e *ir + infinitivo*. Com esses dados foi feita uma rodada binária, que selecionou como relevantes os mesmos nove grupos acima identificados bem como continuou descartando *sexo* e *faixa etária*. A apresentação, portanto, de agora em diante, se dará na ordem da seleção dessa última rodada, que é a que servirá como base para os resultados apresentados.

Os dois grupos descartados *sexo* e *faixa etária* não se mostraram relevantes quando do uso de uma ou de outra variante no caso da variável da representação do tempo futuro. Nos dois casos os pesos relativos apresentados para os fatores desses dois grupos estavam bem próximos do ponto neutro²⁰: feminino .51 / masculino .49 e criança .49 / adultos .51; para o *futuro sintético*. Esses pesos relativos foram os responsáveis pelo descarte desses grupos em todas as rodadas, o que significa que eles não influenciam quando do uso de uma ou de outra variante.

Pesquisas variacionistas, com foco em variáveis distintas, como Monteiro (1994) ou Botassini (1998), não raro apontam as mulheres à frente quando a variante em questão não é estigmatizada. Como nesse corpus não houve nenhuma tendência de uso, pode-se afirmar que a variante *ir + infinitivo*, considerada inovadora na representação do tempo futuro, não é estigmatizada e já está inserida no idioleto dos indivíduos, pois acontece de maneira regular tanto na representação da fala dos homens como na das mulheres. Não se pode esquecer que, no caso desse tipo de texto escrito, há uma pessoa por trás de cada ‘fala’, de cada história e o idioleto dessa pessoa pode fazer diferença.

Curioso é que a neutralidade também aconteça no grupo de fatores que propiciaria uma análise a partir da faixa etária dos personagens: adultos ou crianças. Seria de se

²⁰ Neste caso, de rodada binária, o ponto neutro é .50.

esperar que os indivíduos mais jovens fizessem mais uso de *ir + infinitivo* e os adultos do *futuro sintético*, mas os números não apontaram para isso, pois .51 para os adultos contra .49 para as crianças representa a neutralidade de uso para ambos os fatores. De qualquer maneira o que se tem, nas revistas Pato Donald, é que os grupos de fatores *sexo* e *faixa etária* não apresentam relevância na aplicação da regra variável.

A seleção de grupos apresentada na última rodada revela que, quando da aplicação das variantes em estudo para a representação do tempo futuro, o *ano de publicação* é o mais relevante, pois é nele que se verifica o comportamento de cada variante no tempo compreendido pelo *cópus*. O interessante é que o *contexto desencadeador*, grupo que analisa os advérbios que antecedem a variante de representação do tempo futuro, foi selecionado apenas em 5º lugar, o que demonstra não ser ele um dos mais relevantes, ao contrário do grupo *peçoas verbais*, o segundo mais proeminente na análise do programa, seguido pelos tipos *de frases*.

A ordem dos grupos selecionados em rodada binária, sem o *presente do indicativo*, é a seguinte:

- 1º. *Ano de publicação*;
- 2º. *Pessoas verbais*;
- 3º. *Tipos de frases*;
- 4º. *Projeção do fato futuro*;
- 5º. *Contexto desencadeador*;
- 6º. *Preenchimento do sujeito pronominal*;
- 7º. *Ambiente da ocorrência - doméstico*;
- 8º. *Extensão fonológica do verbo principal*;
- 9º. *Ambiente da ocorrência - profissional*;
- 10º. TAM

5.4. Análise dos resultados da rodada binária²¹ considerando as variantes *futuro sintético* e *ir + infinitivo*

5.4.1. Resultado do grupo de fatores *Ano de Publicação*

Esse grupo de fatores mostra as tendências de aplicação da regra da representação do tempo futuro assumidas pelas formas verbais analisadas dentro do período de abrangência da pesquisa, conforme é possível observar a partir da tabela abaixo, que apresenta os números absolutos, as porcentagens e os pesos relativos de cada década que compõe o *cópus* das revistas Pato Donald:

²¹ Em rodadas binárias o ponto neutro é .50.

Tabela 12 – As variantes da variável dependente com todos os números da análise binária.

	Futuro sintético			Ir + infinitivo		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
1950	824	67	.78	410	33	.22
1960	351	60	.75	186	35	.25
1970	284	45	.53	347	55	.47
1980	26	6	.08	384	94	.92
1990	100	20	.25	397	80	.75
2000	66	15	.18	389	85	.82
Totais	1.641	44		2.113	56	

Ao observar os números absolutos totais e as porcentagens que eles apresentam, percebemos que as diferenças de uso entre as variantes não são muito grandes. São 12 pontos percentuais que separam o *futuro sintético* de *ir + infinitivo*. A análise a partir desses números não possibilita perceber a entrada e a ascendência de uso de *ir + infinitivo*, que é exatamente o que os pesos relativos apresentam. Nesse ponto é possível identificar o estágio identificado por Hopper (1993) e Hopper e Traugott (1993/2003) como *estágio de estratificação*, pois as nova forma convive com a antiga.

A década de 1950 é a que apresenta maior aplicação da regra da representação do tempo futuro pelo *futuro sintético*, com .78 de peso relativo. Dessa década para a última da análise esse peso praticamente só caiu, chegando a .18 na de 2000.

Ir + infinitivo, na primeira década analisada, se apresenta com .22 de peso relativo, valor que representa a não aplicação da regra de representação do tempo futuro a partir dessa variante, ou a baixíssima tendência de isso acontecer. Esse peso pouco se altera na década de 1960, mas praticamente dobra na de 1970, que apresenta pesos relativos bem próximos do ponto neutro. A tendência de o *futuro sintético* representar o tempo futuro, que é bastante alta até esse ponto, chega a .53, o que deixa as *perífrases ir + infinitivo* com .47. Essa década pode ser entendida como um divisor de águas entre as duas variantes, pois a partir dela, excetuando a de 1980, atípica, os pesos relativos se invertem e se mantêm em crescimento para a aplicação da regra de representação do tempo futuro com *ir + infinitivo*, o que indica que essa perífrase está, a partir dessa década, assumindo essa função, nesse corpus.

Ir + infinitivo apresenta peso relativo bastante baixo na primeira década da análise, o que demonstra que sua entrada no corpus se deu de maneira sutil, quem sabe até contida, o que, talvez, explicaria a grande tendência de aplicação da regra de representação do

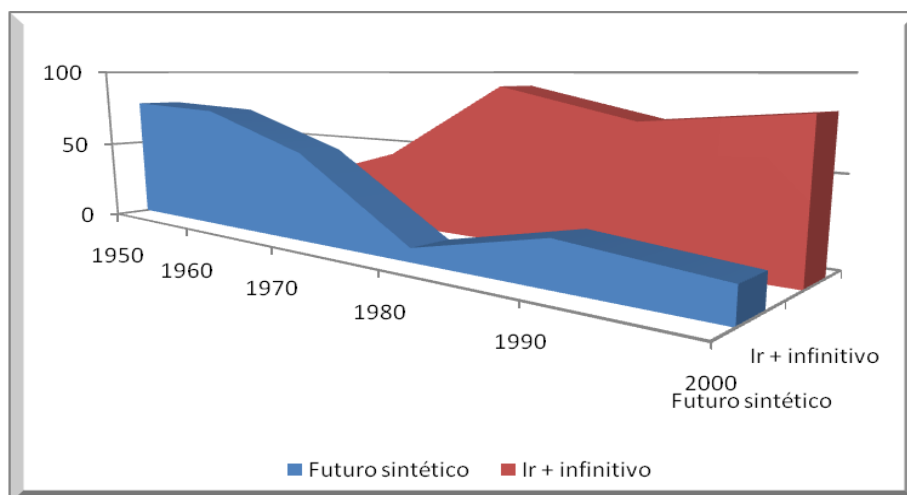
tempo futuro a partir dele na década de 1980. Em outras palavras, pode ter acontecido uma revisão bastante severa neste sentido, privilegiando a representação do tempo futuro a partir do tempo verbal canônico para essa função, o que pode ter deixado de acontecer em 1980. Talvez seu uso tenha sido contido por se tratar de texto escrito, a duras penas, pois sua frequência já era bastante presente na língua falada (GIBBON, 2000). A partir de 1980, a impressão que se tem é que não foi mais possível detê-lo. De 1950 a 1970 *ir + infinitivo* subiu .25, o que o deixa praticamente no mesmo nível de uso do *futuro sintético*.

Os resultados acima apresentam duas décadas singulares, a de 1970 e a de 1980. A primeira apresenta as duas variantes muito próximas do ponto neutro e a de 1980, com inversões bastante abruptas, que parecem ser ‘corrigidas’ a partir de 1990, fechando com *ir + infinitivo* com .82 de peso relativo para a representação do tempo futuro.

O período de 1980 desperta curiosidade pela disparidade de seus números. Nessa década o uso do *futuro sintético* foi extremamente baixo, o que é retomado na década seguinte, para continuar a cair na posterior. Vale lembrar, como visto acima, que nessa década o uso do *presente do indicativo* também não foi elevado, foram apenas 20 ocorrências no período, mas que representaram .533 de peso relativo, resultado obtido, provavelmente, pelo número reduzido de *presente do indicativo*, como já mencionado e também pela má distribuição dos dados ocorrida nessa década. A queda da década de 1990 para a de 2000 não chega a chamar a atenção, pois não é abrupta. Pode-se hipotetizar que na década de 1980 a revisão não tenha sido tão severa, ou tenha sido feita por um novo revisor, as hipóteses poderiam ser muitas, o fato é que essa década apresenta-se atípica. De qualquer forma há uma tentativa de retomada do *futuro sintético*, mas sem expressividade.

Esses números, se colocados em um gráfico de área, nos possibilitam visualizar o desempenho das duas variantes na representação do tempo futuro, no período compreendido pelo recorte de língua que esse corpus possibilitou, conforme se vê abaixo:

Gráfico 8 – Área das variantes da representação do tempo futuro a partir do grupo de fatores *ano de publicação*, em pesos relativos.



A trajetória do *futuro sintético* se apresenta em queda da década de 1950 a 1980, com leve tentativa de ressurgimento nas duas décadas seguintes, mas sem expressividade diante da ascensão das *perífrases ir + infinitivo*. Essa forma verbal apresenta o maior peso relativo na primeira década da análise e o menor, na última. Isso indica que, nesse corpus, essa forma de representar o tempo futuro está se extinguindo, ficando restrita ainda a situações bem específicas de uso, como será visto na sequência, quando das análises dos demais grupos de fatores. Os dados mostram que houve uma grande concorrência entre as variantes analisadas e que a forma canônica se apresenta em menor uso, mesmo nesse tipo de corpus escrito.

Os dados confirmaram a hipótese inicial de que nos textos mais antigos a representação do tempo futuro é feita preferencialmente pelo *futuro sintético* e, à medida que o tempo vai passando, essa forma dá espaço a *ir + infinitivo*, como verificou Oliveira (2006), por exemplo.

5.4.2. Resultado do grupo de fatores *Pessoas Verbaís*

Dos quatro pronomes da análise, dois da primeira e dois da segunda pessoa, o que tende a acontecer com o *futuro sintético* é a primeira pessoa do plural: *nós*, com .66 de peso relativo. Esse índice comprova a hipótese inicial da pesquisa, que o apresentava como sendo o pronome que mais aconteceria com o *futuro sintético*, devido ao fato de os dois serem canônicos. O peso relativo apresentado por esse pronome está bastante acima dos demais, que estão, inclusive, abaixo do ponto neutro. A tabela abaixo traz todos os números desse grupo de fatores, incluindo os dados de *a gente* (que apresentou nocaute):

Tabela 13 – Grupo de fatores *Pessoas verbais*, número de ocorrências, porcentagem e pesos relativos.

Pessoas verbais	Futuro sintético			Ir + infinitivo		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Vocês	39	36	.35	70	64	.65
Você	143	48	.45	158	52	.55
Eu	905	39	.46	1416	61	.54
Nós	373	54	.66	312	46	.34
A gente	0	0	-	23	100	-
Totais	1.460	43		1.956	57	

O que se vê é o pronome *nós* tendendo a favorecer o *futuro sintético*, como nos exemplos abaixo:

(102) Amanhã *nós iremos*! (Pato Donald, nº 1, 1950, pág. 14, adulto masculino para igual.)

(103) *Nós voltaremos*, espião! (Pato Donald, nº 1106, 1970, pág. 26, adulto masculino para igual.)

Pesquisas variacionistas, entre elas Omena (1996), Menon *et alli* (2003) e (Silva (2005), têm mostrado que o pronome *nós* está em concorrência com o *a gente*, ou seja, seu uso tem se apresentado em declínio em muitos *corpora*. Neste *corpus* o pronome *a gente* foi retirado da análise, como já esclarecido, ou seja, nestes contextos de futuridade esse pronome, considerado inovador, quase não ocorreu, mas suas 23 ocorrências foram de uso categórico com as *perífrases*. Das 3.416 ocorrências de futuridade com sujeito pronominal 685, 20%, ocorreram com sujeito pronominal *nós* e, apesar de os números absolutos ou mesmo os percentuais não serem tão díspares, os pesos relativos o são. O *futuro sintético* apresenta quase o dobro do peso relativo de *ir + infinitivo* para a mesma situação de uso, o que revela uma relação estreita entre os dois fatores de estudo: havendo necessidade de representação do tempo futuro, se esta se fizer a partir do pronome sujeito *nós*, a grande tendência é que ela se dê a partir do *futuro sintético* e não com *ir + infinitivo*, como no exemplo que se segue:

(104) *Nós vamos mostrar* como! (Pato Donald, nº 2276, 2000, pág. 18, adulto para estranhos.)

Os pronomes *você* e *vocês*, inovadores segundo pesquisas variacionistas (entre elas Duarte, 1993) e não considerados como tais por muitas GTs (dentre elas Cunha, 1965), tendem a ocorrer com *ir + infinitivo*, que, por sua vez, é uma forma inovadora na representação do tempo futuro. O que se tem nesse caso é um paralelismo: forma canônica

com canônica e forma inovadora com inovadora.

Com as *perífrases* o pronome *vocês* apresentou peso relativo .65, o *você* .55 e a primeira pessoa do singular *eu*: .54, ou seja, todos eles tendem a ocorrer mais com *ir* + *infinitivo* do que com o *futuro sintético*, como o que ocorre nos exemplos abaixo:

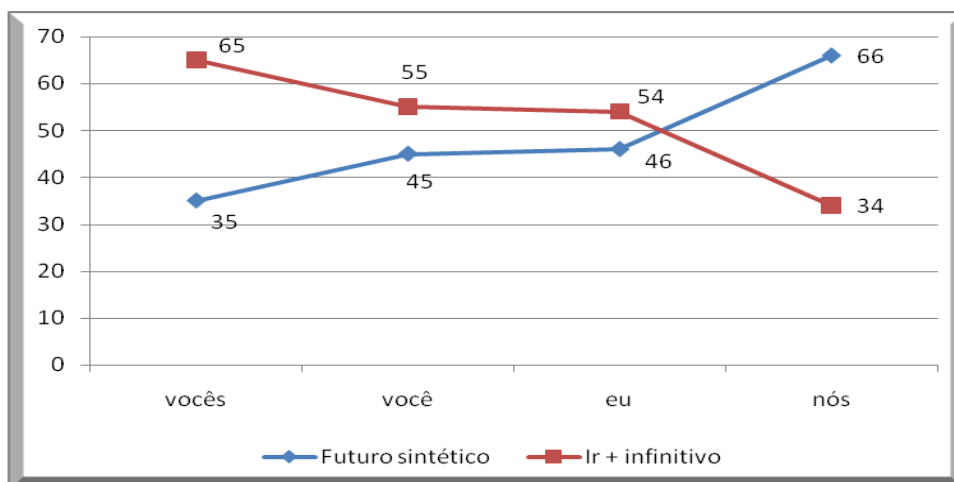
- (105) Isso é tudo que *você vai levar*! (Pato Donald, nº 1632, 1980, pág. 16, adulto masculino para igual.)
- (106) Pois agora *vai ver* o que vou fazer a *você*! (Pato Donald, nº 6, 1950, pág. 28, Donald para sobrinho.)
- (107) Agora *vocês vão ver* o que é esqui! (Pato Donald, nº 616, 1960, pág. 28, Donald para Hzl, sobre um par de esquis, pronto para descer uma montanha e exibir-se a seus sobrinhos.)
- (108) É bem verdade que eu lhe ofereci madeira na semana passada, mas o que *eu vou fazer* com isto, vovó Donald? (Pato Donald, nº 590, 1960, pág. 24, TP para sua vó.)

O pronome de primeira pessoa do singular, *eu*, apesar de ter apenas 39% de suas ocorrências com o *futuro sintético*, apresenta os pesos relativos com diferença de .08, dividida pelo ponto neutro, o que o coloca em uma situação mais próxima da neutralidade, com pesos relativos abaixo de .10. Esse pronome, portanto, é o que se mostra mais neutro quando da representação do tempo futuro, pode ocorrer tanto com *ir* + *infinitivo* como com o *futuro sintético*, como nas exemplificações da sequência:

- (109) *Eu terei* que estar vigilante dia e noite! (Pato Donald, nº 10, 1950, pág. 28, Margarida sozinha.)
- (110) *Eu não vou deixar* ele jogar com as minhas revistas! (Pato Donald, nº 2002, 1990, pág. 6, Donald sozinho.)

Os extremos da tabela acima podem ser melhor visualizados se colocados em gráfico, onde é possível observar os opostos:

Gráfico 9 – Grupo de fatores *peçoas verbais*, em pesos relativos.



O comportamento dos pronomes assim dispostos permite observar que a primeira e a segunda pessoa do plural, além de representarem um paralelismo entre as formas canônicas e inovadoras, mostra que elas ocorrem em distribuição complementar, ou seja, onde uma tende a ocorrer, não ocorre a outra, na mesma proporção.

5.4.3. Resultado do grupo de fatores *Tipos de Frases*

Esse grupo nos apresenta dois fatores influenciando na aplicação da regra de representação do tempo futuro e um fator neutro. As frases afirmativas, grande maioria neste corpus, com 85 das ocorrências, apresentam neutralidade de uso. Em outras palavras, quando a frase for afirmativa, não há nenhuma tendência na representação do tempo futuro, podendo essa se realizar tanto com *futuro sintético* como com *ir + infinitivo*, como atestam os exemplos abaixo:

(111) Meu filho o *fará* sair, eu o *agarrarei*! (Pato Donald, nº1, 1950, pág. 29, adulto para adulto, iguais.)

(112) Com isto *vou fazer* uma flauta! (Pato Donald, nº 2, 1950, pág. 26, personagens crianças entre si.)

Os pesos relativos desse grupo de fatores estão distribuídos conforme a tabela abaixo:

Tabela 14 – Grupo de fatores *Tipos de frases*, em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.

Tipos de frases	Futuro sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.	
Interrogativas	74	31	.30	167	69	.70	241
Afirmativas	1.388	43	.49	1.808	57	.51	3.196
Negativas	189	58	.71	138	42	.29	327
Totais	1.651	44	-	2.113	56	-	3.764

Segundo Sankoff & Wagner (2005 – apud Oliveira, 2006: 71), as frases declarativas negativas propiciam o uso do futuro sintético, o que pode ser observado também nesse corpus, onde esse tipo de frase apresenta peso relativo de .71, revelando grande tendência de o *futuro sintético* ocorrer nesse tipo de contexto, como em:

(113) Bem, tendo a lei para me proteger, *não poderei* ser logrado quanto a essa maravilhosa chácara! (Pato Donald, nº 622, 1960, pág. 4, PD para Hzl.)

(114) E essa *não* me *escapará*, ou *não* me *chamarei* nunca mais o lobo feroz! (Pato Donald, nº 1, 1950, pág. 26, Adulto para filho, criança.)

(115) *Não diremos nada!* (Pato Donald, nº 2258, 2000, pág. 22, Hzl entre si.)

(116) *Não terá* salário dobrado. (Pato Donald, nº 14, 2200, pág.14, TP para PD.)

O peso relativo .71 é bastante alto, o que significa que as frases negativas atraem o uso do *futuro sintético*, mesmo quando o uso dessa representação do tempo futuro está bastante baixo no *corpus*, como é o caso das últimas décadas. Uma tabulação cruzada desse grupo de fatores com o grupo dos anos de publicação das revistas nos mostra que as frases negativas, a partir de 1980, passam a acontecer mais com *ir + infinitivo*, o que não impede de a tendência, ainda assim, ser da combinação *frase negativa e futuro sintético*. Os números dessa tabulação estão expostos na tabela da sequência (onde *fs* deve ser lido *futuro sintético* e *ir*, *ir + infinitivo*):

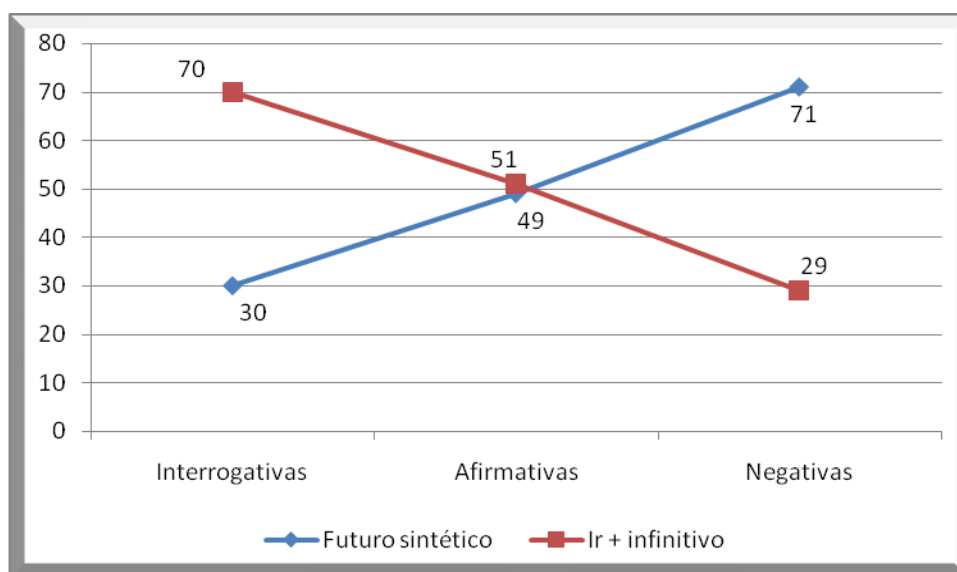
Tabela 15 - Tabulação cruzada entre os grupos de fatores *tipos de frases* e *ano de publicação*, em números absolutos e porcentagens.

		Interrog.		Afirmat.		Negat.		Totais	
1950	fs	43	55%	702	66%	79	83%	824	67%
	ir	35	45%	359	34%	16	17%	410	33%
	T	78		1061		95		1234	
1960	fs	18	69%	289	63%	44	90%	351	65%
	ir	8	31%	173	37%	5	10%	186	35%
	T	26		462		49		537	
1970	fs	11	35%	229	43%	44	67%	284	45%
	ir	20	65%	305	57%	22	33%	347	55%
	T	31		534		66		631	
1980	fs	0	0%	26	8%	0	0%	26	6%
	ir	31	100%	308	92%	45	100%	384	94%
	T	31		334		45		410	
1990	fs	2	5%	84	20%	14	33%	100	20%
	ir	36	95%	333	80%	28	67%	397	80%
	T	38		417		42		497	
2000	fs	0	0%	58	15%	8	27%	66	15%
	ir	37	100%	330	85%	22	73%	389	85%
	T	37		388		30		455	
T	fs	74	31%	1388	43%	189	58%	1651	44%
	ir	167	69%	1808	57%	138	42%	2113	56%
	T	241		3196		327		3764	

A década de 1980, inclusive, não apresenta nenhuma ocorrência de frase negativa com *ir + infinitivo*, bem como nenhuma frase interrogativa com *futuro sintético*.

Esses dados corroboram Oliveira (2006), segundo a qual o *futuro sintético*, o mais imbuído do caráter de promessa, tende a ocorrer muito pouco em frases interrogativas, possivelmente dada a dificuldade de efetuar uma promessa indagando. São situações antagônicas, daí a baixíssima tendência de uso nesse contexto (.30). As frases interrogativas apresentam resultados opostos, tanto em pesos relativos, como se verifica no gráfico abaixo, como nas porcentagens da tabulação cruzada apresentada na última tabela exposta. Essas inversões colocadas em gráfico resultam em:

Gráfico 10 – Pesos relativos do grupo de fatores *tipos de frases*.



O gráfico acima evidencia os opostos, o que possibilita visualizar uma distribuição complementar entre as frases interrogativas e as negativas: onde ocorre uma, não ocorre a outra. Uma atrai o *futuro sintético* e a outra, *ir + infinitivo*, com os mesmos pesos invertidos, o que reforça a distribuição complementar e comprova a força das duas estruturas, cada uma sobre uma das representações do tempo futuro desta análise.

Nesse corpus, portanto, as *frases interrogativas* tendem a ocorrer com *ir + infinitivo*, mesmo na década de 1950, onde a tendência dessa forma de representação do tempo futuro é bastante baixa:

- (117) Que *vamos fazer* então? (Pato Donald, nº 4, 1950, pág. 17, Hzl entre eles.)
- (118) E com essa classe de traquinagens você *vai ser* considerado um herói? (Pato Donald, nº 4, 1950, pág. 40, PD para Hzl.)
- (119) E podemos saber o que é que *vamos caçar*? (Pato Donald, nº 6, 1950, pág. 37, PD para Hzl.)
- (120) E quem disse que *vou deixar* você lá? (Pato Donald, nº 6, 1950, pág. 25, PD para Hzl.)

5.4.4. Resultado do grupo de fatores *Projeção do fato futuro*

A relação entre as variantes e a variável *projeção do fato futuro* apresenta os seguintes resultados:

Tabela 16 – Grupo fatores *Projeção do fato futuro* em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.

Projeção do fato futuro	Futuro sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.	
Próxima	381	50	.46	386	50	.54	767
Distante	1.270	42	.64	1.727	58	.36	2.997
Totais	1.651	44	-	2.113	56	-	3.764

A tendência de o *futuro sintético* ocorrer com projeção de futuridade distante é alta, .64, o que corrobora as GTs, como pode ser observado a partir de exemplos como os expostos abaixo:

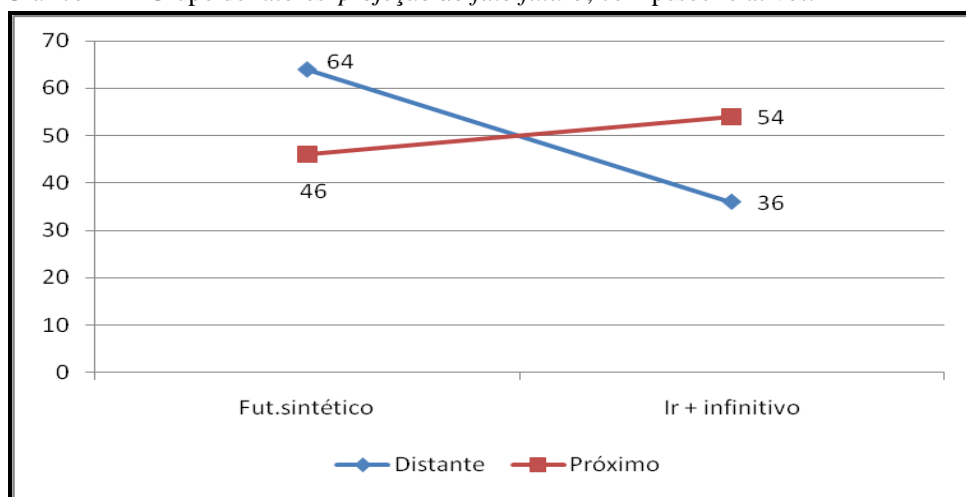
(121) Você está poluindo o ar! Você tem *trinta dias* para consertar o escapamento ou *pagará* uma multa! (Pato Donald, nº 2019, 1990, pág. 17, Policial para PD.)

(122) Eu lhe *telefonarei* daqui a *uma semana* para ver se você conseguiu ensinar algo ao fafau! (Pato Donald, nº 1138, 1970, pág. 14, adulto para igual.)

Corroborando também com a GT, temos *ir + infinitivo* que se mostra, nesse corpus, com pesos relativos mais próximos entre si, com leve tendência de uso com futuro próximo, mas com quase a metade do peso relativo do *futuro sintético* para a projeção distante. O que significa dizer que quando o fato futuro está localizado em projeção considerada distante, a grande tendência é que sua representação se dê a partir do *futuro sintético*, em detrimento a *ir + infinitivo*.

O que se percebe nos dados, a partir dos pesos relativos, é que é a projeção *distante* que se comporta de maneira diferenciada, privilegiando uma forma em detrimento a outra, o que não ocorre quando a projeção é *próxima*, como pode ser melhor visualizado a partir do gráfico abaixo:

Gráfico 11 - Grupo de fatores *projeção do fato futuro*, com pesos relativos.



A diferença entre os pesos relativos das duas variantes da variável dependente, quando se trata dessa projeção, é de apenas .08, considerada baixa. Nesse caso os dois pesos estão próximos do ponto neutro (.50), o que possibilita dizer que quando a projeção de futuridade está localizada em um futuro próximo não há tendência significativa de uso de nenhuma das formas de representação do tempo futuro aqui analisadas. Abaixo temos uma sequência de falas onde *ir + infinitivo* indica as duas projeções: próxima e distante:

- (123) — Mas *vou ter* que perder alguns quilos pra caber dentro dele!
 — O jeito é fazer regime, tio!
 — Mas eu sei que não *vou conseguir*!
 — *Vamos ficar* de olho no seu apetite! (Pato Donald, nº 1632, 1980, pág. 4, PD e Hzl.)

As projeções dos fatos futuros nesse trecho são distintas. Em um primeiro momento Donald reconhece que precisa de regime para poder usar uma determinada roupa. A perífrase *ir + infinitivo* (*vou ter*) marca esse fato como algo que deve começar num futuro próximo, mas que terá sua conclusão em um futuro distante, dentro dos critérios dessa pesquisa. Da mesma maneira a negativa de sucesso que ele profere (*não vou conseguir*) é representada por uma perífrase e se reporta a um futuro mais distante que o primeiro (*vou ter – não vou conseguir*). Contrastando com elas há *Vamos ficar* (de olho...) que designa um futuro que tem início imediato e uma projeção distante, eles estarão de olho no apetite do tio a partir daquele momento.

A mesma situação pode ser verificada em:

- (124) *Vou roubar com vocês! Provarei* que as mulheres são o orgulho desta família! (Pato Donald, nº 1680, 1980, pág. 15, feminino adulto para masculino adulto.)

Em (124) temos uma projeção mais próxima representada pela *perífrase* e um futuro projetado para uma distância maior, pelo *futuro sintético* – o primeiro ato é *ir*, o segundo é *provar*, mas aqui as ações são pontuais.

Na situação representada pelas frases abaixo se pode observar tanto a *perífrase* como o *futuro sintético* utilizados em futuros distantes.

- (125) Boa sorte, Donald! Sei que não *vai* me *decepcionar*. (Pato Donald, nº 2269, pág. 9, 2000, chefe para PD.)
- (126) *Manterei* o hotel são e salvo, chefe! (Pato Donald, nº 2269, pág. 9, 2000, PD para chefe.)



A fala de Donald no último exemplo tem uma conotação de promessa, ele está se comprometendo com o chefe a fazer algo, daí o reforço com o *futuro sintético*. No entanto Cunha (1984) e Cunha & Cintra (1985) mencionam que *verbo auxiliar + infinitivo do verbo principal é usado para exprimir a certeza de que uma ação será realizada em futuro próximo*. Se Donald tivesse proferido, em vez de (126), (126’):

- (126’). *Vou manter* o hotel são e salvo, chefe!

talvez tivesse sido acrescentada intenção de mais certeza, mas o uso do *futuro sintético* deixa uma marca semelhante a de promessa, o que, para a situação parece ser mais eficiente. As *perífrases* apresentaram .36 de peso relativo para a representação do tempo futuro quando em projeções distantes, com exemplos como:

- (127) Daqui a *um mês* vocês *vão estar* superfortes. (Pato Donald, nº 1138, 1970, pág. 14, PD para Hzl.)

- (128) — Muito simples! O Pardal *vai inventar* um motor melhor que o do Patacôncio! (Pato Donald, nº 2018, 1990, pág. 1, TP para PD.)
- (129) — Hum... um motor a água... não *vai ser* fácil! (Pato Donald, nº 2018, 1990, pág. 1, Prof. Pardal para TP.)



No caso da representação do tempo futuro *próximo*, seu peso relativo foi de .54, um pouco acima do ponto neutro, como já comentado acima, são exemplos desse caso:

- (130) Bem na hora! E agora *vou* me *divertir* à custa daquele velhote! *Vou fingir* que estou telefonando e ele *vai ter* um ataque do fígado. (Pato Donald, nº 2018, 1990, pág. 28, Patacôncio sozinho.)



Em (130) as primeiras perífrases representam um futuro imediato, pois ele pega o telefone enquanto fala e inclusive utiliza o advérbio de tempo *agora*, ou seja, enquanto ele fala, ele age, traz o acontecimento para a realidade, quase para o mesmo momento em que a locução ocorre. Por outro lado a última perífrase representa de fato uma ação futura, passível de não acontecer, é um desejo, pois o outro personagem ainda não chegou, está chegando.

Mesmo quando ocorrem juntas com o *futuro sintético* as perífrases marcam o futuro

mais próximo ao momento da fala:

- (131) — Mas *vai demorar* um pouco para que eu possa aprontar tudo!
— Eu o *espero* no meu escritório dentro de uma semana!
— Não *falarei* a ninguém sobre isso! (Pato Donald, nº 1152, 1970, pág. 4, TP para Prof. Pardal.)

Nessa situação temos as três representações do tempo futuro inicialmente em análise neste corpus. Na primeira situação, com o uso de *ir* + *infinitivo* a personagem informa uma situação futura. Através do *presente do indicativo* a resposta vem em tom de intimação, parecendo não interessar o que possa haver, ‘o espero em uma semana’. Por fim, ao sair, o uso do *futuro sintético* e com ele o tom de promessa ‘não falarei...’ São três situações e três tipos de registros para a marcação de futuridade. Parece haver graus de comprometimento diferenciados por trás de cada uma. A situação abaixo corrobora a mesma impressão:

- (132) *Vou ficar* de olho e *anotarei* tudo! (Pato Donald, nº 2005, 1990, pág. 30, Margarida para amigas.)

A personagem faz uso da perífrase para indicar a ação mais imediata e do *futuro sintético* para a situação posterior à primeira. Ela tinha como opções ainda:

- (132’) *Vou ficar* de olho e *vou anotar* tudo!

Onde a ênfase recairia sobre a ação de olhar, o que não parece ser a intenção, pois o intuito, no contexto, está em registrar tudo o que acontece, de modo que (129) poderia ainda estar representada dessa forma:

- (132’’) *Vou ficar* de olho e *anotar* tudo!

Essa diferença novamente parece estar no tom de promessa que fica embutido na forma de *futuro sintético*. Promessa é mais forte, nela há comprometimento, obrigação. Essa ideia parece estar bem clara nesse corpus, tanto que na frase que se segue o que acontece é a retirada do compromisso implícito na frase anterior, onde fora usado o *futuro sintético*:

- (133) — Sou, na verdade... uma pessoa de bom coração. Sim... Tenho certeza que *mudarei*... Quero dizer... eu... *vou mudar*! (Pato Donald, nº 1135, 1970, pág. 30, Tio Patinhas para estranho.)

O tio Patinhas é um personagem, como já dito, muito mesquinho, gasta ínfimas

porções de sua fortuna só depois de muito relutar. Quando ele quer fazer outra pessoa acreditar em sua generosidade, em sua mudança, ele o faz com o *futuro sintético*, mas parece que ele mesmo vê nisso um grande comprometimento e refaz sua fala, utilizando-se do futuro perifrástico, menos comprometedor.

No *cópus* fica bastante claro o uso do *futuro sintético* para marcação de uma projeção mais distante e das *perífrases* para o futuro mais próximo, como nos contextos abaixo, onde o *futuro sintético* marca um tempo longínquo e as *perífrases*, um mais próximo, anterior ao representado pela forma sintética:

(134) Jamais *esquecerei* o favor que *vai* me *fazer*! (Pato Donald, n° 8, 1950, pág. 34, adulto para igual.)

(135) Onde *porei* o novo rádio que *vai chegar*? (Pato Donald, n° 10, 1950, pág. 40, PD sozinho.)

(136) Tem razão! *Vou comprar* os bombons e *irei* procurá-la depois! (Pato Donald, n° 13, 1950, pág. 4, Mickey para Clarabela.)



5.4.5. Resultado do grupo de fatores *Contexto Desencadeador*

Esse grupo de fatores, selecionado em quinto lugar pelo programa, tem por objetivo analisar o contexto onde está inserida a situação de futuridade, verificar se há algum advérbio que anteceda²² a representação do tempo futuro e que advérbio é esse, bem como analisar se esse fato representa algo quando do uso de uma ou de outra variante. Foram 801 ocorrências de representação do tempo futuro antecidas por um advérbio e sete os tipos de advérbios encontrados: *intensidade*, *negação*, *tempo*, *modo*, *lugar*, *dúvida* e *afirmação*.

²² Como o grupo de fatores objetiva analisar se há um *contexto* que desencadeia uma ou outra variante de futuro o foco aqui são apenas os advérbios antepostos.

Os pesos de cada um, para cada uma das variantes desse estudo são:

Tabela 17 – Grupo de fatores *contexto desencadeador* em números absolutos, percentuais e pesos relativos.

Tipos de frases	Futuro sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.	
Intensidade	12	39	.39	19	61	.61	31
Negação	159	54	.39	135	46	.61	294
Tempo	166	55	.52	135	45	.48	301
Modo	52	60	.61	34	40	.39	86
Lugar	38	58	.65	28	42	.35	66
Dúvida	2	67	.79	1	33	.21	3
Afirmção	15	75	.86	5	25	.14	20
Totais	444	55	-	357	45	-	801

A tabela acima demonstra existirem dois advérbios que tendem fazer com que a representação do tempo futuro se dê a partir de *ir + infinitivo*, um em ponto neutro e quatro com tendência a representá-la a partir da variante *futuro sintético*. O advérbio que se apresenta neutro é o de *tempo*, pois, como já visto acima, ele atua fortemente junto ao *presente do indicativo*, variante comentada separadamente.

Os dois advérbios que atraem a representação do tempo futuro a partir de *ir + infinitivo* são os de *intensidade* e os de *negação*, com os mesmos .61, o que, no tocante ao advérbio de *negação*, confirma a hipótese inicial deste estudo, que ligava esse advérbio a essa variante. Nos dados gerais desta tese observa-se que a tendência de *ir + infinitivo* aumentar na representação do tempo futuro é alta, mas isso não parece estar ligado ao contexto desencadeador, exceto pelos advérbios de *intensidade* e de *negação*. São exemplos dessa combinação:

- (137) *Não vou tocar* meu solo! (Pato Donald, nº 582, 1960, pág. 29, PD para adulto igual.)
- (138) Você *não vai comer* nada até confessar! (Pato Donald, nº 1106, 1970, pág. 28, adulto para igual.)
- (139) Mas eu sei que *não vou conseguir*! (Pato Donald, nº 1632, 1980, pág. 7, adulto para igual.)
- (140) Já não aguento *mais! Vou dar-lhe* a maior surra do século! (Pato Donald, nº 8, 1950, pág. 4, PD para Hzl.)
- (141) Você deve ter trabalhado *demais! Vou ligar* em algum programa para acalmar os seus nervos! (Pato Donald, nº 588, 1960, pág. 24, Adulto para igual.)

- (142) E o vale está ficando *tão* bonito que acho que *vamos ficar* por aqui para sempre! (Pato Donald, nº 1138, 1970, pág. 21, feminino adulto para igual.)

Com os advérbios de *modo*, *lugar*, *dúvida* e *afirmação* tende a ocorrer a variante *futuro sintético* com pesos relativos bastante altos:

- (143) Vou passar a noite na porta do restaurante, *assim serei*, com certeza, o primeiro! (Pato Donald, nº 596, 1960, pág. 25, PD para igual.)
- (144) Não queremos esse serviço, mas *como* (de que maneira) *vamos dizer* pra ele? (Pato Donald, nº 1114, 1970, pág. 13, adultos entre si.)
- (145) E *provavelmente* eu *terei* um aumento, não? (Pato Donald, nº 592, 1960, pág. 30, PD para chefe.)

Os advérbios de *afirmação* apresentam 75% de suas ocorrências com o *futuro sintético* o que pode ser um aceno no sentido de que o *futuro sintético* representa mais uma promessa, um comprometimento (Cunha, 1984) e *ir* + *infinitivo*, em contexto de futuridade, seria mais indicativa de algo a ser cumprido em futuro mais próximo, imediato. De qualquer forma se observa que o futuro se mostra apenas como intenção, de uma maneira ou de outra, mas intenção, diferente de tempo verbal, que é o *momento* da ação. Parece que, para cada intenção a ser realizada no futuro, há uma forma de expressá-la, conforme se pode perceber nos exemplos abaixo:

- (146) *Sim*, papai, *derrubarei* esta árvore! (Pato Donald, nº 3, 1950, pág. 35, Lobinho para Lobão.)
- (147) Eu *sim*, sou seu amigo e por essa razão *recolherei* o lençol para você! (Pato Donald, nº 6, 1950, pág. 16, adulto para igual.)
- (148) *Sim*, *escolheremos* um bom lugar achá-las e externaremos o desejo de encontrá-las lá! (Pato Donald, nº 5, 1950, pág. 28, adulto para igual.)
- (149) *Sim*, claro que *pagarei* bem pelas peças que faltam! (Pato Donald, nº 606, 1960, pág. 5, TP para estranho.)
- (150) *Sim*, vovô, *venderei* quantas o senhor quiser! (Pato Donald, nº 1158, 1970, Hzl para vovó Donald.)
- (151) Agora *sim*, *brilharei*! (Pato Donald, nº 3, 1950, pág. 21, PD sozinho.)
- (152) *Sim*, eu é que *vou* lhe *jogar* a luva! (Pato Donald, nº 5, 1950, pág. 17, Adulto para igual.)
- (153) *Sim*, rapazes, *iremos brincar* dentro de quinze minutos!) (Pato Donald, nº 1144, 1970, pág. 20, Hzl entre si.)
- (154) Entendemos *sim*, *vou mostrar* a vocês como eu e meu dinheiro nos damos bem. (Pato Donald, nº 1650, 1980, pág. 30, TP para Hzl.)

Nos três exemplos de *ir* + *infinitivo* antecidas de advérbio de afirmação, ou seja, os exemplos (152), (153) e (154), o que fora lançado como intenção futura, em cada uma

das situações, nas respectivas histórias, **não se realizou**, ao contrário dos exemplos de *futuro sintético* antecidos de advérbio de afirmação, onde todas as intenções foram concretizadas, o que pode ser um reforço à hipótese de que o *futuro sintético* tem um valor de comprometimento maior do que a mesma representação a partir de *ir + infinitivo*.

5.4.6. Resultado do grupo de fatores *Preenchimento do sujeito pronominal*

O grupo de fatores *peçoas verbais* foi selecionado em segundo lugar pelo programa, o que o coloca em situação de grande relevância para o uso de uma ou de outra variante. Já o grupo *preenchimento do sujeito pronominal* parece não ter tanta importância, pois ficou apenas em sexto lugar na seleção feita pela análise, em outras palavras, o pronome pessoal interfere no uso de uma ou de outra variante muito mais do que o fato de ele estar preenchido ou não. Os números desse grupo estão expostos na Tabela 18, abaixo:

Tabela 18 – Grupo de fatores *preenchimento do sujeito pronominal* em números absolutos, percentuais e pesos relativos.

Preenchimento do sujeito pronominal	Futuro sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.	
Pronome preenchido	248	52	.65	233	48	.35	481
Pronome elíptico	1.215	41	.47	1.747	59	.53	2.962
Totais	1.463	42	-	1.980	58	-	3.443

O preenchimento do sujeito pronominal é considerado forma inovadora no português brasileiro (doravante PB, conforme Duarte, 1994, Botassini, 1998 e Silva, 2005, entre outras) e, nesse corpus, está ocorrendo mais com o *futuro sintético*, que é uma forma canônica. Aqui se vê o inverso do ocorrido no grupo que possibilitou análise das *peçoas verbais*, que apresentou resultados em paralelismo: forma inovadora com inovadora; canônica com canônica. Aqui há o inverso: forma canônica com inovadora e inovadora (*ir + infinitivo*) com canônica (elipse do sujeito pronominal). Se em paralelismo as formas se apresentariam da seguinte forma:

(155) Tirem-me essa coleira e *sumirei* do mapa! (Pato Donald, nº 610, 1960, pág. 19, TP para PD e Hzl.)

(156) Eu disse que *eu vou sumir*, não vocês. Aonde vão? (Pato Donald, nº 610, 1960, pág. 19, TP para PD e Hzl.)

No primeiro exemplo o verbo *sumir* está conjugado no *futuro sintético*, na primeira

pessoa do singular, com pronome elíptico, apresentando as duas formas canônicas na mesma ocorrência. No exemplo seguinte o mesmo verbo está presente na perífrase *ir + infinitivo*, *vou sumir*, antecedido de pronome de primeira pessoa do singular preenchido, ou seja, apresentando as duas formas inovadoras segundo estudos variacionistas. Mas o que tende a ocorrer nesse corpus é o inverso, como em:

(157) *Eu resolverei* seu problema de lavar vacas, não se preocupe! (Pato Donald, n° 630, 1960, pág. 19, masculino adulto para igual.)

(158) *Vou construir* o que a *Senhora* quer! (Pato Donald, n° 630, 1960, pág. 22, masculino adulto para igual.)

O *futuro sintético* apresenta alto índice de ocorrências com os pronomes de primeira pessoa preenchidos. Das 159 ocorrências do pronome no singular, 109 estão preenchidas e das 27 ocorrências do plural, 23 estão, conforme se pode verificar na tabela abaixo, que traz os números resultantes de uma tabulação cruzada entre os grupos de fatores *pronomes pessoais* e *preenchimento do pronome pessoal*:

Tabela 19 – Tabulação cruzada entre os grupos de fatores *pronomes pessoais* e *preenchimento do pronome pessoal*, em números absolutos e porcentagens.

		eu		nós		você		vocês		Totais	
Preenc.	fs	109	69%	23	85%	90	43%	24	38%	246	54%
	ir	50	31%	4	15%	118	57%	40	63%	212	46%
Totais		159		27		208		64		458	
Elipse	fs	796	37%	350	53%	53	57%	15	33%	1214	41%
	ir	1366	63%	308	47%	40	43%	30	67%	1744	59%
Totais		2162		658		93		45		2958	

A tabela mostra que os pronomes de primeira pessoa preenchidos, nesse corpus, são majoritariamente os que se encontram em representação do tempo futuro a partir da forma *futuro sintético*. O preenchimento do sujeito pronominal de primeira pessoa, quer no singular, quer no plural, é uma forma inovadora na língua (Silva, 2005) que contrasta, nesse corpus, com a forma verbal de representação de futuro mais antiga, o *futuro sintético*, principalmente o plural, onde 85% das ocorrências aparecem com pronome pessoal preenchido, o que é completamente desnecessário devido à desinência verbal, tanto trazida pela primeira pessoa como pelo *futuro sintético*:

(159) Já que nos trata como um cavalo, *nós* o *trataremos* como tal! (Pato Donald, n° 8, 1950, pág. 37, Hzl para PD.)

(160) Não se preocupe, rainha, nós conseguiremos! (Pato Donald, nº 2004, 1990, pág. 9, PD para rainha.)

Contextos como os acima parecem exibir certo comprometimento por parte do enunciador, soam como promessas, palavra empenhada. O pronome *nós* preenchido tem essa carga de comprometimento, conforme Botassini (1998) e Silva (2005), por exemplo, da mesma forma que o *futuro sintético*, conforme Gibbon (2000) e Oliveira (2006). Os dois fatores juntos se somariam e a palavra empenhada pode passar a ser reforçada por esses recursos. Tanto em um caso como em outro o preenchimento do pronome *nós* parece estar acentuando que os sujeitos executores da tarefa serão eles, não outros. Esse preenchimento seria enfático, portanto.

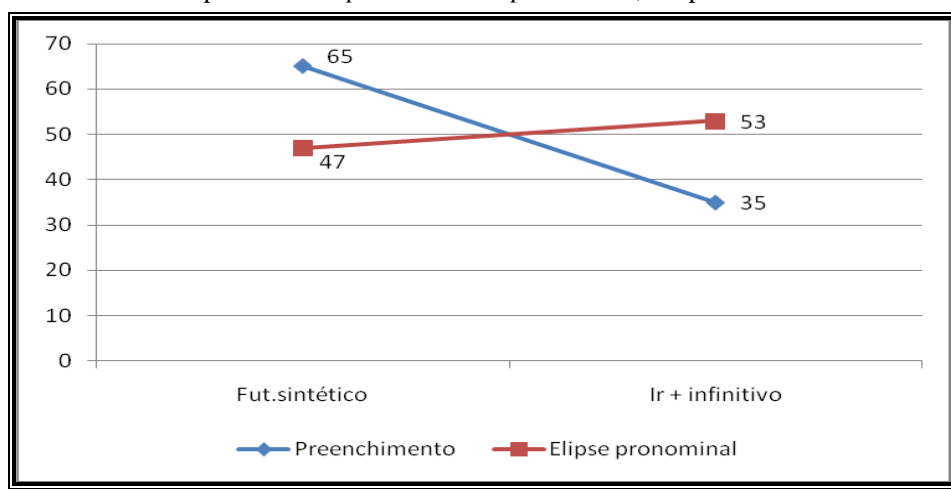
As segundas pessoas, nesse cópula apenas as inovadoras *você* e *vocês*, ocorrem mais com os pronomes preenchidos e tendem, assim, combinadas, a levar a representação do tempo futuro a ser marcada por *ir + infinitivo*. Nesse caso marcando o paralelismo de formas inovadoras, como em:

(161) *Você vai ver* como logo vai chover! (Pato Donald, nº 1112, 1970, pág. 25, criança para igual.)

(162) Agora *vocês vão ver* um autêntico trabalho astronômico! (Pato Donald, nº 1682, 1980, pág. 14, PD para Hzl.)

De maneira geral esse grupo de fatores mostrou que o preenchimento do sujeito pronominal, que é a forma inovadora, tende a ocorrer mais, com .65, como visto acima, enquanto a elipse, forma canônica do PB, está apresentando neutralidade de uso, conforme representação gráfica abaixo:

Gráfico 12 – Grupo de fatores *preenchimento pronominal*, em pesos relativos.



É possível visualizar pelo gráfico que a elipse pronominal funciona dentro do campo da neutralidade, passível de ocorrer tanto com o *futuro sintético* como com *ir + infinitivo*, com .03 de tendência para *ir + infinitivo*, o que é insignificante, mas que pode estar sinalizando uma projeção futura.

5.4.7. Resultado do grupo de fatores *Ambiente da Ocorrência* – ambiente doméstico

Há dois grupos de fatores que propiciam analisar o ambiente da ocorrência, um deles envolve o ambiente doméstico, como as pessoas interagem nesse ambiente e o outro, em ambiente profissional. O primeiro foi selecionado em sétimo lugar pela análise e será exposto nesta seção. Os resultados do grupo estão expostos na tabela abaixo:

Tabela 20 – Grupo de fatores *Ambiente doméstico*, em números absolutos, percentuais e pesos relativos.

	Futuro sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.	
Com igual	693	38	.46	1.113	62	.54	1.806
Com mais velho	116	49	.51	121	51	.49	237
Sozinho	179	44	.52	224	56	.48	403
Com mais novo	303	54	.60	263	46	.40	566
Com estranhos	32	62	.69	20	38	.31	52
Totais	1.323	43	-	1.741	57	-	3.064

Os números muito próximos mostram que as interações *de mais novo com mais velho* e *sozinhos* estão em situação de neutralidade, enquanto a interação entre indivíduos iguais apresenta leve tendência de representar o futuro a partir de *ir + infinitivo*. Basicamente o que se tem é que nesses três casos a representação do tempo futuro pode se dar tanto pelo *futuro sintético* quanto por *ir + infinitivo*, quase nas mesmas proporções.

O *futuro sintético*, a forma mais conservadora na representação do futuro, tende a ser utilizado por pessoas mais velhas e em situações de interação entre pessoas estranhas. Seu caráter conservador é mais facilmente encontrado na fala de pessoas de mais idade quando em interação com mais novas, com peso relativo .60, esses mesmos indivíduos mais velhos, em situação de interação com estranhos, em ambiente doméstico, apresentam tendência mais elevada de uso do *futuro sintético*, .69, o que confirma a tendência conservadora do *futuro sintético*, mais antigo na língua e reconhecido como mais formal, entre outras características (Oliveira, 2006 e Gibbon, 2000). Esse resultado era o esperado,

ou seja, que o *futuro sintético* incidisse mais nas ocorrências procedentes de pessoas de mais idade e na interação entre estranhos. No primeiro caso porque os mais velhos tendem a ser mais conservadores, como em:

(163) E essa não me *escapará*, ou não me *chamarei* nunca mais o lobo feroz!
(Pato Donald, nº 2, 1950, pág. 28, masculino adulto para igual.)

e, no segundo, porque interagir com pessoas estranhas é uma situação menos informal do que uma interação com familiares ou amigos, como testifica o exemplo que se segue:

(164) Eu mesmo *devorarei* você e seu satélite! (Pato Donald, nº 2001, 1990, pág. 21, masculino adulto para masculino adulto estranho.)

A forma inovadora, *ir + infinitivo*, portanto, ainda encontra certa resistência de uso a partir das pessoas mais velhas em interações com as mais novas e com estranhos.

5.4.8. Resultado do grupo de fatores *Extensão Fonológica do Verbo Principal*

Segundo Câmara Júnior (1985) os verbos monossílabos tendem a representar o futuro na forma sintética, o que é corroborado pelos resultados desse grupo de fatores, selecionado pelo programa em oitavo lugar no grau de relevância, que mostra esse tempo verbal com peso relativo de .60, sendo sua única tendência no grupo, conforme os números da tabela abaixo mostram:

Tabela 21 – Grupo de fatores *extensão fonológica do verbo principal*, em números absolutos, percentuais e pesos relativos.

Extensão do verbo principal	Futuro sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.	
monossílabo	356	54	.60	305	46	.40	661
dissílabo	914	43	.50	1.227	57	.50	2.141
trissílabo	329	40	.43	501	60	.57	830
polissílabo	52	39	.44	80	61	.56	132
Totais	1.651	44	-	2.113	56	-	3.764

A tendência, nesse corpus, portanto, é de ocorrer:

(165) *Iremos* logo ver isso! (Pato Donald, 1960)

(166) Já sei! *Serei* uma escavadeira! (Pato Donald, 1960)

Quando o verbo auxiliar possui duas sílabas o uso de uma ou de outra variante é

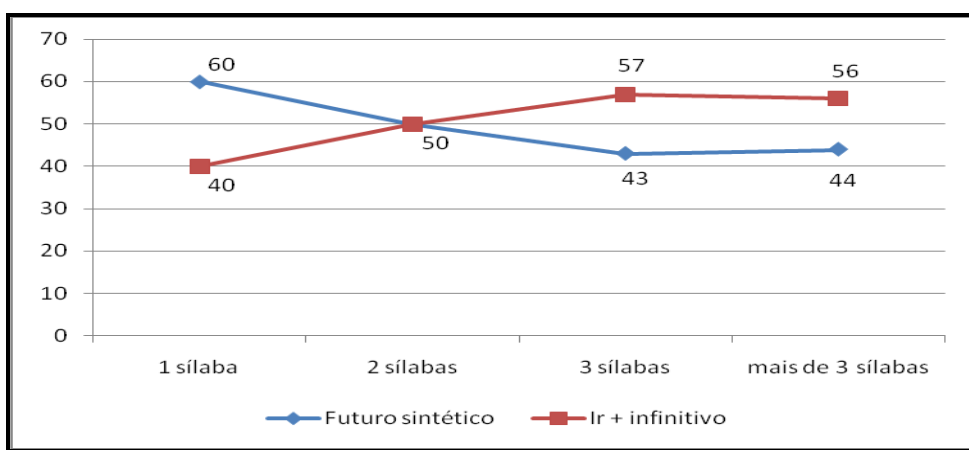
totalmente neutro, sem nenhuma tendência, com .50 de peso relativo. Consequentemente a representação do tempo futuro pelo *futuro sintético* ou de *ir + infinitivo* é irrelevante, como se pode observar a partir das exemplificações que se seguem:

(167) Nós *estaremos* lá, professor! (Pato Donald, nº 582, 1960, pág. 28, Hzl para masculino adulto.)

(168) *Vou tomar* conta desse desordeiro! (Pato Donald, nº 630, 1960, pág. 30, PD para igual.)

O que os números mostram é uma tendência de *ir + infinitivo* ocorrer com verbos principais tri ou polissílabos. O desenho gráfico dessas tendências pode ser observado abaixo:

Gráfico 13 – Grupo de fatores *extensão fonológica do verbo principal*, em pesos relativos.



Essa tendência já era esperada, pois os verbos mais extensos fonologicamente ficariam ainda mais pesados se conjugados no *futuro sintético*, como se pode observar nos dois exemplos que se seguem:

(169) Assim não *engolirão* a lorota! (Pato Donald, 1960)

(170) Se tudo estiver certo, *acreditarei* que era só fantasia. (Pato Donald, 1960)

A tendência de uso, deste modo, é de esses verbos ocorrerem com *ir + infinitivo*, para pesarem menos. O exemplo abaixo evidencia bem essa situação. Nele temos um verbo dissílabo representando o tempo futuro pelo *futuro sintético* e um verbo polissilábico na mesma função a partir de *ir + infinitivo*.

(171) Solte-a, Felinus, ou você *ficará* sem oxigênio! Esta pedra *vai espatifar* seu capacete! (Pato Donald, nº 2001, 1990, pág. 26 masculino adulto para estranho)

O *futuro sintético* *espatifará* pode ser entendido como fonologicamente muito pesado, daí sua apresentação perifrástica, o mesmo pode ser visto na ocorrência abaixo:

(172) *E vou controlar esse poder sozinho! Terei o monopólio!*



O verbo mais pesado fonologicamente encontra-se representado pela perífrase *ir + infinitivo*, enquanto o menos pesado representa o tempo futuro pelo *futuro sintético*.

5.4.9. Resultado do grupo de fatores *Ambiente da Ocorrência* – ambiente profissional

Dos dois ambientes da ocorrência da análise, o que foca o ambiente profissional, que se supõe ser mais formal que o doméstico, foi selecionado como menos relevante na representação do tempo futuro. Nesse ambiente a distribuição dos números é a seguinte:

Tabela 21 – Grupo de fatores *Ambiente profissional*, em números absolutos, percentuais e pesos relativos.

Ambiente profissional	Futuro sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.	
Com igual	75	47	.35	84	53	.65	159
Sozinho	35	44	.46	45	56	.54	80
Com superior	23	41	.48	33	59	.52	56
Com estranhos	103	51	.53	100	49	.47	203
Com subordinado	85	44	.61	109	56	.39	194
Totais	321	46	-	371	54	-	692

Com *estranhos*, *sozinho* e *com superior hierárquico*, no ambiente profissional, os pesos relativos estão na faixa da neutralidade, sendo que a maior diferença entre eles é de 0.08 e se dá com o fator *sozinho*, ou seja, para esses três fatores a representação do tempo futuro pode se dar através do *futuro sintético* ou de *ir + infinitivo*. Existe uma leve

tendência de *ir + infinitivo* acontecer um pouco mais quando o personagem ‘fala sozinho’ ou quando em interação com o superior, com estranhos a tendência, muito leve, é de uso do *futuro sintético*, mas, como já mencionado em outros grupos de fatores essa diferença é insignificante.

O interessante é que entre *iguais* a tendência de a regra de representação do tempo futuro se dar a partir de *ir + infinitivo* é de .65, bastante alta. Se o *futuro sintético*, forma canônica, é considerado mais formal, o que se vê nesses casos é que em interações com pessoas iguais, na idade, nas funções, etc., o que se tem é uma formalidade menor, pois quando da representação do tempo futuro isso se dá através de *ir + infinitivo*, forma inovadora.

Os demais números mostram que o inverso do que foi visto acima também é verdadeiro: de superior para subordinado, situação que seria considerada, a priori, mais formal, a representação do tempo futuro se dá, preferencialmente, pelo *futuro sintético*, com peso .61. Isso comprova o seu caráter mais formal, mais característico da escrita e de situações formais, como nos exemplos abaixo:

(173) *Faremos* cortes nos gastos no reino! (Pato Donald, n° 2008, 1990, pág. 44, rainha para subordinado.)

(174) Assim não *vamos cortar* gastos! (Pato Donald, n° 2008, 1990, pág. 49, um subordinado para outro subordinado, ou seja, adulto masculino para igual)

Os números dos dois grupos que analisaram o ambiente da ocorrência confirmam a hipótese inicial e corroboram Alkmim (2001) quando revelam que as pessoas mudam sua fala de acordo com o interlocutor e / ou o lugar onde se encontram.

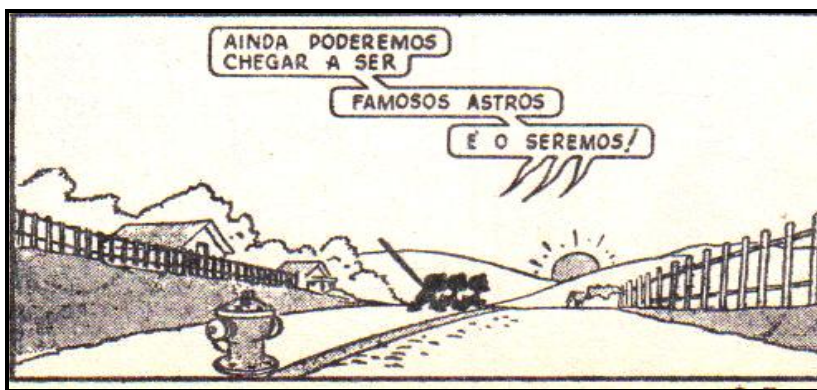
5.4.10. Resultado do grupo de fatores *Tempo, Aspecto e Modo*

Sobre a categoria *aspecto*, como já mencionado, Travaglia (1994) menciona o fato de o tempo futuro não possibilitar a categoria do aspecto, justamente por ser marcador de uma situação virtual, o que enfraqueceria ou anularia os nuances aspectuais. O autor afirma ainda que esse tempo tem um valor modal, o que restringe a expressão do aspecto. Essa informação é corroborada pelos dados do corpus composto pelas revistas Pato Donald, pois não houve nenhuma ocorrência de aspecto nesse estudo que visa análise do tempo futuro. Assim sendo esse grupo de fatores, nessa tese é *Tempo e Modo* (TM), em vez de *Tempo*,

Aspecto e Modo (TAM).

Esse grupo foi rodado pelo programa Ivarb, tendo como variável dependente *projeção do fato futuro: próximo e distante*, apresentam 194 dados do grupo TAM, 53 com *ter de / ter que*, 7 com *dever* e 134 com *poder*, o que aponta o modal *poder* como o de maior incidência em contextos de futuridade, funcionando como auxiliar em 69% das ocorrências, como em:

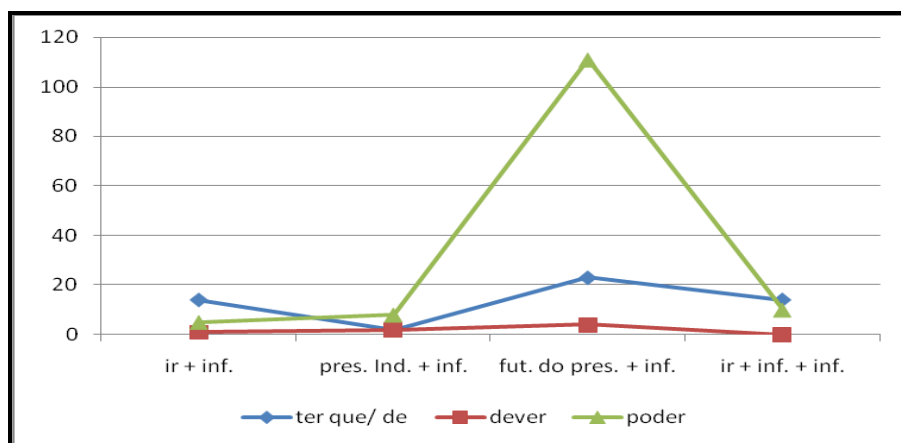
(175) Ainda *poderemos chegar* a ser famosos astros é o que seremos!



O verbo *poder* modaliza a informação, intensifica a ideia de algo apenas possível, não certo, como de fato o é o tempo verbal futuro. Mesmo o que é proferido em tom de promessa não passa de um desejo. O que muda é o tom do comprometimento na execução daquele intento. A frase acima apresenta a possibilidade e uma certeza dentro dessa possibilidade.

Para apurar quais os tipos de perífrases mais geradas por esses modais + infinitivo foi feita uma rodada cruzada desse grupo de fatores com o daquele, cujo resultado observa-se abaixo:

Gráfico 14 - Rodada cruzada dos grupos de fatores *Tempo e Modo* e *Tipos de perífrases*, em números absolutos.



Os três modais da análise apresentam seu maior índice de ocorrências com o tipo de perífrase *futuro do presente + infinitivo*, como o exemplo acima e os que seguem:

(176) No ano que vem eles *poderão vendê-los* na feira! (Pato Donald, 1970)

(177) Agora *poderemos ser* milionários. (Pato Donald, 1980)

Esses dois contextos, como o anterior, deixam clara a função modalizadora do verbo auxiliar. Sem eles a interpretação seria outra:

(176') No ano que vem eles o *venderão* na feira!

(177') Agora *seremos* milionários!

Aqui a certeza é mais reconhecível, mesmo se tratando de um vir a ser, onde não há certeza legítima.

5.5. Conclusão dos resultados da análise das revistas Pato Donald.

Nas Revistas Pato Donald o que se percebeu é que *haver + de + infinitivo* não é mais produtiva como variante de representação do tempo futuro. Possivelmente no mesmo caminho esteja o *presente do indicativo*, forma que apresentou baixo número de ocorrências. As rodadas que o incluíram na análise possibilitaram vê-lo como uma variante da representação do tempo futuro que depende totalmente do contexto para expressar futuridade, tanto em futuro próximo como em distante, já que a marca de projeção é dada pelo contexto, que, por ser o responsável por essa informação, libera o verbo de expressá-la.

Nesse sentido os dados confirmam Oliveira (2006) quando afirma que o *presente do indicativo* é um tempo verbal com marca morfológica zero: sozinho ele não tem a propriedade de expressar o tempo verbal futuro, mas o faz levado pelo contexto, ou seja, ele é o responsável pela representação da ação verbal, o tempo dela, propriamente dito, fica entendido, ou subentendido pelo contexto.

No cômputo geral foi possível observar que esse tempo verbal tende a representar um futuro próximo, podendo, como já dito, representar qualquer projeção, como se pode verificar nos exemplos hipotéticos abaixo:

(343) *Amanhã leio* esse livro, depois que terminar esse trabalho que faço agora.

(344) *No ano que vem leio* esse livro, depois que me formar na faculdade.

(345) *Depois que me aposentar leio esse livro, só assim posso aproveitar a leitura.*

Dentro dos contextos que possibilitam ao *presente do indicativo* representar o futuro, os advérbios de tempo apresentam elevada tendência de ocorrência: .840. Esse tempo também apresenta alto peso relativo com sujeitos pronominais de primeira pessoa, quer do singular ou do plural: .609 e .451, respectivamente. No *cópus 1* ele ocorreu majoritariamente com verbo monossilábico que, no caso, foi o verbo *ir*, com as mulheres e com as crianças.

As frases interrogativas favorecem largamente o *presente do indicativo*, o que corrobora Malvar (2003) que encontrou a mesma situação relacionada e esse tempo verbal. Devido ao número reduzido de dados esse tempo verbal foi retirado da análise probabilística. Traçando uma espécie de *locus de ocorrência do presente do indicativo* essa análise possibilita apresentá-lo da seguinte maneira:

Futuro próximo; advérbio de tempo; sujeito pronominal de primeira pessoa;

verbos monossílabos; frases interrogativas; mulheres; crianças

Quanto ao *futuro sintético* percebeu-se que nos textos mais antigos a representação do tempo futuro é feita preferencialmente por ele. À medida que o tempo vai passando esta forma dá espaço a *ir + infinitivo*, como constatou também Oliveira (2006). Nas revistas Pato Donald o *futuro sintético* apresentou peso relativo .78 em 1950 e fechou o período com .18, uma queda de .60 pouco mais de meio século.

Foi hipotetizado que os verbos de extensões fonológicas menos pesadas tenderiam a ocorrer com o *futuro sintético*, o que foi confirmado pelos dados. E, o que poderia parecer estranho ao tom de promessa que ele parece inserir aos contextos, os tipos de frases com maiores tendências a fazer a representação do tempo futuro com essa forma verbal são as negativas, o que corrobora Malvar (2003) e a exemplo do francês, segundo Sankoff & Wagner (2005 – apud Oliveira, 2006: 71).

Essa forma verbal tende a ocorrer com sujeitos pronominais de primeiras pessoas. Foi hipotetizado que o *futuro sintético* ocorreria mais com o pronome *nós elíptico*, o que foi confirmado pelos dados. Das 373 ocorrências dessa combinação, 350 estão com o

pronome elíptico. Esse fato corrobora a tese do paralelismo das formas: formas canônicas tendem a ocorrer com formas canônicas; inovadoras, com inovadoras.

O *futuro sintético* tende a ocorrer no ambiente de trabalho de superior para subordinado e no ambiente familiar, do mais velho (pessoa adulta de maior idade) para o mais novo e nas interações dialógicas envolvendo estranhos, o que legitima Alkmim (2001).

Um contexto que se revelou de resistência a essa forma verbal foi o das frases interrogativas. O que não é compatível com seu tom profético, pois não se faz promessa em interrogativas. Segundo o *cópus 1* o ambiente mais propício para que o *futuro sintético* represente o contexto de futuridade pode ser representado a partir da seguinte linha:

Textos mais antigos; tom de promessa; futuro distante; advérbios de dúvida e negação;

verbos monossílabos; frases negativas; sujeito pronominal de primeira pessoa do plural

canônica, elíptico; de mais velho para mais novo; de superior para subalterno

A variante *ir + infinitivo* se mostrou em ascendência no *cópus* e com tendências altas de ocorrer com os pronomes pessoais inovadores *você e vocês*, com frases interrogativas, que é, justamente, o contexto inibidor da forma *futuro sintético*. Essa tendência de *ir + infinitivo* ocorrer mais com as segundas pessoas verbais consideradas inovadoras revela um paralelismo de formas inovadoras, como se elas se atraíssem mutuamente.

Segundo a GT a perífrase *ir + infinitivo*, quando indicadora de tempo futuro, é empregada apenas para referir-se a um futuro próximo, o que foi confirmado no *cópus 1*, mas a tendência existente ainda é bastante leve. Essa forma verbal, nessa análise, se apresenta como a variante que está assumindo a função de representação do tempo futuro. Traçando uma linha de ambiente propício ao uso de *ir + infinitivo* teríamos:

futuro próximo; verbos tri e polissílabos; frases interrogativas; advérbios de intensidade e

negação; sujeito pronominal de segunda pessoa do plural inovadora, preenchido;

entre iguais, ambiente doméstico ou profissional

As décadas menos produtivas para essa forma verbal são exatamente as mais antigas: 1950, 1960 e 1970. O que demonstra que *ir + infinitivo* foi se fortalecendo a partir da década de 1980.

Após esses os resultados desse corpus, constituído das revistas em quadrinhos Pato Donald, passamos para o início da análise do corpus 2, organizado a partir de um recorte dos romances brasileiros.

CAPÍTULO 6

RESULTADOS DA ANÁLISE DOS ROMANCES BRASILEIROS

Eu e você
Tom Jobim
(*1927 | +1994)

Podem me chamar
E me pedir
E me rogar
E podem mesmo falar mal
Ficar de mal
Que não faz mal
Podem preparar milhões de festas ao luar
Eu não vou ir, melhor nem pedir
Eu não vou ir, não quero ir
E também podem me intrigar
E até sorrir, e até chorar
E podem mesmo imaginar
O que melhor lhes parecer
Podem espalhar que eu estou cansado de viver
E que é uma pena para quem me conheceu
Eu sou mais você e eu!

6. Os romances e o tempo futuro

Em pesquisas anteriores, com o mesmo objetivo de analisar a representação do tempo futuro, foram encontrados poucos dados, característica dos romances, ou seja, as narrativas, de um modo geral, se dão com mais frequência no passado ou o presente, as situações de futuro tendem a ocorrer nas falas dos personagens, quando ocorrem. Silva (2003) encontrou pouquíssimos dados em sua análise, mesmo depois de várias buscas, pois muitas das obras previamente selecionadas para o *cópus* tinham de ser deixadas de lado pela falta de ocorrências de futuro.

O mesmo pode ser visto neste *cópus*, foram 46 obras analisadas, cem páginas cada uma, totalizando 4.600 páginas de texto analisados e 2.530 dados, ou seja, uma ocorrência a cada duas páginas de texto, em média.

6.1. Os nocautes

O *cópus* tem sua análise iniciada a partir do programa *Mvarb*, pois apresenta quatro fatores da variável dependente: *futuro sintético*, *presente do indicativo*, *perífrases* e *haver + de + infinitivo*. Foram 36 nocautes²³ quando da primeira tentativa de constituição do arquivo de células:

- uma no grupo de fatores *ambiente da ocorrência doméstico*, com a interação entre estranhos, que apresentou somente três dados, duas no livro *As Aventuras de Diófonos – imitando o Sapiientíssimo Fenelon na sua Viagem de Telêmaco*, de Dorothea Engrassia (apresentada abaixo, na exemplificação do pronome pessoal *vós*) e uma em *Meninos do Poder*, de Domingos Pellegrini:

(178) Agora vai adiantar, dona, ou eu não me chamo Caboré. (*Meninos no Poder*, Domingos Pellegrini, 1970, pág. 68, masculino para entre estranha.)

- uma no grupo de fatores *Tempo, aspecto e modo*: com *dar de*, que apresentou apenas essa ocorrência:

²³ A tabela geral com todos os nocautes encontra-se no Anexo 5.

(179) É a minha vontade. O senhor não sabe o que ela vale, mas juro-lhe que para a levar a efeito não se me *dará de* sacrificar a herança de meu avô. (*Senhora*, José de Alencar, 1850, pág. 17, feminino para tutor.)

- quatro no grupo de fatores *contexto desencadeador*: com os advérbios de *modo*, *lugar*, *dúvida* e *afirmação*;
- três no grupo de fatores *pessoa verbal*: com as segundas pessoas do plural: *vós* e *vocês* e com a primeira do plural, não canônica: *a gente*;
- quatro do grupo de fatores *ambiente da ocorrência profissional*, os nocautes nesse grupo o tornaram um grupo inválido para a rodada, pois dos cinco, quatro fatores apresentaram nocautes, nas variantes *presente do indicativo* e *haver + de+ infinitivo*: nas interações entre estranhos, entre iguais, de subordinado para superior e o narrador;
- vinte e três no grupo de fatores que proporciona a análise do *ano de publicação*, o grupo que traz as obras literárias:
 - ✓ dois na obra *As Aventuras de Diófonos – imitando o sapientíssimo Fenelon na sua viagem a Telêmaco*, de Dotothea Engrassia Tavadra Dalmira, 1730, que não apresenta dados de *presente do indicativo*, nem de *perífrases*;
 - ✓ dois na obra *O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa, 1830, que também não apresenta dados de *presente do indicativo*, nem de *perífrases*;
 - ✓ dois com *A Baronesa do Amor*, de Joaquim Manuel de Macedo, 1840, que não apresenta dados de *presente do indicativo* nem de *perífrases*;
 - ✓ um com *O Ventre*, de Carlos Heitor Cony, 1950, sem dados com *haver + de+ infinitivo*;
 - ✓ um com *A Tarde de sua Ausência*, de Carlos Heitor Cony, 1950, também sem dados de *haver + de+ infinitivo*;
 - ✓ um com *Estar sendo Ter sido*, de Hilda Hilst, 1950, igualmente sem dados de *haver + de+ infinitivo*;
 - ✓ três com *Alice e Ulisses*, de Ana Maria Machado, 1960, sem dados de *futuro sintético*, *haver + de+ infinitivo* e *presente do indicativo*;
 - ✓ um com *Terra Vermelha*, de Domingos Pellegrini, 1970, sem ocorrências de *haver + de+ infinitivo*;
 - ✓ um com *Meninos no Poder*, de Domingos Pellegrini, 1970, sem ocorrências de *haver + de+ infinitivo*;
 - ✓ um com *Dias e Dias*, de Ana Miranda, 1970, que não apresenta ocorrências de *haver + de+ infinitivo*;

- ✓ um com *A Vingança da Cobra*, de Marcos Bagno, 1980, sem ocorrências de *haver + de + infinitivo*;
- ✓ um com *O Espelho dos Nomes*, de Marcos Bagno, 1980, também sem *haver + de + infinitivo*;
- ✓ dois com *Crescer é Perigoso*, de Márcia Kupstas, 1980, sem ocorrências de *futuro sintético* e de *haver + de + infinitivo*;
- ✓ dois em *Gurka, retrato de um jovem assassino*, de Márcia Kupstas, 1980, sem ocorrências de *futuro sintético* e *haver + de + infinitivo*;
- ✓ um com *Música Anterior*, de Michel Laub, 1990, sem *haver + de + infinitivo* e, finalmente;
- ✓ um em *Carta para alguém bem perto*, de Fernanda Yung, 1990, também sem ocorrências de *haver + de + infinitivo*.

6.1.1. Os nocautes do grupo de fatores *contexto desencadeador*

Foram 4 os advérbios responsáveis pelos nocautes, conforme tabela abaixo:

Tabela 23 – Advérbios geradores de nocautes no corpus 2, em números absolutos.

Advérbio	Sintético	Presente do indicativo	Perífrases	Haver + de + inf.
Lugar	16	4	13	0
Modo	2	0	0	0
Afirmação	2	0	2	0
Dúvida	2	0	0	0

Todos os advérbios apresentaram ocorrências com o *futuro sintético*. As formas verbais geradoras de nocautes foram as *perífrases* e, principalmente o *presente do indicativo* e *haver + de + infinitivo*, com nenhuma ocorrência com esses advérbios. Os de *modo* ocorreram apenas com o *futuro sintético* e somente duas vezes em todo o corpus, são eles:

- (180) ... ordenando que te sejam entregues as minhas jóias: e *como* tão fielmente me tens acompanhado, *será* razão que minha falta te descanse... (As Aventuras de Diófonos – imitando o Sapiientíssimo Fenelon na sua Viagem de Telêmaco, 1730.)
- (181) *Mal* ela *estacionará* eternamente, sem transpor... só os escolhidos *passarão*. (A Revolução Melancólica, Oswald de Andrade, 1910.)

Os de *afirmação*, em número de quatro, não ocorreram com o *presente do indicativo* nem com *haver + de + infinitivo*:

- (182) Eu acho que o partido *certamente terá* outras pessoas de mais capacidade. (Meninos no Poder, Domingos Pellegrini, 1970, pág. 38, entre iguais.)
- (183) Certamente não se *chegará* sempre cedo demais onde se corre algum risco? (*A Moreninha*, Joaquim Manoel de Macedo, 1840, pág. 20, entre iguais.)
- (184) *Na certa vais precisar*. (Boca do Inferno, Ana Miranda, 1970 pág. 37, pai para filho.)
- (185) *Sim... vou indagar* ao porteiro. (*O Edifício Fantasma*, Orígenes Lessa, 1920, pág. 22, homem para esposa.)

Os advérbios de *lugar* apresentaram 33 ocorrências, nenhuma com *haver* + *de* + *infinitivo*. Os números mostram que esse tipo de contexto é irrelevante para a aplicação da regra de representação do tempo futuro a partir do *futuro sintético* ou das *perífrases*, 48% deles se apresentaram com aquela forma verbal e 39% com essa. O *presente do indicativo* não se mostrou produtivo com esse advérbio. Os demais serão analisados oportunamente. Os advérbios de *dúvida* apresentaram somente duas ocorrências, ambas com *futuro sintético*, são elas:

(186)

Demais, serás tu sempre senhor absoluto das tuas afeições? Tens em tuas mãos, sujeitos sempre em tudo e por tudo, os afetos de tua alma? Estás tu seguro que esse objeto, ídolo hoje do teu coração, nunca incorrerá no teu desagrado? Tens certo amá-lo, amá-lo sempre? Quem to assegura? Supõe agora que vives no meio da pobreza: qual consolação acharás, qual distração nos teus enojos e agonias? Mancebo, julgas que seja sempre
(*O Filho do Pescador*, Teixeira e Sousa, 1830, pág. 33, pai para filho.)

- (187) Não sei se a vida ainda me trará outra oportunidade dessas...um dia saberás, quando cresceres. (*Palavra de Honra*, Ana Maria Machado, 1960, pág. 17, adulto para mais novo.)

6.1.2. Os nocautes do grupo de fatores *pessoas verbais*

Outro grupo gerador de nocaute foi o das *pessoas verbais*: com *vós*, *vocês* e *a gente*, conforme a seguir:

Tabela 24 - Pessoas verbais geradoras de nocautes do corpus 2.

	Fut. Sintético	Presente do indicativo	Perífrases	Haver + de + inf.
Vocês	4	0	23	1
Vós	24	0	0	1
A gente	0	8	14	0

O pronome *vocês*, forma inovadora da segunda pessoa do plural (Silva, 2005) apresentou 28 ocorrências, 23 delas com *perífrases*, quatro com *futuro sintético* e apenas uma com *haver + de + infinitivo*:

- (188) Mas *vocês* *hão de ouvir*. (*Fluxo – Floema*, Hilda Hilst, 1950)

Os quatro dados com *futuro sintético* são:

- (189) Quase que adivinharam *vocês*; disse o Lemos; venham cá e *verão* o que é. (*Senhora*, José de Alencar, 1850, homem adulto para feminino adulto.)
- (190) Nada! As moças devem ler somente o grande Júlio Verne, o propagandista das ciências. Compre a *Viagem ao centro da terra*, *Os filhos do capitão Grant* e tantos outros romances úteis, e *encontrarão* neles alta soma de ensinamentos valiosos, de conhecimentos práticos. (*A Normalista*, Adolfo Caminha, 1890, professor para alunas).
- (191) O que eu tive, *vocês terão*. (*A Tarde da sua Ausência*, Carlos Heitor Cony, 1950, pai para filhas.)
- (192) Se tornarem a brigar, *ficarão* de castigo depois da aula, por duas horas. (*O Feijão e o Sonho*, Orígenes Lessa, 1920, professor para alunos.)

Esse pronome apresentou maior produtividade com as *perífrases*, forma considerada também inovadora na marcação do tempo futuro, conforme atesta o exemplo abaixo, o primeiro dado do corpus, onde, inclusive, ele aparece inserido no meio da perífrase *ir + infinitivo*:

- (193) Onde *vão vocês* *passar* o dia de Sant'Ana? (*A Moreninha*, Joaquim Manoel de Macedo, 1840, pág. 2, entre iguais.)

O pronome *vós*, forma canônica da segunda pessoa do plural e arcaica no português brasileiro, apresentou 25 ocorrências, 24 com o *futuro sintético* e apenas uma com *haver + de + infinitivo*. O oposto do que se observa com *vocês*. O que aponta certo paralelismo nas ocorrências: forma canônica com forma canônica, inovadora com inovadora.

Das 1.370 ocorrências de pessoas verbais, 61 estão com a forma verbal *haver + de*

+ *infinitivo* , 4% apenas. A única ocorrência de *vós* com essa forma verbal foi:

(194)

trabalho a canção! Em fim vós me haveis
de valer , porque eu morro sem remedio;
e ainda que ella não me attende , e por lá
todos a querem , eu lhe quero mais que to-
dos: e Carmindo , que sabe quanto eu a es-
timo , não ha de ser contra mim. Vai-te ,

(*As Aventuras de Diófonês – imitando o Sapiéntíssimo Fenelon na sua Viagem de Telêmaco*, Dorothea Engrassia, 1730.)

As 24 ocorrências de *vós* com o *futuro sintético* estão distribuídas da seguinte forma:

- 02 na obra que representa o século XVIII - *As Aventuras de Diófonês – imitando o Sapiéntíssimo Fenelon na sua Viagem de Telêmaco* de Dorothea Engrassia;
- 22 em quatro obras representativas do século XIX:
 - 11 em *O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa, representando 1830;
 - 01 em *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Almeida, obra que representa 1840;
 - 09 em *O Guarani*, de José de Alencar, representativa de 1850 e
 - 01 em *O Cacaulista*, de Inglês de Souza, que representa 1870.

O pronome *vós*, nesse corpus, deixou de ser produtivo a partir de 1870, antes, porém, do final do século XIX, o que mostra a superação dessa segunda pessoa do plural pela forma inovadora *vocês*, que tem sua primeira ocorrência no corpus na obra representativa de 1840, *A Moreninha*, objeto de análise no campo apropriado, na sequência.

Por outro lado há os nocautes do pronome *a gente*, com 22 ocorrências, 08 com o *presente do indicativo* e 14 com *perífrases*, assim distribuídos:

- 01 – em *Recordações de Isaías Caminha* – de Lima Barreto, representativa de 1900;
- 01 – em *A Revolução Melancólica* – de Oswald de Andrade, representativa de 1910;
- 01 – em *O Edifício Fantasma*, de Orígenes Lessa, representativa de 1920;
- 01 – em *Incidente em Antares* – de Érico Veríssimo, representativa de 1930;

- 01 – em *Memorial de Maria Moura* – de Raquel de Queiroz, representativa de 1930;
 - 02 em *O Quinze* – de Raquel de Queiroz, representativa de 1930;
- 01 – em *Alice e Ulisses*, de Ana Maria Machado, representativa de 1960;
- 06 - em *O sertão vai virar mar* – de Moacir Scliar, representativa de 1960;
- 01 – em *Meninos no Poder* – de Domingos Pellegrini, representativa de 1970;
- 02 – em *Crescer é Perigoso*, de Márcia Kupstas, representativa de 1980;
- 03 – em *Espelho dos Nomes* – de Marcos Bagno, representativa de 1980;
 - 01 – em *A vingança da Cobra* – de Marcos Bagno, representativa de 1980;
- 01 – em *Carta para Alguém bem Distante* – de Fernanda Yung, representativa de 1990.

A maior parte dessas ocorrências se apresenta em *perífrases*, 09 com *ir + infinitivo* e 05 com *presente do indicativo (exceto ir) + infinitivo*, como se pode ver em alguns exemplos, abaixo:

- (195) *A gente* pensa: *vamos ter* uma gemada, uma fritada, um doce, uma coisa ou outra... Compra-se milho e se espera... e se espera... (*Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, de Lima Barreto, 1900.)
- (196) Que diabo! Que entusiasmo *a gente pode ter* com um candidato desconhecido? (*Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo, 1930.)
- (197) Foi muito bonito, mas daqui pra frente *a gente só vai se machucar*. (*Alice e Ulisses*, de Ana Maria Machado, 1960.)

Esse número baixo de ocorrências mostra que o pronome *a gente* está entrando de maneira muito lenta neste tipo de corpus, onde ainda prevalece a representação canônica da primeira pessoa do plural: *nós*, que será tratado na seção apropriada, com quase nove vezes mais ocorrências que a forma inovadora.

6.1.3. Os nocautes do grupo de fatores *ambiente de ocorrência profissional*

Nesse grupo, para este corpus, optou-se por inserir a participação do narrador, relevante em alguns romances. O nocaute foi gerado pela não apresentação de ocorrência com *presente do indicativo*. Dos 292 dados, 80%, 235, estão com o *futuro sintético*, 16% com as *perífrases* e apenas 3% com *haver + de + infinitivo*. Portanto, em casos onde as participações do narrador fez uso da representação do tempo futuro, essa de seu, majoritariamente, pelo *futuro sintético*. Os números desse grupo de fatores estão dispostos

abaixo:

Tabela 25 - Grupo de fatores Ambiente profissional, em números absolutos.

	Futuro sintético	Presente do indicativo	Perífrases	Haver + de + inf.
Com estranhos	17	3	33	0
Com igual	6	0	4	0
Com subordinado	18	2	15	1
Com superior	4	0	5	1
Narrador	235	0	47	10
Totais	280	5	104	12

A forma verbal que mais apresentou ocorrências nesse grupo foi o *futuro sintético*, com 280 das 401 apresentadas. O narrador é o que mais fez uso dessa forma, seguida das *perífrases*, o que pode demonstrar uma formalidade maior relacionada à primeira forma. 26% das ocorrências nas interações profissionais foram a partir de *perífrases* e 70 %, por conta do *narrador*, foram de *futuro sintético*. O *futuro sintético* e o *haver + de + infinitivo* apresentaram-se pouco produtivos nessas interações profissionais, sendo que o último teve quase que sua totalidade de ocorrências também com o narrador.

As formas verbais de representação de futuro apresentaram 2.530 dados para análise. Há um empate técnico entre o *futuro sintético* e as *perífrases*, o que torna essa amostra bastante interessante. A distribuição das ocorrências se deu conforme tabela abaixo:

Tabela 26 – Formas de futuro do corpus 2 – romances brasileiros

Formas de futuro	Ocorrências	%
Futuro sintético	1045	42
Presente do indicativo	255	10
Perífrases	1068	42
Haver + de	162	6
Totais	2.530	100

Os números mostram a forma canônica de representação do tempo futuro com quase o mesmo número absoluto de ocorrências que as *perífrases*, o que perfaz exatamente a mesma porcentagem, 42% e revela, aparentemente, que o *futuro sintético* e as *perífrases* são, no geral, igualmente produtivas nesse tipo de corpus.

As ocorrências de *presente do indicativo* representam 10% do total, porcentagem

bastante baixa, porém maior que a da forma verbal *haver + de + infinitivo*, apresentando 105 ocorrências nos livros representantes do século XIX e 55 no XX. Esse último século traz um número menor de ocorrências dessa forma verbal apesar de ter mais obras analisadas, por conta do estudo pretendido a partir do grupo de fatores *sexo* (dos autores) e da variação no indivíduo. Sendo assim, 55 ocorrências representam ainda menos se comparadas as 105 do século anterior, o que, de qualquer forma, mostra um decréscimo de uso em números absolutos. A forma *haver + de + infinitivo* apresenta contextos de usos bastante interessantes na obra *A Moreninha*, onde os jovens, em certas ocasiões, conjugam os verbos utilizados na situação de fala no passado, no presente e no futuro, sendo que esse é a partir de *haver + de + infinitivo*:

- (198) Filipe, *vou visitar* tua avó. Sim, é melhor passar os dois dias estudando alegremente nesses três interessantes volumes da grande obra da natureza do que gastar as horas, por exemplo, sobre um célebre Velpeau, que só ele faz por sua conta e risco mais citações em cada página do que todos os meirinhos reunidos *fizeram, fazem e hão de fazer* pelo mundo. (*A Moreninha*, Joaquim Manuel de Macedo, 1840, pág. 4, entre iguais.)
- (199) Ou, se querem, precisarei melhor o meu programa sentimental; lá vai: afirmo, meus senhores, que meu pensamento nunca se ocupou, *não se ocupa, nem se há de ocupar* de uma mesma moça quinze dias. (*A Moreninha*, Joaquim Manuel de Macedo, 1840, pág. 4, entre iguais.)
- (200) E o que há aí de mais engraçado é que Fabrício tem culpa disso, porque, enfim, manda o meu destino que eu sempre *tenha andado, ande, e haja de andar* em companhia dele, que, com a maior crueldade do mundo, tira-me todos os lances, antes de três dias de amor. (*A Moreninha*, Joaquim Manuel de Macedo, 1840, pág. 21, entre iguais.)

A mesma estrutura também se faz presente uma única vez com *futuro sintético* na representação do tempo futuro, em frase negativa:

- (201) Sim! Esse sentimento que voto às vezes a dez jovens num só dia, às vezes, numa mesma hora, não é amor, certamente. Por minha vida, interessantes senhores, meus pensamentos nunca têm dama, porque sempre têm damas; *eu nunca ameí... eu não amo... eu não amarei jamais*. (*A Moreninha*, Joaquim Manuel de Macedo, 1840, pág. 4, entre iguais.)

Por sua vez o *presente do indicativo* apresenta 60 de suas ocorrências no século XIX e 195 no XX, conforme exemplos abaixo, o que sugere uma tendência de maior produtividade, inversa da observada com *haver + de + infinitivo*, ainda em números

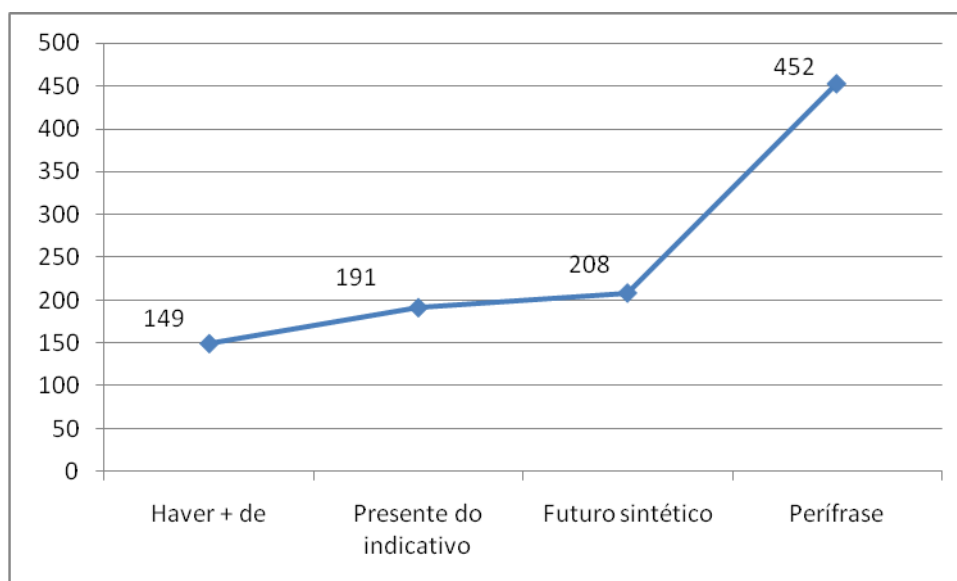
absolutos²⁴.

- (202) É fácil! respondeu a moça corando por sua vez; depois de amanhã *faz* três semanas. (*O Guarani*, José de Alencar, 1850)
- (203) Ora vamos, está feito o negócio, *dou-lhe* os quarenta mil réis, e você *prepare-se* para quando eu o avisar. (*O Cacauleta*, Inglês de Sousa, 1870)
- (204) Se vocês quiserem fazer uma aposta comigo, que cada um *escreva* seu nome num papel, *meta* esse num envelope e depois *entregamos* todos os envelopes ao gerente do banco da província para serem abertos no dia em que a justiça divulgar a identidade do autor intelectual do atentado. (*Incidente em Antares*, Érico Veríssimo, 1930)
- (205) Papai, tenho uns compromissos aqui, mas acho que daqui dois, três meses *dou* um pulo aí... (*A Tarde da sua Ausência*, Carlos Heitor Cony, 1950)
- (206) Pode deixar, meu irmão, é melhor não resistirmos. Depois *arrumamos* tudo, depois tudo se esclarecerá. (*Boca do Inferno*, Ana Miranda, 1970, pág. 69, entre iguais.)
- (207) Por que você não abre um bar? (*Terra Vermelha*, Domingos Pellegrini, 1970, pág. 87, entre iguais.)
- (208) — Primeiro *feche* aquele bar.
— Prometo que vou fechar
— Volte para casa, amanhã eu *fecho*.
— Feche hoje. Amanhã eu *volto*. (*Terra Vermelha*, Domingos Pellegrini, 1970, pág. 90, entre iguais.)
- (209) Amanhã o Pedro *vai* para a escola. A Dinalva *toma* conta de tudo, leva ele para a escola. Você – falou com mamãe – *vai* comigo até o hospital. Já avisei na firma que eu não *vou*. E você, Gustavo, - falou comigo – *fica* aqui em casa. Tio Kenji *chega* amanhã cedo. (*Crescer é perigoso*, Márcia Kupstas, 1980)

O interessante é que em pesos relativos os valores são outros, possibilitam outra leitura, considerando não apenas os números absolutos e suas porcentagens de frequência, mas a tendência de uso de cada forma de representação do tempo futuro a partir dos grupos analisados. O que os números revelam, em pesos relativos, é o que se vê no gráfico abaixo:

²⁴ Em seção apropriada as formas verbais serão analisadas juntamente com os anos de publicação.

Gráfico 15 – *Input* das Formas Verbais.



A partir dos pesos relativos acima se pode observar que o conjunto de dados aqui analisado revela a grande tendência de uso das *perífrases* na marcação do tempo futuro. Seu peso relativo é quase a soma dos índices das outras formas de representação do tempo futuro aqui analisadas. O peso neutro nessa análise é .250, o que possibilita interpretar que o *presente do indicativo*, o *futuro sintético* e o *haver + de + infinitivo* são formas que não apresentam tendências de ocorrer nos romances brasileiros aqui recortados, desde o primeiro até sua representação na última década do último século do recorte, o que pode estar representando uma mudança em curso nessa variável de representação do tempo futuro.

Nesse tipo de texto o *haver + de + infinitivo* se mostra com baixo peso relativo, o que vem confirmá-lo como uma representação de tempo futuro mais antiga, aqui sendo suplantado por outras. O interessante é a proximidade existente entre o *futuro sintético* e o *presente do indicativo*, duas formas bastante díspares.

Em números percentuais o *presente do indicativo* apresenta quase o dobro de *haver + de + infinitivo*, mas ambos não apresentam tendências de uso na representação do tempo futuro. Diante desses números pouco representativos tanto percentualmente quanto em peso relativo e o fato de que a grande maioria dos nocautes foi gerada por conta dessas duas variantes da variável dependente, a melhor solução para uma análise mais produtiva parece ser a retirada de ambas: *presente do indicativo* e *haver + de + infinitivo*.

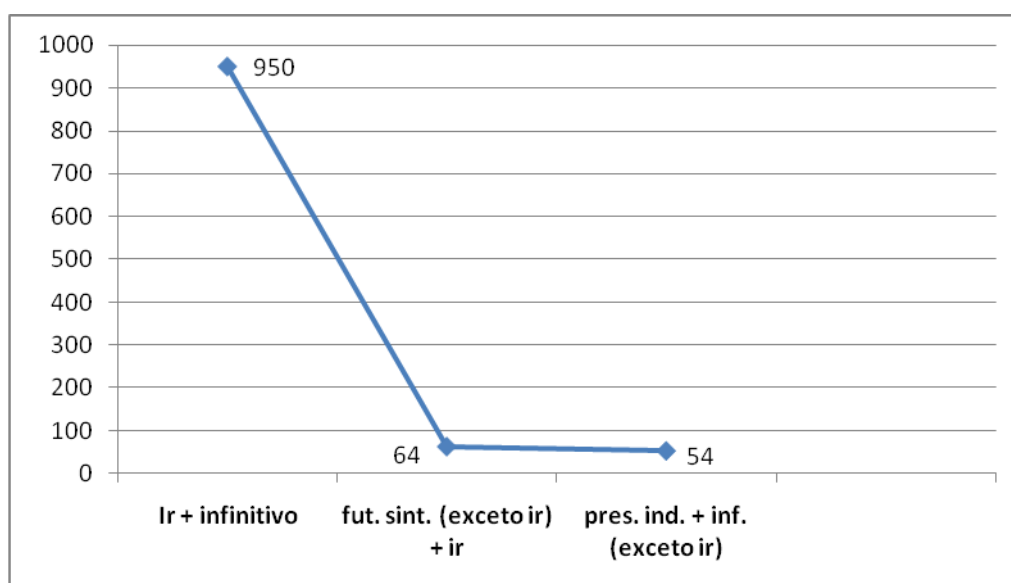
Com essa retirada voltam para a análise o pronome *vocês*, os advérbios de

afirmação e de *lugar* e todos os fatores do grupo que propiciam analisar o *ambiente da ocorrência* – *profissional* e ainda 10 dos 16 livros que teriam de ser retirados da análise devido aos nocautes no grupo de fatores *ano de publicação*.

6.2. Tipos de perífrases do corpus

Até esse ponto da tese a nomenclatura ‘perífrases’ estava representando todas as *perífrases* que ocorreram no corpus. Das 2.530 ocorrências, 42%, 1068 dados, são dessa variante, assim distribuídas:

Gráfico 16 – Distribuição das perífrases no corpus, em números absolutos.



As perífrases compostas de *ir* + *infinitivo* representam 90% desse total, os outros 10% se dividem entre as *perífrases futuro sintético (exceto ir) + ir* e *presente do indicativo (exceto ir), + infinitivo* que representam os modais e alguns aspectuais apresentados e analisados adiante, ou seja, a representação do tempo futuro a partir de perífrases verbais se dá, majoritariamente, por *ir* + *infinitivo*.

Fazendo a verificação dos dados por século de pesquisa é possível perceber a entrada da *perífrase ir + infinitivo* na representação do tempo futuro. Na obra que representa o século XVIII, primeiro romance brasileiro, há apenas três *perífrases*, todas de *futuro sintético (exceto ir) + infinitivo* e na primeira obra do século XIX, *O Filho do Pescador*, dezesseis delas, doze de *futuro sintético (exceto ir) + infinito* e quatro de

presente do indicativo (exceto ir), + infinitivo o que será visto oportunamente.

Na mesma linha de raciocínio seguida até agora os números das *perífrases* indicam ser mais acertado retirar os 118 dados de *futuro sintético* (exceto *ir*) + *ir* e *presente do indicativo* exceto *ir*) + *infinitivo* para evitar desvios nos resultados, o que viabilizaria um estudo comparativo entre as duas variantes realmente em concorrência na representação do tempo futuro: *futuro sintético* e *ir + infinitivo*. Sendo assim, deste ponto em diante a análise será binária, a partir dessas duas variantes: *futuro sintético* e *ir + infinitivo*, totalizando 1.995 ocorrências. Vale ressaltar que as *perífrases* ora retiradas voltarão a análise quando da análise do grupo de fatores *TAM*, na sequência.

6.3. A composição do arquivo de células para a rodada binária

Decidido analisar duas variantes da representação do tempo futuro: *futuro sintético* e *ir + infinitivo*, se fez necessário retirar as obras que apresentaram nocautes com essas duas variantes: *As Aventuras de Diófonos – imitando o sapientíssimo Fenelon na sua viagem a Telêmaco*, de Dotothea Engrassia Tavadra Dalmira, 1730; *O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa, 1830; *A Baronesa do Amor*, de Joaquim Manuel de Macedo, 1840; *Alice e Ulisses*, Ana Maria Machado, 1960; *Crescer é Perigoso e Gurka – retrato de um jovem assassino*, de Márcia Kupstas, de 1980.

Na obra de 1730, *As Aventuras de Diófonos – imitando o sapientíssimo Fenelon na sua viagem a Telêmaco*, não há ocorrências de *ir + infinitivo*. A obra apresenta 42 ocorrências, sendo 36 de *futuro sintético*, 3 de *perífrases* e 3 de *haver + de + infinitivo*. As *perífrases* que essa obra apresenta são:

- (210) ... nunca *poderás conseguir* que me falte fortaleza para defender-me do inimigo da virtude. (*As Aventuras de Diófonos – imitando o sapientíssimo Fenelon na sua viagem a Telêmaco*, de Dotothea Engrassia Tavadra Dalmira, 1730, pág. 21.)
- (211) ... como *podereis dizer-te* quem sois... (*As Aventuras de Diófonos – imitando o sapientíssimo Fenelon na sua viagem a Telêmaco*, de Dotothea Engrassia Tavadra Dalmira, 1730, pág. 57.)
- (212) Bem sei que o affecto que me tendes, he filho de huma innocent sympathia, mas quem a este da entrada com excessos, *poderá passar* a extremos viciosos (*As Aventuras de Diófonos – imitando o sapientíssimo Fenelon na sua viagem a Telêmaco*, de Dotothea Engrassia Tavadra Dalmira, 1730, pág. 91.)

As ocorrências de *haver + de+ infinitivo* são as duas já comentadas quando se apresentaram os comentários sobre a pessoa verbal *vós* e a que segue:

- (213) Zombem embora, que eu de todos *hei de rir*, quando morrer. (*As Aventuras de Diófonos – imitando o sapientíssimo Fenelon na sua viagem a Telêmaco*, de Dotothea Engrassia Tavadra Dalmira, 1730, pág. 11.)

O que temos na primeira obra desse corpus é um uso quase que total de *futuro sintético*, 87% das ocorrências representam o futuro a partir dessa variante, 8% com *perífrases* e 5% com *haver + de+ infinitivo*, mais antigo na língua. Essa última variante parece estar deixando de ser usada, possivelmente dando espaço para as representações do tempo futuro a partir das *perífrases*, ainda em fase inicial de uso, inclusive sem nenhuma ocorrência de *ir + infinitivo*. A leitura possível, portanto, é que o *futuro sintético*, nessa obra, domina a representação do tempo futuro, enquanto o *haver + de+ infinitivo* parece estar saindo e as *perífrases*, entrando, sem uso de *presente do indicativo*.

Na segunda obra do corpus 2, *O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa, 1830, ou seja, representando um tempo cem anos depois da primeira, há 133 ocorrências de futuro, 115 de *futuro sintético*, 14 de *perífrases* e 4 de *haver + de+ infinitivo*, como em:

- (214) Amor, que teu peito encera / Só pra mim *hás de guardar* / Ou me não vou desta terra / Ou se for *hei-te levar*. (*O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa, 1830, pág. 89, rapaz cantando para moça.)
- (215) Está bom João, eu te *hei de agradecer*. (*O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa, 1830, pág. 113, feminino adulto para subordinado.)
- (216) Mas *há de ser* agora mesmo! (*O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa, 1830, pág. 127, adulto feminino para adulto mais velho.)
- (217)

não me ha de apresentar o seu amigo amanhã,
exactamente porque é de minha vontade e da
sua obediencia affectuosa que m'o apresente
hoje.

(*O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa, 1830, pág. 47, adulto masculino para igual.)

Das 14 *perífrases*, 10 são de futuro do *presente (exceto ir) + infinitivo* e 4 de *presente do indicativo (exceto ir) + infinitivo*, sem ainda nenhuma ocorrência de *ir + infinitivo*.

Na obra *A Baronesa do Amor*, de Joaquim Manuel de Macedo, 1840, foram 16 dados de futuro, sendo 14 de *futuro sintético* e 2 de *haver + de + infinitivo*, nenhuma de *presente do indicativo* ou de qualquer perífrase:

(218)

— Não comprehende que me vexa, fallando-me do barão?... que hei de pensar d'elle?...
(*A Baronesa do Amor*, de Joaquim Manuel de Macedo, 1840), pág. 18, baronesa para igual.)

O que se tem nessa obra, novamente, é a prioridade dada a representação do tempo futuro a partir do *futuro sintético*.

Já na obra *Alice e Ulisses*, de Ana Maria Machado, de 1960, são 27 ocorrências de futuro, todas representadas pela variante *ir + infinitivo*.

Em *Crescer é Perigoso*, de Márcia Kupstas, 1980, não houve ocorrências de *futuro sintético* nem de *haver + de + infinitivo*, foram 68 dados de futuro, 19 de *presente do indicativo* e 49 de *perífrases*, todas de *ir + infinitivo*. Da mesma autora, a obra *Gurka, retrato de um jovem assassino* apresentou 37 dados de futuro, 7 de *presente do indicativo* e 30 de *perífrases*, também todas de *ir + infinitivo*. O que se percebe é um não uso do *futuro sintético* por parte dessa autora.

Após a retirada dessas obras foi constituído um arquivo de células para a primeira rodada binária da análise, o que resultou na seguinte seleção de grupos de fatores relevantes para as variantes *futuro sintético* e *ir + infinitivo*:

- 1.º - ano de publicação;
- 2.º - ambiente de ocorrência – profissional;
- 3.º - faixa etária;
- 4.º - pessoas verbais;
- 5.º - projeção do fato futuro;
- 6.º - ambiente de ocorrência – doméstico;
- 7.º - contexto desencadeador;
- 8.º - extensão fonológica do verbo principal;
- 9.º - tempo, aspecto e modo.

Os grupos de fatores descartados pelo programa como irrelevantes para a aplicação da regra de representação do tempo futuro nesse corpus foram: *sexo*, *tipos de frases* e *preenchimento / não preenchimento do pronome pessoal*. O que chama a atenção nessa seleção é o fato de o grupo *Ambiente de ocorrência – profissional* ter sido selecionado em segundo lugar na escala de relevância para a aplicação da regra de representação do tempo futuro. Esse grupo apresentou poucos dados, 362, contra 1.614, do *ambiente de ocorrência – doméstico*, por exemplo. Olhando para os dados desse grupo, o que se vê é um número muito alto de ocorrências com o *narrador*, o que gerou um peso relativo para esse fator na representação do futuro pelo *futuro sintético* de .60, contra .23, em interações com estranhos; .24 em interação com superior; .25 com subordinado e .35 entre iguais. O peso relativo alcançado pelo narrador fez toda a diferença nessa análise, pois, em rodada em que esse fator foi excluído, o grupo todo foi descartado como não relevante para a aplicação da regra da variável dependente. Esse comportamento demonstra que as 266 ocorrências dentro de um grupo de fatores que totaliza 362 dados estão desviando o resultado para aquele fator. Fato é que os dados dos narradores apresentam mais *futuro sintético* do que os demais, o que já o aponta como um contexto de resistência a *ir + infinitivo*, variante que tem predominância de uso nas demais interações dentro desse grupo de fatores.

Desta forma, a ordem de apresentação será a obtida a partir da segunda rodada, ou seja, aquela onde o grupo de fatores *ambiente de ocorrência – profissional* foi descartado. Esse descarte provocou a elevação do grupo *projeção do fato futuro* para o segundo lugar de relevância, conforme se pode observar na nova ordem, abaixo:

- 1.º - ano de publicação;
- 2.º - projeção do fato futuro;
- 3.º - faixa etária;
- 4.º - pessoas verbais;
- 5.º - contexto desencadeador;
- 6.º - extensão fonológica do verbo principal;
- 7.º - ambiente de ocorrência – doméstico;
- 8.º - tempo, aspecto e modo.

6.4. Os dados validados, o início da análise binária

6.4.1 Comportamento do grupo de fatores *ano de publicação*

O grupo de fatores *Ano de Publicação*, por ter muitos fatores, precisou ter seus resultados divididos em períodos de tempo para que pudesse ser analisado. Portanto, a divisão dos resultados apresentados, através de tabelas e gráficos, se dará por séculos. Optou-se por essa periodização procurando atender os objetivos traçados para essa análise, que é verificar como as variantes se comportam na linha do tempo abarcado pelo estudo e por acreditar que a divisão em séculos ilustra melhor as diferenças. Outro critério foi apresentar separadamente, dentro dos séculos, as primeiras e as últimas obras de cada autor, bem como, a partir da década de 30 do século XX, também os resultados das autoras, respeitando esses mesmos critérios.

Lembrando que a única obra representativa do século XVIII foi retirada da análise devido aos nocautes, juntamente com a representante a década de 1830, uma primeira divisão foi feita para analisar as obras representativas do século XIX, resultado exposto na tabela da sequência:

Tabela 27 – Século XIX - primeiras obras masculinas, em números absolutos, porcentagens e peso relativo.

Obra e data	Futuro Sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Ocor.	%	P. R.	Ocor.	%	P. R.	
J. M. Macedo – Moreninha/1840	98	82	.74	21	18	.26	119
José de Alencar - O Guarani/1850	58	94	.92	4	6	.08	62
Machado de Assis - Ressurreição/ 1860	49	94	.92	2	6	.08	51
Inglês de Sousa - O Cacauleta/ 1870	9	53	.47	8	47	.53	17
Aluísio A. - Uma Lágrima de Mulher/ 1880	18	69	.47	8	31	.53	26
Adolfo F. caminha - A Normalista/ 1890	6	86	.79	1	14	.21	7
Totais	238	84	-	44	16	-	282

Em números absolutos é possível perceber um uso muito superior do *futuro sintético* em relação a *ir + infinitivo*, ou seja, se no geral os números absolutos estão próximos, nas primeiras obras desse primeiro período analisado o que temos é um uso mais acentuado de *futuro sintético* em relação a *ir + infinitivo*, sinalizador de que a perífrase em questão se encontra em fase inicial nesse período.

O *futuro sintético* é a forma de representação do tempo futuro mais utilizada nas

primeiras obras representantes do século XIX, exceto nas décadas de 1870 e 1880, com os autores Inglês de Sousa e Aluísio de Azevedo. Esse dois autores apresentaram os mesmos pesos relativos: .47 para a variante *futuro sintético* e .53 para *ir + infinitivo*. Isso mostra um uso incomum para a época, segundo os dados dessa pesquisa, que aponta *ir + infinitivo* como a forma mais produtiva de representar o tempo futuro no período. A representação do tempo futuro, como já mencionado, é pouco frequente na literatura de modo geral, na obra de 1870, *O Cacauleta*, de Inglês de Sousa, foram 17 dados – 9 de *futuro sintético* e 8 de *ir + infinitivo* - e na de 1880, *Uma Lágrima de Mulher*, de Aluisio de Azevedo, 26 ocorrências – 18 de *futuro sintético* e 8 de *ir + infinitivo*.

O que se tem nesse período representado pela Tabela 27 é que o *futuro sintético* se apresenta com uso bastante alto nas primeiras obras das décadas de 1840, 1850, 1860 e 1890. Esses números sugerem uma entrada de *ir + infinitivo* bastante sutil, foram, por exemplo, 4 dados na obra *O Guarani* (1850), de José de Alencar, contra 58 de *futuro sintético*:

- (219) D. Diogo partirá nestes dias para a cidade do Salvador, onde *vai viver* como fidalgo, servindo à causa da religião e não perdendo o tempo em extravagâncias. (*O Guarani*, 1850, pág. 26, adulto masculino para igual.)
- (220) Não falas?... olha que então *vou pensar* outra coisa! continuou Cecília galanteando. (*O Guarani*, 1850, pág. 43, feminino adulto para masculino igual.)
- (221) E eu *vou contar-te* o resto, atalhou D. Lauriana, tocando com a mão o braço de sua filha. (*O Guarani*, 1850, pág. 51, feminino adulto para masculino adulto.)
- (222) Ele *vai sentir* muito! (*O Guarani*, 1850, pág. 52, feminino adulto para mais velho.)

No primeiro exemplo, à página 26, a variante *ir + infinitivo* está antecederida de *futuro sintético*, que projeta a ação para o futuro. Mas as demais não apresentam esse antecessor e a ideia de futuro está mantida pela perífrase *ir + infinitivo*.

Na obra de 1860 foram apenas 2 ocorrências de *ir + infinitivo*:

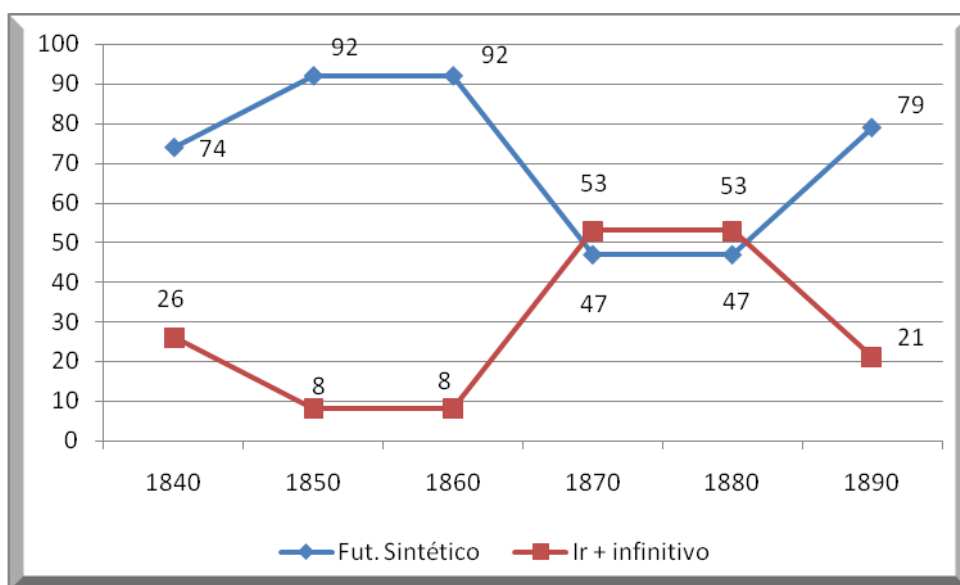
- (223) (Mas vem jantar comigo, continuou Félix, dando-lhe o braço.) Não posso, *vou jantar* com minha mãe. (*Ressurreição*, Machado de Assis, 1860, pág. 9, adultos entre si)
- (224) Falávamos das suas reformas, disse ele, e fazíamos prosaicamente o orçamento da despesa que *vai ter*. (*Ressurreição*, Machado de Assis, 1860, pág. 34, masculino adulto entre iguais.)

A obra desse período com o menor número de *ir + infinitivo* é a de 1890, com um dado dessa variante em um total de 7 ocorrências com representação do tempo futuro:

(225) Sim, continuou Zuza, *vou informar-me*, preciso saber... (*A Normalista*, Adolfo Caminha, 1890, pág. 26, masculino adulto para mais velho.)

A década que mais apresentou a variante *ir + infinitivo*, conforme exposto na tabela acima, é 1840, com a obra *A Moreninha*, foram 21 ocorrências, talvez isso se deva ao fato de que a grande maioria dos personagens da obra é bastante jovem, de 15 a 18 anos. Não esquecendo ainda que Joaquim Manuel de Macedo não tinha muito mais do que isso, tinha 23 anos quando escreveu a obra. Isso pode significar que a forma *ir + infinitivo* já estava bastante inserida no vernáculo dos falantes mais jovens. Tão inserida que acabava ‘escapando’ para a variedade escrita. Os autores imediatamente seguintes, José de Alencar e Machado de Assis apresentaram menos dados dessas variantes, o que não significa que eles não faziam uso dela. Pode significar tão somente um cuidado maior no trato com a língua, o que os coloca como os autores mais conservadores do período e será retomado adiante, quando for abordada a diferença no indivíduo. Esses pesos relativos, colocados em gráfico, resultam nas seguintes linhas:

Gráfico 17 - XIX - primeiras obras masculinas, em pesos relativos.



O traçado mostra de maneira bem nítida a diferença entre as duas variantes nesse período, o *futuro sintético* bastante acima de *ir + infinitivo*, excetuando as duas obras já mencionadas. Abaixo, quando forem expostos os dados das primeiras obras do século XX, será possível perceber o que está destoando, de fato, no gráfico acima: a obra de 1890, não

as de 1870 e 1880, pois, a tendência que será apresentada pelo *futuro sintético* nas obras analisadas do próximo século será a de queda, a princípio bastante sutil. O que se tem aqui é uma queda iniciada em 1870 e quebrada por Adolfo Caminha, na última década do período, que apresenta o segundo peso relativo mais alto deste ponto para o final da amostra, sendo superado apenas pela segunda obra de 1880, conforme será visto abaixo.

Tabela 28 - Século XIX - últimas obras masculinas, em números absolutos, porcentagens e peso relativo.

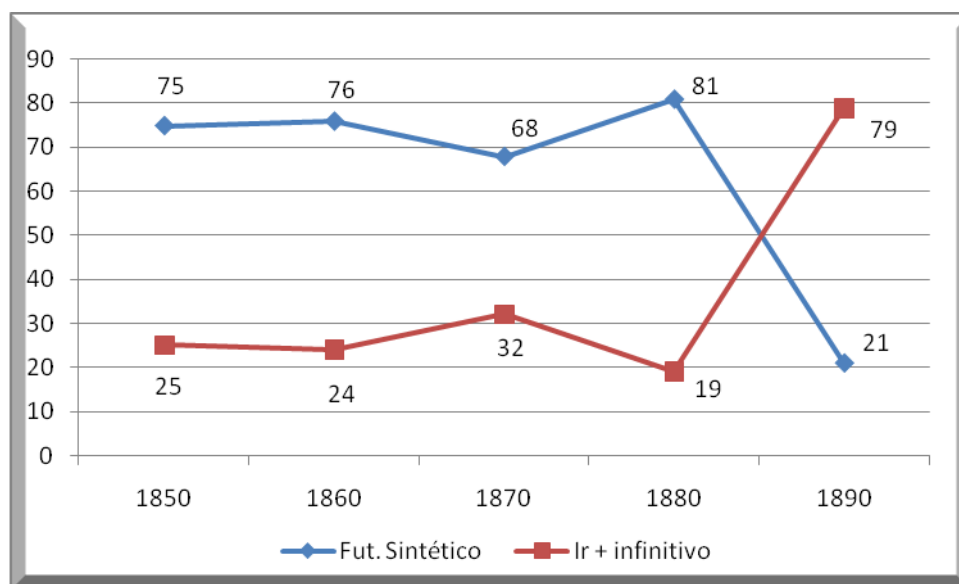
Obra e data	Futuro Sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Ocor.	%	P. R.	Ocor.	%	P. R.	
José de Alencar – Senhora/ 1850	46	84	.75	9	16	.25	55
M. de Assis - Memorial de Aires/ 1860	81	90	.76	9	10	.24	90
Inglês de Sousa - O Missionário/ 1870	9	75	.68	3	25	.32	12
Aluísio de A. - O Livro de uma Sogra/ 1880	77	90	.81	9	10	.19	86
Adolfo F. Caminha – Tentação/ 1890	3	25	.21	9	75	.79	12
Totais	216	85	-	39	15	-	255

A obra de 1840, *A Baronesa do Amor*, de Joaquim Manuel de Macedo não apresentou nenhuma ocorrência de *ir + infinitivo*. Foram 14 de *futuro sintético*, 88%, e 2 de *haver + de + infinitivo*, o que representa 12% dessa obra, como já visto acima. A análise comparativa dessas obras nesse século, portanto, se dará a partir de 1850.

Observando os percentuais das tabelas que trazem os resultados das primeiras e das últimas obras de cada autor, do século XIX, percebe-se que o percentual não varia, há um empate técnico entre eles: houve 85% de uso de *futuro sintético* nas obras que representam esse século.

Passando para a análise dos pesos relativos, que trazem as tendências de uso de cada variante na aplicação da regra variável de representação do tempo futuro, é visível, principalmente quando os dados são dispostos em gráfico, como abaixo, que o *futuro sintético* se mantém como a forma mais produtiva nessa função até 1890. Seus números apresentam oscilações leves, caem e se recuperam em sucessão, para cair abruptamente na última década analisada nesse período.

Gráfico 18 – Século XIX - últimas obras masculinas, em pesos relativos.



As obras de 1890 apresentam pesos relativos invertidos: .79 na primeira e .21 na segunda para a aplicação da regra variável de representação do tempo futuro pelo *futuro sintético*. Esta obra serve como um marco divisório, pois a partir desse .79 alcançado por *ir + infinitivo*, essa forma de representação do tempo futuro mostra-se mais presente no *cópus*.

Observando os números absolutos apresentados na tabela acima, o que chama a atenção é a coincidência no número de ocorrências de 4 das 5 décadas do período quando do uso de *ir + infinitivo*. Os números são ainda baixos, principalmente na obra *O Missionário*, de Inglês de Sousa, de 1870. Foram apenas 12 dados de *futuro sintético* e três de *ir + infinitivo*, mas representam a entrada dessa variante.

A década de 1890, novamente Adolfo Caminha tendo sua obra como destaque, também apresentou 12 ocorrências, 9 de *ir + infinitivo* e 3 de *futuro sintético*, forma que está começando a se apresentar em declínio. Nessa obra, *Tentação*, os três dados de representação do tempo futuro a partir de *futuro sintético* são:

- (226) Você *verá* com os próprios olhos. (*Tentação*, 1890, Adolfo aminha, pág. 2, homem para esposa.)
- (227) A opinião é deles, o povo não *permitirá* que eles sejam desacatados. (*Tentação*, 1890, Adolfo aminha, pág. 18, conversa homens adultos.)
- (228) – Em primeiro lugar, um exame nos aposentos; depois, *trataremos* do almoço e do jantar. (*Tentação*, 1890, Adolfo Caminha, pág. 38, conversa entre mulheres.)

Dessa obra em diante os pesos relativos desse tempo verbal se tornam menos produtivos. Já no início do século XX a forma *ir + infinitivo* se apresenta com pesos invertidos para a representação do tempo futuro. A batalha que é possível visualizar sendo iniciada no Gráfico 17, nesse corpúsculo, apresenta as variantes ocupando posições opostas no Gráfico 18, ambos acima. Na tabela abaixo se percebe que, em números absolutos e porcentagens *ir + infinitivo* consegue se apresentar em franca ascensão, pois sobe de 14, 15% para 48% nessas obras.

Tabela 29 - Século XX primeiras obras masculinas, em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.

Obra e data	Futuro Sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Oco	%	P. R.	Oco	%	P. R.	
Lima Barreto -Recordações do Escrivão Isaías Caminha/1900	17	61	.41	11	39	.59	28
Oswald Andrade - Memórias Sentimentais de João Miramar/1910	9	56	.27	7	44	.73	16
Orígenes Lessa- O Feijão e o Sonho / 1920	6	23	.20	20	77	.80	26
Érico Veríssimo – Clarissa/1930	21	57	.44	16	43	.56	37
Fernando Sabino - O Encontro Marcado/ 1940	18	31	.22	40	69	.78	58
Carlos H Cony - O Ventre/1950	20	74	.89	7	26	.11	27
Moacir Scliar - O exército de um Homem Só/1960	124	84	.80	24	16	.20	148
Terra Vermelha - 1970	5	13	.22	35	88	.78	40
Marcos Bagno - A Vingança da Cobra/ 1980	16	20	.46	64	80	.54	80
Michel Laub - Música Anterior/ 1990	15	48	.74	16	52	.26	31
Totais	251	52	-	240	48	-	491

Nesse século há uma diferenciação: a década de 1990 apresenta apenas uma obra de cada autor, haja vista o curtíssimo espaço entre uma representando a fase inicial e outra da fase mais atual, pois as duas podem ser consideradas como tal, já que ambos são jovens escritores. Dessa forma os dados dessa década serão apresentados nos dois gráficos e nas duas tabelas: primeiras e últimas obras de cada, na tentativa de balizar mais acertadamente todas as tendências.

Ir + infinitivo, na última obra analisada do século passado, apresentou peso relativo de .79, a primeira vez acima do ponto neutro. No recorte que representa o século XX o comportamento dessa variante mantém-se nesse nível até a década de 1940, chegando a .78 nessa e a .80 em 1920.

Quando parecia que o *futuro sintético* estava suplantado pela forma inovadora há uma nova inversão dos pesos relativos com as obras de 1950 e 1960, com .89 e .80 para a aplicação de regra variável a partir do *futuro sintético*. Na obra de 1950 as 7 ocorrências de *ir + infinitivo* são:

- (229) Ninguém *vai te comer* vivo. (*O Ventre*, Carlos H. Cony, 1950, pág. 18, masculino, criança para igual.)
- (230) A vida desse menino *vai ser* uma tragédia! (*O Ventre*, Carlos H. Cony, 1950, pág. 22, adultos masculinos entre si.)
- (231) *Vou sentir* saudades de todos. (*O Ventre*, Carlos H. Cony, 1950, pág. 34, feminino adulto entre iguais.)
- (232) *Vou morrer* se isso acontecer. (*O Ventre*, Carlos H. Cony, 1950, pág. 35, feminino adulto para igual.)
- (233) *Vou ler* amanhã. (*O Ventre*, Carlos H. Cony, 1950, pág. 66, masculino adulto, sozinho.)
- (234) Não *vou lê-la*, nem hoje, nem nunca. (*O Ventre*, Carlos H. Cony, 1950, pág. 66, masculino adulto, sozinho.)
- (235) É isso mesmo que *vou fazer*. (*O Ventre*, Carlos H. Cony, 1950, pág. 84, masculino adulto, sozinho.)

O que parece é que a concorrência entre as variantes está bastante acirrada, ora uma passa e se mantém por certo período, ora outra. A obra de 1990 fecha a análise com 26 de peso relativo para *ir + infinitivo*. Chama a atenção nessa obra o número de ocorrências: 15 de *futuro sintético* e 16 de *ir + infinitivo*, ou seja, a diferença entre as variantes, em números absolutos, é de apenas um dado a favor da forma inovadora, que é a que apresenta peso relativo .26, o que caracteriza não tendência de uso. A tendência geral da obra é de .74 para o *futuro sintético*, na última década do século XX.

A corrida pela representação do tempo futuro, nesse corpus, se acentua mais ainda com as últimas obras do século XX, em números absolutos *ir + infinitivo* passa a representar 80% dos dados desse período, contra 20% do *futuro sintético*. Isso significa uma inversão de posições, se comparados aos primeiros números, referentes às primeiras obras do século XIX. Os números daquela fase estão expostos abaixo:

Tabela 30- Século XX últimas obras masculinas, em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.

Obra e data	Futuro Sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Ocor.	%	P.R.	Ocor.	%	P. R.	
Lima Barreto - Clara dos Anjos/1900	9	41	.25	13	59	.75	22
Oswald de A. - A Revolução Melancólica/1910	9	43	.27	12	57	.73	21
Orígenes Lessa - O Edifício Fantasma/1920	1	8	.02	12	92	.98	13
Érico Veríssimo - O Incidente em Antares/1930	6	12	.05	43	88	.95	49
Fernando S. – Os Movimentos Simulados/1940	1	6	.07	15	94	.93	16
Carlos H. Cony - A Tarde da sua Ausência/1950	8	42	.69	11	58	.31	19
Moacir Scliar - O Sertão Vai Virar Mar/1960	1	7	.41	14	93	.59	15
Domingos Pellegrini - Os Meninos no Poder/1970	9	10	.10	83	90	.90	92
Marcos Bagno - O Espelho dos Nomes/1980	4	14	.18	24	86	.82	28
Michel Laub - Música Anterior/1990	15	48	.74	16	52	.26	31
Totais	63	20		243	80		306

A obra de 1990, como já comentado, parece estar na contramão da mudança. Destoa das demais, pois apresenta tendências de uso da forma mais antiga na língua em detrimento da inovadora na representação do tempo futuro.

As últimas obras masculinas do século XX apresentam quase que totalmente tendência de representar o tempo futuro a partir da variante inovadora *ir + infinitivo*, exceto pelas décadas de 1950, novamente destoando das demais mesmo com mais ocorrências dessa do que de *futuro sintético*, e a de 1990, já comentada.

Os pesos relativos de 1920, 1930, 1940 e 1970 são particularmente altos, quase a totalidade das representações do tempo futuro se fazendo representar pela forma inovadora sobre a canônica. Na década de 1920 a única ocorrência de *futuro sintético* na obra foi:

- (236) Marque seu almoço amanhã em Nova York, nós o *levaremos* em tempo. (*O Edifício Fantasma*, Orígenes Lessa, 1920, pág. 106. Masculino adulto para igual.)

Na de 1930 são seis as ocorrências:

- (237) Dela *sairemos* se o brigadeiro for eleito. (*Incidente em Antares*, 1930, Érico Veríssimo, pág. 53, masculino adulto para igual.)
- (238) Não sei se *será* um bem ou um mal. (*Incidente em Antares*, 1930, Érico Veríssimo, pág. 85, masculino adulto para igual.)
- (239) *Estarei* vivo até lá? (*Incidente em Antares*, 1930, Érico Veríssimo, pág. 91, masculino adulto para igual.)

- (240) Já que os senhores não decidem, eu vou decidir. Desde que a situação se mantenha calma, eu *pedirei* uma licença. Entretanto, se os rebeldes vierem até a porta do Palácio do Catete, só me *levarão* morto. (*Incidente em Antares*, 1930, Érico Veríssimo, pág. 83, Presidente Getúlio Vargas via rádio.)
- (241) *Assumirá* a chefia do governo o Vice-Presidente, Sr. João Café Filho. (*Incidente em Antares*, 1930, Érico Veríssimo, pág. 83, locutor rádio.)

Das seis ocorrências de *futuro sintético* desta obra, 3 estão presentes na fala do presidente do Brasil, via rádio, e a outra na fala do locutor da rádio, após a fala do presidente, ou seja, ambas as situações são bastante formais, situação que parece atrair essa variante. O ambiente da ocorrência, que será tratado adiante, parece influenciar na forma de representação do tempo futuro utilizada.

A obra que representa a década de 1940 tem apenas uma ocorrência de *futuro sintético*, em um contexto bastante específico: de início o personagem faz referência a um fato futuro a partir do *presente do indicativo* antecedido de advérbio de *tempo*. Na sequência usa *ir + infinitivo* intencionando tranquilizar a namorada. Na última referência ao mesmo fato o futuro é representado pelo *futuro sintético*, como se a intenção fosse de promessa, ele promete a namorada que *será* rápido. A forma sintética de representação do tempo futuro parece ter um tom de promessa conjugado ao de representação temporal.

- (242) Amanhã o médico resolve isso. Vai ser rápido. *Será* rápido. (*Os Movimentos Simulados*, Fernando Sabino, 1940, pág. 77, namorado para namorada.)

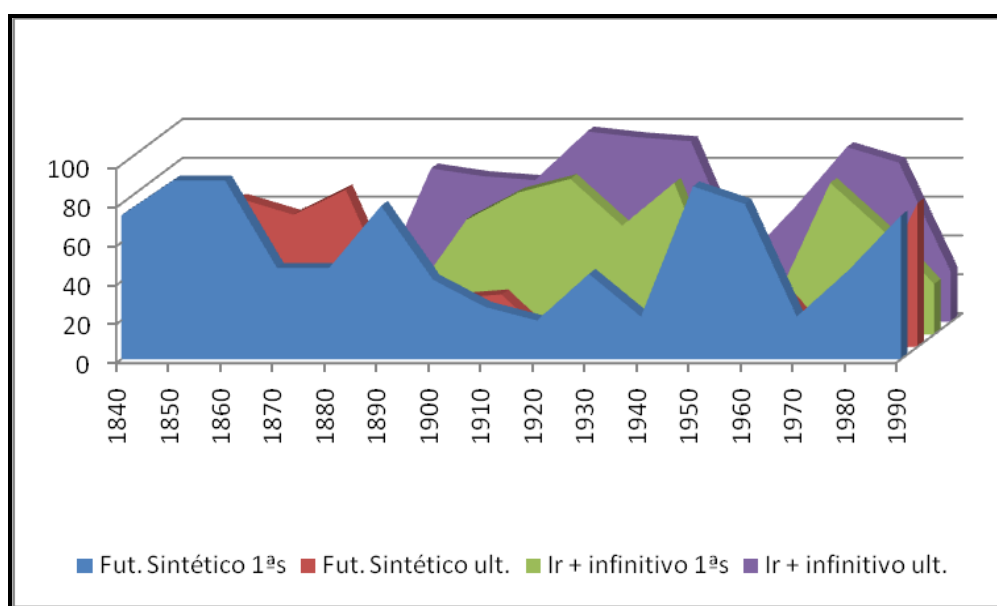
Os números absolutos das últimas obras vêm corroborar o que os primeiros apontaram, o decréscimo no uso do *futuro sintético* e um sensível acréscimo na representação do futuro a partir de *ir + infinitivo*. A queda do *futuro sintético* foi significativa, apenas 66 ocorrências em um século de texto analisado. Enquanto ele vai rareando *ir + infinitivo* vai aumentando, década a década. Corroborando Oliveira (2006) que aponta essa variante como a forma que mais tende a representar do tempo futuro.

Há uma tentativa de retomada de uso do *futuro sintético*, como se houvesse uma conscientização da mudança em curso, principalmente na obra que representa a década de 1990, onde a forma considerada inovadora apresenta queda e a conservadora, acréscimo nas tendências de uso. Esse aumento deve-se a duas realidades distintas. Vale lembrar que o autor da década de 1980 é um linguista, o que não ocorre com o da década de 1990, mas ambos levam as linhas de tendência das formas verbais para a mesma direção. Excetuando

que aquele prioriza *ir + infinitivo* e este, o *futuro sintético* em sua obra analisada. De modo geral o que o gráfico apresenta são grandes oscilações entre os pontos, o que é por si só é um indício de mudança, pois nenhuma das formas se apresentou como estável no sistema

Se os pesos relativos das quatro representações do tempo futuro dessa análise, os referentes às primeiras e às últimas obras, forem lançados em um gráfico de área para que se possa observar o comportamento das variantes de 1840 a 1990 o que se tem é a seguinte reprodução:

Gráfico 19 – Pesos relativos das obras masculinas do corpus 2, por décadas.



As áreas desenhadas a partir do comportamento do *futuro sintético* nas primeiras e nas últimas obras do corpus deixam bastante visível que nas primeiras obras, as mais antigas, essa era a variante mais utilizada para a aplicação da regra da variável dependente de representação do tempo futuro. A perífrase *ir + infinitivo* só vai se destacar a partir de 1900, nas primeiras obras dos escritores do século XX, ainda com pesos menores do que aparecem na área que representa as últimas obras. Pesos esses que alcançam as áreas mais altas do gráfico nas décadas de 1930, 1940 e 1950, décadas correspondentes ao Modernismo brasileiro, escola literária responsável por mudanças significativas para a literatura, pois objetivava renúncia das convenções, tivessem elas a origem que tivessem.

É no Modernismo que vemos os primeiros personagens de nossa literatura mais fiéis aos tipos humanos que representavam, como bem salientou Graciliano Ramos após concluir seu livro *São Bernardo* e perceber que o personagem Paulo Honório que estava representado nas páginas de sua obra não era o mesmo que ele tinha em mente. Para o

autor os escritores têm a obrigação de

(...) traduzir o seu português (língua aprendida na escola, exercida através da função individual dentro da classe dominante, uniformizada pelo convívio, aprimorada e conscientizada através dos nossos bons autores daqui e de além mar) **para o brasileiro falado por pessoas de diferentes estratos sociais, que não tiveram acesso às “instâncias de purificação da língua”**.²⁵ (Santiago, Silviano 1981: 115)

É possível que o número alto de *ir + infinitivo* nesse período, e a partir dele, tenha relação com essa preocupação: o tempo verbal futuro já era representado quase que categoricamente pela variante inovadora na língua falada (BOTASSINI, 1998 e SILVA, 2002) de modo que privar a escrita dessa variante seria torná-la artificial. É sobre essa artificialidade que Graciliano faz referência quando diz: *depois do livro pronto notei que não era Paulo Honório que falava. Eram os grandes estilistas, através da minha pena. Precisava, portanto, traduzir o livro para a língua dele*²¹. (SANTIAGO, *op. cit.*)

Se *ir + infinitivo* está se destacando nos textos escritos é porque, como já referido, ele é constante na língua falada e pode ser justamente por esse fato que a obra de 1990 está trazendo o *futuro sintético* com peso relativo mais alto. Talvez o escritor, Michel Laub, tenha tentado evitar essa *informalidade* buscada por Graciliano e tantos outros modernistas e optado por maior formalidade em sua produção escrita, o que fez a forma canônica finalizar a análise com um peso relativo mais alto do que o da variante inovadora.

Uma observação ampla de todo o período abarcado no gráfico mostra que o *futuro sintético* foi suplantado por *ir + infinitivo*. A última área, a partir de 1890, é maior do que todas as outras, exceto em 1960, como já comentado, o que deixa visível o crescimento da variante inovadora na representação do tempo futuro no lugar onde antes o *futuro sintético* era soberano. Detalhe interessante ainda é que as duas variantes aparecem, no gráfico de área, em distribuição complementar na maioria das décadas, ou seja, onde ocorre uma não ocorre a outra. Indicativo de que o uso de cada variante pode ter suas especificidades, o que os grupos de fatores a serem analisados podem mostrar.

A partir de 1930 a amostra contempla ainda autoras de romances nacionais, iniciando por Raquel de Queiroz. Os resultados a partir das primeiras obras de cada uma das escritoras selecionadas encontram-se na tabela abaixo:

²⁵ Grifos meus.

Tabela 31 - Século XX primeiras obras femininas, em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.

Obra e data	Futuro Sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Ocor.	%	P. R.	Ocor.	%	P. R.	
Raquel de Queiroz – Quinze/1930	1	6	.04	17	94	.96	18
Ligia F. Telles - Ciranda de Pedra/1940	35	32	.44	73	68	.54	108
Hilda Hilst - Fluxo-floema/1950	15	28	.56	38	72	.44	53
Ana Miranda - Boca do Inferno/1970	52	63	.79	31	37	.21	83
Fernanda Yung - Carta para Alguém bem Perto/1990	1	4	.16	24	92	.84	25
Totais	106	36	-	181	64	-	287

Não aparecem na tabela as décadas de 1960 e 1980, porque como já esclarecido acima, apresentaram nocautes e foram retiradas da análise: as duas sem dados de *futuro sintético*. Isso significa que nessas duas décadas *ir + infinitivo* teve uso categórico, o que corresponde a peso relativo .100, não apresentado pela análise pois é indicativo de que não há variação, o que a impossibilita.

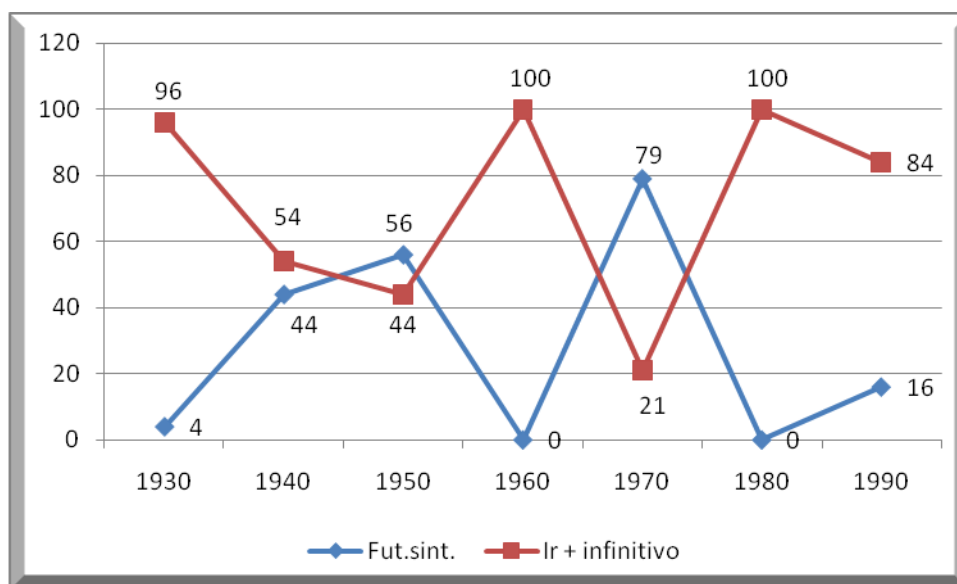
Em números absolutos *ir + infinitivo* se mostra mais produtivo do que o *futuro sintético*, 64% das ocorrências de futuro se fazem representar por essa variante. Há duas décadas com número reduzido de *futuro sintético*: a primeira e a última do recorte, cada uma com apenas um dado da forma canônica:

- (243) O capital que você tem em gado, fora as perdas, *dará* para cobrir sua despesa e seu trabalho? (*O Quinze*, 1930, Raquel de Queiroz, pág. 85, adulto masculino para mais novo.)
- (244) — (Mas eu tenho que estar em Paris na terça-feira.)
— *Estará*. (*Carta para alguém bem perto*, 1990, Fernanda Yung, pág. 41, masculino adulto para igual.)

O que se vê é, novamente, um *ir* e *vir* dos pesos relativos, que ora apontam uma variante com tendência à aplicação da regra da variável dependente, ora outra, como nas obras dos autores, já visto.

Lembrando que as duas décadas ausentes da tabela 31 apresentam uso categórico de *ir + infinitivo* e entendendo que o programa não produz a análise devido à falta de variação, pois o peso relativo dessa variante, nesse caso, seria .100, aos pesos relativos da referida tabela foram acrescentados os não trazidos pela análise, o que gerou o gráfico abaixo:

Gráfico 20 – Século XX – primeiras obras femininas, em pesos relativos.



A projeção gráfica dos pesos relativos dessas primeiras obras femininas mostra décadas em que o uso entre as variantes é neutro, o que significa não haver favorecimento relevante de uma ou de outra, como é o caso de 1940 e 1950, bem como casos onde o uso da forma inovadora é categórica, ou quase, como em 1930, 1960 e 1980, em que a tendência é muito alta sobre a variante canônica, 1990 e, por fim, há uma década, 1970, com o *futuro sintético* tendendo a ocorrer mais, em detrimento de *ir + infinitivo*. As segundas obras dessas décadas trazem os seguintes números:

Tabela 32 - Século XX últimas obras femininas, em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.

Obra e data	Futuro Sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Ocor.	%	P. R.	Ocor.	%	P. R.	
Raquel de Queiroz - Memorial de Maria Moura/1930	6	9	.05	60	91	.96	66
Ligia F. Telles - As Horas Nuas/1940	4	15	.30	22	85	.70	26
Hilda Hilst - Estar Sendo Ter Sido/1950	5	19	.27	22	81	.73	27
Ana M. Machado - Palavra de Honra/1960	5	33	.24	10	67	.76	15
Ana Miranda - Dias e Dias/1970	2	67	.50	1	33	.50	3
Fernanda Yung - Carta para Alguém bem Perto/1990	1	4	.16	24	96	.84	25
Totais	23	14	-	139	86	-	162

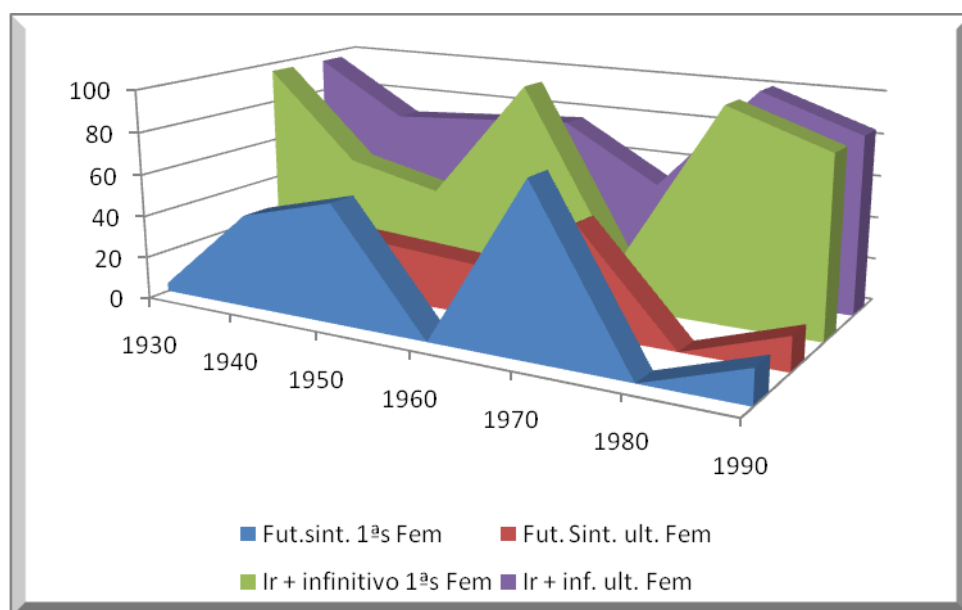
As últimas obras femininas representam, em números absolutos, uma elevação do uso de *ir + infinitivo*: de 64 (nas primeiras) para 86%. De 1930 a 1990 foram apenas 23 dados de representação do tempo futuro a partir da variante *futuro sintético*. A obra que representa a década de 1970 apresentou apenas 3 dados de futuro: 2 de *futuro sintético* e 1

ir + infinitivo, expostos na sequência:

- (245) Os poetas são egoístas nas suas dores, pensam que qualquer pessoa que tem uma boa alma *vai se interessar* por eles, em boa alma assim feito eu... (*Dias e Dias*, 1950, Ana Miranda, pág. 46, narrador.)
- (246) Enquanto eu vivia escondida detrás da janela e no calor da cozinha, no ralador, no pilão, que coisa *haverá* mais irrisória do que a vida de uma mulher, do que a minha vida? (*Dias e Dias*, 1950, Ana Miranda, pág. 51, narrador.)
- (247) Seu primeiro poema da vida foi escrever para meus olhos, tenho essa certeza íntima, e por gratidão jamais *deixarei* de sentir o que sinto por ele, leda flor que despertou em meu coração... (*Dias e Dias*, 1950, Ana Miranda, pág.54, narrador)

Devido ao número reduzidíssimo de dados, o programa não apresenta nenhuma tendência nesse caso, colocando as duas variantes exatamente no ponto neutro .50. Os pesos relativos das primeiras e das últimas obras femininas do século XX, se colocados em gráfico de área, como feito acima com as obras masculinas, nos mostram os seguintes preenchimentos:

Gráfico 21 – Pesos relativos das obras femininas do corpus 2, por décadas.

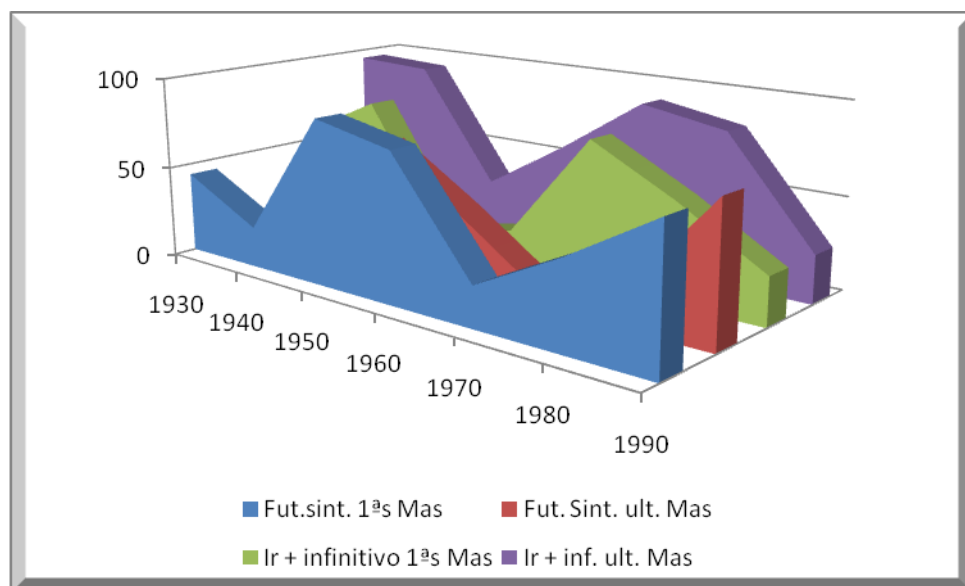


As áreas preenchidas nos mostram que a variante *ir + infinitivo* sempre foi a que mais apresentou tendências de uso. As áreas ocupadas pelos pesos relativos da forma canônica são visivelmente menores durante todo o período da análise.

Objetivando uma comparação ente os resultados dos autores e das autoras é necessário contrapô-los com um novo recorte a partir do que já foi exposto, ou seja, um

recorte a partir de 1930 para que sejam comparados dois períodos iguais. Assim sendo, os números das primeiras e das últimas obras, tanto femininas quanto masculinas estão expostos abaixo:

Gráfico 22 – Pesos relativos das obras masculinas do corpus 2, de 1930 a 1990.



Os dois gráficos permitem visualizar que os homens, nesse corpus, são mais conservadores do que as mulheres, usam mais a forma canônica em detrimento da inovadora. Em contrapartida as áreas ocupadas por *ir + infinitivo* no gráfico das autoras são maiores, o que as coloca à frente no processo de variação da representação do tempo futuro. O que se percebeu na obra masculina de 1990 não ocorreu com a feminina, ou seja, não houve, por parte da autora, uma tentativa de retomada do *futuro sintético*, ela seguiu a tendência de seu tempo: representar o tempo futuro a partir de *ir + infinitivo*.

O grupo de fatores *sexo* não considerado como relevante para essa pesquisa, mas, em alguns níveis em que ele foi considerado pelo programa, é possível perceber que ele apresenta pesos relativos para o *futuro sintético* mais elevados para os homens, o que, mesmo sem ter relevância, confirma a tendência masculina, deste corpus, de uso da forma canônica em detrimento da inovadora.

O fato do grupo de fatores *ano de publicação* ter sido considerado o mais relevante da pesquisa aponta para uma mudança em curso, ou seja, quanto mais antiga for a obra analisada, mais chances de ocorrer a representação do tempo futuro a partir do *futuro sintético*. Quanto mais recente, maiores são as chances de essa mesma situação ser apresentada a partir de *ir + infinitivo*. O que denota uma mudança em curso, pois, à medida

que o tempo avança a forma canônica vai perdendo terreno na representação do tempo futuro.

6.4.2. Comportamento do grupo de fatores *projeção do fato futuro*

Das 1.995 ocorrências do corpus, 812 estão em projeção de futuridade próxima e 1.183 em projeção distante. Segundo as GTs, das duas variantes desta análise, a mais ligada à projeção distante é o *futuro sintético*. Das 1.183 ocorrências em projeção distante, 61%, 726 dados, estão com essa variante. Das que foram computadas com projeção próxima, a mesma porcentagem, 61%, estão representando o tempo futuro através de *ir + infinitivo*. Em números absolutos há uma confirmação do que sugerem as GTs quanto a essa característica de cada uma das variantes em estudo: futuro próximo tende a ser representado por *ir + infinitivo* e futuro distante tendendo à representação pelo *futuro sintético*, como pode ser visto na tabela que segue:

Tabela 33 – Grupo de fatores *Projeção do fato futuro* em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.

Projeção do fato futuro	Futuro sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.	
Próxima	319	39	.38	493	61	.62	812
Distante	726	61	.59	457	39	.41	1.183
Totais	1.045	52	-	950	48	-	1995

Em pesos relativos a projeção distante apresenta .59 para a aplicação da regra variável a partir do *futuro sintético*, o que significa dizer que o peso de *ir + infinitivo* é .41 para a mesma situação. Quando se trata de projeção próxima, segundo os critérios aqui estabelecidos: hoje e amanhã, o peso relativo para uso de *futuro sintético* é .38, bem abaixo da linha de neutralidade, e .62 para *ir + infinitivo*.

Nesse corpus, portanto, contextos com a situação de futuro lançada para uma projeção de *depois de amanhã* para frente tendem a representar essa futuridade com a variante *futuro sintético*, como em:

- (248) Há tempo para tudo, disse Félix, e o senhor ainda está moço. *Iremos juntos daqui a um ano.* (*Ressurreição*, Machado de Assis, 1860, pág. 25, mais velho para mais novo.)
- (249) Se ainda não fez, *um dia fará* ou vai fazer ou *fazerá*. (*O Espelho dos Nomes*, Marcos Bagno, 1980)

Quando as duas projeções ocorrem na mesma fala essas tendências também podem ser observadas, como em:

- (250) *Agora vou jantar. Depois, irei* provavelmente ao Flamengo. (*Memorial de Aires*, Machado de Assis, 1860, pág. 50, entre iguais.)
- (251) Esse menino *vai ser* médico. Ele não precisa ser endocrinologista, só que acho, tenho um palpite, um cutuco, alguma coisa me assopra no ouvido, *tenho certeza* de que ele *será* médico, qualquer especialidade, fisiatria, oncologia, neuropediatria, pneumologia. (*Música Anterior*, Michel Laub, 1990, pág. 67, entre iguais.)

O que não impossibilita que essa forma verbal, considerada oficialmente como a representante do tempo verbal futuro, seja utilizada em situações de projeção próxima, como atesta o seguinte exemplo:

- (252) Pois então pode descansar que só *irá amanhã*. (*O Cacaulista*, Inglês de Sousa, 1870, pág. 56, entre iguais.)

Interessante a ocorrência abaixo onde, em meio a *futuros sintéticos*, que são utilizados para representar as ameaças de um diretor de colégio para o aluno que foi pego em delito grave há um *presente do indicativo*, mas a projeção de futuridade é a mesma:

- (253) Você *será* expulso. *Levará* o certificado negro. Não poderá se matricular em nenhum colégio mais. Sua vida assim *fica* estragada, mal saiu do alfabeto, os colégios fechados à sua pessoa, nada mais *aprenderá, ficará* ignorante toda a vida. (*O Ventre*, Carlos Heitor Cony, 1950, pág. 56, diretor para aluno.)

Pode-se hipotetizar que, neste contexto, a intenção do diretor seja a de chocar mais o aluno com o uso do *presente do indicativo* justamente quando informa sobre a continuidade de sua vida. É possível que ‘... sua *vida fica* estragada’ cause mais impacto que ‘sua *vida ficará* estragada’ o que soaria, como as demais promessas: algo remoto.

A *perífrase ir + infinitivo* apresenta tendência a ocorrer em contextos de futuridade próxima, mas também se apresenta em contextos cuja ação futura se encontra em uma projeção bastante distante, segundo os critérios dessa tese, como em:

- (254) Não há de ser nada – encorajou Quita – *vamos ganhar* a próxima eleição *daqui a cinco anos*. (*Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo, 1930, pág. 91, feminino entre iguais.)
- (255) Seja como for, no *mês que vem vou levar* o Zózimo a Buenos Aires ou para o rio para um especialista tirar essa coisa a limpo. (*Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo, 1930)

Para esse estudo o programa apresentou esse grupo de fatores como o segundo mais relevante, o que significa que a projeção de fato futuro tem acentuado peso quando da representação do tempo futuro. Para esse corpus o que se tem é que quando a projeção de futuridade é próxima há maior tendência de essa ação ser representada pela perífrase *ir + infinitivo* e quando ela é distante a tendência é de sua representação ser feita a partir da forma canônica, sendo que a probabilidade de a forma inovadora acontecer com projeção próxima é maior do que a distante acontecer com a canônica.

6.4.3. Comportamento do grupo de fatores *faixa etária*

O número de ocorrências a partir do grupo de fatores *criança* é muito pequeno em relação ao grupo *adulto*, são 160 para 1552 dados. Diferença considerável, mas não impediu que o programa colocasse esse grupo de fatores como o terceiro selecionado como relevante. Em números absolutos o que se tem é um empate técnico entre as formas quando se trata das ocorrências provenientes de indivíduos adultos: 793 (51%) para o *futuro sintético* e 759 (49%) para *ir + infinitivo*. Com as crianças a distribuição é extremamente dispar: das 160 ocorrências, apenas 14 (9%) são de *futuro sintético* e 146 (91%) com *ir + infinitivo*, conforme tabela na sequência:

Tabela 34 – Grupo fatores *Faixa etária* em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.

Faixa etária	Futuro sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.	
Adultos	793	51	.55	759	49	.45	1.552
Crianças	14	9	.12	146	91	.88	160
Totais	807	47	-	905	53	-	1.712

Os números muito próximos do fator *adulto* acabaram por gerar um peso relativo próximo do ponto neutro para o *futuro sintético*: .55. Entre os pesos relativos das duas variantes há uma diferença de .10, pois *ir + infinitivo* apresenta .45, o que ainda possibilita ver uma tendência de um indivíduo adulto fazer mais uso do *futuro sintético* do que da forma inovadora *ir + infinitivo*, como em:

- (256) É sexta-feira, na segunda você *chegará* à escola e *será* a mesma coisa de novo: Jaime é que *terá* novidades para contar. Ele é que *fará* o relato da festa. (*Música Anterior*, 1990, Michel Laub, pág. 51, adulto para mais novo.)

- (257) A primeira providência que *tomarão será* enviar o senhor de volta para a Alemanha. (*A Vingança da Cobra*, de Marcos Bagno, 1980, pág. 26, adulto estranho.)
- (258) Não! Palmira não *terá* a desgraça de ser uma esposa adúltera e desprezível, nem *será* também uma vítima ridícula da sua própria virtude, privada, na idade do amor sexual, dos direitos e dos gozos que a natureza conferiu a cada uma das suas criaturas; nem *será* tampouco, como eu fui, a esposa mãe, cujos beijos do marido nada mais eram que os restos frios do seu amor paterno! (*O Livro de uma Sogra*, 1880, Aluísio de Azevedo, pág. 39, feminino adulto, sozinha.)

Os números correspondentes aos grupos revelam claramente as tendências etárias: adultos tendendo aos usos das formas mais antigas na língua e os indivíduos com menos idade apresentando tendência de uso da forma considerada mais jovem no sistema, segundo alguns pesquisadores, entre eles Santos (1997) e Gibbon (2000), o que se confirma neste estudo a partir de dados como:

- (259) É, quer dizer, a festa mesmo é o sábado, dia 25. Não é no dia do meu aniversário. *Vai ser* superlegal. *Vai estar* todo mundo. O que ela *vai pensar*? (*Crescer é Perigoso*, de Márcia Kupstas, 1980, pág. 45, garoto, sozinho.)
- (260) Estou perguntando se o doce que vocês *vão levar* é doce de abóbora. (*O Espelho dos Nomes*, de Marcos Bagno, 1980, pág. 61, crianças entre si.)

Os números apresentados pelo *futuro sintético* são bastante distantes entre si, o que pode ser um indício de que, com o tempo, ele venha a ser utilizado apenas em situações bem específicas de representação do tempo futuro, como nos casos, por exemplo, de promessa velada ou de intenção de agregar à fala uma conotação mais compromissada. O que não parece ser uma necessidade na fala dos mais jovens, pelo menos não uma necessidade expressa a partir dessa forma verbal. Outro detalhe é o fato de que as mudanças linguísticas têm início pelos indivíduos mais jovens, são eles que geralmente as introduzem e a levam consigo, em um processo gradual.

6.4.4. Comportamento do grupo de fatores *pessoa verbal*

Na seleção de grupos de fatores relevantes o grupo de fatores das pessoas verbais dos verbos em situação de futuridade foi apontado como o quarto mais relevante, o que indica que o sujeito pronominal, de alguma maneira, interfere no modo como se dará a representação do tempo futuro, se através da forma canônica ou da inovadora. O que

parece não ter nenhuma relevância é o fato de esse sujeito pronominal ser preenchido ou não, pois esse grupo de fatores foi descartado pelo programa. Na pesquisa que aqui se desenvolve os números para cada pessoa verbal são os seguintes:

Tabela 35 – Grupo de fatores *pessoas verbais*, em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.

Pessoas verbais	Futuro Sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Ocor.	%	P. R.	Ocor.	%	P. R.	
Tu	84	86	.83	13	14	.17	97
Nós	75	51	.66	72	49	.34	147
Eu	255	40	.45	375	60	.55	630
Você	33	27	.31	89	73	.69	122
Vocês	4	19	.26	22	81	.74	26
Totais	451	44	-	571	55	-	1.022

As formas canônicas *tu* e *nós* são as que mais tendem a ocorrer com o *futuro sintético*: .83 e .66, respectivamente. A tendência da segunda pessoa canônica é bastante alta, o que sugere que ela tende a ocorrer muito pouco com a forma inovadora de representação do tempo futuro. O que acontece é que *tu* é a forma canônica com alta tendência de ocorrer com forma similar. A outra segunda pessoa, *você*, forma inovadora, por sua vez, tende a ocorrer com a representação do tempo futuro também considerada inovadora: *ir + infinitivo*. Isso posto revela a existência de um paralelismo de formas: canônica com canônica e inovadora com inovadora. São 97 casos desse pronome canônico, 86% deles com *futuro sintético*, como em:

- (261) E *tu*, Augusto, *quererás* porventura requestar minha irmã?... (A *Moreninha*, 1840, Joaquim Manuel de Macedo, pág. 4, conversa entre amigos.)
- (262) Querendo servir-me, *acabarás* desservindo-me, porque se acontecer que eu me vá desta vida, sem tempo de te reduzir a cinzas, os que me lerem depois da missa de sétimo dia, ou antes, ou ainda antes do enterro, podem cuidar que te confio cuidados de amor. (*Memorial de Aires*, 1860, Machado de Assis, pág. 19, adulto masculino para igual.)

Esse pronome parece estar agindo como um contexto de resistência a *ir + infinitivo* na representação do tempo futuro. Foram apenas 13 ocorrências com esse encontro em todo o corpus. Essas se dividem nas obras abaixo identificadas, sendo a primeira em 1880 e a última em 1970:

- (263) *Vais partir* para Nápoles. (*Uma Lágrima de Mulher*, Aluísio de Azevedo, 1880, pág. 18, masculino adulto para igual.)
- (264) *Que vais buscar?! (Uma Lágrima de Mulher*, Aluísio de Azevedo, 1880, pág. 26, masculino adulto para igual.)
- (265) – Então, *vais mandar* tudo para o depósito!... (*Tentação*, 1890, Adolfo aminha, pág. 43, feminino adulto para marido.)
- (266) Quando a *vais fazer?* (*Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, 1900, Lima Barreto, pág. 46. Conversa entre dois homens.)
- (267) Ahn! *Vais escrever* sobre ela, não? (*Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, 1900, Lima Barreto, pág. 50. Conversa entre dois homens.)
- (268) *Vais passar* aqui nesta ponta de pedra. (*Fluxo-floema*, 1950, Hilda Hilst, pág. 53, conversa entre duas mulheres.)
- (269) *Vais entender.* (*Fluxo-floema*, 1950, Hilda Hilst, pág. 107, conversa entre duas mulheres.)
- (270) *Vais te entregar* ao pés da burguesia? (*O Exército de um homem só*, 1960, Moacir Scliar, pág. 87, feminino adulto para igual.)
- (271) *Tu vais ver* do que sou capaz! (*O Exército de um homem só*, 1960, Moacir Scliar, pág. 94, feminino adulto para igual.)
- (272) Na certa *vais precisar.* (*Boca do Inferno*, 1970, Ana Miranda, pág. 37, masculino adulto para igual.)
- (273) Não *vais conseguir.* Te procurarei até o inferno. (*Boca do Inferno*, 1970, Ana Miranda, pág. 63, masculino adulto para igual.)
- (274) Senão *vais morrer* aqui mesmo (*Boca do Inferno*, 1970, Ana Miranda, pág. 63, masculino adulto para igual.)
- (275) *Vais passar* a noite na enchovia, putana. (*Boca do Inferno*, 1970, Ana Miranda, pág. 65, masculino adulto para igual.)

A obra de 1970 é a que apresenta as últimas ocorrências desse pronome, 5 com *futuro sintético* e as quatro acima expostas. A partir dessa década a segunda pessoa do singular se faz representar unicamente pela forma inovadora *você*, que apresenta 122 ocorrências no corpus: 33 com *futuro sintético* e 89 com *ir + infinitivo*. O peso dessa última união é de .69, o que mostra a grande probabilidade de um enunciado que apresente sujeito na segunda pessoa do singular a partir do pronome *você* tem de representar o tempo futuro a partir de *ir + infinitivo*.

Da mesma maneira a forma pluralizada desse pronome tende a ocorrer com a variante inovadora de representação do tempo futuro: *vocês* apresenta .74 de peso relativo para ocorrer com *ir + infinitivo*. Foram 26 ocorrências com esse pronome e apenas 4 delas com o *futuro sintético*:

- (276) Quase que adivinharam *vocês*; disse o Lemos; venham cá e *verão* o que é. (*Senhora*, José de Alencar, 1850, pág. 35, masculino adulto para iguais.)
- (277) Nada! As moças devem ler somente o grande Júlio Verne, o propagandista das ciências. Comprem a *Viagem ao centro da terra*, *Os filhos do capitão Grant* e tantos outros romances úteis, e *encontrarão* neles alta soma de ensinamentos valiosos, de conhecimentos práticos...(*A Normalista*, 1890, Adolfo Caminha, pág. 41, professor para alunas.)
- (278) Se tornarem a brigar, *ficarão* de castigo depois da aula, por duas horas. (*O Feijão e o Sonho*, 1920, Orígenes Lessa, pág. 15, professor para alunos.)
- (279) O que eu tive. *Vocês terão*. (*A Tarde da sua Ausência*, 1950, Carlos H. Cony, pág. 17, pai para filhos.)

As ocorrências desse pronome com *ir + infinitivo* estão distribuídas em 10 obras, a primeira em 1840 e a última em 1980. Não se pode esquecer que o pronome *a gente*, também inovador, apresentou 14 de suas 18 ocorrências com *ir + infinitivo* (as outras 4 foram com o *presente do indicativo*, conforme já mencionado anteriormente), o que acentua a hipótese do paralelismo entre as formas.

O pronome *eu* é o que mais ocorre no corpus, com 630 dados, 60% deles com *ir + infinitivo*, mas com peso relativo .55, o que o apresenta com leve tendência de ocorrer com essa forma de representação do tempo futuro. De todos da análise ele é a única forma canônica que apresenta essa tendência, o que pode sugerir uma fase inicial de mudança para que as demais pessoas verbais canônicas passem a ocorrer também com a forma inovadora de representação do futuro. Os pesos relativos estão bem próximos do ponto neutro, .50, mas estabelecem uma distância entre si de .10, o que é levemente significativo. Essa pessoa verbal, portanto, tende a ocorrer com *ir + infinitivo*, como em:

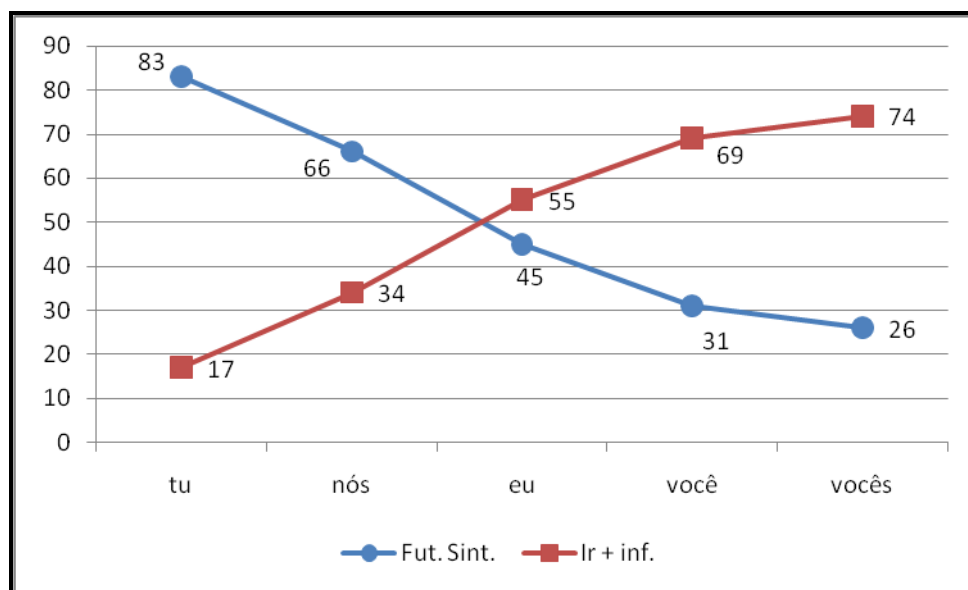
- (280) Eu lhe juro por deus nosso senhor que eu não *vou matar* o Romualdo... juro que *vou soltar* o moço, e vivo! (*Incidente em Antares*, 1930, Érico Veríssimo, pág. 19, conversa entre masculinos adultos.)
- (281) *Eu* prometo que não *vou permitir* que ela saia daqui. (*Ciranda de Pedra*, 1940, pág. 27, feminino adulto para igual.)

Mas se afasta abaixo do ponto neutro quando a situação de futuridade está representada pelo *futuro sintético*, como em:

- (282) *Estarei vivo até lá?* (*Incidente em Antares*, 1930, Érico Veríssimo, pág. 96, conversa entre masculinos adultos.)
- (283) Virginia, não se preocupe mais com os outros, *eu cuidarei* da sua mãe. (*Ciranda de Pedra*, 1940, pág. 56, feminino adulto para igual.)

Esses pesos relativos, se colocados em gráfico permitem que se visualizem as linhas de cada variante a partir dos pronomes desse estudo:

Gráfico 23 – Grupo de fatores *peessoas verbais*, em pesos relativos.



Oliveira (2006) aventou a hipótese de *ir + infinitivo* ser favorecido pelos sujeitos da primeira pessoa, o que seus resultados confirmaram, mas não é o que vemos acima, nesse corpus. O que se vê no gráfico é a linha de *ir + infinitivo* em ascensão na direção das formas de segundas pessoas inovadoras e a que representa a variante *futuro sintético* em sentido oposto, ou seja, na direção dos pronomes pessoais canônicos, excetuando a primeira pessoa do singular: *eu*.

O *futuro sintético* apresenta tendência de uso com o pronome *nós*, com peso relativo .66, o que já era esperado, pois esse pronome é considerado canônico em comparação a sua variante inovadora *a gente* (Silva, 2005), o que ocorre é, novamente, um aparente paralelismo de formas: canônica com canônica, inovadora com inovadora, pois *ir + infinitivo* apresenta sua maior tendência de uso justamente com *você*, forma inovadora de segunda pessoa do singular, concorrendo, em algumas regiões, com *tu*, considerada canônica. Ou seja, é mais comum ocorrer a situação do exemplo abaixo do que a do subsequente:

- (284) Pois então *nós* os *guardaremos*. (*A Moreninha*, Joaquim Manoel de Macedo, 1840, pág. 34, entre iguais.)
- (285) Vão responder a processos que *nós vamos mover* contra eles. (*A Vingança da Cobra*, Marcos Bagno, 1980, pág. 99, adultos entre si.)

6.4.5. Comportamento de grupo de fatores Contexto desencadeador

Neste grupo de fatores foram analisados os advérbios de *tempo*, *negação*, *lugar*, *afirmação* e *interrogativos*, distribuídos no *cópus*, conforme tabela abaixo:

Tabela 36 – Grupo de fatores *contextos desencadeador*, em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.

Tipo de advérbio	Futuro Sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Ocor.	%	P. R.	Ocor.	%	P. R.	
Afirmação	3	75	.81	1	25	.19	4
Tempo	115	60	.61	78	40	.39	193
Lugar	16	59	.51	11	41	.49	27
Negação	137	55	.50	114	45	.50	251
Interrogativos	50	43	.31	66	57	.69	116
Totais	321	54		270	46		591

O *futuro sintético* ocorre mais, nesse *cópus*, com os advérbios de afirmação e de tempo, com .81 e .61 de peso relativo, respectivamente, porém o número de ocorrências de advérbio de afirmação é extremamente escasso e envia possíveis conclusões. Conforme já mencionado, o *futuro sintético* denota certa carga de promessa em sua forma, o que pode estar sendo confirmado com esse peso relativo alto para a combinação *futuro sintético* / advérbio de afirmação. Se a variante tem atribuído em si uma ideia maior de comprometimento, de obrigação, de promessa, quando se tem advérbio de afirmação essa ideia se torna acentuada, reforçada. Possivelmente venha daí a maior tendência de uso da forma canônica com esse tipo de advérbio, que apresenta apenas 4 ocorrências em todo o *cópus*, 3 delas com o *futuro sintético*:

- (286) Agora *sim*, *começará* o nosso telégrafo a trabalhar, disse eu comigo mesmo. (*A Moreninha*, 1840, Joaquim Manuel de Macedo, pág.8, adulto sozinho.)

- (287) *Sim, minhas Senhoras, é um jovem inconstante, acessível a toda as belezas, repudiando-as ao mesmo tempo para correr atrás de outra, que será logo deixada pela vista de uma nova, como se ele fosse a inércia da matéria, que conserva uma impressão, mas que não a guarda senão o tempo que é gasto para um novo agente modificá-la! (A Moreninha, 1840, Joaquim Manuel de Macedo, pág. 22, jovens entre si.)*
- (288) *Eu acho que o partido certamente terá outras pessoas de mais capacidade... (Meninos no Poder, Domingos Pellegrini, 1970, pág. 38, adultos entre si.)*

O *futuro sintético* também tende a ocorrer com advérbios de tempo, com .61 de probabilidade para esse encontro, como em:

- (289) *Mas logo mais perderei, vocês vão ver. (Fluxo – Floema, Hilda Hilst, 1950)*

Dos 5 advérbios do grupo de fatores em estudo, 2 apresentaram-se no ponto neutro, ou seja, sem nenhuma tendência de ocorrer com qualquer uma das duas variantes. O que significa que ocorrem tanto com uma quanto com a outra variante de aplicação da regra variável de representação do tempo futuro aqui em análise. O que se tem, então, é que quando há advérbio de *lugar* ou de *negação* em frases onde há a necessidade de representar o tempo futuro, esse se faz indiferentemente com o *futuro sintético* ou com *ir + infinitivo*: como se pode observar nos exemplos abaixo:

- (290) *Juro-te que nossa filha não passará pelas mesmas angústias por que passei, nem resvalará em nenhum dos muitos modos de ser da prostituição! (O Livro de uma Sogra, Aluisio de Azevedo, 1880)*
- (291) *E não serei eu quem o jogará na cadeia. Será o próprio regente. (Boca do Inferno, Ana Miranda, 1970, pág. 69, entre iguais.)*
- (292) *Eu sozinho não vou fazer muito. (Meninos no Poder, Domingos Pellegrini, 1970, pág. 13, entre iguais.)*
- (293) *Não vou me esquecer. (O Exército de um homem só, Moacir Scliar, 1960)*

Ir + infinitivo, nesse cópua, tende a ocorrer mais com advérbios interrogativos, corroborando a ideia de que o *futuro sintético* traz certa carga de promessa, de comprometimento, o que parece não corresponder a interrogações, que estariam mais para dúvidas do que para promessas, como abaixo:

- (294) *Quanto você vai ganhar? (O Feijão e o Sonho, Orígenes Lessa, 1920)*

- (295) *Que nome vai usar?* (*Memorial de Maria Moura*, Raquel de Queiroz, 1930)
- (296) Mas criatura de Deus, *o que é que você vai fazer* com mais gado? (*O Quinze*, Raquel de Queiroz, 1930)
- (297) *Aonde é que isso vai dar?* (*O Espelho dos Nomes*, Marcos Bagno, 1980)
- (298) *O que ela vai pensar?* (*Crescer é Perigoso*, de Márcia Kupstas, 1980, pág. 45, ‘criança’, sozinha.)
- (299) *Quantos dias mesmo você vai ficar* em Londres? (*Carta para alguém bem perto*, 1990, Fernanda Yung, pág. 39, masculino adulto para feminino adulto igual.)
- (300) *Como vou saber* se ele não esta com raiva? (*Carta para alguém bem perto*, 1990, Fernanda Yung, pág. 60, masculino adulto para feminino adulto igual.)

O *futuro sintético* com advérbio interrogativo, em algumas situações, parece destoar da situação de interrogação, tornando a frase, não agramatical, sem dúvida, mas artificial, não natural:

- (301) Mas então *que* pensas que *andarás* fazendo por esse sertão? (*O Guarani*, 1850, José de Alencar, pág. 22, adultos entre si,)
- (302) *Como transcorrerá* o resto do dia? (*O Exército de um homem só*, 1960, Moacyr Scliar, pág. 23, adultos entre si.)

Parece que as mesmas situações, proferidas com *ir* + *infinitivo*, soariam como mais naturais para os contextos das falas:

- (301') Mas então *que* pensas que **vais andar** fazendo por esse sertão?
- (302') *Como vai transcorrer* o resto do dia?

Duas das obras não consideradas nas rodadas do *Varbrul* por conta de seus nocautes apresentaram juntas 17 ocorrências de *futuro sintético* antecedido de advérbio de afirmação. *As Aventuras de Diófonos – imitando o sapientíssimo Fenelon na sua viagem a Telêmaco*, 1730 totalizou 37 ocorrências de *futuro sintético*, sendo 7 com advérbios de afirmação e *O Filho do Pescador*, de 1830, com 122 ocorrências de *futuro sintético* e, dessas, 7 com advérbio de afirmação, o que demonstra que essa combinação era mais produtiva, da mesma maneira que o próprio *futuro sintético* o era.

6.4.6. Comportamento do grupo de fatores *extensão fonológica do verbo*

Esse foi o penúltimo grupo de fatores selecionado pelo programa, o que nos indica que ele é de alguma relevância para a aplicação da regra variável de representação do tempo futuro. Os números trazidos por esse grupo justificam essa classificação na escala de relevância: excetuando os verbos monossilábicos, os demais se apresentam próximos do ponto neutro. O que significa que não são, nesse corpus, decisivos para a aplicação de uma ou de outra variante.

Tabela 37 – Grupo de fatores *extensão fonológica do verbo principal*, em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.

Extensão fonológica do verbo principal	Futuro Sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Ocor.	%	P. R.	Ocor.	%	P. R.	
Monossilábicos	289	60	.63	196	40	.37	485
Dissilábicos	529	48	.45	564	52	.55	1.093
Trissilábicos	188	55	.48	151	45	.52	339
Polissilábicos	39	50	.45	39	50	.55	78
Totais	1045	52	-	950	48	-	1.995

Este grupo de fatores mostra que os verbos monossilábicos tendem a se fazer representar pelo *futuro sintético*, o que coincide com as observações de Oliveira (2006). Esses verbos são os mais leves fonologicamente, portanto o fato de se apresentarem conjugados no *futuro do presente* não traz a eles um excesso de peso, como aconteceria, por exemplo, com os verbos polissilábicos.

A hipótese aventada para esse estudo é de que os verbos mais pesados tenderiam a representar do tempo futuro através de *ir + infinitivo*, o que os números confirmam, mas com uma tendência muito leve, bastante próxima do ponto neutro. Aliás, exceto os monossilábicos, as demais extensões verbais se apresentam nessa mesma condição de proximidade do ponto neutro, o que pode ser um indicativo de que a extensão verbal monossilábica é um contexto de resistência para o uso de *ir + infinitivo* na representação do tempo futuro. Em outras palavras pode-se dizer que o *futuro sintético* está se mantendo produtivo a partir desse fator: quando ocorrer contexto de futuridade e o verbo em questão for monossilábico a tendência de ele se fazer representar pela forma canônica é alta, corroborando Oliveira (2006) que também verificou que o *futuro sintético resiste nas formas verbais monossilábicas*, como em:

(303) Eu o *darei* com o maior prazer. (*Senhora*, José de Alencar, 1850)

Quando o verbo é monossilábico sua conjugação nesse tempo verbal não geraria uma extensão fonologicamente pesada. Ainda comentando os monossilábicos é interessante observar que eles não tendem a ocorrer em *perífrases*. Como já explicitado o verbo monossilábico de maior incidência é *ir* e esse ainda encontra na língua um contexto de resistência de ocorrer com *ir* + *infinitivo*, o que resultaria em ‘*vou ir...*’, forma não encontrada no *cópus*.

A utilização do *futuro sintético*, que acontece prioritariamente com verbos menos pesados fonologicamente, ocorre com verbos polissilábicos para acrescentar ao contexto um tom profético, de promessa velada, como na sequência abaixo, onde a personagem repete a estrutura mudando a forma de representação do tempo futuro. Na primeira vez faz uso da *perífrase* e, para atribuir à fala um tom mais promissor, lança mão do *futuro sintético*:

(304) Alguma coisa estranha vai *acontecer*. (*Fluxo – Floema*, Hilda Hilst, 1950, pág.99, conversa entre adultos.)

(305) Alguma coisa *acontecerá* aos humanos. (*Fluxo – Floema*, Hilda Hilst, pág. 107, 1950, conversa entre adultos.)

A intenção do personagem nessa segunda ocorrência é de proferir uma frase mais forte do que a proferida anteriormente, para que a intenção fosse externada e entendida a mesma frase foi proferida fazendo uso do *futuro sintético* onde antes havia sido usada *ir* + *infinitivo*.

6.4.7. Ambiente de ocorrência doméstico

Segundo Alkmim (2001: 36) *é um fato muito conhecido que qualquer pessoa muda sua fala, de acordo com o(s) seu(s) interlocutor (es), se é mais velho ou hierarquicamente superior, por exemplo, segundo o lugar em que se encontra e até mesmo segundo o tema da conversa (...)*. Provavelmente por isso esse grupo de fatores tenha sido selecionado como relevante pelo programa. Ele possibilita verificar se há alguma diferença considerável de uso das diversas formas de representação do tempo futuro no ambiente doméstico entre indivíduos iguais (idade), mais novos com mais velhos, mais velhos com

mais novos ou mesmo entre estranhos.

Tabela 38 – Grupo de fatores *ambiente da ocorrência - doméstico*, em números absolutos, porcentagens e pesos relativos.

Ambiente da ocorrência - doméstico	Futuro Sintético			Ir + infinitivo			Totais
	Ocor.	%	P. R.	Ocor.	%	P. R.	
Com mais velho	41	53	.73	37	47	.27	78
Com mais novo	75	63	.69	44	37	.31	119
Com estranho	1	50	.75	1	50	.25	2
Sozinho	109	58	.61	80	42	.39	189
Com igual	535	44	.45	691	56	.55	1.226
Totais	761	47	-	853	53	-	1.614

Segundo os números acima os personagens estão usando mais o *futuro sintético* do que *ir + infinitivo* em interações com mais velhos, com peso relativo .73 para a forma canônica, como em:

- (306) *Alugaremos* uma casa. Todos os dias, quando eu for trabalhar, *tomarei* a sua bênção... (*Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 1900, Lima Barreto, pág. 5, filho para mãe.)

e .27 para a inovadora, a exemplo de

- (307) Já que a *Senhora* manda, *vou cantar*. *Vou cantar* uma modinha velha, mas muito gentil e literária. (*Clara dos Anjos*, Lima Barreto, 1900, pág. 22, mais jovem para mais velho.)

As interações com indivíduos mais novos tendem a acontecer a partir do *futuro sintético* e entre pessoas estranhas, com pesos relativos .69 e .75, respectivamente. A interação entre estranhos apresentou apenas dois dados:

- (308) Ide, meus meninos; cresci e sede felizes! vós olhastes para mim, pobre e miserável, e Deus *olhará* para vós... (*A Moreninha*, 1840, Joaquim Manuel de Macedo, pág. 35, estranho para crianças.)
- (309) Agora *vai adiantar* dona, ou eu não me chamo Caboré. (*Meninos no Poder*, Domingos Pellegrini, 1970, pág. 68, candidato a cargo político com pessoa em comício.)

Possivelmente esse número ínfimo de ocorrências tenha desviado o resultado, que aponta peso relativo .75 para o *futuro sintético* e .25 para *ir + infinitivo*.

Os mais velhos se apresentaram usando a variante de representação do tempo futuro

mais antiga na língua, que apresentou peso relativo .69, como o esperado. Essa variante também é considerada mais formal (Gibbon, 1998), o que faz também com que ela tenha sido a esperada com uma tendência maior na interação entre pessoas estranhas, o que de fato ocorreu, com peso relativo .75, mas, com a ressalva acima citada.

Mas o inverso, que é a situação de monólogo, quando a pessoa está falando consigo mesma, situação que não teria nada de formal, também apresenta tendência de ser estabelecida a partir do *futuro sintético*. Possivelmente o que está ocasionando esses números nesse grupo de fatores seja o fato de a maioria dos dados da pesquisa ser de pessoas adultas, o que faz com que a maioria das interações aconteça entre iguais: amigos, primos, colegas, etc. Com mais velho seriam situações entre filhos e pais, sobrinhos e tios, netos e avós, etc. Com mais novos, o inverso. Situações onde haja uma hierarquia de parentesco. As interações de mais novo para mais velho, portanto, nem sempre traz uma interação entre um jovem ou uma criança e um idoso. Com mais novo, da mesma maneira, não é, necessariamente, interação com uma criança.

De qualquer maneira a única tendência de aplicação da regra variável de representação do tempo futuro a partir da variante inovadora se dá entre iguais, onde não há nenhuma hierarquia em jogo.

6.4.8. Tempo, modo e aspecto

O corpus apresentou apenas 95 ocorrências de *perífrases* com verbos modais, conforme tabela abaixo:

Tabela 39 – Grupo de fatores *Tempo*
Modo e aspecto, em
números absolutos.

Tipos de modais	
Poder	63
Ter de/ter que	14
Querer	8
Dever de	8
Precisar	2
Totais	95

Os verbos modalizadores trazem nuances diferenciadas aos verbos aos quais se unem, agregam sentido de obrigatoriedade como o *ter de / ter que* e o *dever de* mas podem indicar uma possibilidade, com *poder de* como o próprio tempo futuro o *é*, apenas uma

possibilidade, ou seja, fazer uso desse modal seria como inserir uma possibilidade dentro de outra, algo mais remoto, como em;

- (310) *Podemos*, porém, *tirar* o certificado, não fazer a comunicação ao Ministério da Educação, sua folha ficará limpa, o que *lhe* acontecerá será efetivamente pouco, perderá o ano, mas *poderá se matricular* em outro colégio, no ano que vem. (*O Ventre*, Carlos Heitor Cony, 1950)
- (311) Que ela tenha a sorte que merecer, mas que *possa* também, amanhã ou daqui a séculos, *despertar* um escritor mais hábil que a refaça e que diga o que não pude nem soube dizer. (*Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, 1900)

A possibilidade é apresentada e o que se tem é que, ela acontecendo, outros acontecimentos a seguirão, de maneira mais certa, dentro das possibilidades do futuro, por isso representado pelo *futuro sintético*, a forma verbal mais relacionada à certeza da ação. Sem a presença do *futuro sintético* no contexto o que fica é apenas a grande possibilidade, o grande vir a ser, característico do futuro:

- (312) Que diabo! Que entusiasmo a gente *pode ter* com um candidato desconhecido? (*Incidente em Antares*, Érico Veríssimo, 1930)
- (313) Querem-se muito, eles a ela, e ela a eles, e todos se merecem, é o parecer de Rita e *pode vir a ser* o meu. (*Memorial de Aires*, Machado de Assis, 1860)

O modalizador *precisar de* retira da forma sintética o tom de ordem expressa, de obrigação, da mesma maneira ocorre com *ter de*, ou *ter que* e *dever*, que por si só já tem uma conotação que pode soar de maneira não gentil:

- (314) *Vai precisar de* partido e tudo na vida tem um preço. (*Meninos no Poder*, Domingos Pellegrini, 1970)
- (315) Penso que *deves...* que nunca mais...que nunca mais *deves escrever*. (*Fluxo – Floema*, Hilda Hilst, 1950)
- (316) Pelo jeito a população *terá que continuar esperando...* (*Meninos no Poder*, Domingos Pellegrini, 1970)

O verbo *querer*, nesse corpus, não apresentou uma única ocorrência com *futuro sintético*, sempre em *perífrases*, como modalizador, como em:

- (317) Não vou deixar a cama vazia por muito tempo, ela, quero dizer a Kaysa, não *vai querer* dançar à noite inteira, ou vai? (*Fluxo – Floema*, Hilda Hilst, 1950)

- (318) O senhor, com certeza, *vai querer* que eu *sustente* a família. (*Os Movimentos Simulados*, Fernando Sabino, 1940)

Parece que a forma sintética, com esse verbo, não soa muito gramatical, como mostram as hipóteses abaixo:

- (317') Não vou deixar a cama vazia por muito tempo, ela, quero dizer a Kaysa, não *quererá* dançar à noite inteira, ou *quererá*?
- (318') O senhor, com certeza, *quererá* que eu *sustente* a família.

O fato de a categoria aspectual não ter intimidade com os contextos de futuridade já foi mencionado no capítulo anterior a partir da observação de Travaglia (1994) e esse corpus, como o já apresentado, vem corroborar essa afirmação, pois tanto aqui, como lá, não houve nenhuma ocorrência de perífrases com valor aspectual.

6.4.9. Conclusões dos resultados das análises dos romances brasileiros

No caso do corpus 2, a partir dos romances brasileiros, se observa que os advérbios de *modo*, *lugar*, *dúvida* e *afirmação* não se mostraram relevantes, bem como os pronomes *vós*, *a gente* e *o vocês*, que não ocorreram em todas as obras, com apenas 24, 22 e 28 ocorrências, respectivamente, em todo o corpus.

No cômputo geral, em porcentagem, o *futuro sintético* e as *perífrases* estão em igualdade de produtividade neste corpus, enquanto o *presente do indicativo* e *haver + de + infinitivo* perfazem apenas 10 e 6%, respectivamente, do total dos dados. Devido a esse reduzido número de ocorrências essas duas variantes acabaram por gerar desvios nos resultados, além de serem as responsáveis diretas por muitos dos nocautes apresentados nas rodadas iniciais, o que fez com que ambas fossem retiradas da análise probabilística.

A variante *haver + de + infinitivo* apresentou 66% de suas ocorrências no século XIX e 34% no século XX, representando uma grande queda no uso dessa forma de representação do tempo futuro, que ficou restrita a contextos onde se pretende inserir, ao conteúdo da fala, um tom próximo ao de uma profecia, mais comprometedor do que simplesmente uma promessa. O *presente do indicativo*, por sua vez, apresenta 23% de suas 255 ocorrências no século XIX e 77% no XX, o que demonstra o oposto. Mas, mesmo assim, neste corpus, ainda em número reduzido, o que impossibilitou sua análise com as demais formas.

Além da retirada dessas duas formas acima a variante *perífrases*, a exemplo do *cópus* anterior, sofreu um refinamento resultando na variante *ir + infinitivo*, que apresentou 950 ocorrências contra 118 dos outros dois tipos de *perífrases* do *cópus*: *futuro sintético* (exceto *ir*) + *ir e presente do indicativo* + *infinitivo* (exceto *ir*). O *cópus* 2, constituído dos romances brasileiros, portanto, também se faz representar só por uma combinação binária: *futuro sintético* e *ir + infinitivo*. Ambas, inclusive, apresentaram o mesmo percentual de ocorrências no *cópus*, mas pesos relativos distintos.

O *futuro sintético* também aqui mantém a conotação de maior compromisso com relação ao contexto de futuridade. Quando se quer encerrar qualquer possibilidade de dúvida, dentro das possibilidades do fato futuro, a tendência é de representá-lo a partir do *futuro sintético*. Seu peso relativo na obra representativa da década de 1840, *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, é de .74 e .16 na de 1990, *Carta para Alguém bem perto*, de Fernanda Yung, o que representa uma queda bastante significativa de uso. Seu comportamento nos grupos de fatores da análise permite verificar que ele tende a incidir quando o tempo futuro se localiza em projeção distante e acontece mais onde a intenção é a de atribuir um tom de promessa ao fato futuro.

Esse tempo verbal ocorre ainda, preferencialmente, com o pronome de segunda pessoa do singular: *tu*. Ou seja, a forma canônica de representar o futuro ocorre mais com o pronome canônico, pois a segunda pessoa *tu* é a forma que a GT apresenta na segunda pessoa do singular. Os homens adultos fazem mais uso dessa forma verbal do que as crianças. O advérbio que mais tende a ocorrer com *futuro sintético* é o de *afirmação*, seguido pelo de *tempo*.

Outro terreno fértil para a representação do tempo futuro pela forma *sintética* é a presença de verbos monossilábicos, que são verbos menos pesados fonologicamente e, por isso, não se sobrecarregam com a flexão do *futuro sintético*. Nas interações consideradas menos informais, mesmo em ambiente doméstico, como em interações dialógicas envolvendo pessoas mais velhas ou estranhas, o *futuro sintético* tende a ser mais utilizado. O *cópus* 2 também demonstrou que essa é a variante mais utilizada, nesse ambiente, em situações de monólogos.

Muito utilizado nos romances da fase inicial da análise, ele apresenta queda vertiginosa até o final, deixando espaço livre para o *ir + infinitivo*. Traçando uma linha de utilização, a partir das ocorrências desses *cópus* obtém-se, para o *futuro sintético*, a

seguinte linha de atuação:

textos mais antigos; relacionado a promessas; projeção distante; pronomes pessoais

canônicos: *tu* e *nós*; advérbio de afirmação; verbos monossilábicos; adultos;

em interações envolvendo pessoas mais velhas, com estranhos e em monólogos

A forma verbal de maior produtividade em pesos relativos no *cópus* 2, *ir* + *infinitivo*, é atraída pelos advérbios *interrogativos*. Bem como apresenta tendências de uso com quase todas as extensões fonológicas do verbo principal, excetuando apenas os monossilábicos. Salientando que o monossílabo de maior produtividade da amostra é justamente o verbo *ir*. Esse, portanto, se apresenta como o contexto que mais inibe *ir* + *infinitivo*, pois a construção onde o mesmo verbo ocupa a posição de auxiliar e de principal, resultando em *vou ir*, ainda é muito estigmatizada socialmente. Banida por muitos profissionais da área da língua portuguesa com a explicação de que não é correto fazer o uso do mesmo verbo duas vezes, um ao lado do outro, como se não utilizassem perífrases como *tenho tido* ou ainda a mesma construção perifrástica com o verbo *ir* sendo auxiliar dele mesmo como em *vou indo*, mais antigo na língua e, conseqüentemente, possivelmente menos agressivo auditivamente.

Essa forma verbal é utilizada pelos indivíduos mais jovens para interagir com mais velhos, no ambiente doméstico. No *cômputo* geral, nesse *cópus*, essa forma verbal está presente desde o primeiro período de análise, apresentando crescimento em todo o *cópus*, em especial no século XX. Apesar de apresentar leve queda na produtividade no final da amostra, não perde a alta tendência de passar a marcar esse tempo verbal com prioridade, principalmente a partir da seguinte linha:

Textos mais recentes; projeção próxima; advérbios interrogativos; pronomes pessoais

eu, você e *vocês*; interações entre iguais no ambiente doméstico; crianças

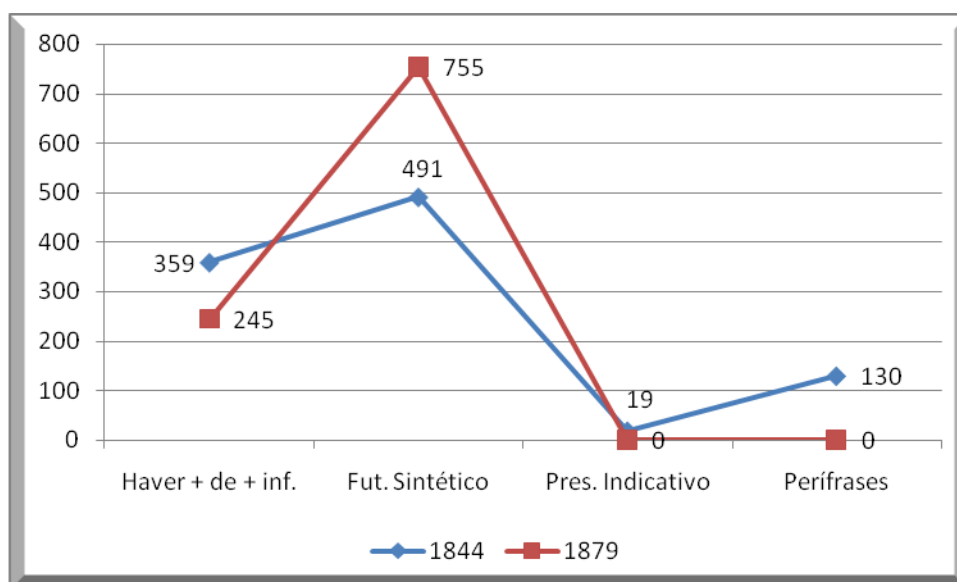
6.5. A mudança no indivíduo

Nessa sessão os resultados serão apresentados em duas partes distintas, a primeira constante dos escritores da amostra e a segunda, das escritoras, que têm sua primeira representante na década de 1930, com Raquel de Queiroz. Os resultados nesta sessão foram obtidos a partir de rodada eneária. Para que as tendências das quatro variantes a princípio integrantes deste estudo fossem verificadas nos indivíduos foram feitas várias rodadas, ora eliminando algumas obras, ora outras, para que os nocautes fossem driblados e fosse possível obter os pesos relativos de cada autor.

6.5.1. Joaquim Manuel de Macedo

O autor de *A Moreninha* surpreende por apresentar um comportamento atípico em relação ao esperado para a representação do tempo futuro a partir do *futuro sintético* e das *perífrases*. Na primeira obra analisada Joaquim Manuel de Macedo apresenta uma tendência maior de uso de *futuro sintético*, seguido de *haver + de + infinitivo*, sendo que as representações a partir do *presente do indicativo* e das *perífrases* apresentam baixos pesos relativos.

Gráfico 24 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Joaquim Manuel de Macedo, em pesos relativos.



Na segunda obra, escrita 35 anos depois, como já mencionado acima, a tendência de uso do *futuro sintético* sobe abruptamente, o *haver + de + infinitivo* sofre queda de .11 a das *perífrases* e do *presente do indicativo* zeram. Em números absolutos a primeira obra

apresentou 147 dados de futuro, com as quatro representações, em números absolutos tem-se 98 dados (67%) de *futuro sintético*, 2 de (1%) de *presente do indicativo*, 32 (22%) de *perífrases* e 10 (15%) de *haver + de + infinitivo*. Na segunda os dados caem para dezesseis ocorrências apenas, 14 de *futuro sintético* (88%) e 2 de *haver + de + infinitivo* (12%):

— Não comprehende que me vexa, fallando-me do barão?... que hei de pensar d'elle?...

(319) (*A Baronesa do Amor*, Joaquim Manuel de Macedo, 1840, pág. 18, entre iguais.)

Não me ha de apresentar o seu amigo amanhã, exactamente porque é de minha vontade e da sua obediencia affectuosa que m'o apresente hoje.

(320) (*A Baronesa do Amor*, Joaquim Manuel de Macedo, 1840 pág. 45, entre iguais.)

Apenas essas duas ocorrências geraram a tendência de .245 no uso de *haver + de + infinitivo*. O *futuro sintético*, nessa obra, marca as duas distâncias, de maneira única, como se vê no exemplo abaixo, assinalando um futuro bastante próximo e acompanhado de advérbio de tempo:

— Se absolutamente o queres, hoje ás oito horas da noite tornarei aqui, e no meu carro iremos juntos ver com os nossos proprios olhos, se o que dizem é verdade ou calumnia; se eu minto, ou, boa amiga, te abro os olhos.

(321) (*A Baronesa do Amor*, Joaquim Manuel de Macedo, 1840 pág. 85, entre iguais.)

Em números absolutos, portanto, houve uma considerável queda na representação do tempo futuro a partir da forma canônica, apesar de ser ela a majoritária nos poucos dados de futuro da obra.

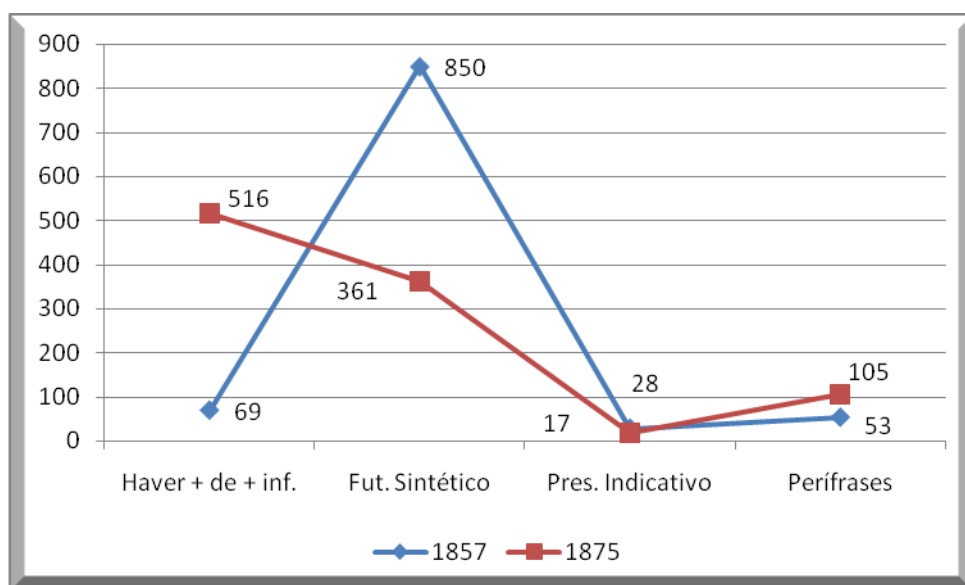
6.5.2. José de Alencar

O autor de *O Guarani* e *Senhora* apresenta fortes alterações na maneira como representa o futuro nas duas obras analisadas. Na primeira ele representou o tempo futuro majoritariamente a partir do *futuro sintético*, com 58 ocorrências, uma de *presente do indicativo* 6 de *perífrases* e apenas duas de *haver + de + infinitivo*. Na segunda o *futuro sintético* apresentou pequena queda se considerarmos os números absolutos e mesmo o percentual. Foram 46 ocorrências, 63%. O que causa maior estranhamento é o peso relativo de *haver + de + infinitivo*, pois o .69 da primeira obra corresponde a 2 dados:

- (322) Entretanto, assim *há de ser*, porque assim o decidi. (*O Guarani*, José de Alencar, 1850, pág. 27, entre iguais.)
- (323) Sim, mas com a condição de que Peri *há de estar* muito quieto e sossegado. (*O Guarani*, José de Alencar, 1850, pág. 41, entre iguais.)

Por sua vez, o .516 da última obra corresponde a 11 ocorrências, ou seja, esse número não é alto, mas a análise projeta essa representação do tempo futuro como a de maior tendência.

Gráfico 25 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em José de Alencar, em pesos relativos.

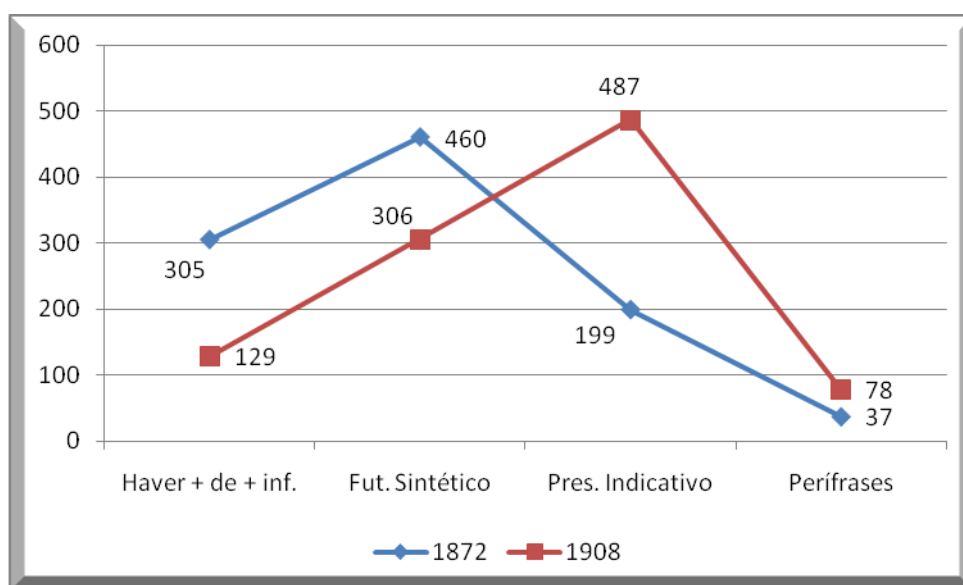


Das onze ocorrências, 8 acontecem no início do romance, em uma mesma conversa que a personagem Aurélia tem com seu tutor, as outras três ocorrem até a página 34. O que se tem é um aumento real dos casos de *haver + de + infinitivo*, mas os números absolutos são baixos, o que não impediu a análise de elevar o peso relativo dessa forma de representar o tempo futuro. Apesar desse desvio o que se tem é uma queda do *futuro sintético* e uma elevação no uso das *perífrases*, que, em números absolutos subiu de seis, para quinze.

6.5.3. Machado de Assis

Machado de Assis é o primeiro a apresentar linhas gráficas que vão ao encontro de inicialmente esperado nessa tese: queda do *futuro sintético* e de *haver + de + infinitivo* e ascensão do *presente do indicativo* e das *perífrases*.

Gráfico 26 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Machado de Assis, em pesos relativos.



Sua obra de 1872 apresenta grande tendência ao uso do *futuro sintético* para representação do tempo futuro, tendência que se transfere ao *presente do indicativo* na obra de 1908, com exemplos como:

- (324) Papai *volta* daqui a seis meses; eu *volto* com ele. Que são seis meses?
(*Memorial de Aires*, Machado de Assis, 1860)

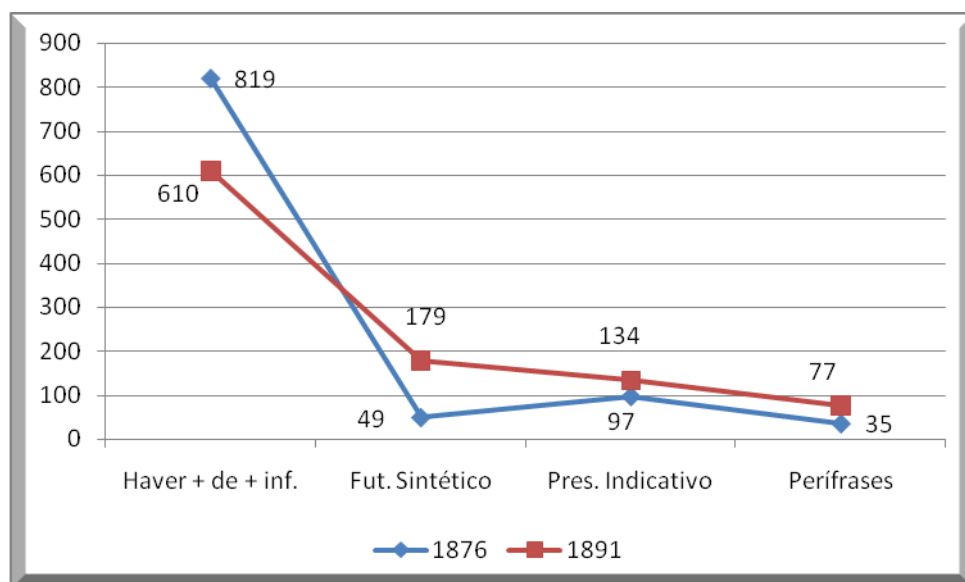
As *perífrases*, nesse caso, apresentam baixíssima elevação. O que se vê nesse caso

é que o *futuro sintético* tem sua tendência de uso diminuída em favor do *presente do indicativo*, pois as *perífrases* ainda não apresentam nenhuma tendência de uso em Machado de Assis, apesar do pequeno acréscimo nos pesos relativos.

6.5.4. Inglês de Sousa

Inglês de Sousa apresenta pouquíssimas ocorrências de futuro, são 55 na primeira obra e 20 na segunda. Excetuando *haver + de + infinitivo* as demais representações do tempo futuro analisadas nessa tese apresentaram aumento na tendência de uso da sua primeira para a última obra, inclusive o *futuro sintético*, que foi, inclusive, o que mais apresentou aumento na tendência de uso.

Gráfico 27 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Inglês de Sousa, em pesos relativos.



O *haver + de + infinitivo* apresentou 26 ocorrências em um total de 55, na primeira obra analisada. Na segunda obra, de 20, se fez representar com 5 dados, o que faz sua participação cair para 25%, o suficiente para lhe garantir uma tendência bastante alta, .610. em termos de tendências o que se tem, nesse autor, excetuando *haver + de + infinitivo*, é uma maior representação do tempo futuro a partir do *futuro sintético*, depois do *presente do indicativo* e por último, a partir das *perífrases*.

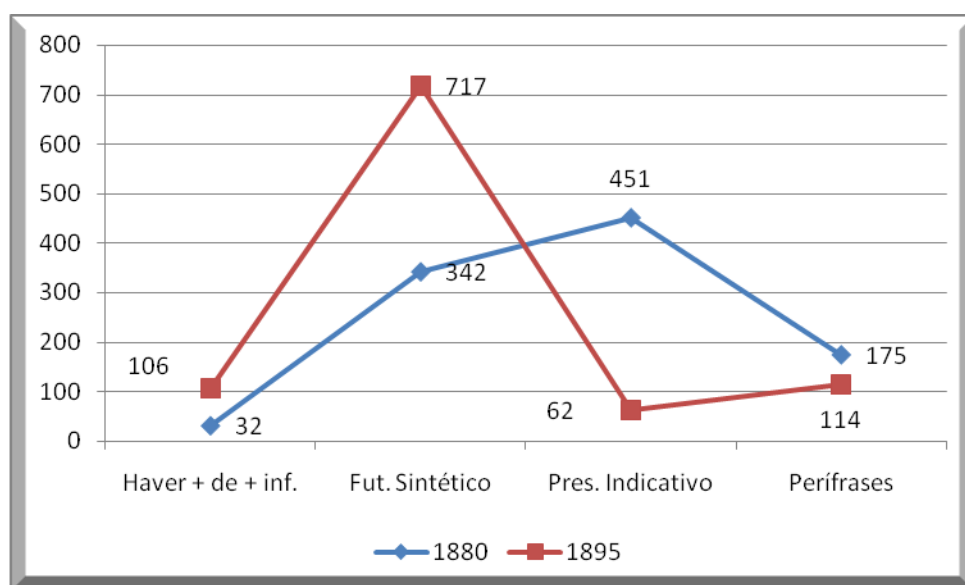
Essa trajetória de representação do tempo futuro vai de encontro a hipótese lançada nessa tese de que o caminho que a representação do tempo futuro seguiu, partindo do *futuro sintético*, em direção às *perífrases* passa pelo *presente do indicativo*. O que pode

reforçar a ideia do caminho que a representação do tempo futuro, antes marcada preferencialmente pelo *futuro sintético*, hoje, pelas *perífrases*, tenha passado pelo *presente do indicativo*.

6.5.5. Aluísio de Azevedo

Foram encontradas 33 ocorrências de tempo futuro na primeira obra de Aluísio de Azevedo analisada nessa tese e 97 na segunda. Apesar dos baixos números a tendência desse autor é de usar o *presente do indicativo* na representação do tempo futuro na primeira obra e o *futuro sintético* na segunda, com uma ascensão bastante expressiva, de .342 para .717. Pode-se fazer o raciocínio inverso, nesse caso: na primeira obra analisada a tendência era de representação do tempo futuro através do *presente do indicativo*, exatamente o que mais diminuiu para que o *futuro sintético* pudesse ter sua tendência de uso aumentada.

Gráfico 28 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Aluísio de Azevedo, em pesos relativos.



Na segunda obra foram apenas duas ocorrências de presente do indicativo:

- (325) Mandou-me passear por algum tempo. Eu *volto*... (*O Livro de uma Sogra*, Aluisio de Azevedo, 1880)
- (326) Amanhã *mostro-te* as minhas estrebarias; se ainda conservas gosto pelo gênero, encontrarás o que ver. (*O Livro de uma Sogra*, Aluisio de Azevedo, 1880)

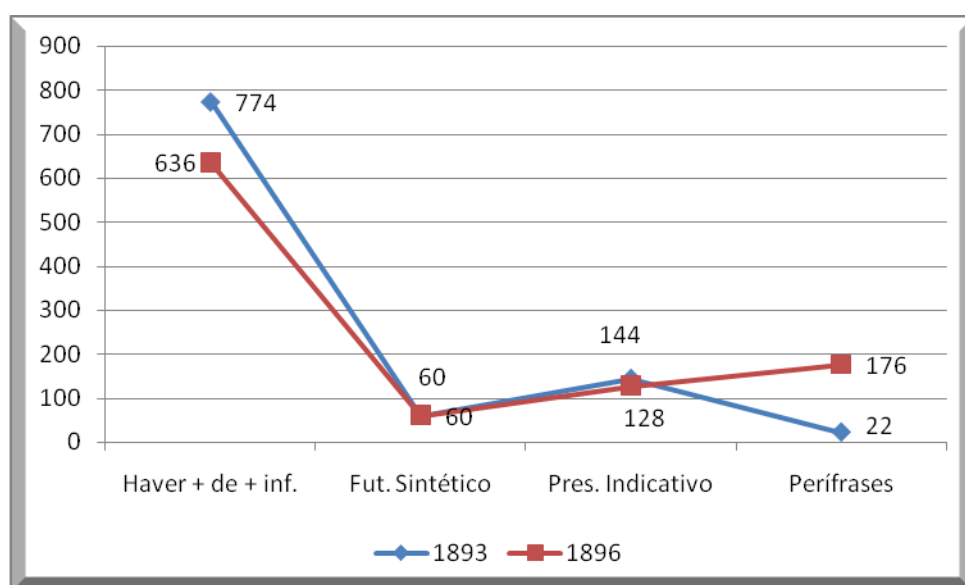
Nas duas situações de *presente do indicativo* representando o tempo futuro a

situação de futuridade se da, em primeiro plano, na oração anterior àquela que apresenta esse tempo verbal: na primeira há a projeção de ida, depois a de volta e, na segunda, o advérbio de tempo *amanhã* é quem projeta a ação para o futuro, a partir disso esse futuro pode se apresentar a partir de qualquer forma verbal, pois a ideia de futuridade já está colocada.

6.5.6. Adolfo Ferreira Caminha

No total foram apenas 46 dados de futuro nas duas obras desse autor: 27 na primeira e 19 na segunda. O que se percebe nesse caso é um decréscimo de *haver + de + infinitivo* e uma ascensão das *perífrases*, com a tendência mais expressiva do gráfico.

Gráfico 29 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Adolfo Ferreira Caminha, em pesos relativos.



O interessante é que o autor não modifica a tendência de uso do *futuro sintético*, que se mantém nos .60, bastante baixa, praticamente nula. Foram apenas 6 ocorrências na primeira obra da análise e 4 na segunda, ou seja, o *futuro sintético*, nessa obra, foi utilizado somente nesses casos:

- (327) Você *verá* com os próprios olhos. (*Tentação*, Adolfo Caminha, 1890)
- (328) A opinião é deles, o povo não *permitirá* que eles sejam desacatados. (*Tentação*, Adolfo Caminha, 1890)
- (329) – Em primeiro lugar, um exame nos aposentos; depois, *trataremos* do almoço e do jantar. (*Tentação*, Adolfo Caminha, 1890)

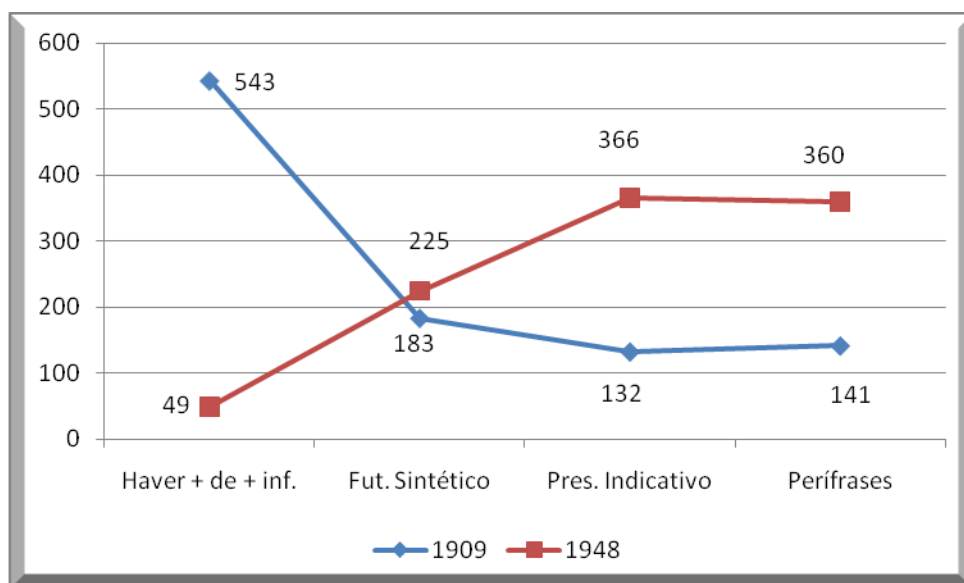
(330) O Luís *explicará* tudo, Sr. Evaristo. (*Tentação*, Adolfo Caminha, 1890)

Em três desses casos a projeção do fato futuro é próxima, somente em um, é distante: no segundo exemplo dado. Não há nada nesses casos que possa identificar como sendo contexto de uso dessa representação do tempo futuro. Parece que é apenas um resquício, é uma possibilidade que está sendo usada, a menos usada. Da primeira para a segunda obra o que se percebe é que o autor substitui a tendência de representar o futuro a partir de *haver + de + infinitivo* e passa a fazê-lo mais pelo *presente do indicativo* e pelas *perífrases*.

6.5.7. Lima Barreto

Lima Barreto representa aqui as primeiras obras do século XX e ainda se vê a grande tendência do *haver + de + infinitivo* para marcar o tempo futuro. Seus números são mais expressivos do que o autor anterior, que representa o final do século XIX.

Gráfico 30 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Lima Barreto, em pesos relativos.



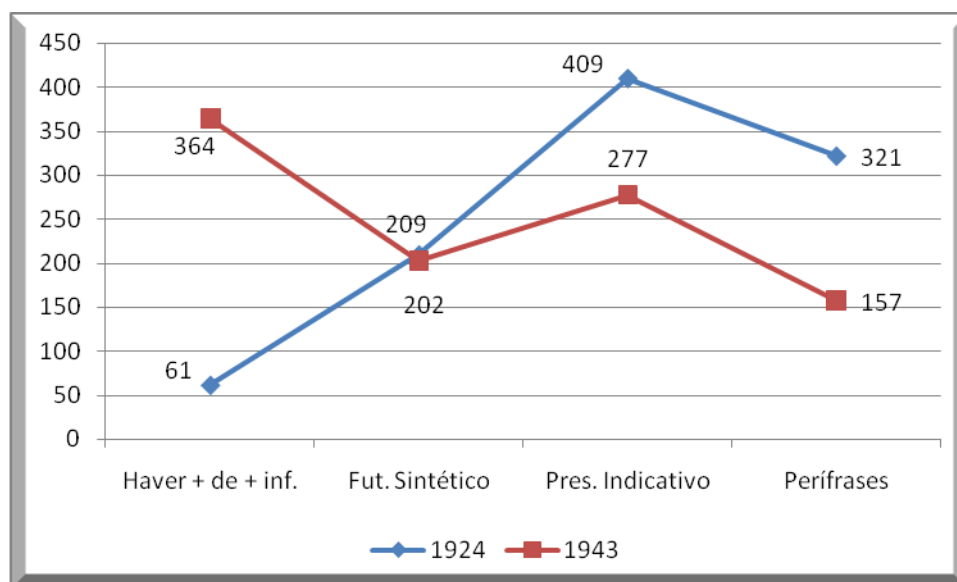
O autor muda drasticamente a tendência do *haver + de + infinitivo*. Foram 10 ocorrências na primeira obra para apenas uma na segunda. Sua forma de representação do tempo futuro tendia a ser via *haver + de + infinitivo*, *futuro sintético*, *perífrases*, *presente do indicativo*. Em sua última obra analisada o faz a partir do *presente do indicativo*, *perífrases*, *futuro sintético*, *haver + de + infinitivo*. Essa trajetória corrobora a ideia de que o caminho da representação do tempo futuro partindo do *futuro sintético* e chegando a

forma perifrástica, passou antes pelo *presente do indicativo*.

6.5.8. Oswald de Andrade

Oswald de Andrade é o primeiro escritor do Modernismo dessa análise. Sua tendência na primeira obra analisada era de representar o futuro a partir do *presente do indicativo*, com .409 de peso relativo, o que pode ser uma característica da época, pois os modernistas priorizavam a liberdade de expressão, ou seja, não estariam, a princípio, presos às convenções gramaticais. A ordem de tendência de sua primeira obra aqui analisada é exatamente a mesma que a da última obra de Lima Barreto, representante da década anterior.

Gráfico 31 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Oswald de Andrade, em pesos relativos.



A princípio, ao olhar o gráfico, parece que a tendência moderna se esvai logo, pois a grande tendência de sua segunda obra da análise é representar o tempo futuro a partir de *haver + de + infinitivo*, em pesos relativos. Aqui, como já ocorrido acima, o que pode ter levado o programa a essa interpretação é o pequeno número de ocorrências. Foram 2 na primeira obra e 4 na segunda:

- (331) Vivem repetindo que o mundo foi sempre assim, que sempre *há de ser* assim, que haverá sempre pobres e ricos. Nem sempre foi assim nem sempre *há de ser* assim.
- (332) Vocês *hão de ver* o que vai acontecer.
- (333) Por que só japoneis *há de saber* prantá argodão?

(334) Quando eu morrer *hei de ser* enterrado de pé, que nem o Tigre!

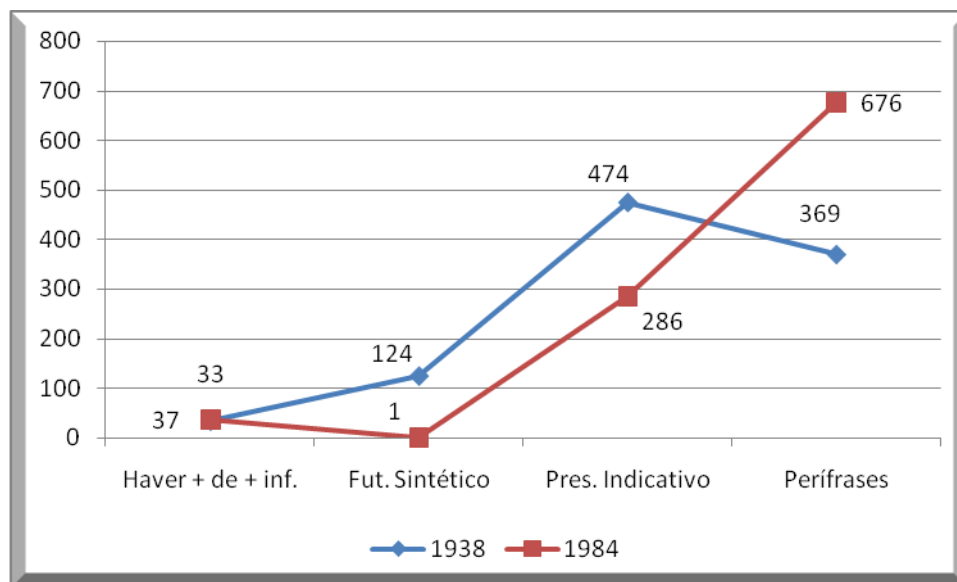
Quase o mesmo número de dados de *presente do indicativo*, que teve 3 e 5, respectivamente, mas que gerou outra relação de peso relativo, inclusive com tendências invertidas. Foram apenas 55 dados de tempo futuro nas duas obras da análise, 21 na primeira e 34 na segunda.

6.5.9. Orígenes Lessa

O representante da segunda década do século XX apresenta tendência negativa de uso de *haver + de + infinitivo*. Sua tendência na primeira obra, 54 anos antes da segunda, já era de representação do tempo futuro a partir do *presente do indicativo*, seguido pelas *perífrases*. O que houve, na segunda obra, foi a troca de posição entre essas duas.

A forma com tendência de .676 de marcar os contextos de futuridade é a perífrase, seguida pelo *presente do indicativo*, que apresenta leve tendência nessa posição, haja vista que o ponto neutro nesse estudo é de .250 e essa representação apresenta .286, conforme pode ser observado no gráfico abaixo:

Gráfico 32 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Orígenes Lessa, em pesos relativos.



Chama a atenção a nulidade da representação do *futuro sintético* na última obra desse autor, escrita em 1984, com apenas uma ocorrência:

- (335) Marque seu almoço amanhã em Nova York, nós o *levaremos* em tempo. (*O Edifício Fantasma*, Orígenes Lessa, 1920)

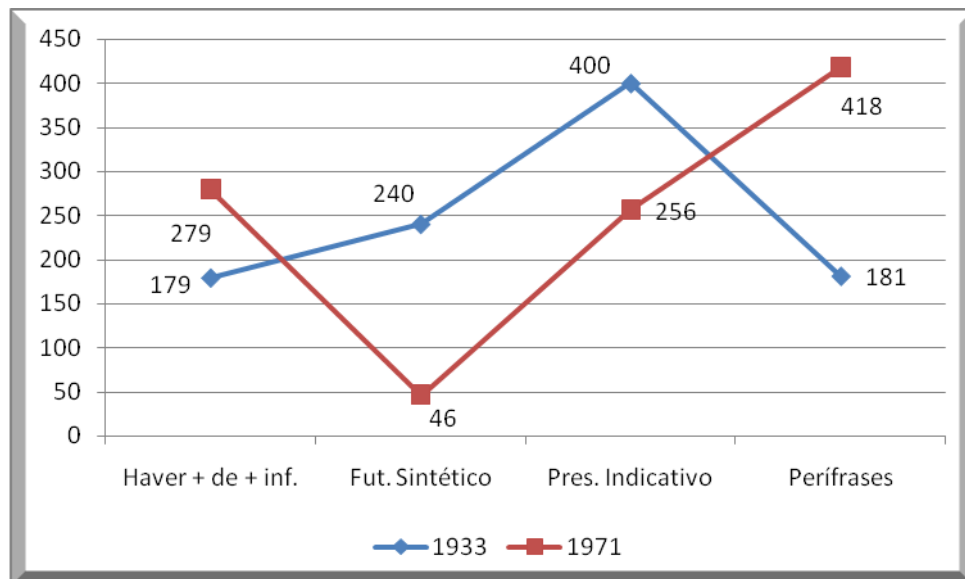
Interessante ainda o fato de o *haver + de + infinitivo* também apresentar apenas uma ocorrência nessa obra e tendência de uso maior, apesar de que ambas são consideradas nulas como pesos relativos que apresentam neutralidade em .250:

- (336) Quando acordar, vai contar-lhe também. *Há de rir*, com certeza. (*O Edifício Fantasma*, Orígenes Lessa, 1920)

6.5.10. Érico Veríssimo

Érico Veríssimo, em sua primeira obra dessa análise, apresentava tendência de uso apenas do *presente do indicativo* na indicação de futuridade, forma essa que passa a neutralidade em sua última obra, pois a grande tendência, quase quarenta anos depois, passa a ser as *perífrases*.

Gráfico 33 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Érico Veríssimo, em pesos relativos.



Na segunda obra analisada há duas tendências de representação do tempo futuro, pois o *presente do indicativo*, na verdade, está muito próximo do ponto neutro, o que impossibilita vê-lo como tendência de uso. O *haver + de + infinitivo*, um pouco acima, .279, apresenta maior tendência de uso, enquanto as *perífrases* apresentam o maior peso relativo da amostra, .418, significando que passam a representar, em sua obra, o tempo

verbal futuro.

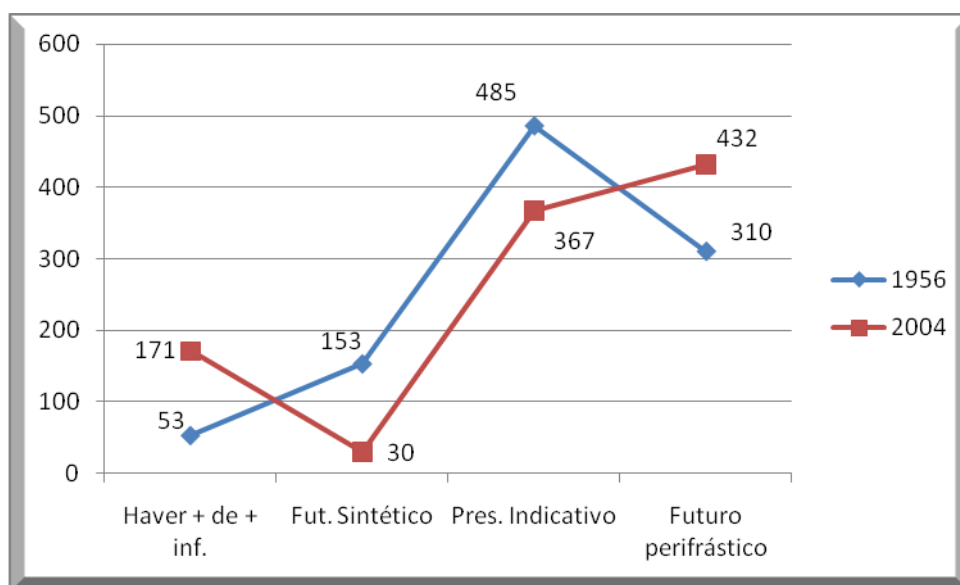
Na segunda obra foram apenas 3 ocorrências de *haver + de + infinitivo*, 6 de *futuro sintético*, 5 de *presente do indicativo* e 47 de *perífrases*. Contra 6, 21, 7 e 18, respectivamente, na primeira.

6.5.11. Fernando Sabino

As mudanças de representatividade dos contextos de futuridade em Fernando Sabino se dão, excetuando *haver + de + infinitivo* e as *perífrases*, de maneira paralela. Tanto o *futuro sintético* como o *presente do indicativo* apresentam traçados de tendências semelhantes nas duas obras analisadas, a primeira forma sem e a segunda com alta tendência de uso.

Em sua primeira obra analisada o que prevalecia era o uso do *presente do indicativo* (.485), seguido pelas *perífrases* com .310.

Gráfico 34 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Fernando Sabino, em pesos relativos.



Na última, as duas formas invertem as posições, mas mantêm a frente em relação às formas consideradas conservadoras. Essas, inclusive, não apresentam, em nenhum momento, tendência de uso nas obras desse autor, sendo que, na última, em especial, o *futuro sintético* apresenta apenas uma ocorrência e *haver + de + infinitivo*, duas:

(337) Vai ser rápido. *Será* rápido.

- (338) Outra vez que eu não te encontrar em casa quando chegar você *há de ver*. Onde é que você foi?
- (339) Hoje, *há de ser* hoje!

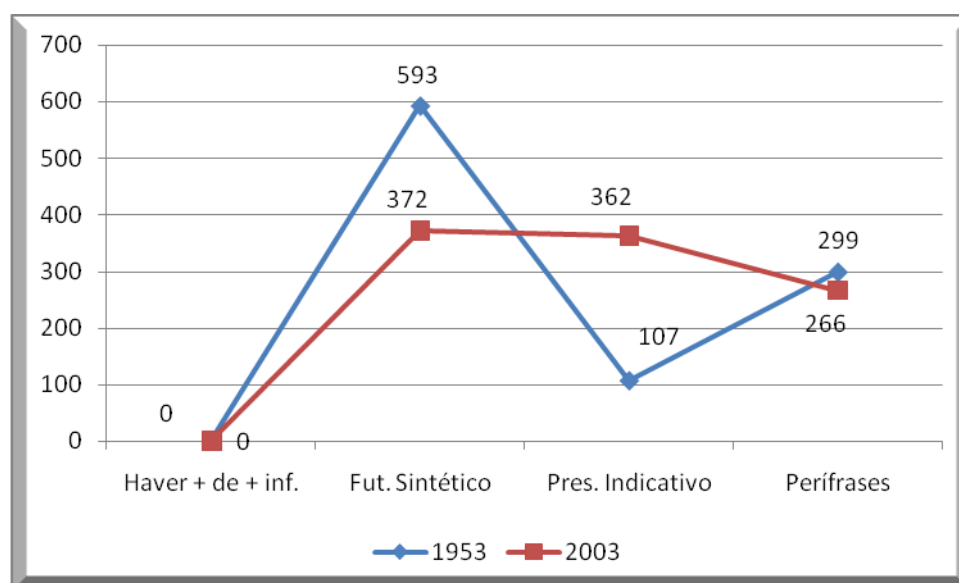
Essa única ocorrência de *futuro sintético* foi utilizada como reforço de um desejo já expresso, é como se fosse uma confirmação, um *tem que ser*.

6.5.12. Carlos Heitor Cony

Esse autor não fez uso nenhuma vez de *haver + de + infinitivo* nas duas obras analisadas. A primeira priorizava o *futuro sintético* (.593), o que demonstra ser essa a forma reconhecida como a de representação majoritária do tempo futuro, sem desconsiderar o fato de que as *perífrases* apresentam leve tendência de uso, .299, o que poderia indicar um início de mudança nesse indivíduo.

Na segunda o que se observa é uma queda desse tempo verbal para .372, o que mostra que ele se mantém produtivo nesse autor. Há nessa obra uma significativa recuperação do *presente do indicativo*, que passa de inexpressivos .107 para .362, o que coloca esse tempo verbal quase em situação de empate técnico com o *futuro sintético*. Uma leitura possível é que parece que, para esse autor, a partir da segunda obra, não há forma prioritária na indicação do tempo futuro, conforme se pode observar no gráfico abaixo:

Gráfico 35 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em, em Carlos Heitor Cony pesos relativos.



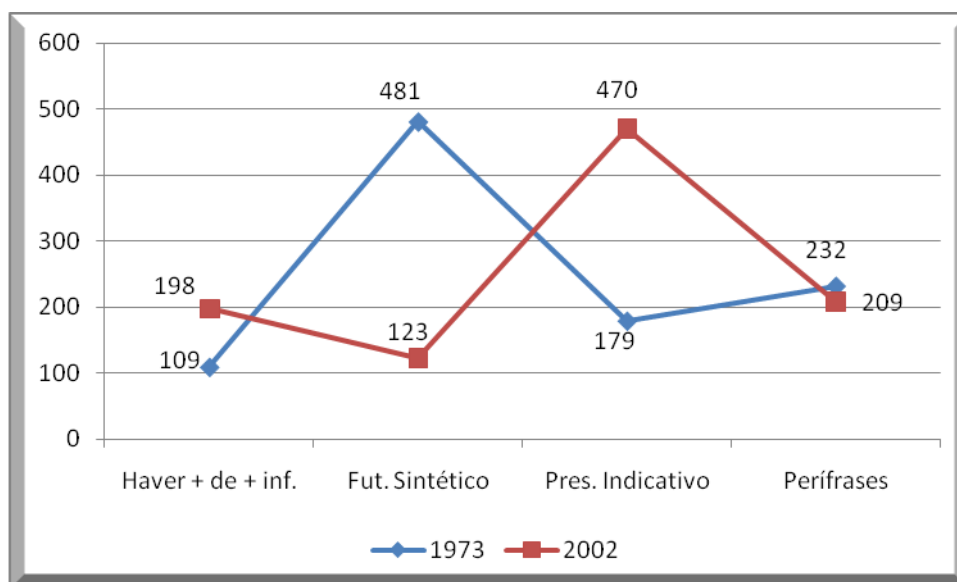
Interessante é observar que para esse autor as *perífrases* são pouco produtivas. O *futuro sintético*, antes a forma majoritária, ainda o é, mas com pesos relativos próximos do *presente do indicativo* e das *perífrases*, um indicativo de que o quadro está mudando.

Em números absolutos a primeira obra apresenta 32 ocorrências e a segunda, 25. Foram 11 dados de *perífrases* em contextos de futuro em cada uma delas. O *presente do indicativo* apresentou apenas uma ocorrência na obra de 1953, já apresentado e comentado acima (exemplo 253) e seis na de 2003, o que representou o acréscimo no peso relativo desse tempo verbal.

6.5.13. Moacir Scliar

Na primeira obra analisada Scliar priorizava o *futuro sintético* sobre todas as demais representações do tempo futuro, o que muda para o *presente do indicativo* na obra de 2002, praticamente trinta anos depois. Essa mudança é bastante interessante, pois o autor passa de uma forma canônica para uma que tem sua utilização bem restrita pelas GTs. O detalhe é que o autor tende a fazer uso de apenas uma forma, em detrimento às demais, nos dois livros analisados e os pesos relativos delas estão bem próximos.

Gráfico 36 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro Moacir Scliar em pesos relativos.



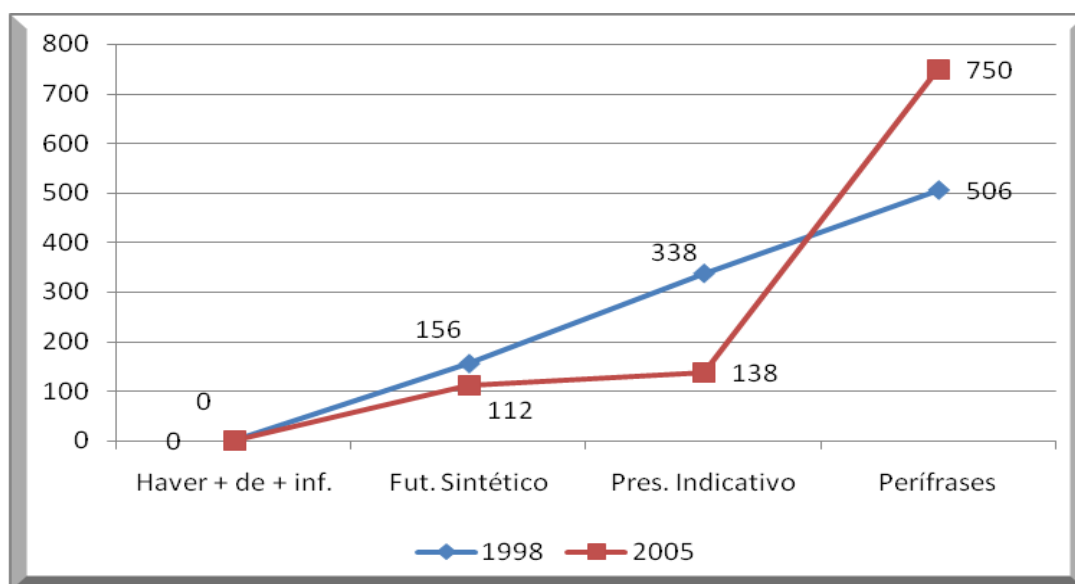
Os pesos relativos das formas que não apresentam tendência de uso estão relativamente próximos, com o *haver + de + infinitivo* ficam abaixo de .200 e com as *perífrases*, um pouco acima, o que destaca as tendências de uso do autor, com pesos

relativos acima dos .400, nas demais formas.

6.5.14. Domingos Pellegrini

Terra Vermelha escrito em 1998 e *Meninos no Poder*, de 2005, resultam em um espaço pequeno para que se possa efetivar um estudo, mesmo que superficial, de mudança no indivíduo. Como as duas obras são atuais, a mais antiga data de apenas uma década, os resultados são compatíveis com os apresentados por outras obras dessa fase. Nas duas, o que se vê é a tendência de representação do tempo futuro a partir das *perífrases*. Mas, mesmo sendo obras bem recentes e distando uma da outra em apenas sete anos, é possível perceber uma mudança de pesos relativos nas formas verbais que apresentam tendência de uso conforme gráfico abaixo:

Gráfico 37 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro Domingos Pellegrini, em pesos relativos.



Na obra de 1998 o *presente do indicativo* apresentava tendência de .338 e as *perífrases*, .506. Sete anos depois a tendência de uso do primeiro desaparece e a da segunda forma sobe consideravelmente para .750. O que nos faz, de fato, pensar que a trajetória de mudança na representação do tempo futuro tenha passado antes, de fato, pelo *presente do indicativo*, para depois chegar às *perífrases*.

6.5.15. Marcos Bagno

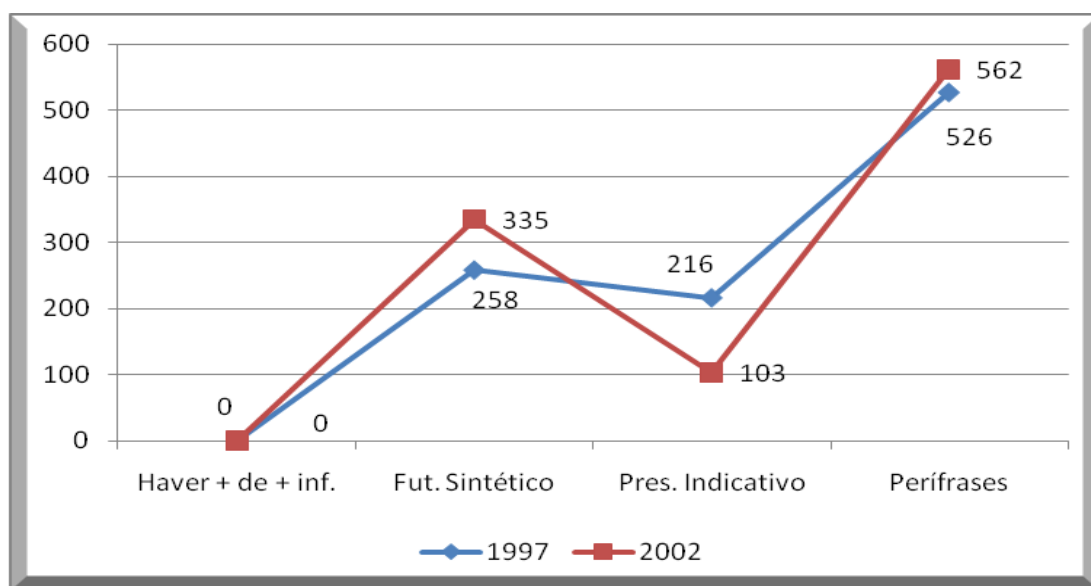
Linguista, tradutor e professor na Universidade de Brasília, Marcos Bagno também tem, nessa análise, duas obras que pouco distam entre si.

Nas duas obras a tendência de representação do tempo futuro é a partir das *perífrases*, o que se apresenta com maior tendência na segunda obra analisada. Não houve uso de *haver + de + infinitivo* em nenhuma delas. Da primeira para a segunda houve um pequeno acréscimo na tendência de uso do *futuro sintético* e uma queda no *presente do indicativo*. Foram, em números absolutos, 33 ocorrências de futuro na segunda obra para 95 na primeira. O peso relativo .103 para o *presente do indicativo* na obra de 2002 foi atingido por uma duas ocorrências apenas:

(340) Depois a gente *vê*. (pág. 7, entre iguais.)

(341) Seja aonde for, é por aqui que a gente *vai*, evidentemente. (pág. 33, entre iguais.)

Gráfico 38 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro Marcos Bagno em pesos relativos.

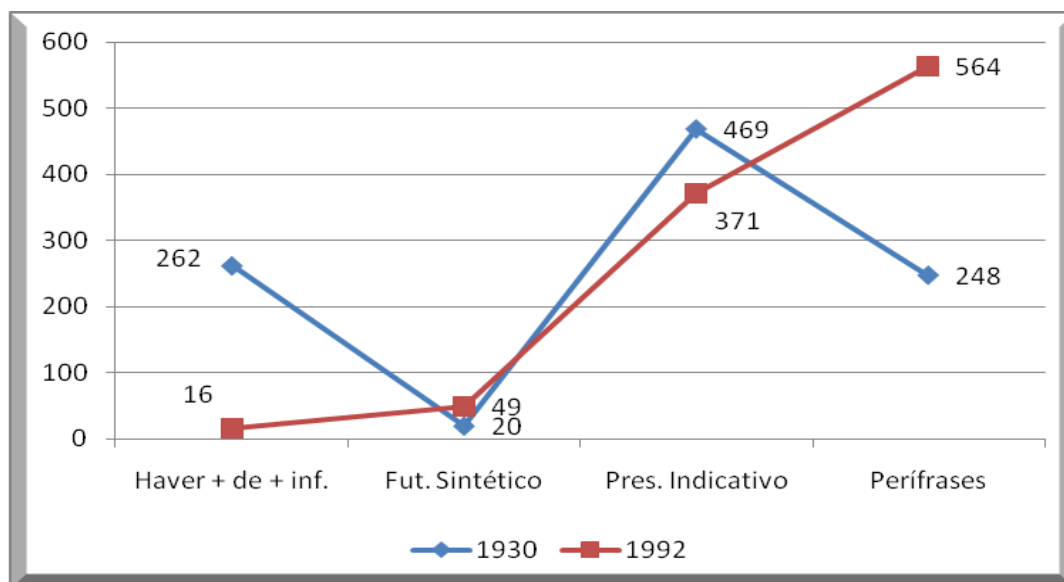


Interessante observar que o autor, enquanto linguista, certamente está mais atento a questões específicas de sua área, pelo menos é o que se teoriza, em relação aos demais autores da amostra, que possivelmente não se detenham da mesma maneira sobre esses pontos. Talvez por causa disso, o que vimos é uma grande tendência de representação do tempo futuro partir de uma variante considerada inovadora no sistema do PB: as *perífrases*.

6.5.16. Raquel de Queiroz

Ainda adolescente Raquel de Queiroz publicou *O Quinze*, e, ao final de sua vida, publicou *O Memorial de Maria Moura*. Segundo o escritor e acadêmico Antonio Olinto *ela pegou um português diferente, um português falado pelo brasileiro. Renovou esta língua com o jeito de povo, inteiramente de povo, mas um povo literário. Não é um povo mal falado*. Raquel foi a pioneira, a mãe do romance brasileiro e, desde sua primeira obra, não priorizava a marcação do tempo futuro a partir do *futuro sintético*. Em números absolutos foram 32 ocorrências na primeira obra e 87 na segunda. A representação do tempo futuro em sua obra pode ser observada no gráfico abaixo:

Gráfico 39 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Raquel de Queiroz, em pesos relativos.



Em sua primeira obra o que se vê é a tendência de uso do *haver + de + infinitivo* e do *presente do indicativo* para a representação do tempo futuro, com peso bastante expressivo para esse último, .469. Nessa obra as *perífrases* já se fazem presentes, mas com peso relativo neutro, ou seja, não havia nenhuma tendência de uso dessa forma verbal de representação do tempo futuro. Mais de meio século depois o que se percebe é uma mudança acentuada: *haver + de + infinitivo* apresentou marcante queda na tendência de uso o que praticamente não alterou o já reduzido uso da forma canônica (.20 e .49), o que talvez já fosse entendido como uma forma de ‘falar’ que não apresentasse sincronia com o regionalismo de seus personagens.

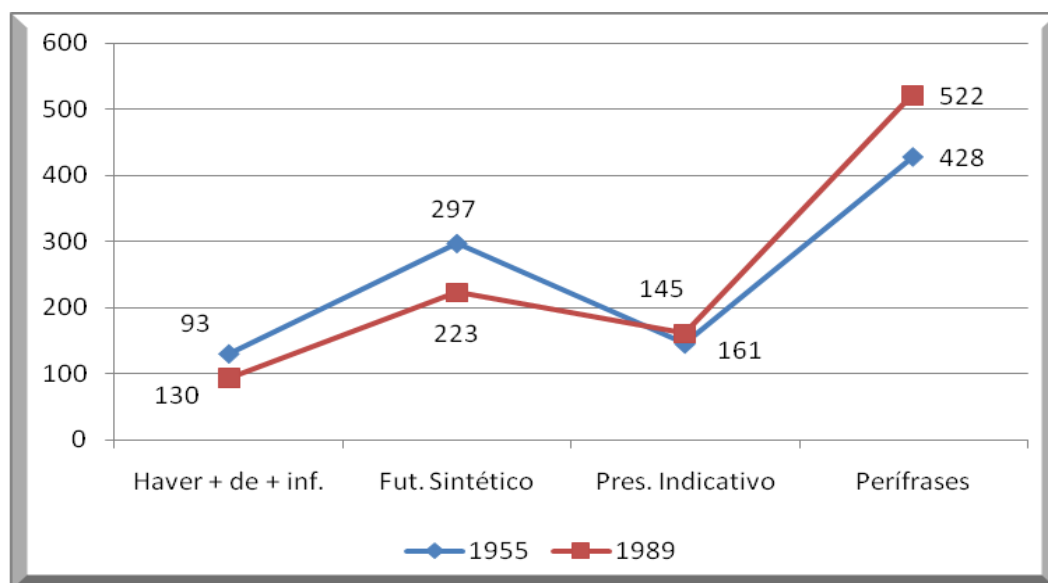
O *presente do indicativo* continua com grande tendência de uso, mas a grande mudança nessa autora, da primeira para a sua última obra foi o avanço das formas

perífrases, principalmente *ir + infinitivo*, que de .248, neutro em 1930, passaram a .564 em 1992, mais do que o dobro do peso relativo apresentada inicialmente, o que possibilita apontá-la como uma autora atenta às mudanças linguísticas de sua época.

6.5.17. Lígia Fagundes Telles

Lígia representa nesse estudo a década de 1940 e apresenta tendências de uso de *futuro sintético*, em sua primeira obra, escrita em 1955, possivelmente pela sua profissão, advogada e promotora do estado de São Paulo, o que deveria exigir de si uma verbalização mais formal, mais próxima do canônico e das *perífrases*. O que muda dessa para a última é que o uso do *futuro sintético* caiu mais de 100 em pesos relativos, mantendo tendência de uso, na segunda obra, apenas das *perífrases* para a representação do tempo futuro.

Gráfico 40 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Lígia Fagundes Telles, em pesos relativos.

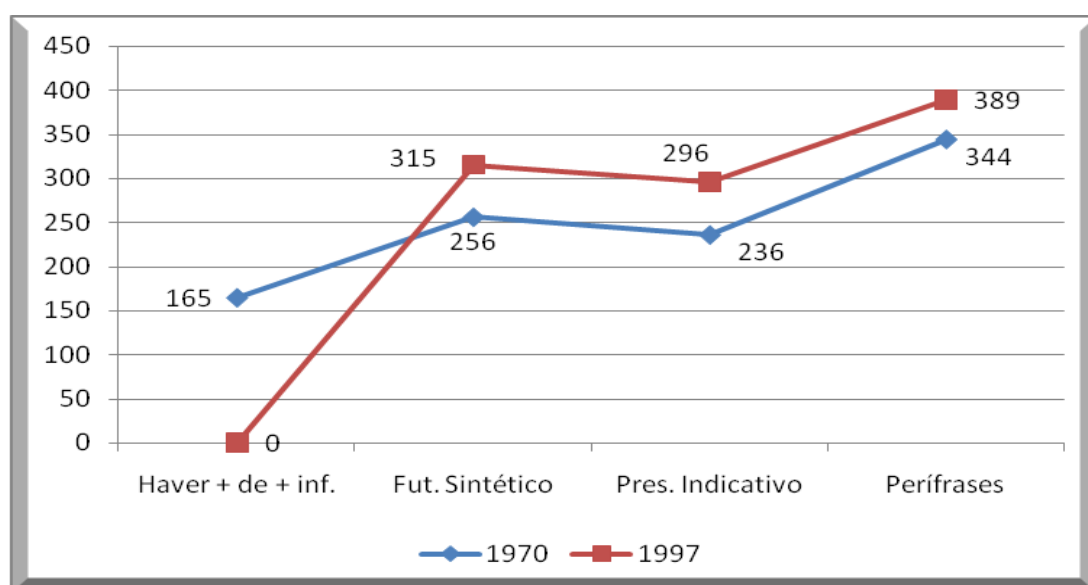


A forma *haver + de + infinitivo* também tem considerável redução no uso por essa escritora, mas, mesmo no início de sua carreira tal forma já não representava uma tendência de uso, bem como o *presente do indicativo* que, para ela, parece não ter tido grande significância ou representatividade nessa função linguística. A forma mais usada nessa função manteve a tendência, com pesos relativos ainda maiores, ou seja, a tendência apontada em sua fase inicial foi mantida até a fase final de sua produção literária. Em números absolutos foram 123 ocorrências na primeira e 31 na segunda obra.

6.5.18. Hilda Hilst

De temperamento transgressor, prezando a liberdade, Hilda Hilst apresenta todas as tendências invertidas da primeira para a segunda obra analisada nessa pesquisa. Na obra de 1970 a escritora apresenta tendências de uso das *perífrases*, sendo que o *futuro sintético*, nessa obra, beira o ponto neutro. Na segunda, 27 anos mais tarde, as tendências se reduzem para três, das quatro formas dessa análise, *futuro sintético*, *presente do indicativo* e *perífrases*.

Gráfico 41 - Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Hilda Hilst, em pesos relativos.



Desde a primeira obra q tendência maior é a representação do tempo futuro a partir das *perífrases*, antes com .344 e depois com .389. Todas as formas, exceto o *haver + de + infinitivo* que deixou de ser utilizado na segunda obra da análise, mostraram aumento de tendência nessa autora.

Interessante que, em números absolutos e percentuais, todas as formas verbais aqui representadas, nessa autora, tiveram queda, o que não impediu de os pesos relativos se apresentarem em elevação na segunda obra analisada, excetuando o *haver + de + infinitivo*, sem nenhuma ocorrência.

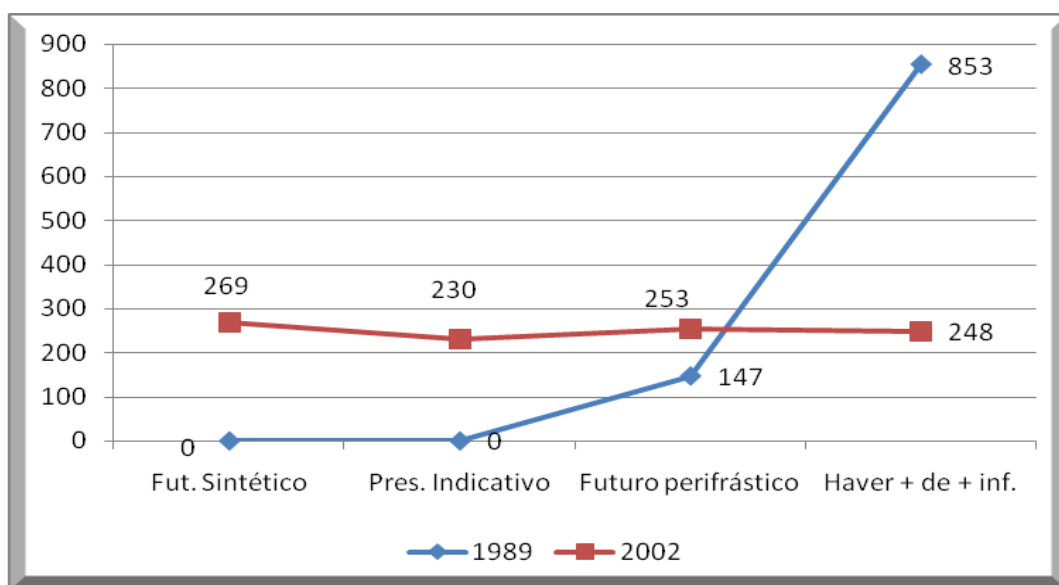
6.5.19. Ana Maria Machado

Escritora com mais de cem títulos publicados, Ana Maria Machado apresenta, na primeira obra, grande tendência de uso das *perífrases* e tendências negativas para o *presente do indicativo*. Além de não fazer uso do *haver + de + infinitivo* e do *futuro sintético*. São 28 ocorrências nessa obra, 27 de *perífrases* e uma de *presente do indicativo*, em uma frase interrogativa:

(342) Para onde vamos? (*Alice e Ulisses*, de Ana Maria Machado, 1960, pág. 19, entre iguais.)

Nessa frase a personagem pergunta sobre algo a acontecer na tarde daquele dia, ou seja, em um momento posterior. Na última obra analisada a tendência se dá no uso de *haver + de + infinitivo*, conforme se pode observar no gráfico abaixo:

Gráfico 42 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Ana Maria Machado, em pesos relativos.



Apesar de esta tendência ser muito sutil, pois os tempos verbais da análise, exceto o *futuro sintético*, apresentam pesos relativos próximos ao ponto neutro, o que sugere que não há forma majoritária para essa autora.

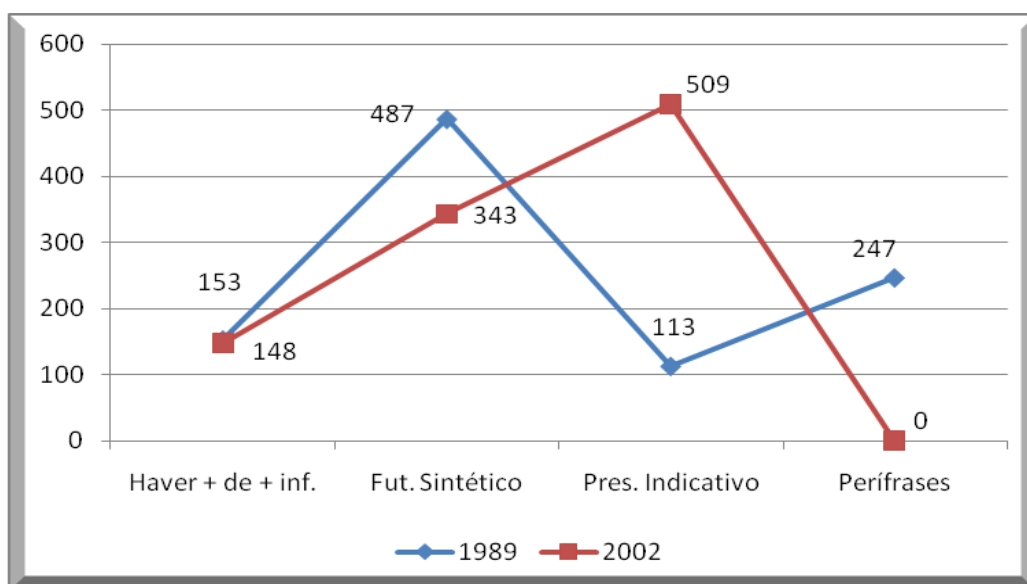
Possivelmente o que levou a esses pesos é o baixo número de ocorrências, apenas 21 na obra. Destas 5 são de *futuro sintético*, 3 de *presente do indicativo*, 11 de *perífrases* e 2 de *haver + de + infinitivo*. Em números absolutos as *perífrases* representam a forma mais utilizada na representação do tempo futuro.

6.5.20. Ana Miranda

Os dois romances dessa autora aqui analisados são inspirados na vida e na obra de dois outros escritores: *Boca do Inferno*, em Gregório de Matos e Dias e Dias, em Gonçalves Dias.

Na última obra analisada não há nenhuma ocorrência de *haver + de + infinitivo*, a representação do tempo futuro se dá a partir do *presente do indicativo*, com .509 e do *futuro sintético*, com .343 e das *perífrases*, apesar de essa última apresentar tendência negativa na análise.

Gráfico 43 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Ana Miranda, em pesos relativos



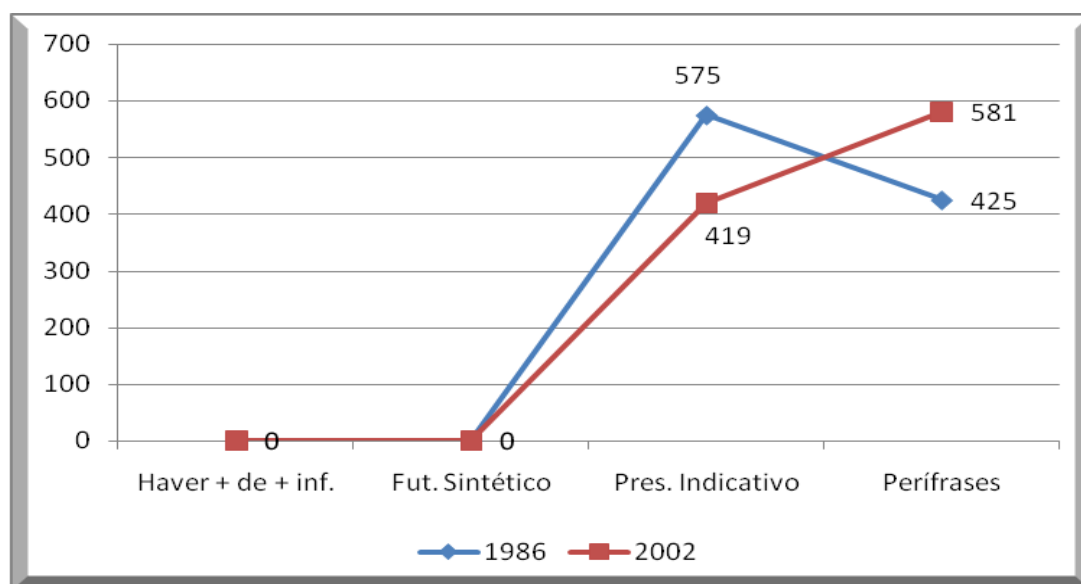
Esses números representam uma significativa mudança, pois na primeira obra analisada a tendência era apenas de o contexto de futuridade ser representado pelo *futuro sintético* (.487), sendo que as *perífrases* se mostram neutras nessa obra e as outras duas: *haver + de + infinitivo* e *presente do indicativo* apresentaram tendências negativas de uso.

O gráfico mostra claramente que a forma de representar o tempo verbal objeto dessa tese migrou, em um primeiro momento, do *futuro sintético* para o *presente do indicativo*, como o encontrado em alguns autores já citados, o que vem também corroborar a hipótese da trajetória da representação do tempo futuro também já comentada acima.

6.5.21. Márcia Kupstas

Escritora desde a adolescência, com mais de sessenta obras publicadas, Márcia Kupstas não fez uso do *haver + de + infinitivo* nem do *futuro sintético*. Na primeira obra analisada, do ano de 1986, a autora priorizava as marcações de futuridade a partir do *presente do indicativo* (.575) seguido das *perífrases*, com .425 de peso relativo, o que se inverte na última obra da análise, que apresenta as *perífrases* com .581 e o *presente do indicativo* com .419.

Gráfico 44 – Os caminhos das formas verbais de representação do tempo futuro em Márcia Kupstas, em pesos relativos.



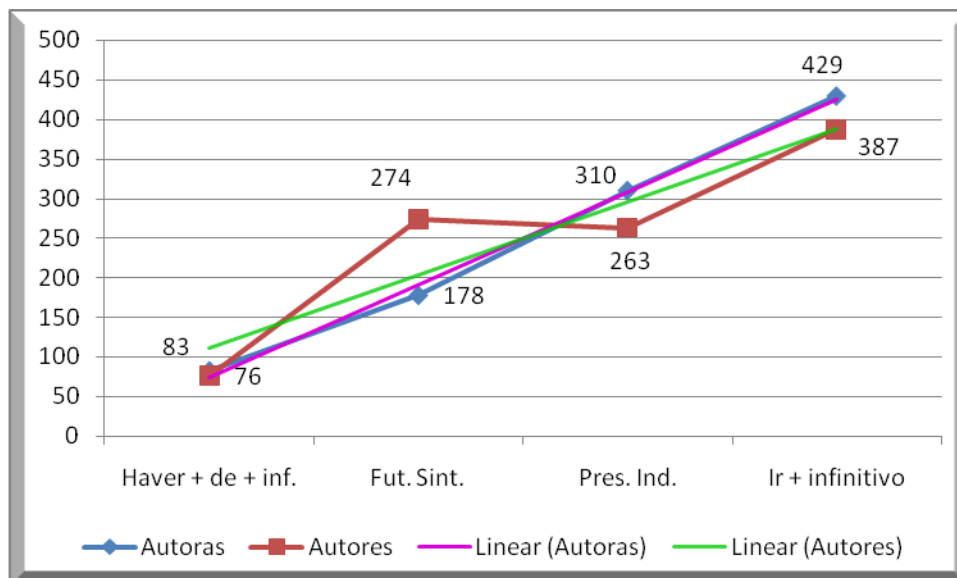
O que se vê é um uso maior de *perífrases*, na segunda obra, em detrimento do *presente do indicativo*, sua representação do tempo futuro de maior tendência na primeira. O que vem, novamente, confirmar a trajetória da representação do tempo futuro como: *futuro sintético* → *presente do indicativo* → *perífrases*.

6.5.22. Conclusões das análises nas variações dos indivíduos, a partir de 1930

O corpus 2 possibilitou fazer uma comparação entre autores e autoras de romances brasileiros, do Modernismo para cá. Tabulando os pesos relativos dos autores a partir do critério *sexo* o que se vê são dois traçados muito semelhantes, um quase sobreposto ao outro, diferenciando-se no uso do *futuro sintético*. Este traçado praticamente paralelo mostra que a variante *sexo do autor do texto*, tal como a variante *sexo do informante*, não

apresenta grande relevância, haja vista que as evoluções de uso das variáveis se dão praticamente da mesma forma nos dois grupos. Fato que revela não serem, esses grupos de fatores, tão determinantes para a mudança, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 45 - Evolução das formas verbais, em pesos relativos, nos escritores e escritoras da amostra (média dos pesos relativos).



O estudo de variação a partir do *sexo* revelou que as mulheres tendem levemente a fazer mais uso de contextos de futuridade do que os homens. Para três das quatro formas verbais (*haver + de + infinitivo*, *presente do indicativo* e *ir + infinitivo*) os pesos relativos foram mais altos com elas do que com eles. Ao traçar uma linha de tendência sobre os pesos relativos observa-se duas linhas levemente afastadas, que se aproximam a partir do uso do *futuro sintético* em direção ao *presente do indicativo* e voltam a se distanciar na direção de *ir + infinitivo*. Forma que se revela inovadora, a que mais tendência apresenta de continuar marcando a representação de tempo futuro nesse corpus. As linhas de tendência, inclusive, possibilitam visualizar que o *futuro sintético*, em ambos os casos, tem suas tendências diminuídas enquanto o *presente do indicativo* as apresenta em ascensão, em direção a variante com maiores tendências de representação do tempo futuro: *ir + infinitivo*. As linhas permitem ver que a mudança de aplicação da regra de representação do tempo futuro que era majoritariamente representada pelo *futuro sintético* passa pelo *presente do indicativo* e hoje se apresenta majoritariamente por *ir + infinitivo*.

Fechada a análise do corpus 2, faremos, na sequência, uma checagem entre os corpus e uma análise conclusiva desse estudo.

CAPÍTULO 7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vai passar

*João Bosco
(*1946)*

Vai passar nessa avenida um samba popular

Cada paralelepípedo da velha cidade

Essa noite vai se arrepiar

Ao lembrar que aqui passaram sambas imortais

Que aqui sangraram pelos nossos pés

Que aqui sambaram nossos ancestrais

Num tempo Página infeliz da nossa história

Passagem desbotada na memória

Das nossas novas gerações

Dormia a nossa pátria mãe tão distraída

Sem perceber que era subtraída em tenebrosas

transações

Seus filhos Erravam cegos pelo continente

Levavam pedras feito penitentes

Erguendo estranhas catedrais

E um dia, afinal tinham direito a uma alegria fugaz

Uma ofegante epidemia que se chamava carnaval

O carnaval, o carnaval (Vai passar)

(...)

Era objetivo desta análise verificar a frequência do emprego dos verbos modalizadores e aspectuais nas construções perifrásticas com contextos de futuridade; porém, o que o estudo mostrou, a partir dos *corpora* aqui definidos e explorados, foi uma baixa frequência de dados. Na Revista Pato Donald, só 202 ocorrências, em um universo de 4.082 dados e, nos romances brasileiros, apenas 95 dados em 2.530 ocorrências, o que perfaz, em ambos os *corpora* 5% do total, número pouco representativo e pouco oportunizador de análises sobre o comportamento dessas perífrases, neste estudo.

Nesta análise, foi possível visualizar uma grande concorrência entre as formas de representar o futuro, mas o que se tem, realmente, é um quadro quase definido de produtividade na marcação desse tempo verbal pela perífrase *ir + infinitivo*.

A partir dos objetivos traçados para esta análise concluiu-se que as quatro formas verbais aqui analisadas apresentam comportamentos bastante distintos entre si, conforme foi possível verificar nos capítulos 5 e 6: cada uma agindo em uma determinada situação, em um determinado contexto. Mas, na comparação entre os 6.616 dados encontrados, o que se pode perceber é uma similaridade de resultados, apesar da heterogeneidade da origem das ocorrências, já que os dois *córpus* têm origens, criações e públicos bastante distintos, bem como aceitabilidades diferenciadas da parte do público leitor.

Os dois *córpus* apresentaram poucos dados da variante *haver + de + infinitivo* e também do *presente do indicativo*; o que, em ambas as situações, obrigou que se continuasse a análise com apenas duas das quatro variantes da variável dependente com que se iniciou esse estudo. O que se percebe, então, é que, não obstante o *córpus*, há marcas de um processo de mudança em curso, em *córpus* constituídos de língua escrita, ou seja, a variação que, nesse caso, caminha para uma mudança, não depende do *córpus*, ela é **da língua**.

Pontes (1973), quando finaliza a análise da estrutura do verbo do português coloquial, decide nominar de *forma marginal* ao *futuro do presente* (aqui tratado sempre como *futuro sintético*), o que ela justifica porque, em seu *córpus* de análise, essa forma teve aparição rara. A partir daí a autora afirma que o *futuro sintético* é uma das *formas da língua literária que ocorrem esporadicamente na língua coloquial*. O que esta tese mostra é que o *futuro sintético* é, realmente, apenas isso: **uma** das formas de representação do tempo futuro na língua literária, mas não aquela com maior tendência de uso.

O que se percebe, então, é o *futuro sintético* sendo destronado da posição de representar o tempo ainda não acontecido — de representar o inexistente, o desejado, o possível — posição essa que está sendo tomada pelas formas *presente do indicativo* e *ir + infinitivo*, o que varia dependendo do *córpus* de análise.

Quanto às *perífrases* os *corpora* mostraram que *ir + infinitivo* está em processo final de gramaticalização, se levarmos em conta somente os textos escritos, uma vez que a construção *vou i(r)*, ocorre de maneira profusa na fala, notadamente na fala de crianças e adolescentes, e já é frequente na de adultos, conforme se constata no dia a dia (no oral, a gramaticalização já se consolidou completamente, regularizando o paradigma).

Se a forma ainda encontra resistência nos textos escritos, mesmo nos considerados ‘infantis’ como é o caso das histórias em quadrinhos aqui analisadas, é porque essa linguagem, que se quer representante da língua oral, não o é realmente, obedecendo aos cânones da gramática tradicional, que ainda não concebe a realização do futuro por *perífrases*.

Pode-se, portanto, afirmar que aqui há uma mudança em curso, pois a partir dos pressupostos da teoria da Mudança Linguística, vistos no capítulo 2, temos a representação do tempo futuro sendo representada por quatro variantes, que apresenta características de uma diferenciação ordenada, está ocorrendo e sendo transmitida de modo geral na ‘comunidade de fala’ e sua explicação, como vimos, está intimamente ligada a fatores linguísticos e extralinguísticos.

Nos dois *córpus* o *futuro sintético* se mostrou como uma variante condicionada, principalmente, pelo mesmo elemento: textos antigos, ou seja, quanto mais antigo o texto maior a chance de a representação do tempo futuro se fazer pelo *futuro sintético*. O oposto é verdadeiro para *ir + infinitivo*: quanto mais recente o texto, maior a chance de o tempo futuro ser representado só por essa variante.

O *futuro sintético* também está relacionado às situações de promessas e a uma projeção do fato mais distanciado temporalmente. Vale destacar ainda que os verbos monossilábicos são os que favorecem grandemente a representação do tempo futuro a partir dessa variante, bem como a primeira pessoa do plural canônica: *nós*. Algo que também se pode notar é que nas interações que registram o *futuro sintético* há, via de regra, um adulto envolvido, o que evidencia ser a idade um fator relevante.

Por sua vez *ir + infinitivo*, como já apontado, tende a ocorrer em textos mais recentes, onde a situação de futuridade se dê em projeção mais próxima, com verbos, di-, tri- e polissilábicos. Os pronomes que favorecem sua ocorrência são *você* e *vocês*, nas interações entre iguais, em ambos os corpora.

Ao observar as ocorrências de representação do tempo futuro nos autores, principalmente os do sexo masculino e do século XIX, vemos que as Gramáticas Tradicionais não mentem quando citam exemplos retirados dessas obras para elucidar situações de uso do *futuro sintético* para representar o tempo futuro. O fato que elas omitem é o de que esses autores usam igualmente *ir + infinitivo* para representar esse mesmo tempo. Os gramáticos simplesmente ignoram (em todos os sentidos) a existência dessa variante, mesmo constando nos seus textos e nas obras de autores usualmente utilizados nos exemplos das teorias por eles expostas.

O corpus 2 mostra que ainda antes do Modernismo, Lima Barreto já utilizava mais *ir + infinitivo* do que o *futuro sintético*. Depois, em Oswald de Andrade, essa variante foi ganhando espaço. O que a análise dos resultados dos autores mostra é que a trajetória da representação do tempo futuro não se dá diretamente do *futuro sintético* para *ir + infinitivo*. Ela passa pelo *presente do indicativo*, que esteve e está funcionando como uma ponte no processo de mudança entre as variantes de representação do tempo futuro. Se antes a forma majoritária era o *futuro sintético* e hoje é *ir + infinitivo* ela já foi mediada pelo *presente do indicativo*.

Por outro lado, o estudo da mudança no indivíduo proporcionou observar que a tendência diacrônica natural dessas quatro formas é a mesma nos dois corpora: *haver + de + infinitivo* como um resquício de uso, concorrendo com o *futuro sintético* e quase se extinguindo por conta da ascensão desse que, por sua vez, vai dividindo o campo com o *presente do indicativo* que, por sua vez, abre caminho para a perífrase *ir + infinitivo*, que o supera em muitos contextos. Tal trajetória é visível tanto nas obras dos autores como nas autoras e, nessas, tendendo mais ao uso da perífrase do que da forma canônica, o que as coloca na posição de inovadoras, deixando o perfil mais conservador, nesse caso, para os homens.

Fechando a análise desta tese, mas não as possibilidades nem desses dados, nem da variável dependente aqui analisada, é imprescindível observar que, independente da obra, a mudança na representação do tempo futuro está encaixada na estrutura linguística, mas que

apresenta, ainda, um contexto de resistência, validado pelo processo que Weinreich, Labov e Herzog (2006) chamam de *avaliação*, ou seja, a sociedade detecta variações que são avaliadas como negativas e passam a ser estigmatizadas. No caso da variável em questão, em se tratando de **língua escrita**, o estigma está na forma *vou ir*, sem nenhuma ocorrência entre os 6.616 dados analisados nos dois corpos desse estudo. É interessante salientar que não houve nenhum caso de *vou ir* mesmo nas histórias em quadrinhos, que parte da sociedade ainda tende a classificar como leitura não recomendável.

ANEXOS

Esperando Você Voltar

Banda Efeito Reverso

Composição: Rafael Gonçalves

*A saudade que está dentro de mim é o que me faz te esperar
Quantas vezes eu já pensei onde você pode estar
Olho para o lado tentando te encontrar
Mas logo eu percebo que você lá não está
Penso e calculo alguma ocasião
Pra tentar lembrar de te encontrar mais uma vez
Nada adianta não consigo te encontrar
As minhas lembranças não consigo disfarçar
Tô esperando você voltar
Tô esperando você voltar*

*O tempo passou, você mudou, não percebeu o meu valor
Eu já me cansei de te esperar, **vou ir** atrás de um novo amor
O tempo passou, você mudou, não percebeu o meu valor
Eu já me cansei de te esperar, **vou ir** atrás de um novo amor
Vou ir atrás de um novo amor, **vou ir** atrás de um novo amor
Vou ir atrás de um novo amor*

ANEXO 01²⁶

Lista de todas as revistas PATO DONALD consultadas para a composição do corpus 1.

1950			
Número da revista	Data de publicação	Número da revista	Data de publicação
01	Julho	04	Outubro
02	Agosto	05	Novembro
03	Setembro	06	Dezembro

1951			
Número da revista	Data de publicação	Número da revista	Data de publicação
07	janeiro	13	julho
08	fevereiro	14	agosto
09	março	15	setembro
10	abril	16	outubro
11	maio	17	novembro
12	junho	18	dezembro

1952			
Número da revista	Data de publicação	Número da revista	Data de publicação
19	janeiro	21	março
20	fevereiro	-x-	-x-

1963			
Número da revista	Data de publicação	Número da revista	Data de publicação
582	11/01	610	16/07
584	15/01	612	30/07
588	12/02	616	27/08
590	24/02	618	10/09
592	12/03	620	24/09
596	09/04	622	08/10
598	23/04	626	05/11
600	07/05	628	19/11
602	21/05	630	03/12
603	28/05	634	31/13

²⁶ Conforme Silva, 2005.

1973			
Número da revista	Data de publicação	Número da revista	Data de publicação
1104	05/01	1132	20/07
1106	19/01	1134	03/08
1110	16/02	1136	17/08
1112	02/03	1138	31/08
1114	16/03	1140	14/09
1120	27/04	1142	28/09
1158	13/04	1144	12/10
1124	25/05	1146	26/10
1126	08/06	1148	09/11
1128	22/06	1152	07/12
1130	06/07	-x-	-x-

1983			
Número da revista	Data de publicação	Número da revista	Data de publicação
1632	11/02	1656	29/07
1634	25/02	1658	12/08
1638	25/03	1660	26/08
1640	08/04	1664	23/09
1642	22/04	1668	21/10
1644	06/05	1670	04/11
1646	20/05	1674	02/12
1648	03/06	1676	16/12
1650	17/06	1678	30/12
1654	17/07	1688	março de 1984

1993			
Número da revista	Data de publicação	Número da revista	Data de publicação
2000	janeiro	2012	junho
2001	janeiro	2014	julho
2002	fevereiro	2015	julho
2003	fevereiro	2016	agosto
2004	março	2017	outubro
2005	março	2019	novembro
2006	abril	2020	novembro
2008	maio	2021	novembro
2009	maio	2022	dezembro
2010	maio	2023	dezembro
2011	junho	-x-	-x-

2003			
Número da revista	Data de publicação	Número da revista	Data de publicação
2258	janeiro	2266	maio
2259	janeiro	2267	maio
2260	fevereiro	2268	junho
2261	março	2269	junho
2265	maio	2276	outubro

2004			
Número da revista	Data de publicação	Número da revista	Data de publicação
2286	fevereiro	2298	agosto
2287	março	2299	agosto
2289	abril	2300	setembro
2292	maio	2301	setembro
2296	junho	2302	outubro

ANEXO 02

Lista dos símbolos e respectivas descrições utilizadas na codificação das ocorrências:

1. variável dependente:

símbolo	descrição
s	futuro sintético
d	presente do indicativo
p	perífrases
h	haver + de + infinitivo

2. Tipos de perífrases

símbolo	descrição
R	Perífrases ir (futuro sintético) + infinitivo
I	Perífrases ir + infinitivo
F	Perífrases [ir + infinitivo] + infinitivo
S	Perífrases futuro sintético (exceto ir) + infinitivo
D	presente do indicativo (exceto ir) + infinitivo

3. Contexto desencadeador

símbolo	descrição
M	Advérbio de modo
L	Advérbio de lugar
D	Advérbio de dúvida
I	Advérbio de intensidade
N	Advérbio de negação
T	Advérbio de tempo
A	Advérbio de afirmação
?	Advérbio interrogativos

4. Pessoas gramaticais:

símbolo	descrição
E	eu
T	tu
N	nós
V	p você
G	a gente
V	vocês
/	sujeito pronominal não recuperável

5. Preenchimento / não preenchimento da pessoa pronominal

símbolo	descrição
1	preenchimento do pronome
0	ausência do pronome

6. Tempo, modo e aspecto:

símbolo	descrição
1	começar a
2	passar a pretérito
3	continuar a
4	vir a
5	parar de
6	deixar de
7	ficar a
8	acabar de
9	permanecer
p	poder
r	precisar de
d	dever
q	querer
t	ter de / ter que
a	dar de
n	tentar
g	gostar de
c	procurar

7. Projeção do fato futuro

símbolo	descrição
P	próximo
D	distante

8. tipo de frases:

símbolo	descrição
E	exclamativa com função declarativa afirmativa
N	exclamativa com função declarativa negativa
I	interrogativa

9. Extensão fonológica do verbo

símbolo	descrição
1	uma sílaba
2	duas sílabas
3	três sílabas
4	mais de três sílabas

10. Ambiente de ocorrência doméstico

símbolo	descrição
V	com familiar mais velho
N	com familiar mais novo
=	com iguais
E	com estranhos
S	sozinho ou pensando
N	narrador

11. Ambiente de ocorrência profissional

símbolo	descrição
V	com superior
N	com subordinado

=	com iguais
E	com estranhos
S	sozinho ou pensando
N	narrador

12. Sexo:

símbolo	Descrição
F	feminino
M	masculino

13. Faixa etária:

símbolo	descrição
C	criança
A	adulto

14. Ano de publicação:

a) no córpus 1:

símbolo	descrição
1	1950/52
2	1963
3	1973
4	1983
5	1993
0	2003

b) no córpus 2:

símbolo	descrição
a	<i>As aventuras de Diófonos – imitando a Sapiientíssimo Fenelon na sua Viagem de Telêmaco</i>
B	<i>O Filho do Pescador</i>
C	<i>A Moreninha</i>
D	<i>A Baronesa do Amor</i>

E	<i>O Guarani</i>
F	<i>Senhora</i>
G	<i>Ressurreição</i>
H	<i>Memorial de Aires</i>
I	<i>O Cacaulista</i>
J	<i>O Missionário</i>
K	<i>Uma Lágrima de Mulher</i>
L	<i>O Livro de uma Sogra</i>
M	<i>A Normalista</i>
N	<i>Tentação</i>
O	<i>Recordações do Escrivão Isaías Caminha</i>
P	<i>Clara dos Anjos</i>
Q	<i>Memórias Sentimentais de João Miramar</i>
R	<i>A Revolução Melancólica</i>
S	<i>O Feijão e o Sonho</i>
T	<i>O Edifício Fantasma</i>
U	<i>Clarissa</i>
V	<i>Incidente em Antares</i>
W	<i>O Quinze</i>
Y	<i>Memorial de Maria Moura</i>
X	<i>O Encontro Marcado</i>
Z	<i>Os Movimentos Simulados</i>
1	<i>Ciranda de Pedra</i>
2	<i>As Horas Nuas</i>
3	<i>O Ventre</i>
4	<i>A Tarde da sua Ausência</i>
5	<i>Fluxo-floema</i>

6	<i>Estar sendo Ter sido</i>
7	<i>O Exército de um homem só</i>
8	<i>O sertão vai virar mar</i>
9	<i>Alice e Ulisses</i>
0	<i>Palavra de honra</i>
T	<i>Terra Vermelha</i>
P	<i>Meninos no Poder</i>
B	<i>Boca do Inferno</i>
D	<i>Dias e Dias</i>
V	<i>A vingança da cobra</i>
E	<i>O espelho dos nomes</i>
C	<i>Crescer é perigoso</i>
G	<i>Gurka, retrato de um jovem assassino</i>
M	<i>Música anterior</i>
A	<i>Carta para alguém bem perto</i>

ANEXO 03

Codificação dos dados

As ocorrências de todos os dados desse trabalho receberam um total de 14 códigos, conforme os grupos já explicitados, abaixo um exemplo de cada uma das variantes em competição na representação do tempo verbal futuro, nos dois *corpora*:

(53). (pime0/p?3=/ma5

- Como *vou acreditar* que não sirvo para nada após ter realizado façanhas tão maravilhosas? (Pato Donald, 1950)

Onde:

p – forma verbal – perífrase

i – tipo de perífrase - *ir* + *infinitivo*;

m – contexto desencadeador – advérbio de modo;

e – pessoa verbal – pronome *eu*;

0 – preenchimento / não preenchimento do sujeito pronominal – não preenchido;

/ - tempo, modo e aspecto – não se aplica;

p – projeção do fato futuro – próximo;

? – tipos de frases – frase interrogativa;

3 – extensão fonológica do verbo - três sílabas;

= - ambiente de ocorrência familiar – entre iguais;

/ - ambiente de ocorrência não familiar – não se aplica;

m – sexo – masculino;

a – faixa etária – adulto;

5 – ano de publicação – 1950.

(54). (s//n0/pa2=/mc0

- Faremos um trabalho fantástico sem estudar a noite toda!

Onde:

s – forma verbal – futuro sintético;

/ – tipo de perífrase – não se aplica;

/ – contexto desencadeador – não se aplica;

n – pessoa verbal – pronome *nós*;

0 – preenchimento / não preenchimento do sujeito pronominal – não preenchido;

/ - tempo, modo e aspecto – não se aplica;

p – projeção do fato futuro – próximo;

a – tipos de frases – frase afirmativa;

2 – extensão fonológica do verbo - duas sílabas;

= - ambiente de ocorrência familiar – entre iguais;
 / - ambiente de ocorrência não familiar – não se aplica;
 m – sexo – masculino;
 c – faixa etária – criança;
 0 – ano de publicação – 2003/04.

(55). (h//e1/da1s/maa

- Zombem embora, que eu de todos me hei de rir quando morrer.

Onde:

h – forma verbal – *hei de + infinitivo*;

/ - tipo de perífrase – não se aplica;

/ - contexto desencadeador – não se aplica;

e - pessoa verbal - *eu*

1 – preenchimento / não preenchimento da pessoa verbal – preenchido;

/ - tempo, modo e aspecto – não se aplica;

d – projeção do fato futuro – distante;

a – tipos de frases – frase afirmativa;

1 – extensão fonológica do verbo – uma sílaba;

s – ambiente de ocorrência familiar – sozinho;

/ - ambiente de ocorrência não familiar - não se aplica;

m – sexo – masculino;

a – faixa etária – adulto;

a – ano de publicação e obra – As aventuras de Diófonos – imitando a Sapientíssimo Fenelon na sua Viagem de Telêmaco – 1752.

(56). (d/te0tda3=/faA

- Uma semana depois tenho que encontrar com Rodolfo e Daniela em Paris.

Onde:

d – forma verbal – *presente do indicativo*;

/ - tipo de perífrase – não se aplica;

t - contexto desencadeador – tempo - não se aplica;

e - pessoa verbal - *eu*

0 – preenchimento / não preenchimento da pessoa verbal – não preenchido;

t - tempo, modo e aspecto – ter de / ter que;

d – projeção do fato futuro – distante;

a – tipos de frases – frase afirmativa;

3 – extensão fonológica do verbo – três sílabas;

= – ambiente de ocorrência familiar – igual;

/ - ambiente de ocorrência não familiar - não se aplica;

m – sexo – masculino;

a – faixa etária – adulto;

A– ano de publicação e obra – Carta para alguém bem perto – 1998.

ANEXO 04

Tabela da rodada inicial com as ocorrências dos romances brasileiros, *cópus* 2.²⁷

Obra		Fut. sint.	Pres. Ind.	Perí- frases	<i>haver + de + inf.</i>	TOTAL	
a	N	37	0	3	2	42	NOCAUTE
	%	88	0	7	5		
b	N	112	0	16	5	133	NOCAUTE
	%	84	0	12	4		
c	N	98	2	32	15	147	
	%	67	1	22	10		
d	N	14	0	0	2	16	NOCAUTE
	%	88	0	0	13		
e	N	58	1	6	2	67	
	%	87	1	9	3		
f	N	46	1	15	11	73	
	%	63	1	21	15		
g	N	48	8	3	7	66	
	%	73	12	5	11		
h	N	81	17	12	8	118	
	%	69	14	10	7		
i	N	9	12	8	26	55	
	%	16	22	15	47		
j	N	9	3	3	5	20	
	%	45	15	15	25		
k	N	18	5	9	1	33	
	%	55	15	27	3		
l	N	77	2	13	5	97	
	%	79	2	13	5		
m	N	6	7	1	13	27	
	%	22	26	4	48		
n	N	3	2	9	5	19	
	%	16	11	47	26		
o	N	17	4	15	10	46	
	%	37	9	33	22		
p	N	9	5	14	1	29	
	%	31	17	48	3		
q	N	9	3	8	1	21	

²⁷ Para efetuar a leitura dos dados é necessário fazer uso das decodificações apresentadas no Anexo 2.

	%	43	14	38	5	
r	N	9	5	12	8	34
	%	26	15	35	24	
s	N	6	11	20	1	38
	%	16	29	53	3	
t	N	1	1	12	1	15
	%	7	7	80	7	
u	N	21	7	18	6	52
	%	40	13	35	12	
v	N	6	5	47	3	61
	%	10	8	77	5	
w	N	3	9	15	5	32
	%	9	28	47	16	
y	N	6	14	66	1	87
	%	7	16	76	1	
x	N	18	25	42	2	87
	%	21	29	48	2	
z	N	2	8	15	2	27
	%	7	30	56	7	
1	N	35	8	76	4	123
	%	28	7	62	3	
2	N	4	2	24	1	31
	%	13	6	77	3	
3	N	20	1	11	0	32
	%	63	3	34	0	NOCAUTE
4	N	8	6	11	0	25
	%	32	24	44	0	NOCAUTE
5	N	15	8	40	1	64
	%	23	13	63	2	
6	N	5	6	24	0	35
	%	14	17	69	0	NOCAUTE
7	N	124	2	27	3	156
	%	79	1	17	2	
8	N	1	6	18	1	26
	%	4	23	69	4	
9	N	0	1	27	0	28
	%	0	4	96	0	NOCAUTE
0	N	5	3	11	2	21
	%	24	14	52	10	
T	N	5	5	36	0	46
	%	11	11	78	0	NOCAUTE
P	N	9	5	86	0	100

	%	9	5	86	0	NOCAUTE
B	N	52	4	35	2	93
	%	56	4	38	2	
D	N	2	1	1	0	4
	%	50	25	25	0	NOCAUTE
V	N	16	8	71	0	95
	%	17	8	75	0	NOCAUTE
E	N	4	1	28	0	33
	%	12	3	85	0	NOCAUTE
C	N	0	19	49	0	68
	%	0	28	72	0	NOCAUTE
G	N	0	7	30	0	37
	%	0	19	81	0	NOCAUTE
M	N	15	0	18	0	33
	%	45	0	55	0	NOCAUTE
A	N	2	5	31	0	38
	%	5	13	82	0	NOCAUTE
TOTAL	N	1045	255	1068	162	2530
	%	41	10	42	6	

ANEXO 05

CROSSTABULATIONS DAS REVISTAS PATO DONALD

TABELA 01 - Crosstabulation dos grupos de fatores *pessoa verbal, extensão fonológica do verbo principal e forma verbal*.

		e		n		v		V		T	
1	s	158	39%	88	62%	47	57%	17	53%	310	47%
	d	36	9%	3	2%	4	5%	2	6%	45	7%
	p	207	52%	50	35%	31	38%	13	41%	301	46%
	T	401		141		82		32		656	
3	s	188	34%	70	46%	31	41%	8	32%	297	36%
	d	9	2%	1	1%	0	0%	0	0%	10	1%
	p	363	65%	82	54%	45	59%	17	68%	507	62%
	T	560		153		76		25		814	
4	s	39	43%	8	35%	1	17%	0	0%	48	38%
	d	0	0%	1	4%	0	0%	0	0%	1	1%
	p	51	57%	14	61%	5	83%	7	100%	77	61%
	T	90		23		6		7		126	
2	s	521	36%	207	48%	64	37%	14	24%	806	38%
	d	19	1%	6	1%	1	1%	0	0%	26	1%
	p	913	63%	216	50%	109	63%	44	76%	1282	61%
	T	1453		429		174		58		2114	
T	s	906	36%	373	50%	143	42%	39	32%	1461	39%
	d	64	3%	11	1%	5	1%	2	2%	82	2%
	p	1534	61%	362	49%	190	56%	81	66%	2167	58%
	T	2504		746		338		122		3710	

TABELA 02 – Crosstabulation dos grupos de fatores *formas verbais, projeção do fato futuro e tipos de perífrases*.

	s		p		d		T	
i p	0	0%	1725	82%	1	100%	1726	82%
d	0	0%	385	18%	0	0%	385	18%
T	0		2110		1		2111	
r p	0	0%	2	67%	0	0%	2	67%
d	0	0%	1	33%	0	0%	1	33%
T	0		3		0		3	
d p	0	0%	18	86%	0	0%	18	86%
d	0	0%	3	14%	0	0%	3	14%
T	0		21		0		21	
s p	0	0%	124	76%	0	0%	124	76%
d	0	0%	40	24%	0	0%	40	24%
T	0		164		0		164	
f p	0	0%	26	70%	0	0%	26	70%
d	0	0%	11	30%	0	0%	11	30%
T	0		37		0		37	
T p	0	0%	1895	81%	1	100%	1896	81%
d	0	0%	440	19%	0	0%	440	19%
T	0		2335		1		2336	

TABELA 03 - Crosstabulation dos grupos de fatores *tipos de perífrases, projeção do fato futuro e tempo, aspecto e modo*.

	t		d		p		T	
i p	10	71%	1	100%	5	100%	16	80%
d	4	29%	0	0%	0	0%	4	20%
T	14		1		5		20	
r p	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
d	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
T	0		0		0		0	
d p	2	100%	1	50%	6	75%	9	75%
d	0	0%	1	50%	2	25%	3	25%
T	2		2		8		12	
s p	21	91%	3	75%	85	77%	109	79%
d	2	9%	1	25%	26	23%	29	21%
T	23		4		111		138	
f p	11	79%	0	0%	9	90%	20	83%
d	3	21%	0	0%	1	10%	4	17%
T	14		0		10		24	
T p	44	83%	5	71%	105	78%	154	79%
d	9	17%	2	29%	29	22%	40	21%
T	53		7		134		194	

TABELA 04 - Crosstabulation dos grupos de fatores *projeção do fato futuro, ano de publicação e formas verbais.*

		d		p		T	
5	s	173	72%	651	61%	824	63%
	d	3	1%	12	1%	15	1%
	p	64	27%	411	38%	475	36%
	T	240		1074		1314	
6	s	67	73%	284	57%	351	59%
	d	0	0%	7	1%	7	1%
	p	25	27%	210	42%	235	40%
	T	92		501		593	
8	s	1	3%	25	6%	26	6%
	d	1	3%	19	5%	20	4%
	p	34	94%	366	89%	400	90%
	T	36		410		446	
7	s	58	52%	227	38%	285	40%
	d	1	1%	10	2%	11	2%
	p	52	47%	356	60%	408	58%
	T	111		593		704	
9	s	46	25%	54	15%	100	18%
	d	8	4%	15	4%	23	4%
	p	127	70%	297	81%	424	78%
	T	181		366		547	
0	s	36	21%	30	10%	66	14%
	d	0	0%	16	5%	16	3%
	p	139	79%	257	85%	396	83%
	T	175		303		478	
T	s	381	46%	1271	39%	1652	40%
	d	13	2%	79	2%	92	2%
	p	441	53%	1897	58%	2338	57%
	T	835		3247		4082	

TABELA 05 - Crosstabulation dos grupos de fatores *locus* da ocorrência, *projeção do fato futuro e formas verbais*.

	n		t		l		T	
d s	42	46%	20	53%	5	36%	67	47%
d	3	3%	3	8%	1	7%	7	5%
p	46	51%	15	39%	8	57%	69	48%
T	91		38		14		143	
p s	117	48%	146	46%	33	54%	296	48%
d	5	2%	34	11%	1	2%	40	6%
p	123	50%	135	43%	27	44%	285	46%
T	245		315		61		621	
T s	159	47%	166	47%	38	51%	363	48%
d	8	2%	37	10%	2	3%	47	6%
p	169	50%	150	42%	35	47%	354	46%
T	336		353		75		764	

TABELA 06 - Crosstabulation dos grupos de fatores *forma verbal, sexo e faixa etária*

	m		f		T	
c s	262	47%	6	55%	268	48%
d	10	2%	0	0%	10	2%
p	280	51%	5	45%	285	51%
T	552		11		563	
a s	1216	40%	126	35%	1342	39%
d	67	2%	15	4%	82	2%
p	1783	58%	218	61%	2001	58%
T	3066		359		3425	
T s	1478	41%	132	36%	1610	40%
d	77	2%	15	4%	92	2%
p	2063	57%	223	60%	2286	57%
T	3618		370		3988	

ANEXO 06

CROSSTABULATIONS DOS ROMANCES BRASILEIROS

TABELA 08 - Crosstabulation dos grupos de fatores *forma verbal, pessoa verbal e preenchimento / não preenchimento*.

	e		t		n		V		v		T
0 s 38%	191	32%	61	66%	68	42%	3	43%	19	36%	342
d 11%	71	12%	6	7%	17	11%	0	0%	8	15%	102
p 47%	310	52%	18	20%	72	45%	4	57%	23	43%	427
h 4%	27	5%	7	8%	4	2%	0	0%	3	6%	41
T	599		92		161		7		53		912
1 s 27%	64	30%	22	63%	7	30%	2	8%	14	12%	109
d 20%	46	22%	6	17%	7	30%	1	4%	20	18%	80
p 49%	88	42%	7	20%	9	39%	19	79%	75	66%	198
h 5%	13	6%	0	0%	0	0%	2	8%	4	4%	19
T	211		35		23		24		113		406
T s 34%	255	31%	83	65%	75	41%	5	16%	33	20%	451
d 14%	117	14%	12	9%	24	13%	1	3%	28	17%	182
p 47%	398	49%	25	20%	81	44%	23	74%	98	59%	625
h 5%	40	5%	7	6%	4	2%	2	6%	7	4%	60
T	810		127		184		31		166		1318

TABELA 09 - Crosstabulation dos grupos de fatores *projeção do fato futuro, tipos de perífrases e anos das publicações* 1ª parte.

	s		d		i		T	
a p	1	33%	0	0%	0	0%	1	33%
d	2	67%	0	0%	0	0%	2	67%
T	3		0		0		3	
b p	2	17%	3	75%	0	0%	5	31%
d	10	83%	1	25%	0	0%	11	69%
T	12		4		0		16	
c p	5	56%	2	100%	14	67%	21	66%
d	4	44%	0	0%	7	33%	11	34%
T	9		2		21		32	
d p	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
d	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
T	0		0		0		0	
e p	0	0%	1	100%	3	75%	4	67%
d	1	100%	0	0%	1	25%	2	33%
T	1		1		4		6	
f p	3	50%	0	0%	7	78%	10	67%
d	3	50%	0	0%	2	22%	5	33%
T	6		0		9		15	
g p	0	0%	0	0%	1	33%	1	33%
d	0	0%	0	0%	2	67%	2	67%
T	0		0		3		3	
h p	0	0%	1	50%	6	67%	7	58%
d	1	100%	1	50%	3	33%	5	42%
T	1		2		9		12	
i p	0	0%	0	0%	7	88%	7	88%
d	0	0%	0	0%	1	13%	1	13%
T	0		0		8		8	
j p	0	0%	0	0%	3	100%	3	100%
d	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
T	0		0		3		3	
k p	0	0%	0	0%	1	13%	1	11%
d	1	100%	0	0%	7	88%	8	89%
T	1		0		8		9	
l p	0	0%	0	0%	4	44%	4	31%
d	3	100%	1	100%	5	56%	9	69%
T	3		1		9		13	
m p	0	0%	0	0%	1	100%	1	100%
d	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
T	0		0		1		1	

n	p	0	0%	0	0%	5	56%	5	56%
	d	0	0%	0	0%	4	44%	4	44%
	T	0		0		9		9	
o	p	0	0%	2	67%	8	73%	10	67%
	d	1	100%	1	33%	3	27%	5	33%
	T	1		3		11		15	
p	p	0	0%	0	0%	7	54%	7	50%
	d	0	0%	1	100%	6	46%	7	50%
	T	0		1		13		14	
q	p	0	0%	1	100%	3	43%	4	50%
	d	0	0%	0	0%	4	57%	4	50%
	T	0		1		7		8	
r	p	0	0%	0	0%	7	58%	7	58%
	d	0	0%	0	0%	5	42%	5	42%
	T	0		0		12		12	
s	p	0	0%	0	0%	13	65%	13	65%
	d	0	0%	0	0%	7	35%	7	35%
	T	0		0		20		20	
t	p	0	0%	0	0%	12	100%	12	100%
	d	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	T	0		0		12		12	
u	p	0	0%	0	0%	6	38%	6	33%
	d	2	100%	0	0%	10	63%	12	67%
	T	2		0		16		18	
v	p	0	0%	0	0%	16	37%	16	34%
	d	2	100%	2	100%	27	63%	31	66%
	T	2		2		43		47	
w	p	0	0%	0	0%	5	33%	5	33%
	d	0	0%	0	0%	10	67%	10	67%
	T	0		0		15		15	
y	p	0	0%	4	67%	28	47%	32	48%
	d	0	0%	2	33%	32	53%	34	52%
	T	0		6		60		66	
x	p	0	0%	0	0%	27	68%	27	64%
	d	0	0%	2	100%	13	33%	15	36%
	T	0		2		40		42	
z	p	0	0%	1	100%	11	79%	12	80%
	d	0	0%	0	0%	3	21%	3	20%
	T	0		1		14		15	
T	p	11	27%	15	58%	195	56%	221	53%
	d	30	73%	11	42%	152	44%	193	47%
	T	41		26		347		414	

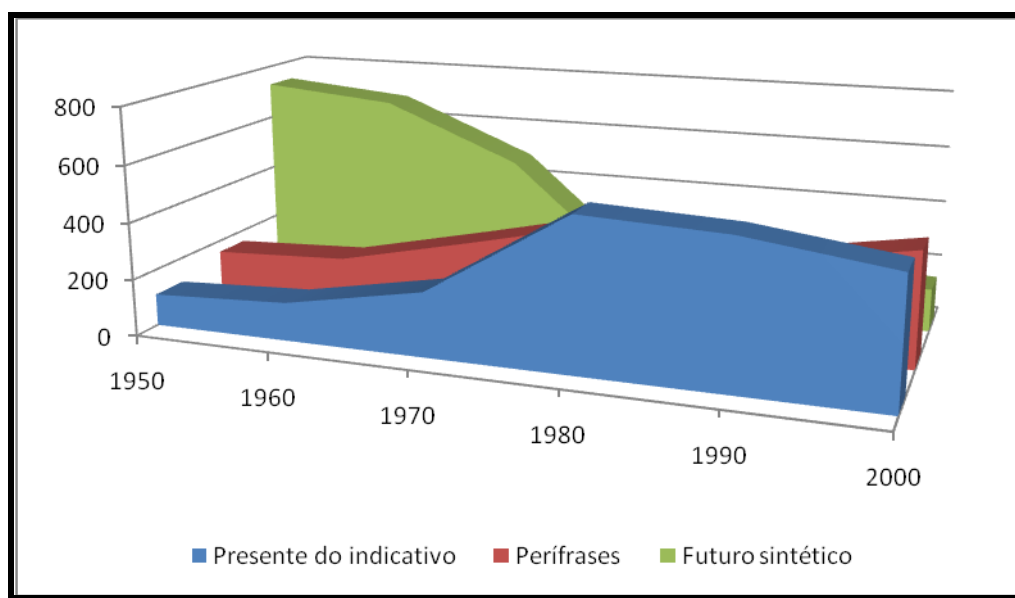
TABELA 10 - Crosstabulation dos grupos de fatores *projeção do fato futuro, tipos de perífrases e anos das publicações* 2ª parte.

	s		d		i		T	
1 p	0	0%	1	50%	29	40%	30	39%
d	1	100%	1	50%	44	60%	46	61%
T	1		2		73		76	
2 p	1	100%	1	100%	17	77%	19	79%
d	0	0%	0	0%	5	23%	5	21%
T	1		1		22		24	
3 p	0	0%	1	100%	4	57%	5	45%
d	3	100%	0	0%	3	43%	6	55%
T	3		1		7		11	
4 p	0	0%	0	0%	8	73%	8	73%
d	0	0%	0	0%	3	27%	3	27%
T	0		0		11		11	
5 p	0	0%	1	50%	29	76%	30	75%
d	0	0%	1	50%	9	24%	10	25%
T	0		2		38		40	
6 p	0	0%	1	50%	19	86%	20	83%
d	0	0%	1	50%	3	14%	4	17%
T	0		2		22		24	
7 p	0	0%	0	0%	12	52%	12	46%
d	2	100%	1	100%	11	48%	14	54%
T	2		1		23		26	
8 p	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
d	0	0%	4	100%	14	100%	18	100%
T	0		4		14		18	
9 p	0	0%	1	100%	14	54%	15	56%
d	0	0%	0	0%	12	46%	12	44%
T	0		1		26		27	
0 p	0	0%	0	0%	2	20%	2	18%
d	1	100%	0	0%	8	80%	9	82%
T	1		0		10		11	
T p	0	0%	1	100%	10	29%	11	31%
d	0	0%	0	0%	25	71%	25	69%
T	0		1		35		36	
P p	0	0%	0	0%	15	18%	15	17%
d	3	100%	0	0%	68	82%	71	83%
T	3		0		83		86	
B p	0	0%	1	100%	12	39%	13	37%
d	3	100%	0	0%	19	61%	22	63%
T	3		1		31		35	
D p	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%

d	0	0%	0	0%	1	100%	1	100%
T	0		0		1		1	
V p	0	0%	1	25%	40	63%	41	58%
d	3	100%	3	75%	24	38%	30	42%
T	3		4		64		71	
E p	0	0%	1	25%	13	54%	14	50%
d	0	0%	3	75%	11	46%	14	50%
T	0		4		24		28	
C p	0	0%	0	0%	25	51%	25	51%
d	0	0%	0	0%	24	49%	24	49%
T	0		0		49		49	
G p	0	0%	0	0%	26	87%	26	87%
d	0	0%	0	0%	4	13%	4	13%
T	0		0		30		30	
M p	0	0%	0	0%	9	56%	9	50%
d	2	100%	0	0%	7	44%	9	50%
T	2		0		16		18	
A p	2	50%	1	25%	14	61%	17	55%
d	2	50%	3	75%	9	39%	14	45%
T	4		4		23		31	
T p	3	13%	11	39%	298	50%	312	48%
d	20	87%	17	61%	304	50%	341	52%
T	23		28		602		653	

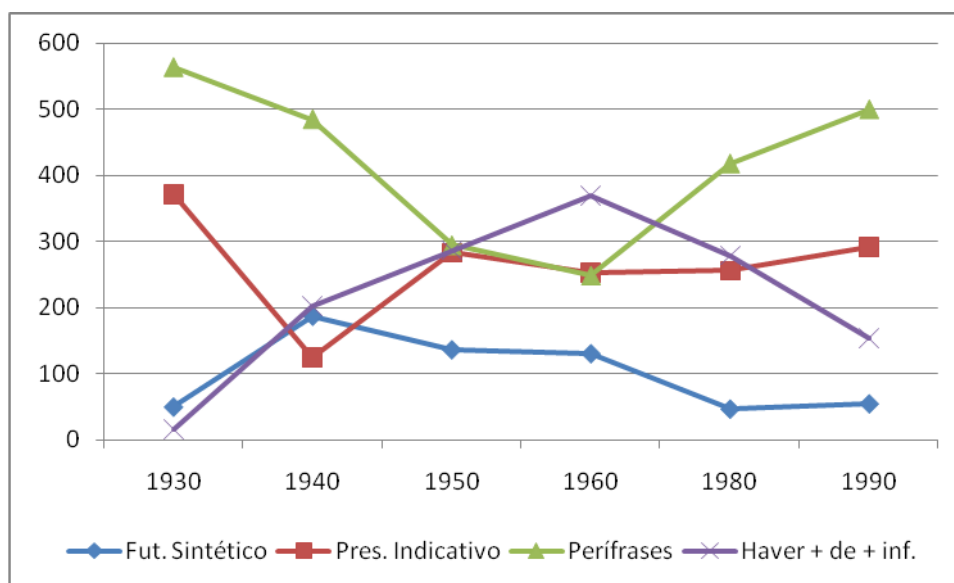
ANEXO 07

Gráfico em área, 3D, dos grupos de fatores *ano de publicação* das Revistas Pato Donald.



ANEXO 08

Gráfico representativo do Século XX últimas obras femininas, em pesos relativos, incluindo a década de 1970.



ANEXO 09

Uso indevido do *futuro sintético*, não computado:

(*) Eu creio que enquanto esse primo estará conosco seu pai será o mais tranquilo dos lobos!



ANEXO 10

Resposta de *e-mail* da editora abril:

De: "Emerson Agune" EAGUNE@abril.com.br
Para:
Cópia: "Disney Abril" DISNEY.ABRIL@atleitor.com.br
Data: Wed, 10 Nov 2004 11:29:56 -0200
Assunto: Quadrinhos Disney

> Olá, Rita.

> Vamos fazer um apanhado geral da linguagem específica dos quadrinhos, passando por um breve histórico e abordando um pouco dos elementos técnicos. Esperamos que isso seja suficiente para ajudar em sua pesquisa.

> 1) É convenção universal no ocidente que os balões de diálogos simulam a fala. Por isso, de acordo com a língua (português, inglês, italiano, francês, etc.) existem diferentes padrões de simulação. Eles variam de acordo com o público-alvo das publicações e das diretrizes editoriais da empresa de comunicação. Dessa forma, algumas regras da gramática normativa não são empregadas.

> 2) As reticências e as exclamações são utilizadas como sinais gráficos nos balões. Em alguns momentos, as reticências indicam que uma fala foi interrompida porque não há mais espaço no balão e por isso continua em outro balão. Ou que um personagem começou uma fala e outro terminou. O ponto de exclamação não é utilizado para expressar apenas emoções dos personagens. É usado nos quadrinhos Disney para demarcar o final de um período. Isso se tornou um padrão gráfico porque, nos primórdios dessas publicações, convencionou-se que os gibis deveriam ser práticos de se manusear. Então, diminui-se o formato e adotou-se o ponto de exclamação como um sinal gráfico que marca o fim do período para facilitar a leitura. Como não se pode controlar a diagramação dos textos nos balões como em livros ou reportagens (aumentando ou diminuindo a largura das colunas de texto ou as entrelinhas), a exclamação demarca o fim do período e é mais fácil de se ver. Seguindo a tradição, mantivemos o padrão.

> 3) A revista do Donald em inglês não tem correspondente em português, mas as histórias já tinham sido publicadas no Brasil em português. Sugerimos a consulta do site www.inducks.org para mais informações sobre cada uma delas.

> Abraços,

➤ Emerson Agune

ANEXO 11



Fonte: Elevador do Shopping Jardim das Américas, Curitiba, foto retirada em fevereiro de 2010.

Mesmo não linguistas percebem a artificialidade de uma construção segundo as normas na GT na fala de uma criança. Se observarmos bem, veremos que há uma criança ‘gritando’, no lado esquerdo da imagem. Ela não grita “Eu quero ir ao cinema!” e sim “Eu quero ir no cinema!”, mais aceitável na boca de uma criança, segundo o senso comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIM, Tânia Maria. *Sociolinguística*, in MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. V. 1. São Paulo. Cortez. 2001
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo. Saraiva. 1979.
- BALEEIRO, Marisa I. A. *O futuro do presente no português falado em São Paulo*. IEL. Unicamp. Campinas. 1988.
- BYBEE, Joan, PERKINS, Revere & PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar – Tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago and London The University of Chicago Press. 1994.
- CASTILHO, Ataliba T. & Célia M. M.(1993) *Advérbios Modalizados* in ILARI, Rodolfo (org.), *Gramática do Português falado*. Campinas/SP. UNICAMP. 1993.
- CASTILHO, Ataliba. T. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. FFCL de Marília (SP)*. 1968.
- _____. *A gramaticalização*. Cadernos de Estudos linguísticos e Literários. Salvador. UFBA. 1997.
- CÂMARA Jr. Joaquim. M. *Sobre o futuro romance*. Revista Brasileira de Filologia. Rio de Janeiro. V. 3, tomos I-II, p. 221-225, dez.1957.
- _____. *A forma verbal portuguesa em –ria*, Washington D. C., 1967.
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Padrão. 1985.
- CEGALLA, Domingos P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1976.
- COMRIE, Bernard. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press. 1985.
- _____. *Aspect*. Cambridge. Cambridge University Press. 1995.
- COROA, Maria Luíza M. S. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília: Thesaurus, 1985.
- COSTA, Maria Cristina Rigoni. *Modalidade e gramaticalização – Estratégias Discursivas*

- na *Fala Carioca*. Rio de Janeiro. UFRJ. 1995. Tese de Doutorado.
- COSERIU, Eugênio. *Sobre el futuro romance*. Revista Brasileira de Filologia. Rio de Janeiro. Vol. 3. n 1-2, pág. 1-18. 1957.
- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. FAE. 1984
- FARACO, Carlos Alberto (1996): *Salmos na linguagem de hoje: indícios de diacronia?* In: Mota/Jacyra / Rollemberg, Vera (orgs.): Atas do I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (11-16.09.1994). Salvador.ABRALIN / FINEP / UFBA. PP. 197-203
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo. Ática. 1996.
- FLEISCHMAN, Suzane. *The future in thought and language – Diachronic evidence from Romance*. Cambridge. Cambridge University Press. 1982.
- GIBBON, Adriana O. (2000): *A expressão do futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Dissertação de mestrado. Florianópolis.UFSC.
- GIVÓN, T. *Syntax – A functional – Typological Introduction*. Vol II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1995.
- GORSKI, Edair Maria *et al.* *Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis*. in VANDRESSEN, P. (org.) *Variação e mudança o português falado da região Sul*. Pelotas. Educat. 2002.
- GUIMARÃES, Eduardo R. J. *Modalidade e argumentação linguística*. Tese de Doutorado. USP. São Paulo. 1979.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press. 1993.
- ILARI, Rodolfo. *Sobre os advérbios aspectuais*. In ILARI, R. (org.) *Gramática do português falado*. Campinas/SP. UNICAMP. 1993
- _____. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto: EDUC. 1997.
- KOCH, Ingedore V. A. *A questão das modalidades numa nova gramática da língua portuguesa*. Estudos Linguísticos. V 13. pág. 227-236. 1986.

- LABOV, William. *Principles of linguistic change – internal factors*. Cambridge: Blackwell. 1994.
- LOBATO, Lúcia M. P. *Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade*. In: *Análise linguística*. Petrópolis. Vozes. 1975.
- LONGO, Beatriz N. de. *O valor coesivo do tempo verbal*. In: FIORIN, J. L.; NEVES, M. H. de M. (org.) *Texto, discurso, enunciação*. Boletim do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Araraquara. V. 3, pág. 94-108. 1987.
- _____. *Perífrases verbais no português falado*. Revista Veredas – Revista de estudos linguísticos. Vol. 2. N.2 jul/dez - 1998.
- LYONS, C. G. *Semantic*. Cambridge. Cambridge University Press. 1977.
- MACAMBIRA, José Rebouças. (1998). *Português Estrutural*. 4.^a edição. São Paulo: Pioneira.
- MALVAR, Elisabete. *O presente do futuro no português oral do Brasil*. Tese de Doutorado. Ottawa: University of Ottawa. 2003.
- _____ & POPLACK. Shana. *O presente e o passado oral do Brasil*. In: VOTRE, Sebastião e RONCARATI, Cláudia (org.), *Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro. 7 Letras. 2006.
- MARTELOTTA. M. et al. (orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1996.
- MATEUS, Maria H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa. Caminho. 1989.
- MENON, Odete P. da S. *Perífrase com o verbo IR: variação e gramaticalização*. In PUSCH, C. D. & WESCH, A. (HG). *Verbal periphrasen in de (ibero) romanischen Sprachen*. Hamburg. Helmut Buske Verlag. p. 77-88. 2003a. (obra também disponível em [http://books.google.com.br/books?id=TW0am-tIG5sC&pg=PA83&lpg=PA83&dq=Verbalperiphrasen+in+den+\(ibero-\)romanischen+Sprachen&source=bl&ots=9XbNx48yKj&sig=APwlj0Vtsrn0Xaeq8AmyHOiqHkQ&hl=pt-BR&ei=JueHTM_IIOby9ASwoJHgDg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBcQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=TW0am-tIG5sC&pg=PA83&lpg=PA83&dq=Verbalperiphrasen+in+den+(ibero-)romanischen+Sprachen&source=bl&ots=9XbNx48yKj&sig=APwlj0Vtsrn0Xaeq8AmyHOiqHkQ&hl=pt-BR&ei=JueHTM_IIOby9ASwoJHgDg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBcQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false))
- MENON, Odete P. S., LAMBACH, Jane B., LANDARIN, Noeli R. X. N. *Alternâncias nós*

e a gente nos quadrinhos, análise em tempo real in RONCARATI, Claudia & ABRAÇADO, Jussara. *Português Brasileiro, contatos linguísticos, heterogeneidade e história* (orgs.). Rio de Janeiro. 7 Letras. 2003b.

OLIVEIRA, Josane M. *O futuro na língua portuguesa ontem e hoje: variação mudança*. Tese de Doutorado. UFRJ. 2006.

PAIVA BOLÉO, Manuel. *Os valores temporais e modais do futuro imperfeito e do futuro perifrástico em português*. Coimbra. Imprensa de Coimbra. 1973.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. Cambridge textbooks in Linguistic. Cambridge. Cambridge University Press. 1986.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva – Curso Superior*. São Paulo. Editora Nacional. 1907. 22ª ed. 1927. 71ª ed. 1948.

_____. *Grammatica expositiva – Curso Elementar*. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1910.

PONTES, Eunice. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis. Vozes. 1972.

_____. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis. Vozes. 1973.

POPLACK, Shana . & TURPIN, D. *Does the future have a future in (Canadian) french?* Probus 11. 1999.

REINCHENBACH, Hans. *Elements of symbolic logic*. New York. Free Press. 1947.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. José Olympio. 1985.

SAID ALI, M. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília. Universidade de Brasília. 1964.

_____. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Livraria Acadêmica. 1971.

SANTOS, A. Manuel dos. *O futuro verbal no português do Brasil em variação*. Brasília. 1997. Dissertação de Mestrado.

SANTOS, Abílio J. *O tempo e o aspecto verbal no indicativo no português*. Littera. Rio de Janeiro. V. 10, pág. 55-74. 1974.

- SANTOS J. R. dos. *A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro*. UFRJ. Faculdade de Letras. 2000. Dissertação de Mestrado em Linguística.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. UFRJ/UnB, 1992/1993
- SILVA Ademar da. *A expressão da futuridade no português falado*. Araraquara. UNESP. FCL. Laboratório Editorial. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2002
- SILVA, Teresa S. da. *A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito da fala de Florianópolis*. Florianópolis. UFSC. 1998. Dissertação de Mestrado.
- SILVA, Rita do Carmo Polli da. *O papel dos fatores sociais na variação da expressão do futuro no PB*. Comunicação apresentada no XVI CELLIP. UEL. Londrina. 2003.
- _____. *A expressão do tempo futuro – forma sintética x perífrase*. Revista de Letras. INTERNET. V. 6. www.cefet.br/deptos/dacex/rita6. 2004.
- _____. *Sujeito pronominal nos quadrinho: uma análise em tempo real de curta duração*. Dissertação de Mestrado. Setor de Ciências Humanas Letras e Artes. UFPR. 2005.
- _____. *A Sociolinguística e a Língua Materna*. Curitiba. IBPEX. 2009
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1990.
- TRAVAGLIA, Luís Carlos. *O aspecto verbal no português*. Uberlândia; Universidade Federal de Uberlândia. 1985.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO CORPUS 2

- ALENCAR, José de. *O Guarani*. São Paulo: Ática, 1986. 12ª Ed.
- _____. *Senhora*. São Paulo. L. E. R. V. 1 e 2. Edição de 1938.
- ASSIS, Machado de. *Ressurreição*. www.bn.br
- _____. *Memorial de Aires*. www.bn.br
- AZEVEDO, Aluísio. *Uma Lágrima de Mulher*. www.nead.unama.br
- _____. *O Livro de uma Sogra*. www.nead.unama.br
- ANDRADE, Oswald. *Memórias Sentimentais de João Miramar*. São Paulo. Globo. 2003.
- _____. *A Revolução Melancólica*. São Paulo. Civilização Brasileira. 1974.
- BAGNO, Marcos. *A vingança da Cobra*. São Paulo. Ática. 1995.
- _____. *O Espelho dos Nomes*. São Paulo. Ática. 2002.
- BANDEIRA, Pedro. *Mariana*. São Paulo. Ática. 1996
- _____. *Descanse em paz, meu amor*. São Paulo. Ática. 1996
- BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Caminha*. www.bn.br
- _____. *Clara dos Anjos*. www.bn.br
- CAMINHA, Adolfo Ferreira. *A Normalista*. www.bn.br
- _____. *Tentação*. www.bn.br
- CONY, Carlos Heitor. *O Ventre*. São Paulo. Círculo do Livro. 2003.
- _____. *A Tarde da sua Ausência*. São Paulo. Companhia das Letras. 2003.
- DALMIRA, Dorothea Engrassia Tavadra, *As aventuras de Diófonos – imitando a sapientíssimo Fenelon na sua Viagem de Telêmaco*. www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br
- HILST, Hilda. *Fluxo-floema*. São Paulo. Perspectiva. 1970.
- _____. *Estar sendo Ter sido*. São Paulo. Perspectiva. 1997.
- INGLÊS DE SOUSA, Herculano M. *O Cacauleta*. Pará. EDUFPA. 1876.
- _____. *O Missionário*. www.nead.unama.br

- KUPSTAS, Márcia. *Crescer é Perigoso*. São Paulo. Moderna. 1995.
- _____. *Gurka, retrato de um jovem assassino*. Rio de Janeiro. Rocco. 2002.
- LAUB, Michel. *Música anterior*. São Paulo. Companhia das Letras. 1990.
- LESSA, Orígenes, *O Feijão e o Sonho*. São Paulo. Ática. 1990.
- _____. *O Edifício Fantasma*. São Paulo. Ática. 1990.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. São Paulo. Ática. 1985.
- _____. *A Baronesa do Amor*. www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br
- MACHADO, Ana Maria. *Alice e Ulisses*. São Paulo. Nova Fronteira. 1990.
- _____. *Palavra de honra*. São Paulo. Nova Fronteira. 2005.
- MIRANDA, Ana. *Boca do Inferno*. São Paulo. Olímpia. 1995.
- _____. *Dias e Dias*. São Paulo. Companhia das Letras. 2005.
- PELLEGRINI, Domingos. *Terra Vermelha*. São Paulo. Geração Editorial. 2003.
- _____. *Meninos no Poder*. São Paulo. Record. 2005.
- QUEIROZ, Raquel. *O Quinze*. São Paulo. José Olympio. 1968
- _____. *Memorial de Maria Moura*. São Paulo. José Olympio. 1992.
- SABINO, Fernando. *O Encontro Marcado*. São Paulo. Civilização Brasileira, 1956
- _____. *Os Movimentos Simulados*. São Paulo. Record. 2004.
- SCLIAR, Moacyr. *O sertão vai virar mar*. São Paulo. Ática. 2003. 1ª. ed.
- _____. *O Exército de um Homem Só*. Rio. Expressão e Cultura, 1973.
- SOUZA, Teixeira. *O Filho do Pescador*. www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br
- TELLES, Lygia Fagundes. *Ciranda de Pedra*. Rio de Janeiro. Rocco. 1960.
- _____. *As Horas Nuas*. Rio de Janeiro. Rocco. 1999.
- VERÍSSIMO, Érico. *Clarissa*. Porto Alegre: Globo, 1978.
- _____. *Incidente em Antares* São Paulo: Globo, 1995
- YOUNG, Fernanda. *Carta para alguém bem perto*. Rio. Editora Objetiva. 1998.